



Programa de Pós-Graduação em  
**LINGUÍSTICA**

**CONSTRUÇÕES COMPLEXAS COM CONECTORES [[VPARTICÍPIO+QUE]  
⇔ CONECTOR] E [[VGERÚNDIO+QUE] ⇔ CONECTOR] NO PORTUGUÊS  
BRASILEIRO**

São Carlos  
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

CONSTRUÇÕES COMPLEXAS COM CONECTORES  
[[VPARTICÍPIO+QUE] ⇔ CONECTOR] E [[VGERÚNDIO+QUE] ⇔  
CONECTOR] NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

CAMILA GABRIELE DA CRUZ CLEMENTE

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale.

Co-orientadora: Prof. Dr. Renata Enghels.

São Carlos – São Paulo – Brasil  
2024



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**

Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Linguística

---

**Folha de Aprovação**

---

Defesa de Tese de Doutorado da candidata Camila Gabriele da Cruz Clemente, realizada em 20/09/2024.

**Comissão Julgadora:**

Profa. Dra. Flavia Bezerra de Menezes Hirata Vale (UFSCar)

Profa. Dra. Talita Storti Garcia (UNESP)

Profa. Dra. Taísa Peres de Oliveira (UFMS)

Prof. Dr. André Vinícius Lopes Coneglian (UFMG)

Profa. Dra. Joceli Catarina Stassi Sé (UFSCar)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística.

A todos os brasileiros que, com sua  
riqueza na utilização da língua,  
contribuíram indiretamente para esta  
pesquisa.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por permitir que muitas conquistas aconteçam em minha vida. Sem Sua graça e bênçãos, nada disso seria possível.

Aos meus pais, Vanderlei e Rosana, que são meu apoio incondicional e porto seguro. Eles sempre fazem de tudo por mim, não medem esforços para me ver bem e me proporcionar as melhores oportunidades. Sua dedicação e amor são a base de tudo que conquistei.

A professora Flavia Hirata-Vale, minha orientadora, que sempre se mostrou amiga, carinhosa e portadora de muito conhecimento. Ela foi essencial na realização de um dos grandes sonhos da minha vida: estudar em uma excelente universidade no exterior. Sua orientação, apoio e preocupação com cada detalhe foram cruciais. É um privilégio tê-la em minha vida.

Aos professores da banca Joceli Stassi-Fe, André Coneglian e Taísa Peres de Oliveira (que inclusive foi minha orientadora de mestrado) por terem dedicado tempo à leitura e por contribuir em melhorar esta tese.

Ao Juliano, meu noivo, que depois de cinco meses longe, foi até me visitar na Europa (mesmo não gostando de frio e de viajar). Agradeço pelo apoio diário, por me acompanhar em congressos para que eu não vá sozinha, pelas discussões diárias inteligentes e instigantes, pela paciência, por ouvir meus resmungos, não me deixar desistir e ser minha segurança para continuar.

Aos professores da UFSCar São Carlos, em especial a Joceli, pelo conhecimento e simpatia que transmitem, pela seriedade e qualidade que fazem dessa universidade ser um centro de excelência.

A professora Renata, que esteve comigo durante seis meses na Bélgica, pelo acolhimento, conhecimento, doçura e cuidado que me proporcionou. Sua presença foi fundamental em minha jornada acadêmica.

A Camila, que me recebeu em sua casa no dia do processo seletivo para iniciar essa pesquisa na UFSCar; e também, um ano antes da minha ida à Bélgica, já me recebeu em sua casa e me apresentou a cidade de Gent. Agradeço também pelos trabalhos e disciplinas juntas na UFSCar, pelas conversas e momentos...

Às meninas do escritório da UGent: Elenor, Lolo, Nele, Marlies, Linde, Fien, Margot, Laurence, Anais (e seu namorado), que compartilharam comigo tantos momentos significativos além do acadêmico, como almoços, jantares, cafês, chás e passeios. O

acolhimento e o companheirismo de vocês fizeram desse período um tempo maravilhoso e enriquecedor.

A professora Mar, da Universidade de Barcelona, por uma longa tarde de discussão sobre meu problema de pesquisa, mesmo ela não sabendo português.

Ao colega Pedro, que tanto me colocou em contato com o português na Bélgica, e ao colega Sven, pelas conversas e almoços na universidade.

Ao Grupo de Estudos SócioFuncionalistas (GESF), por todas as discussões de pesquisas nas tardes de sextas-feiras e também pelas ajudas *on-line*, as quais muito contribuíram para minha pesquisa.

A todos os pesquisadores, que dedicam tempo em pesquisas e contribuem com resultados sérios e importantes para a sociedade, e foram minha fonte de pesquisa para esta tese.

Aos colegas brasileiros Isa, Jana, Mike e Maju que fizeram de minha estadia na Bélgica mais *home*.

Ao meu primo Matheus e ao meu ex-aluno Raul, que me ajudaram com programas para a coleta e análise dos dados. Foram pacientes e compreensíveis com minha leiguice.

Aos meus primos Lucas e Renata, por me receberem em sua casa nos dias em que precisei estar na capital de São Paulo para providenciar o visto de estudante para minha estadia na Bélgica.

A minha prima Natália, sempre pronta para resolver meus problemas com voos.

A Joseane, minha ex-chefe, por sempre compartilhar conversas sábias, carinho e motivação.

A Lu, que me ajudou com dúvidas sobre o português, mas também por sempre se preocupar com meu bem estar e por compartilhar momentos de distração na cozinha.

Aos meus alunos, que foram compreensivos nas vezes nas quais precisei me ausentar das aulas.

A tantas pessoas que passaram pela minha vida nesses quatro anos durante a escrita desta tese e que contribuíram de alguma forma para o sucesso dela.

Por fim, agradeço a CAPES-Print, pelos seis meses de financiamento para realizar parte dessa pesquisa na Universidade de Gent, na Bélgica.

## RESUMO

Esta tese se concentra especificamente nos estudos dos conectores de base verbal da língua portuguesa brasileira, pela teoria da Gramática de Construções e Modelos Baseados no Uso (BYBEE, 2010, 2016; GOLDBERG, 2006; LANGACKER, 2008; TRAUGOTT, TROUSDALE, 2013). Com base em estudos anteriores (CLEMENTE, 2020), esta pesquisa expande a rede de conectores para incluir novas construções,  $[[V\text{particípio}+\text{que}] \Leftrightarrow \text{conector}]$  e  $[[V\text{gerúndio}+\text{que}] \Leftrightarrow \text{conector}]$ , investigando os critérios para a escolha dos verbos e valores semânticos expressos por esses *slots*. O objetivo principal é expandir a rede de conectores de base verbal na língua portuguesa, contribuindo para uma compreensão mais abrangente das construções complexas e de conectores. Os objetivos específicos são identificar os critérios que determinam a escolha dos verbos nas construções  $[[V\text{particípio}+\text{que}] \Leftrightarrow \text{conector}]$  e  $[[V\text{gerúndio}+\text{que}] \Leftrightarrow \text{conector}]$ , identificar e descrever os diferentes valores semânticos expressos por essas construções, tais como condicional, causal, concessivo, adversativo, aditivo, explicativo e conclusivo e realizar uma análise aprofundada dos conectores de base verbal já reconhecidos na literatura, bem como introduzir e descrever novos, contribuindo para a atualização da rede de conectores de base verbal. As análises foram realizadas a partir de dados de uso reais coletados do Corpus do Português, com abordagem panorâmica (dados do *corpus Historical* e *NOW*). Os parâmetros de análise incluíram a ordem do conector, a correlação modo-temporal dos verbos, a telicidade dos verbos, a factualidade dos verbos que acompanham a base dos conectores e a semântica dos verbos do *slot* V. Os resultados mostram que para compor o *slot* V em  $[[V\text{particípio}+\text{que}] \Leftrightarrow \text{conector}]$ , os verbos devem ser factuais e com valor semântico mental, como "ver", ou relacional, como "pôr" e "dar", que refletem estados cognitivos ou relações factuais de maneira precisa e objetiva, geralmente em construções pospostas com verbos no modo indicativo e télicos. Para  $[[V\text{gerúndio}+\text{que}] \Leftrightarrow \text{conector}]$ , é preferível verbos mentais e relacionais, como "assumir" e "ser", podendo ser factuais ou não factuais e usados predominantemente em construções antepostas. A flexibilidade dos conectores gerundiais permite uma ampla gama de expressões semânticas, ao contrário dos participiais, que são mais restritos e estáveis. A análise demonstra que a língua portuguesa contemporânea se beneficia da inovação e adaptação dos conectores gerundiais, enquanto os participiais refletem a tradição e a precisão das estruturas linguísticas mais antigas. Esta pesquisa contribui significativamente para a compreensão da evolução e do uso dos conectores na língua portuguesa e abre caminho para futuras investigações sobre suas complexidades e dinâmicas.

**Palavras-chave:** Gramática de construções; Construções complexas; Conectores; Verbos; Português brasileiro.

## ABSTRACT

This thesis specifically focuses on the study of verbal base connectors in Brazilian Portuguese, by theory of Construction Grammar and Usage-Based Models (BYBEE, 2010, 2016; GOLDBERG, 2006; LANGACKER, 2008; TRAUGOTT, TROUSDALE, 2013). Based on previous studies (CLEMENTE, 2020), this research expands the network of connectors to include new constructions, [[Vparticipio+que]  $\Leftrightarrow$  connector] and [[Vgerúndio+que]  $\Leftrightarrow$  connector], investigating the criteria for the choice of verbs and the semantic values expressed by these slots. The main objective is to expand the network of verbal base connectors in Portuguese, contributing to a broader understanding of complex constructions and connectors. The specific objectives are to identify the criteria that determine the choice of verbs in the constructions [[Vparticiple+que]  $\Leftrightarrow$  connector] and [[Vgerund+que]  $\Leftrightarrow$  connector], identify and describe the different semantic values expressed by these constructions, such as conditional, causal, concessive, adversative, additive, explanatory, and conclusive, and to perform an in-depth analysis of the verbal base connectors already recognized in the literature, as well as introduce and describe new ones, contributing to the update of the network of verbal base connectors. The analyses were conducted using real usage data collected from the *Corpus do Português*, with a panchronic approach (Historical and NOW corpus data). The analysis parameters included the order of the connector, the mode-temporal correlation of the verbs, the telicity of the verbs, the factuality of the verbs accompanying the base of the connectors, and the semantics of the verbs in the V slot. The results show that to fill the V slot in [[Vparticiple+que]  $\Leftrightarrow$  connector], the verbs must be factual and have mental semantic value, such as "see," or relational, such as "put" and "give," which reflect cognitive states or factual relations precisely and objectively, generally in postposed constructions with verbs in the indicative mode and telic. For [[Vgerund+que]  $\Leftrightarrow$  connector], mental and relational verbs are preferred, such as "assume" and "be," which can be factual or non-factual and used predominantly in anteposed constructions. The flexibility of gerund connectors allows for a wide range of semantic expressions, unlike participial connectors, which are more restricted and stable. The analysis demonstrates that contemporary Portuguese benefits from the innovation and adaptation of gerund connectors, while participial connectors reflect the tradition and precision of older linguistic structures. This research significantly contributes to the understanding of the evolution and use of connectors in the Portuguese language, paving the way for future investigations into their complexities and dynamics.

**Keywords:** Construction Grammar; Complex Constructions; Connectors; Verbs; Brazilian Portuguese.

## Lista de Figuras

|  |     |
|--|-----|
| <b>Figura 1:</b> A estrutura da construção. ....   | 24  |
| <b>Figura 2:</b> Rede de construções. ....   | 28  |
| <b>Figura 3:</b> Os níveis esquemáticos do esquema [X_que]. ....   | 29  |
| <b>Figura 4:</b> A rede [Xque] do português brasileiro. ....   | 33  |
| <b>Figura 5:</b> Relação hierárquica entre esquemas e subesquemas. ....  | 35  |
| <b>Figura 6:</b> As construções [Vgerúndio que] e [Vparticípio que]. ....  | 35  |
| <b>Figura 7:</b> Subesquema [V que]condicional no final do século XIX. ....  | 36  |
| <b>Figura 8:</b> Subesquema [V que]condicional no início do século XIX. ....   | 37  |
| <b>Figura 9:</b> Subesquema [V que]condicional no final do século XIX. ....  | 37  |
| <b>Figura 10:</b> O <i>continuum</i> da parataxe à subordinação. ....  | 44  |
| <b>Figura 11:</b> <i>Interface</i> inicial do <i>Corpus do Português</i> . ....  | 69  |
| <b>Figura 12:</b> Seleção do contexto de pesquisa na aba <i>sections</i> do <i>corpus Genre/ Historical</i> . ....                   | 69  |
| <b>Figura 13:</b> Seleção da variedade do português no <i>corpus Web/ Dialects</i> . ....  | 70  |
| <b>Figura 14:</b> Seleção do contexto de pesquisa na aba <i>sections</i> do <i>corpus NOW</i> . ....                                 | 71  |
| <b>Figura 15:</b> Formação de etiquetas no <i>corpus NOW</i> . ....  | 72  |
| <b>Figura 16:</b> Exemplo de etiqueta formada e agrupamento pelo " <i>NONE (SHOW POS)</i> ". ....                                    | 73  |
| <b>Figura 17:</b> Exemplo de resultado de pesquisa com os filtros utilizados de uma construção já reconhecida como conector. ....    | 74  |
| <b>Figura 18:</b> Exemplo de resultado de busca com os filtros aplicados de uma construção ainda não reconhecida como conector. .... | 74  |
| <b>Figura 19:</b> Resultado de busca de verbos no particípio com "que" ( <i>_vps* que</i> ). ....                                    | 81  |
| <b>Figura 20:</b> <i>Interface</i> inicial do ADESSE. ....   | 90  |
| <b>Figura 21:</b> Resultado de busca gerado pela pesquisa do verbo "considerar". ....  | 91  |
| <b>Figura 22:</b> Significados em rede da construção [[Vparticípio+que] ⇔ conector] no <i>corpus Historical</i> . ....               | 105 |
| <b>Figura 23:</b> Significados em rede da construção [[Vparticípio+que] ⇔ conector] no <i>corpus NOW</i> . ....                      | 106 |
| <b>Figura 24:</b> Significados em rede da construção [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] no <i>corpus Historical</i> . ....                 | 144 |
| <b>Figura 25:</b> Significados em rede da construção [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] no <i>corpus NOW</i> . ....                        | 144 |
| <b>Figura 26:</b> <i>Continuum</i> de factualidade das bases dos conectores verbais. ....  | 230 |
| <b>Figura 27:</b> Representação em rede das construções de base gerundial. ....  | 232 |
| <b>Figura 28:</b> Representação em rede das construções com base participial. ....   | 232 |

## Lista de Quadros

|   |     |
|---|-----|
| <b>Quadro 1:</b> Tipos de processos, seus significados e características dos membros. ....  | 88  |
| <b>Quadro 2:</b> Posições dos conectores associadas a cada significado .....  | 98  |
| <b>Quadro 3:</b> Telicidade dos significados expressos pelas construções [[Vgerúndio+que] ⇒ conector] e [[Vparticípio+que] ⇒ conector]..... | 102 |
| <b>Quadro 4:</b> Descrição das construções [[Vparticípio+que] ⇒ conector] e [[Vgerúndio+que] ⇒ conector].....                               | 233 |

## Lista de Tabelas

|   |     |
|---|-----|
| <b>Tabela 1:</b> Frequências <i>type</i> e <i>token</i> do subesquema condicional [V_que] por século... 39  | 39  |
| <b>Tabela 2:</b> Resultado de busca das construções [Vgerúndio+que] no <i>corpus NOW</i> . .... 76  | 76  |
| <b>Tabela 3:</b> Resultado de busca das construções [Vgerúndio+que] ⇔ conector] no <i>corpus NOW</i> . .... 77  | 77  |
| <b>Tabela 4:</b> Número de ocorrências analisadas da construção [Vgerúndio+que] ⇔ conector] do <i>corpus NOW</i> . .... 78                                    | 78  |
| <b>Tabela 5:</b> Resultado de busca das construções [Vgerúndio+que] no <i>corpus Historical</i> . .... 79   | 79  |
| <b>Tabela 6:</b> Número de ocorrências encontradas da construção [Vgerúndio+que] ⇔ conector] no <i>corpus Historical</i> . .... 79                            | 79  |
| <b>Tabela 7:</b> Número de dados analisados da construção [Vgerúndio+que] ⇔ conector] do <i>corpus Historical</i> . .... 80                                   | 80  |
| <b>Tabela 8:</b> Total de ocorrências de construções do tipo [Vparticípio+que] no <i>corpus NOW</i> . .... 82   | 82  |
| <b>Tabela 9:</b> Total de ocorrências de construções do tipo [Vparticípio+que] ⇔ conector] no <i>corpus NOW</i> . .... 82                                     | 82  |
| <b>Tabela 10:</b> Total de ocorrências analisadas das construções do tipo [Vparticípio+que] ⇔ conector] no <i>corpus NOW</i> . .... 83                        | 83  |
| <b>Tabela 11:</b> Total de ocorrências encontradas de [Vparticípio+que] no <i>corpus Web/Historical</i> . .... 83   | 83  |
| <b>Tabela 12:</b> Total de ocorrências analisadas de [[Vparticípio+que] ⇔ conector] do <i>corpus Web/Historical</i> . .... 84                                 | 84  |
| <b>Tabela 13:</b> Total de ocorrências analisadas nesta tese. .... 84   | 84  |
| <b>Tabela 14:</b> Compilado da classificação verbal considerando os tipos de processos. .... 93   | 93  |
| <b>Tabela 15:</b> Total de ocorrências analisadas das construções do tipo [Vparticípio+que] ⇔ conector] nos <i>corpora NOW</i> e <i>Historical</i> . .... 104 | 104 |
| <b>Tabela 16:</b> Frequência dos significados de [[Vparticípio+que] ⇔ conector] no <i>corpus Historical</i> . .... 105  | 105 |
| <b>Tabela 17:</b> Frequência das posições da construção [[Vparticípio+que] ⇔ conector] no <i>corpus Historical</i> . .... 122                                 | 122 |
| <b>Tabela 18:</b> Frequência das posições da construção [[Vparticípio+que] ⇔ conector] no <i>corpus NOW</i> . .... 123  | 123 |
| <b>Tabela 19:</b> Configuração modo-temporal das construções complexas compostas por [dado que] no <i>corpus Historical</i> . .... 128                        | 128 |
| <b>Tabela 20:</b> Configuração modo-temporal das construções complexas compostas por [dado que] no <i>corpus NOW</i> . .... 130                               | 130 |
| <b>Tabela 21:</b> Configuração modo-temporal das construções complexas compostas por [visto que] no <i>corpus Historical</i> . .... 132                       | 132 |
| <b>Tabela 22:</b> Configuração modo-temporal das construções complexas compostas por [visto que] no <i>corpus NOW</i> . .... 134                              | 134 |

|   |     |
|---|-----|
| <b>Tabela 23:</b> Configuração modo-temporal das construções complexas compostas por [posto que] no <i>corpus Historical</i> .              | 135 |
| <b>Tabela 24:</b> Configuração modo-temporal das construções complexas compostas por [posto que] no <i>corpus NOW</i> .                     | 137 |
| <b>Tabela 25:</b> Telicidade dos verbos das construções compostas pelos conectores de base participial no <i>corpus Historical</i> .        | 142 |
| <b>Tabela 26:</b> Telicidade dos verbos das construções compostas pelos conectores de base participial no <i>corpus NOW</i> .               | 142 |
| <b>Tabela 27:</b> Total de ocorrências analisadas das construções do tipo [Vgerúndio+que] ⇔ conector] nos <i>corpora NOW e Historical</i> . | 143 |
| <b>Tabela 28:</b> Distribuição semântica das construções [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] no <i>corpus NOW</i> .                                | 145 |
| <b>Tabela 29:</b> Distribuição semântica das construções [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] no <i>corpus HISTORICAL</i> .                         | 146 |
| <b>Tabela 30:</b> Frequência das posições da construção [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] no <i>corpus Historical</i> .                          | 186 |
| <b>Tabela 31:</b> Frequência das posições da construção [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] no <i>corpus NOW</i> .                                 | 191 |
| <b>Tabela 32:</b> Configuração modo-temporal das construções complexas compostas por [assumindo que] no <i>corpus Historical</i> .          | 193 |
| <b>Tabela 33:</b> Configuração modo-temporal das construções complexas compostas por [assumindo que] no <i>corpus NOW</i> .                 | 196 |
| <b>Tabela 34:</b> Configuração modo-temporal das construções complexas compostas por [entendendo que] no <i>corpus Historical</i> .         | 198 |
| <b>Tabela 35:</b> Configuração modo-temporal das construções complexas compostas por [entendendo que] no <i>corpus NOW</i> .                | 198 |
| <b>Tabela 36:</b> Configuração modo-temporal das construções complexas compostas por [imaginando que] no <i>corpus Historical</i> .         | 201 |
| <b>Tabela 37:</b> Configuração modo-temporal das construções complexas compostas por [imaginando que] no <i>corpus NOW</i> .                | 204 |
| <b>Tabela 38:</b> Configuração modo-temporal das construções complexas compostas por [pensando que] no <i>corpus NOW</i> .                  | 205 |
| <b>Tabela 39:</b> Configuração modo-temporal das construções complexas compostas por [sabendo que] no <i>corpus NOW</i> .                   | 207 |
| <b>Tabela 40:</b> Configuração modo-temporal das construções complexas compostas por [sabendo que] no <i>corpus Historical</i> .            | 209 |
| <b>Tabela 41:</b> Configuração modo-temporal das construções complexas compostas por [considerando que] no <i>corpus Historical</i> .       | 210 |
| <b>Tabela 42:</b> Configuração modo-temporal das construções complexas compostas por [considerando que] no <i>corpus NOW</i> .              | 211 |
| <b>Tabela 43:</b> Configuração modo-temporal das construções complexas compostas por [supondo que] no <i>corpus Historical</i> .            | 214 |
| <b>Tabela 44:</b> Configuração modo-temporal das construções complexas compostas por [supondo que] no <i>corpus NOW</i> .                   | 216 |

|  |     |
|--|-----|
| <b>Tabela 45:</b> Configuração modo-temporal das construções complexas compostas por [sendo que] no <i>corpus Historical</i> . .....     | 219 |
| <b>Tabela 46:</b> Configuração modo-temporal das construções complexas compostas por [sendo que] no <i>corpus NOW</i> .....              | 220 |
| <b>Tabela 47:</b> Telicidade dos verbos das construções compostas pelos conectores de base gerundial no <i>corpus Historical</i> . ..... | 223 |
| <b>Tabela 48:</b> Telicidade dos verbos das construções compostas pelos conectores de base gerundial no <i>corpus NOW</i> . .....        | 224 |

## SUMÁRIO

|  |            |
|--|------------|
| INTRODUÇÃO .....   | 14         |
| <b>1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>   | <b>21</b>  |
| 1.1 GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES BASEADA NO USO .....  | 21         |
| 1.2 OS CONECTORES [VQUE] NO PORTUGUÊS BRASILEIRO .....   | 32         |
| 1.3 CONSTRUÇÕES COMPLEXAS .....  | 42         |
| 1.3.1 Construções causais.....   | 47         |
| 1.3.2 Construções condicionais.....  | 50         |
| 1.3.3 Construções concessivas.....   | 55         |
| 1.3.4 Construções adversativas.....  | 57         |
| 1.3.5 Construções aditivas.....  | 60         |
| 1.3.6 Construções conclusivas.....   | 62         |
| 1.3.7 Construções explicativas.....  | 64         |
| <b>2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>  | <b>68</b>  |
| 2.1 DESCRIÇÃO E DELIMITAÇÃO DO CORPUS UTILIZADO PARA<br>COLETA DOS DADOS .....                                   | 68         |
| 2.1.1 O Corpus do Português.....   | 68         |
| 2.2 PARAMÊTROS DE ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES COLETADAS .....  | 85         |
| 2.2.1 Semântica e usos dos verbos que preenchem o <i>slot V</i> .....  | 86         |
| 2.2.2 Factualidade.....  | 96         |
| 2.2.3 Posição da construção encabeçada pelo conector na construção complexa.....                                 | 97         |
| 2.2.4 Correlação modo-temporal dos verbos da construção complexa .....   | 99         |
| 2.2.5 Telicidade .....   | 100        |
| <b>3 ANÁLISE DOS DADOS.....</b>  | <b>103</b> |
| 3.1 CONSTRUÇÃO [[VPARTICÍPIO+QUE] ⇔ CONECTOR] .....  | 104        |
| 3.1.1 Semântica e usos dos verbos que preenchem o <i>slot V</i> .....  | 107        |
| 3.1.2 Factualidade.....  | 116        |
| 3.1.3 Posição da construção encabeçada pelo conector na construção complexa.....                                 | 121        |
| 3.1.4 Correlação modo-temporal dos verbos da construção complexa .....   | 127        |
| 3.1.5 Telicidade .....   | 138        |
| 3.2 CONSTRUÇÃO [[VGERÚNDIO+QUE] ⇔ CONECTOR] .....  | 142        |
| 3.2.1 Semântica e usos dos verbos que preenchem o <i>slot V</i> .....  | 147        |
| 3.2.2 Factualidade.....  | 175        |
| 3.2.3 Posição da construção encabeçada pelo conector na construção complexa.....                                 | 185        |
| 3.2.4 Correlação modo-temporal dos verbos da construção complexa .....   | 193        |
| 3.2.5 Telicidade .....   | 223        |
| <b>4. 3 AVALIANDO AS ANÁLISES DE [[VPARTICÍPIO+QUE] ⇔ CONECTOR]<br/>    E [[VGERÚNDIO+QUE] ⇔ CONECTOR] .....</b> | <b>229</b> |

**CONCLUSÕES.....235**

**REFERÊNCIAS.....240**

## INTRODUÇÃO

Os estudos referentes aos conectores formados a partir da integração entre uma base lexical ou gramatical e *que*, representados pelo viés da Gramática de Construções pelas construções *x-que* ou  $[x-que]_{connect}$ , acontecem desde o latim tardio (AMORIM, 2021). No português moderno, a rede *X-que* licencia uma quantidade significativa de conectores: no nível do subesquema, sanciona *V que* (verbo junto a conjunção *que*), *ADV que* (advérbio junto a conjunção *que*), e *PREP que* (preposição junto a conjunção *que*), com função condicional (OLIVEIRA, 2019; NEVES, 2000), entre outros; *V que* e *ADV que* também exercem função causal (AMORIM, 2019; NEVES, 2000); *V que* e *ADV que* também são usados com função concessiva (BARRETO, 1999; NEVES, 2000; AMORIM, 2021); e *ADV que* também pode ter função temporal (NEVES, 2000; SANTOS e SILVA, 2019).

Na língua, as microconstruções sancionadas pelos subesquemas mencionados correspondem aos conectores *dado que*, *posto que*, *visto que*, *supondo que*, *considerando que*, *imaginando que* (*V que*); *contanto que*, *ainda que*, *sempre que*, *já que* (*ADV que*), *desde que* e *sem que* (*PREP que*) já verificados por Oliveira (2019), Santos e Silva (2019), Clemente e Pires (2022). Nesta tese, analisamos os conectores de base verbal (*V que*). Como já defendido por Clemente (2020), essas construções não apresentam mais seu significado de origem quando são utilizadas como conectores. Veja abaixo:

- 1 **Considerando que** o nicho ecológico de uma espécie, ou seja, a sua identidade ecológica (como vive, o que come, do que precisa, em que ambiente vive...) seja de alguma forma sobreposto pelo nicho de outra espécie, haverá competição entre elas e a intensidade desta competição depende do grau de sobreposição dos nichos. (19Ac:Br:Enc) (FABBRI JUNIOR; CLEMENTE, 2020, p. 59)

Em (1), “haverá competição entre elas” é uma situação existente apenas no imaginário do usuário da língua, como um possível resultado de o que está descrito na construção matriz, “o nicho ecológico de uma espécie seja de alguma forma sobreposto pelo nicho de outra espécie”, se realizar. “Haverá”, conjugado no futuro do presente, mostra claramente que se trata de algo que ainda não se realizou, neste caso, no futuro, como um previsão. Temos, então, a construção *considerando que* sendo utilizada como conector condicional, diferente do caso (2) abaixo, em que temos o verbo *considerar*, empregado na forma *considerando* e a conjunção *que*:

- 2 A justificativa dos senadores é que a meta não foi cumprida por dois motivos: falta de recursos financeiros e falta de capacitação técnica. "Quando os senadores adiam o prazo, eles estão **considerando que** os problemas que impediram o fim de os lixões até agora serão resolvidos? Teremos recursos e pessoal capacitado, ou será mais um prazo para não cumprir?". O texto aprovado em o Senado não menciona qualquer mecanismo para resolver os problemas de a falta de recursos e de a capacitação. (15-07-29 BR)

Em (2), *considerando* relaciona-se com o sujeito da oração principal, “eles”, “os senadores”. São eles que estão considerando algo, nesse caso, “os problemas que impediram o fim de os lixões até agora serão resolvidos”. Desse modo, temos ainda propriedades verbais: *considerando* como forma nominal do verbo *considerar*.

Clemente (2020) analisou os parâmetros composicionalidade, produtividade e esquematicidade do subesquema [Vque], por meio da análise de suas microconstruções [supondo que], [considerando que], [dado que] e [posto que], como membros da rede dos conectores condicionais. A partir dessa análise, observamos que a rede [Vque] poderia ser ampliada. Inicialmente, a hipótese desta tese era a de que a rede linguística denominada [Vque] poderia ser significativamente expandida em termos de número de microconstruções. Esperávamos encontrar mais conectores de base verbal, focando principalmente nos valores condicionais e causais, conforme sugerido pelas pesquisas de Clemente (2020), Cavagutti e Hirata-Vale (2014), entre outros. Além disso, a princípio, acreditávamos que a forma gerúndio estaria associada ao significado condicional e a forma participípio ao significado causal, o que pode ter gerado os resultados de produtividade encontrados em Clemente (2020)<sup>1</sup>.

No entanto, durante a análise, constatamos uma ampliação significativa desses valores semânticos, revelando também funções explicativas, conclusivas, aditivas, concessivas e adversativas. Esses cinco novos valores surgiram à medida que aprofundamos a análise das construções, o que reforça a natureza expansiva e interconectada da rede de construções [[Vparticipípio+que] ⇔ conector] e [[Vgerúndio+que] ⇔ conector].

Assim, a hipótese de ampliação apresentada nesta tese propõe um novo entendimento da rede [Vque], que passou de quatro para onze microconstruções, cumprindo nossa hipótese inicial. Mas muito além, também descobrimos novos valores

---

<sup>1</sup> Em sua análise, Clemente (2020) observou uma diminuição abrupta na produtividade das construções participiais na rede condicional, enquanto as construções gerúndias aumentaram sua produtividade no século mais recente.

semânticos, trazendo uma contribuição inédita à análise das construções linguísticas de base verbal no português brasileiro.

Portanto, esta tese tem como objetivo principal analisar e expandir a rede de conectores de base verbal na língua portuguesa. Por “expansão”, entendemos a inclusão de novas construções e novos valores semânticos à rede [Vque] que, até o momento, não haviam sido devidamente descritos ou analisados. A análise revelou que as construções [[Vparticípio+que] ⇔ conector] e [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] não apenas se encaixam no padrão produtivo da rede [Vque], mas também ampliam o escopo funcional dessa rede, ao expressarem uma variedade de novos valores semânticos e pragmáticos. Nesse sentido, a “expansão” refere-se tanto ao aumento de formas possíveis quanto ao aumento dos significados que essas formas podem expressar, ou seja, a frequência *type* e *token*.

Para atingir nosso objetivo central, delineamos os seguintes propósitos específicos: investigar os critérios e mecanismos que determinam a escolha dos verbos que se unem à conjunção "que" para formar conectores em diferentes construções ([Vparticípio+que] e [Vgerúndio+que]); identificar e descrever os diferentes valores semânticos expressos por essas construções, considerando o contexto da língua, uma vez que há uma variedade de valores semânticos que as construções [[Vparticípio+que] ⇔ conector] e [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] podem expressar. Estes valores são intrinsecamente relacionados ao contexto linguístico e ao uso da língua. Uma análise aprofundada desses valores em diferentes contextos nos ajuda a entender como a língua lida com a complexidade do significado em suas construções.

Além disso, um dos nossos objetivos específicos é ampliar a análise para além das construções já descritas na literatura, contribuindo para uma compreensão mais completa e abrangente da rede de conectores de base verbal no português, e assim, contribuiremos para a consolidação das teorias linguísticas baseadas no uso, destacando a relação entre forma e significado, a gradiência entre as categorias linguísticas e a interconexão das construções na língua.

Embora nossa pesquisa não tenha o propósito de traçar cada micropasso da evolução que levou os verbos a se unirem à conjunção *que* para formar conectores, reconhecemos que as mudanças ocorreram “em consequência de necessidades cognitivas e comunicativas dos falantes” (CUNHA, OLIVEIRA, 2022, p.473). Como resultado, surgiram novos conectores com novos valores semânticos que ainda não foram reconhecidos nas construções de base verbal, sendo eles o adversativo, o conclusivo, o

explicativo e o aditivo. Assim, percebemos que a ampliação da rede proporcionou, também, uma ampliação das possibilidades semânticas que podem ser expressas pelos conectores de base verbal.

O título desta tese reflete o foco nas construções complexas com conectores de base verbal, como [[Vparticípio+que] ⇔ conector] e [[Vgerúndio+que] ⇔ conector], pois é por meio dessas construções que os valores semânticos dos conectores emergem de forma mais clara. No entanto, o conector não é o único responsável pelo valor semântico. As construções complexas são o contexto, necessárias para entender as relações semânticas que os conectores expressam, sejam causais, concessivas, condicionais ou outros.

Assim, nossos parâmetros de análise alternam entre análise dos conectores e na análise das construções complexas das quais eles fazem parte. O que queremos dizer é que a análise das construções complexas não se limita à identificação dos verbos e conectores, mas abrange também o exame de como esses elementos interagem dentro de uma estrutura mais ampla. É a partir dessa interação que os valores semânticos se manifestam. A relação entre forma e significado, essencial para a Gramática de Construções, só pode ser compreendida plenamente quando consideramos o contexto global em que os conectores estão inseridos. Portanto, o estudo das construções complexas como um todo — suas interações internas e com o discurso mais amplo — é crucial para revelar as nuances dos significados das construções [[Vparticípio+que] ⇔ conector] e [[Vgerúndio+que] ⇔ conector].

Preocupados em fornecer uma descrição linguística que reflita o uso da língua, utilizamos dados reais coletados a partir do *Corpus do Português* (DAVIES, 2006), banco de dados *on-line* que contempla as variedades do português, dos séculos do XIV ao XXI. Os *corpora* contêm uma ampla gama de tipos de textos, incluindo materiais acadêmicos, notícias, literatura e transcrições de discurso oral. A pesquisa foi conduzida através da análise das seções *NOW* e *Genre/ Historical*, com a ferramenta *pos (Parts of speech)* disponível no próprio *corpus*. Nossas ocorrências são datadas a partir do século XVIII, o início do português brasileiro, até o século atual XXI proporcionando, assim, uma rica compilação de dados que abrange tanto o português clássico quanto o moderno (MATTOS E SILVA, 2006).

Durante a realização desta tese, nos deparamos com desafios significativos que moldaram a abordagem que adotamos. A falta de uma periodização da língua portuguesa que abrangesse o século XXI nos levou a incluí-lo na categoria do português moderno,

considerando que as classificações tradicionais não contemplavam essa realidade. Além disso, para tratar dos verbos no português, recorreremos à integração de fontes como a base de dados de verbos ADESSE, uma base de dados que foi desenvolvida para o espanhol, mas que também se mostrou útil para nossa pesquisa destinada ao português, e a abordagem funcionalista de Halliday (1990), que trata da descrição de muitos verbos no inglês, mas também foi de muito proveito para nossas análises no português. Mesmo com esse suporte, a complexidade das construções linguísticas, muitas vezes ambíguas e multifacetadas, destacou a importância da análise contextual para determinar o significado subjacente. Encontramos, também, uma lacuna de dados entre 2000 e 2012. No entanto, ela não se mostrou um obstáculo significativo para a nossa análise, uma vez que obtivemos uma amostragem robusta, que abrange todos os séculos da história do português brasileiro.

A escolha de basear nosso estudo nos Modelos Baseados no Uso (LANGACKER, 1987) se justifica por diversos motivos. Primeiramente, essa abordagem nos ajuda a entender a correlação entre a forma e o significado da linguagem, pois os Modelos Baseados no Uso consideram que a língua é formada por construções interligadas, como em uma rede, e não meros elementos isolados. Por entenderem que uma construção está ligada a outras construções, uma mudança linguística acarreta em uma atualização de toda a rede. Essa perspectiva é particularmente relevante para nossa pesquisa, pois nosso foco nos estudos de duas novas construções terá impacto na visão da rede dos conectores de base verbal, assim como também nas redes que apresentam as construções [Xque] (CESARIO et al., 2015) e [V\_que] (CLEMENTE, 2020).

Além disso, os Modelos Baseados no Uso enfatizam que, no contexto da interação comunicativa, os significados são moldados através de negociações entre os interlocutores. Eles adaptam a linguagem para atender às necessidades que surgem durante a comunicação, o que resulta no surgimento de novas formas e significados. Essa dinâmica da linguagem, em constante evolução, é intrinsecamente relacionada à nossa pesquisa, uma vez que a introdução das novas construções contribuirá para a atualização da rede de conectores de base verbal no português.

Outra contribuição significativa dos Modelos Baseados no Uso é a compreensão da gradiência nas categorias gramaticais, ou seja, as fronteiras entre as classes gramaticais não são fixas, mas flexíveis e dependentes do contexto. Isso implica a existência de um *continuum* entre as classes gramaticais, sem transições rígidas, o que é fundamental para entender a complexidade das construções de base verbal em nossa pesquisa.

Em contraste com o que se encontra nos compêndios gramaticais e nos estudos anteriores, a análise dos conectores de base verbal no português revela uma riqueza de variações semânticas que até agora não foram devidamente exploradas. Embora existam estudos que abordem conectores de base verbal, esses estudos se limitam, em grande parte, aos valores condicionais e causais, sem considerar a gama de novos valores semânticos e microconstruções que emergiram mais recentemente no português contemporâneo, especificamente o século XXI.

A contribuição teórica desta tese reside na identificação e descrição de novas microconstruções, como “sabendo que”, “pensando que”, entre outros, que ainda não haviam sido analisadas. Além disso, este trabalho avança ao ampliar significativamente o escopo dos valores semânticos descritos para as construções [[Vparticípio+que] ⇔ conector] e [[Vgerúndio+que] ⇔ conector], abordando também valores explicativos, conclusivos, aditivos, concessivos e adversativos, o que representa uma inovação teórica no estudo dos conectores verbais no português brasileiro.

Metodologicamente, esta tese traz um avanço ao combinar a análise de *corpora* contemporâneos e históricos, permitindo uma visão abrangente tanto da produtividade dessas construções ao longo do tempo quanto das variações semânticas emergentes no século XXI. O uso dessa abordagem pancrônica<sup>2</sup> permite observar tanto a variação sincrônica quanto o desenvolvimento diacrônico dos conectores de base verbal, proporcionando uma análise mais completa e detalhada das dinâmicas linguísticas envolvidas. Portanto, a inovação teórica e metodológica desta tese está na ampliação das descrições existentes, tanto no que diz respeito à inclusão de novos valores semânticos quanto à identificação de novas microconstruções, o que reforça a complexidade e a riqueza da rede [Vque] no português contemporâneo.

Por fim, os resultados desta tese reforçam a base das teorias linguísticas orientadas pelo uso. Especificamente, esta tese contribui para uma compreensão mais profunda do vínculo entre forma e significado, para a desconstrução da rígida separação entre

---

<sup>2</sup> Nesta tese, adotamos uma perspectiva pancrônica, que busca superar a dicotomia tradicional entre sincronia — o estudo de um estado da língua em um momento específico — e diacronia — o estudo das mudanças linguísticas ao longo do tempo. A análise pancrônica propõe observar as dinâmicas de variação e mudança linguísticas enquanto elas ocorrem, permitindo uma visão integrada desses processos. Como destacado por Koch (2008), o enfoque pancrônico possibilita compreender a língua como um sistema em constante evolução, onde mudanças e variações não são tratadas como fenômenos isolados no tempo, mas como parte de uma rede contínua de processos em andamento. Esta abordagem é compatível com a nossa escolha de dados, que abrange diferentes períodos, permitindo verificar as mudanças ocorridas no uso das construções [Vparticípio+que] e [Vgerúndio+que].

categorias linguísticas e para a consolidação da noção de gradiência entre elas, como proposto pelos Modelos Baseados no Uso.

Considerando o exposto até aqui, propomos uma análise pancrônica organizada da seguinte forma: no primeiro capítulo, a *Fundamentação Teórica*, dividida em subseções, sendo a primeira com foco nos princípios dos Modelos Baseados no Uso que fundamenta nossa pesquisa, tais como o conceito de língua, o surgimento de novas construções, entre outros; a segunda subseção trata de mostrar o que já foi estudado sobre os conectores de base verbal na língua portuguesa [Vque]; a terceira destina-se à descrição das construções complexas, considerando os valores causal, condicional, concessivo, adversativo, aditivo, conclusivo e explicativo, uma vez que esses são expressos pelas construções aqui estudadas.

No segundo capítulo, intitulado *Procedimentos Metodológicos*, o conteúdo é dividido em subseções. A primeira subseção é dedicada à descrição do *corpus* utilizado (*Corpus do Português*), enquanto a segunda aborda os parâmetros de análise considerados no tratamento dos dados. O terceiro capítulo, *Análise dos dados*, é composto por três subseções: a primeira aborda sobre as *Construções [[Vparticipio+que] ⇔ conector]*, a segunda trata das *Construções [[Vgerúndio+que] ⇔ conector]*, e terceira subseção avalia ambas as análises em *Avaliando as análises de [[Vparticipio+que] ⇔ conector]* e *[[Vgerúndio+que] ⇔ conector]*, seguindo os procedimentos apontados nos *Procedimentos Metodológicos* e a base teórica descrita no primeiro capítulo. Por fim, as *Conclusões* e as *Referências* utilizadas para a realização desta tese.

## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo é uma preparação para as análises que seguirão nos capítulos seguintes, a fim de introduzir uma série de conceitos teóricos que serão a base para o entendimento de toda nossa pesquisa.

### 1.1 GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES BASEADA NO USO

A Gramática de Construções (GC) é uma abordagem que se desenvolveu a partir de várias correntes teóricas, como o Funcionalismo e o Cognitivismo, entre outras, buscando oferecer uma visão integrada dos fenômenos linguísticos. Em vez de focar em aspectos isolados da língua, como faziam as abordagens dominantes da época, como o Formalismo e o Funcionalismo, a GC propõe que a língua seja vista como um sistema de construções – ou seja, pares de forma e significado que variam em grau de especificidade.

O termo "Gramática de Construção" foi popularizado por Fillmore (1988), embora algumas das ideias centrais já pudessem ser percebidas em trabalhos anteriores. Um exemplo disso é a Gramática de Casos<sup>3</sup>, proposta por Fillmore (1968), que se concentrou nas relações entre as funções sintáticas e os significados dos elementos em uma frase. Embora a Gramática de Casos não seja diretamente uma forma de GC, ela contribuiu para o desenvolvimento de ideias que mais tarde influenciariam a teoria das construções.

Mas foi Fillmore (1988) quem pontuou o termo “Gramática de Construção”. Outro marco relevante para o desenvolvimento dessa teoria é o trabalho de Lakoff e Jhonson (1980)<sup>4</sup>, obra mais tarde traduzida ao português como “Metáforas da vida cotidiana”, na qual os autores defendem que o melhor caminho para entender como o conhecimento se organiza na mente talvez seja pela linguagem, pois o ser humano age e pensa quase que automaticamente, como resposta biológica e por meio de acordos mentais.

O termo “baseado no uso” foi utilizado pela primeira vez em Langacker (1987) em seu trabalho sobre Gramática Cognitiva<sup>5</sup>. Veja:

---

<sup>3</sup> Na obra *Foundations of Language*, na qual o autor tenta mostrar, nas relações de casos (como o dativo), que um elemento sintático está ligado a elementos semânticos em proposições. Veja mais em Fillmore (1968).

<sup>4</sup> Um estudo sobre como a linguagem humana se refere à discussão por meio de termos relacionados a guerra; uma metáfora conceptual, que fazemos na vida cotidiana.

<sup>5</sup> Antes de adotar o nome gramática cognitiva, ele a chamou de gramática espacial. Veja no Prefácio de Langacker (1987).

Os gramáticos generativos sempre operaram com uma concepção arquetípica da linguagem como um sistema de regras gerais e, portanto, não acomodaram fenômenos irregulares e idiossincráticos de maneira natural ou convincente; tem havido uma tendência a ignorar esses fenômenos na busca de generalizações. A gramática cognitiva, ao contrário, é uma teoria **baseada no uso**. A gramática lista o conjunto completo de declarações particulares que representam a compreensão de um falante da convenção linguística, incluindo aquelas subsumidas por declarações gerais. Em vez de considerá-los um embaraço, os gramáticos cognitivos consideram declarações particulares como a matriz da qual declarações gerais (regras) são extraídas. Por exemplo, a regra S + -s da formação do plural em inglês é extraída pelos falantes de uma série de formas plurais específicas (toes, grânulos, paredes, etc.), incluindo algumas aprendidas anteriormente como unidades fixas; na verdade, a regra é vista simplesmente como uma caracterização esquemática de tais unidades. Os falantes não esquecem necessariamente as formas que já conhecem uma vez que a regra é extraída, nem a regra os impede de aprender formas adicionais como unidades estabelecidas. (LANGACKER, 1987, p.46, grifo do autor)<sup>6</sup>

Quando um pesquisador se fundamenta nos modelos baseados no uso, esse, então, utiliza uma abordagem teórica baseada na experiência dos usuários da língua, acreditando que eles podem modificá-la, no decorrer do tempo, conforme suas necessidades ou pela busca de maior expressividade. Isso não significa dizer que a língua é um sistema caótico, na qual o usuário pode fazer tudo o que bem entende. “Devemos reconhecer que a linguagem é uma mistura de regularidade e irregularidade e lidar com esse fato de maneira natural e apropriada”<sup>7</sup> (LANGACKER, 1987, p.45). Nesse caminho, autores tentam mostrar que estruturas linguísticas emergem e podem sofrer mudanças conforme são usadas — não só no uso de acordo com a norma padrão, mas também, e na maioria das vezes, no uso em desacordo a ela.

Se pararmos para refletir, percebemos que os princípios dos modelos baseados no uso estão em sintonia com o processo de surgimento da linguagem: não foram as regras gramaticais que surgiram primeiro; as pessoas começaram a emitir sons, as palavras

---

<sup>6</sup> Generative grammarians have always operated with an archetypal conception of language as a system of general rules, and have therefore not accommodated irregular and idiosyncratic phenomena in a natural or convincing manner; there has been a tendency to ignore these phenomena in the quest for generalizations. Cognitive grammar, by contrast, is a **usage-based** theory. The grammar lists the full set of particular statements representing a speaker's grasp of linguistic convention, including those subsumed by general statements. Rather than thinking them an embarrassment, cognitive grammarians regard particular statements as the matrix from which general statements (rules) are extracted. For example, the N + -s rule of English plural formation is extracted by speakers from an array of specific plural forms (toes, beads, walls, etc.), including some learned previously as fixed units; in fact the rule is viewed simply as a schematic characterization of such units. Speakers do not necessarily forget the forms they already know once the rule is extracted, nor does the rule preclude their learning additional forms as established units. (LANGACKER, 1987, p.46, grifo do autor)

<sup>7</sup> We must recognize that language is a mixture of regularity and irregularity, and deal with this fact in a natural, appropriate way. (LANGACKER, 1987, p.45).

foram surgindo com a necessidade e com o uso, e, posteriormente foram estabelecidas as normas linguísticas.

Autores como Goldberg (2006), Bybee (2010; 2016), Traugott e Trousdale (2013), que se dedicam à GC baseada no uso, têm substituído o termo "palavras" por "construções", como vemos a seguir:

[...] a linguagem é conceituada como sendo composta de pares de forma-significado ou “construções” organizadas em uma rede. A questão que abordamos é como podemos explicar a mudança no sistema linguístico, dado esse modelo de linguagem. Nosso foco é desenvolver maneiras de pensar sobre a criação e a natureza das mudanças nas construções, entendidas como "unidades simbólicas convencionais" (ver, por exemplo, Langacker 1987; Croft 2005). As construções são convencionais porque são compartilhadas entre um grupo de falantes. Elas são simbólicas porque são signos, associações tipicamente arbitrárias de forma e significado. E são unidades em que algum aspecto do signo é tão idiossincrático (Goldberg 1995) ou tão frequente (Goldberg 2006) que o signo está entrincheirado como um pareamento forma-significado na mente do usuário da língua. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p.1)<sup>8</sup>

Em outras palavras, as construções referem-se a unidades fundamentais na língua que englobam não apenas aspectos sintáticos e morfológicos, mas também componentes semânticos e pragmáticos. São estruturas simbólicas convencionais que representam padrões linguísticos, indo além da mera combinação de palavras e envolvendo a associação de forma e significado, uma vez que podem abarcar desde sequências de morfemas até padrões textuais mais amplos, sendo elas as unidades básicas de análise na representação da gramática. Uma característica fundamental das construções é que elas são armazenadas na mente dos usuários da língua como padrões consolidados, não apenas como informações lexicais individuais. Isso significa que os falantes não apenas memorizam palavras isoladas, mas também padrões de como essas palavras são combinadas em contextos específicos (GONÇALVES, OLIVEIRA, 2020).

A noção de construção como uma entidade teórica abstrata é essencial para descrever tanto padrões linguísticos menos usuais e complexos quanto padrões regulares e básicos da língua. Como vemos em Traugott e Trousdale (2013), Goldberg (2006,

---

<sup>8</sup> [...] language is conceptualized as being made up of form-meaning pairings or ‘constructions’ organized in a network. The question we address is how we can account for change in the linguistic system, given this model of language. Our focus is on developing ways to think about the creation of and the nature of changes in constructions, understood as ‘conventional symbolic units’ (see e.g. Langacker 1987; Croft 2005). Constructions are conventional in that they are shared among a group of speakers. They are symbolic in that they are signs, typically arbitrary associations of form and meaning. And they are units in that some aspect of the sign is so idiosyncratic (Goldberg 1995) or so frequent (Goldberg 2006) that the sign is entrenched as a form-meaning pairing in the mind of the language user.

2013), Croft (2001), entre outros autores construcionalistas, toda estrutura linguística é considerada construção, com algumas variações de:

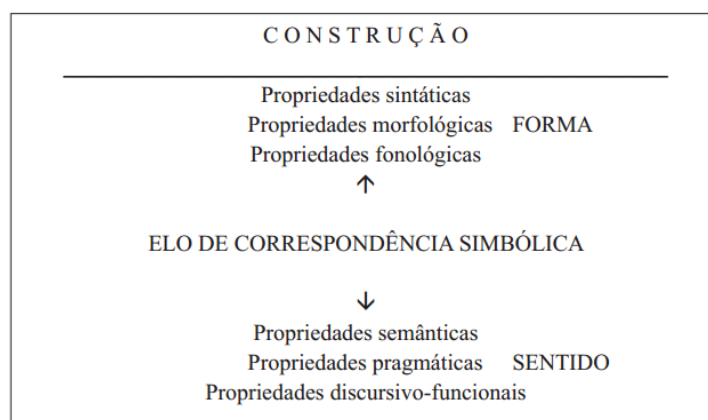
i) Tipo de conceito: as construções podem ter valor procedural<sup>9</sup>, como as desinências, que possuem significado abstrato e se associam a outros elementos para sinalizar relações linguísticas; ou com valor lexical, como “desistência” e os outros substantivos, que apresentam conteúdo referencial.

ii) Tamanho: as construções também variam em tamanho, podendo ser atômica, como “vermelho”, que possui apenas um elemento; intermediária como a palavra “*bonfire*” (*fogueira*), uma derivação por prefixação, que possui um elemento analisável “*fire*” (fogo) enquanto “*bom*” não; ou complexa como *pull strings* (mexer os pauzinhos).

iii) Especificidade fonológica: as construções podem ser substantivas<sup>10</sup>, esquemáticas ou intermediárias. Um exemplo de construção intermediária é [V-mente], que possui uma parte substantiva, ‘mente’, ou seja, um componente da construção que já possui uma forma fonológica fixa, estabelecida e reconhecida na língua; e uma parte esquemática, representada por ‘V’ (um verbo), que varia conforme o contexto. Desse modo, classifica-se [V-mente] como uma construção intermediária, pois apresenta uma parte esquemática e uma parte substantiva.

Apesar dessas variações, Croft (2001, p.18) sugere que toda construção compartilha uma estrutura básica, conforme ilustrado abaixo:

**Figura 1:** A estrutura da construção.



**Fonte:** tradução de Rosário e Oliveira (2016, p. 240).

<sup>9</sup> Conhecido por valor gramatical em outras teorias como a Gramaticalização, que, ao contrário da Gramática de Construções, faz uma separação rígida entre léxico e gramática/ estruturas lexicais e gramaticais. Veja mais sobre Gramaticalização em Traugott e Heine (1991); sobre a diferença entre Gramaticalização e Construcionalização, leia Enghels e Garachana Camarero (2021).

<sup>10</sup> *Substantive, substance*, do inglês, uma substância é algo com partes definidas e determinadas.

Na figura (1) acima vemos que a forma é composta por propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas; e o sentido (que ora também é chamado de significado, ora função), por propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. Em suma, as construções são unidades centrais para a compreensão da linguagem, considerando não apenas a sua estrutura, mas também o seu significado e o contexto em que são utilizadas. Há um elo de correspondência simbólica entre esses aspectos. Por isso, não há como estudá-los separadamente.

No entanto, há autores construcionalistas que não concordam sobre o fato de que tudo na língua seja passível de representação com forma e significado, como, por exemplo, Booji (2005), com a teoria denominada por Morfologia Construcional, que foca seus estudos nos aspectos morfológicos, como flexão, derivação e composição e defende que existem construções que não possuem significado como, por exemplo, o caso dos morfemas. Não dedicaremos mais palavras aqui sobre tal teoria, pois não é ela que utilizamos para nossa pesquisa<sup>11</sup>. Queremos apenas mostrar que há mais de uma GC, mas há pontos em comum que permitem que tais modelos estejam sob o mesmo rótulo, conforme pontuamos a seguir:

- i) a relação entre linguagem e cognição humana;
- ii) as estruturas linguísticas emergem do uso de seus usuários;
- iii) a existência do pareamento de forma e significado;
- iv) a língua organiza-se em redes e essas estão interligadas;
- v) o significado altera-se conforme o uso que o usuário da língua faz – interferência pragmática.

Já na primeira página de seu livro, Bybee (2010) apresenta a língua enquanto um sistema estruturado e variável, que chama atenção a suas formas mutáveis, criadas pelos usuários em contexto comunicacional, mas além disso, desperta também interesse pelas forças que são responsáveis em produzir essas formas. Logo, tais modelos assumem que fatores cognitivos estão presentes na elaboração das interações verbais humanas (TRAUGOTT, 2004) e incluem pesquisas relacionadas ao cognitivismo. Em outras palavras:

---

<sup>11</sup> Para aprofundamento, consulte Booji (2005, 2010).

[...] a linguagem é vista como um sistema dinâmico de categorias fluidas e restrições flexíveis que são constantemente reestruturadas e reorganizadas sob a pressão de processos cognitivos gerais de domínio que não estão envolvidos apenas no uso da linguagem, mas também em outros fenômenos cognitivos, como visão e atenção (conjunta)<sup>12</sup>. (DIESSEL, 2019, p.1)

Os pesquisadores que utilizam as teorias construcionistas baseadas no uso compreendem que a gramática é submissa ao uso que seus usuários fazem naturalmente. Mesmo com a existência da ordem de palavras e regras gramaticais, o usuário da língua não se detém a refleti-las antes de cada elemento que utiliza — por isso mudanças ocorrem. Tudo é processado cognitivamente, espontaneamente e naturalmente, conforme a necessidade do contexto, sem que ao menos percebamos. Logo, os processos cognitivos envolvidos também são importantes para a compreensão da linguagem.

Para exemplificar os processos cognitivos, tomemos o trabalho de Bybee (2010; 2016) sobre a descrição de categorização semântica. A autora argumenta que nós, usuários da língua, tendemos a agrupar elementos semanticamente relacionados e fazemos isso conforme nossa experiência com o mundo. Na categoria das aves, encontram-se o pardal, o papo-ruivo, a águia e o pinguim. Dentre eles, o pinguim é o exemplar mais marginal, ou seja, não é um dos primeiros a ser lembrado quando se pede para uma pessoa mencionar uma ave, pois possui menos similaridade com os exemplares mais centrais. Seria mais provável a pessoa citar o pardal, que é um exemplar mais central, ou seja, mais prototípico da categoria, uma vez que possui mais características de ave do que o pinguim (BYBEE, 2010, p. 79). Assim também é com a língua. Em Oliveira e Hirata-Vale (2017) vemos as conjunções “caso”, “desde que”, “uma vez que” e “dado que” como exemplares mais periféricos da categoria condicional e sua relação com o núcleo prototípico “se”.

Além disso, também se evidenciam quais os traços da condicionalidade, como causalidade, predição e postura epistêmica, aproximam os exemplares do núcleo prototípico, sendo portanto mais básicos, e quais encontram-se diluídos, distanciando os membros uns dos outros.

Fica postulada, portanto, a existência de uma gradualidade interna, em que se verificam exemplares fortemente prototípicos e outros mais periféricos. (OLIVEIRA, HIRATA-VALE, 2017, p. 311).

Desse modo, percebemos que as categorias apresentam graus de pertencimento de seus exemplares, com membros mais prototípicos e mais marginais. Além da verificação

---

<sup>12</sup>[...] language is seen as a dynamic system of fluid categories and flexible constraints that are constantly restructured and reorganized under the pressure of domain-general cognitive processes that are not only involved in the use of language but also in other cognitive phenomena such as vision and (joint) attention.

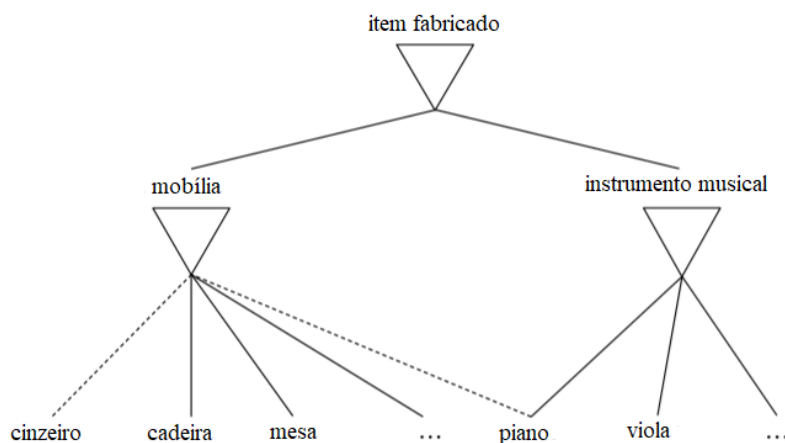
por similaridade, exemplares prototípicos também podem ser verificados pela frequência de uso, pois elementos utilizados com mais frequência são ativados no cognitivo com mais facilidade, conforme relata Bybee (2010).

Ainda sobre categorização linguística, não podemos fazer classificações precisas e rígidas entre as construções devido ao aspecto contínuo e gradiente da gramática, como mostram Cavaguti e Hirata-Vale (2014), após constatarem que “desde que”, “uma vez que” e “dado que” apresentam significado condicional e causal. A depender do contexto de uso, certas vezes se consegue diferenciar uma interpretação da outra pela relação modo verbal utilizada na construção. As autoras consideraram como critério semântico, que diz respeito ao estatuto de realidade/irrealidade, o modo verbal e verificaram que o modo indicativo caracteriza os empregos com valor causal, e o subjuntivo, os usos com valor condicional.

Outro processo cognitivo, descrito por Bybee (2010), é o *chunking*: quando o usuário da língua cria automaticamente em seu cognitivo um vínculo associativo entre dois ou mais elementos, após serem frequentemente e repetidamente utilizados juntos, e um significado. Como resultado desse processo, temos os *chunks*, que também podem ser verificados por análise prosódica, como demonstrou Alves (2022): “a interpretação de “mas se” e “porém se” como *chunks* é refletida no nível prosódico. A autora constatou que, na análise prosódica, essas construções constituem um único acento primário, sem pausa entre as conjunções” (ALVES, 2022, p.120).

Portanto, podemos afirmar que *chunks* são junções feitas no âmbito fonológico e sintático de mais de um elemento linguístico que, após muita repetição, se convencionalizam e passam a ser utilizados como se fossem apenas um. Tal processo é comum na criação de construções idiomáticas (expressões), específicas de cada idioma, como “bater as botas” no português, que semanticamente corresponde a “morrer”; “chutar o balde”, que em português significa “fazer confusão”, mas sua tradução literal ao inglês, “*kick the bucket*”, apresenta o sentido de “morrer” (CUNHA, BISPO, 2019, p.108).

Outro ponto da base das gramáticas de construções mencionado anteriormente que ainda não discutimos é o modelo da língua enquanto rede, ilustrado na figura 3 abaixo, motivado pelas redes polissêmicas de Lakoff (1987) sobre categorização e inspirado na psicologia cognitiva (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p.9):

**Figura 2:** Rede de construções.

**Fonte:** Clemente (2020, p.17)<sup>13</sup>.

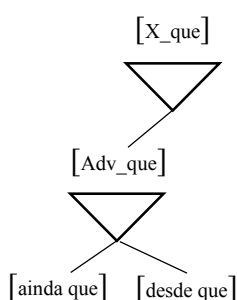
O formato de rede se justifica pelo fato de que as construções estão interligadas. A figura (2) traz uma exemplificação de rede conceitual, ou seja, com associações entre conceitos. Na base do triângulo está a categoria mais esquemática, ‘item fabricado’, que generaliza outras subcategorias, como ‘mobília’ e ‘instrumento musical’. Há linhas, tracejadas e contínuas, que ligam os exemplares a sua categoria, a depender da representatividade de cada. ‘Cinzeiro’ não é considerado um bom exemplo de mobília, por isso está ligado por linhas tracejadas; enquanto ‘cadeira’ e ‘mesa’ são membros mais representativos. ‘Piano’ está ligado com tracejados em direção a ‘mobília’ e por linha contínua a ‘instrumento musical’, um exemplo de herança múltipla, pois apresenta características de mobília e de instrumento musical, embora seja melhor representante da categoria de instrumento musical. Daí a ideia da linguagem enquanto uma rede conceitual, tão mencionada pelos autores construcionistas.

Do mesmo modo que as associações conceituais ocorrem no nosso cognitivo e se ligam entre si, podemos pensar, também, sobre as construções da língua. Traugott e Trousdale (2013) relatam a existência de três níveis construcionais na rede, que estabelecem entre si relações hierárquicas. No topo, temos os esquemas, o nível mais esquemático e mais abstrato, que sanciona construções menos esquemáticas; abaixo deles, um nível intermediário de esquematicidade, os subesquemas; e por fim, no nível

<sup>13</sup> A figura apresentada foi traduzida e adaptada por Clemente (2020, p.17) para seu trabalho de mestrado, o que justifica sua semelhança com versões encontradas em outras fontes. A decisão de utilizar essa adaptação foi feita para manter a consistência com a análise apresentada por Clemente (2020).

mais baixo, as microconstruções, o qual contém as informações mais lexicais e mais semânticas. Como se cada nível fosse a abstração da principal semelhança que as construções dos níveis abaixo expressam: [ainda que] e [desde que] podem ser representados pela construção esquemática [adv\_que] (OLIVEIRA, 2019), pois são formados pelos advérbios “ainda” e “desde” juntos a conjunção “que”; portanto, são sancionados por uma construção em nível superior, no nível de subesquema [adv\_que], e essa por um nível ainda mais esquemático, o [X\_que] (CESARIO *et al.*, 2015), como vemos na figura (3) abaixo:

**Figura 3:** Os níveis esquemáticos do esquema [X\_que].



**Fonte:** Elaboração própria.

Conforme defendido pelos autores construcionalistas, as construções passam por mudanças com certa constância e uma mudança em uma construção pode afetar outras, uma vez que as construções estão interligadas. Assim, os níveis esquemáticos também não são estáticos, pois podem mudar no decorrer do tempo, conforme veremos mais detalhadamente na próxima seção algumas mudanças que ocorreram na rede de [V\_que] condicional.

A esquematicidade é um dos parâmetros utilizados por Traugott e Trousdale (2013) para verificar mudança linguística. Além de entender a esquematicidade pela posição da construção na rede, podemos também observar seu *slot*. A maioria das construções são parcialmente esquemáticas, pois apresentam algumas posições abertas que podem ser preenchidas por outras construções. O esquema [adv\_que] (OLIVEIRA, 2019), por exemplo, é parcialmente esquemático, uma vez que podemos apenas preencher o *slot* “adv” com “ainda” ou “desde”, formando “ainda que” e “desde que”, enquanto a conjunção “que” não pode ser trocada. Nesse sentido, [ainda que] e [desde que] são menos esquemáticos que [adv\_que], pois seus *slots* são fixos, ou seja, não possuem partes a

serem preenchidas, o que nos leva à descrição esquemática que vemos na figura (3) acima. Logo, percebemos, então, que a esquematicidade pode ser verificada pelos *slots* das construções e/ ou pelas posições que se encontram na rede.

Um dos fatores influenciadores da esquematicidade é a produtividade. Isso porque como cada nível é uma abstração de seu nível inferior, a produtividade do nível mais alto também depende do número de cada construção dos níveis subordinados. Barðdal (2006) mostra que embora o termo “produtividade” seja utilizado de diferentes maneiras por diferentes autores, todos os dezenove conceitos que ela analisou estão, de alguma maneira, relacionados a generalidade, regularidade e extensibilidade, o que faz com que a autora os sugira como subconceitos.

Generalidade e regularidade estão correlacionadas, pois “os padrões mais regulares em uma linguagem geralmente também são os padrões mais gerais”<sup>14</sup> (BARÐDAL, 2006, p.4). Mas, também, o padrão mais regular é aquele mais facilmente estendido para itens novos ou existentes, assim como o padrão mais extensível é geralmente o mais regular. Por exemplo, a formação do pretérito com o sufixo -ed no inglês. A maioria dos verbos<sup>15</sup> em inglês, aproximadamente 96% de acordo com Barðdal (2006), são conjugados no passado com esse sufixo. Esse é um padrão regular, que atraiu a maioria dos verbos, ou seja, foi estendido mais facilmente, e ainda, não há restrições semânticas, morfológicas ou fonológicas em relação a quais verbos possam formar o pretérito dessa maneira, sendo, então, um padrão completamente geral (BARÐDAL, 2006, p.3).

Com base nos preceitos pontuados até aqui, conseguimos perceber que a produtividade é um fenômeno gradiente (BARÐDAL, 2006; TRAUGOTT, TROUSDALE, 2013) e refere-se ao grau de expansão do esquema. Podemos dizer que uma construção apresenta alta ou baixa produtividade, com base na frequência de tipo (*type*), ou seja, o número de tipos que uma construção consegue instanciar, e na frequência de ocorrência (*token*), referente ao número de vezes que uma construção aparece no *corpus*, em instâncias reais de uso. Pela frequência *token* conseguimos mensurar propriedades sobre a produtividade de cada *type*, como por exemplo, verificar qual é o mais frequente. Não podemos fazer previsões sobre a frequência *token*, pois o uso que os

---

<sup>14</sup> The most regular patterns in a language are usually also the most general patterns. (BARÐDAL, 2006, p.4)

<sup>15</sup> Há a separação dos verbos regulares (terminados com -ed ou -ied no pretérito) dos irregulares nas gramáticas da língua inglesa.

usuários fazem das construções é menos previsível. Por outro lado, podemos afirmar que, geralmente, quanto mais baixo o nível na hierarquia em que uma construção está, menor é sua frequência de *type*. Logo, esquematicidade e produtividade estão relacionadas.

Além da esquematicidade e da produtividade, as construções também podem ser analisadas quanto à composicionalidade, que assim como os outros dois parâmetros, também é gradiente, com variação entre mais composicionais e menos composicionais. Segundo Traugott e Trousdale (2013, p.19) “a composicionalidade está preocupada com a medida em que a ligação entre forma e significado é transparente”. Dizemos que uma construção é mais composicional quando as partes apresentam, de alguma maneira, compatibilidade com o todo da construção (no âmbito semântico ou sintático); e menos composicional quando o significado e a sintaxe das partes que a compõem são incompatíveis com seu todo, o que é geralmente mais comum na língua (TRAUGOTT, TROUSDALE, 2013). Traugott e Trousdale (2013), deixam a entender que podemos tratar da composicionalidade de maneira separada com o uso dos termos “composicionalidade semântica” e “composicionalidade sintática”. Porém, em suma, percebemos que podemos analisá-la pelo âmbito semântico e/ou sintático.

A partir dos preceitos discutidos até aqui, conseguimos adentrar na discussão acerca dos processos de mudança linguística. Segundo Traugott e Trousdale (2013), há dois tipos: quando uma construção sofre alterações em suas subpartes, ou seja, há mudança nos níveis sintático, semântico, morfológico, fonético ou pragmático, mas não necessariamente surge uma nova construção, tem-se, então, a mudança construcional; quando um novo pareamento, ou seja, uma nova forma e um novo significado, emerge na rede, tem-se a construcionalização. Portanto, posterior a construcionalização, necessariamente ocorrem, em micropassos<sup>16</sup>, mudanças construcionais, tais como neoanálises e seu tipo mais específico, analogizações.

O processo de neoanálise ocorre quando os usuários da língua, nos contextos de uso cotidiano, realizam, inconscientemente, novas interpretações do conteúdo sintático, semântico ou pragmático de construções já existentes, e assim, criam sentidos diferentes do sentido fonte. Como exemplificação, tomemos a construção “contudo”, que passou por neoanálise morfossintática e semântico/pragmática. Inicialmente, tínhamos a preposição “com” e o pronome “tudo”, como unidades separadas, que após serem frequentemente usados juntos passaram a ser processadas como um único bloco na mente

---

<sup>16</sup> Por se tratar de pequenas mudanças, recentemente surgiu o termo “nanopassos”. Veja mais em Rosa (2019; 2021).

dos usuários da língua. Tem-se a justaposição da preposição ao pronome, o que originou uma nova forma e um novo significado, o conector contrastivo “contudo” (OLIVEIRA, 2018).

Embora se reconheça a habilidade criativa da linguagem, temos que reconhecer que a maioria das construções são criadas a partir de construções já existentes, como vimos sobre o processo de neoanálise, e assim também é com o de analogização. Enquanto na neoanálise um construção tem alguns de seus traços reinterpretados, na analogização vemos que o significado ou a forma de uma construção particular atrai outra. Como o caso das microconstruções aspectuais com o verbo “deixar”, [deixar + prep + V2], que emergem na língua via analogização ao esquema auxiliar [V1+prep+V2] (PREZOTTO JÚNIOR, 2019).

A partir do discutido até aqui, conseguiremos entender como a gramática de construções pode ajudar a entender os conectores [VQUE] no português brasileiro.

Na próxima seção, revisaremos os estudos existentes sobre essas construções, oferecendo um panorama detalhado de como esses conectores têm sido configurados e analisados. Essa revisão será fundamental para contextualizar o papel dos conectores [VQUE] na rede de construções linguísticas.

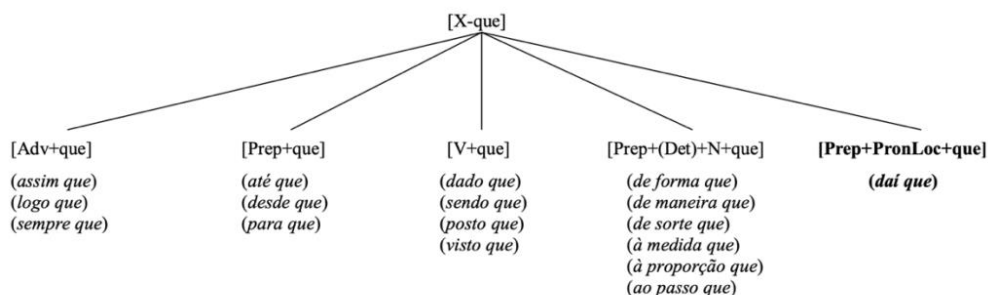
## **1.2 OS CONECTORES [VQUE] NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Esta seção se propõe a oferecer uma revisão da literatura sobre conectores [VQUE], destacando as abordagens teóricas e metodológicas utilizadas para analisar essas construções ao longo do tempo. Primeiramente, apresentaremos as investigações sobre os conectores [Vque], revisitando como esses elementos foram tradicionalmente compreendidos e categorizados. A partir dessa base, examinaremos as principais contribuições e limitações dos estudos anteriores, evidenciando como eles têm moldado a nossa compreensão atual desses conectores.

Além disso, o capítulo abordará áreas onde novos padrões e usos dos conectores [Vque] não foram plenamente reconhecidos ou analisados. Portanto, este capítulo serve como um ponto de partida para a exploração das novas descobertas que serão detalhadas na análise dos dados. Ele proporciona o conhecimento necessário para compreender como a pesquisa atual avança o estado da arte e contribui para o campo da linguística, especialmente no estudo dos conectores [VQUE].

Já em Arena (2015) vemos que os conectores de base verbal do português brasileiro, [Vque], fazem parte da rede [Xque]:

**Figura 4:** A rede [Xque] do português brasileiro.



**Fonte:** Arena (2015, p. 67).

A rede na figura (4) acima foi elaborada com base no compêndio de Barreto (1999). Em destaque, vemos o conector “daí que” e o subesquema [Prep.+PronLoc+que], pois estes são os objetos de investigação da autora. Mas, além disso, percebemos diferentes níveis de esquematicidade. O esquema [Xque] é mais geral e mais esquematicamente aberto. O *slot* X pode ser preenchido por advérbio (Adv), preposição (Prep), verbo (V), preposição + determinante + nome (Prep.+Det+N), por preposição e pronome locativo (Prep.+PronLoc).

A rede [Xque] é antiga no português. Veja:

A fim de compensar a pouca soma de expressões latinas, o português utilizou dois métodos para ampliação dessa categoria: (i) licenciando palavras de natureza diversa; e (ii) ampliando o processo. O primeiro se caracteriza pela incorporação de vocábulos de origem adverbial, preposicional, pronominal e nominal para atuarem ao papel de conjunção. O segundo, por sua vez, diz respeito ao processo iniciado no latim vulgar que consiste na junção do elemento *que* com palavras de diferentes categorias com intuito de formar novas perífrases conjuncionais, a saber: (i) advérbio + *que* (*ainda que*, *antes que*, *assim que*, *depois que*); (ii) preposição + *que* (*para que*, *desde que*, *até que*); (iii) preposição + nome + *que* (*ao passo que*, *à medida em que*, *ao tempo que*); e, (iv) participípio + *que* (*visto que*, *dado que*, *suposto que*). (SANTOS FERNANDES, 2019, p. 83)

No nível dos subesquemas, vemos o [Vque], que nos interessa aqui, sancionando as microconstruções [dado que], [sendo que], [posto que], [visto que]. Embora o foco de Arena (2015) não seja os conectores de base verbal [V\_que], ela os reconhece na rede dos conectores [Xque] do português brasileiro.

A descrição e análise desse subesquema se encontra em Clemente (2020), que tratou dos graus de composicionalidade, esquematicidade e produtividade do subesquema [Vque], considerando apenas seu uso condicional. A autora apontou apenas quatro microconstruções sancionadas por ele: [dado que], [posto que], [considerando que] e [supondo que], dois participípios e dois gerúndios. Em seus resultados, “supondo que” e “considerando que” apresentam-se como os membros mais frequentes, pois são eles que “contribuem mais diretamente para o estabelecimento do sentido condicional” (CLEMENTE, 2020, p.98), ou seja, são os prototípicos do subesquema [V\_que] condicional.

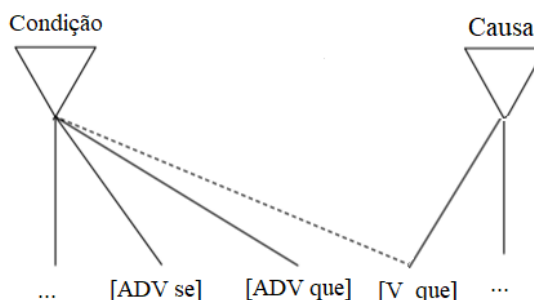
“Supondo que” e “considerando que” juntos somam mais de 60% dos total dos dados dos séculos XIX e XX, “supondo que” (o membro mais frequente) com 42,8%, seguido de “considerando que” com 24,5%; enquanto “dado que” representa 18,4% dos dados e “posto que” apenas 14,3% (CLEMENTE, 2020). Tal fato justifica a existência de trabalhos dedicados exclusivamente a eles, como Hirata-Vale (2012), que se preocupou em mostrar a história e o uso de “supondo que”, diferenciando-o do exemplar prototípico da categoria condicional, o conector “se”, pois *“é usado em contextos mais específicos, especialmente em gêneros do tipo argumentativo”*. (HIRATA-VALE, 2012, p.20). Hirata-Vale (2012) utiliza como base para sua pesquisa a teoria funcionalista, assim como Bueno (2015), que analisa o valor condicional de “supondo que”. Segundo Bueno (2015), em alguns casos, “supondo que” se assemelha a conjunção prototípica “se”, no entanto, não podem ser consideradas conjunções equivalentes. Oliveira (2019), a partir de dados do século XIX e XX, aponta que os traços semântico-pragmáticos do significado hipotético do verbo “supor” sofrem neoanálise e passam a ser interpretados como condição quando utilizados junto ao “que”, se convencionalizando como [supondo\_que], membro da rede construcional [V\_que] dos conectivos condicionais.

Fabbri Junior e Clemente (2020) mostram a emergência de “considerando que” na rede dos conectores condicionais, também pelo viés da teoria construcional, assim como Oliveira (2019). Segundo os autores, *“considerando que” foi atraído para o subesquema [V\_que] por analogia ao seu membro mais frequente (BYBEE, 2010), “supondo que”* (FABBRI JUNIOR; CLEMENTE, 2020, p. 62); e assim como “supondo que”, “considerar” também sofreu neoanálise dos traços semânticos e passou a ser reinterpretado como conector condicional.

A baixa frequência de “dado que” e “posto que” pode estar relacionada ao valor causal que desempenham. Clemente (2020), atesta [V\_que] como um subesquema

integrante de duas redes até o século XX: a condicional e a causal, conforme vemos na ilustração (5) a seguir:

**Figura 5:** Relação hierárquica entre esquemas e subesquemas.

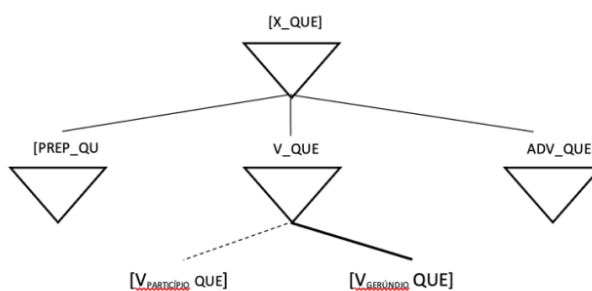


**Fonte:** Clemente (2020, p.53).

Como vemos na figura (5) acima, [V\_que] pode se apresentar ora causal ora condicional. A linha tracejada que liga [V\_que] à condição justifica-se devido ao fato de que “apesar de fazer parte das duas redes construcionais, o subesquema [V\_que] é melhor representante da categoria causal do que da condicional” (CLEMENTE, 2020, p. 53). A análise de Cavaguti e Hirata-Vale (2014) atesta que “dado que” é mais usado para expressar causa, uma vez que apresentou um total de 33 dados e apenas 5 com significado condicional.

Ademais, Clemente (2020) constata que há dois *types* presentes na base desses conectores: dois verbos cognitivos (supor e considerar) e dois verbos de transferência (dar e por). Mais tarde, Oliveira e Clemente (2023) notam que além do significado da base, há também dois *types* relacionados a forma, e assim, fazem a separação de [Vgerúndio que] e [Vparticípio que], conforme vemos na figura (6) abaixo:

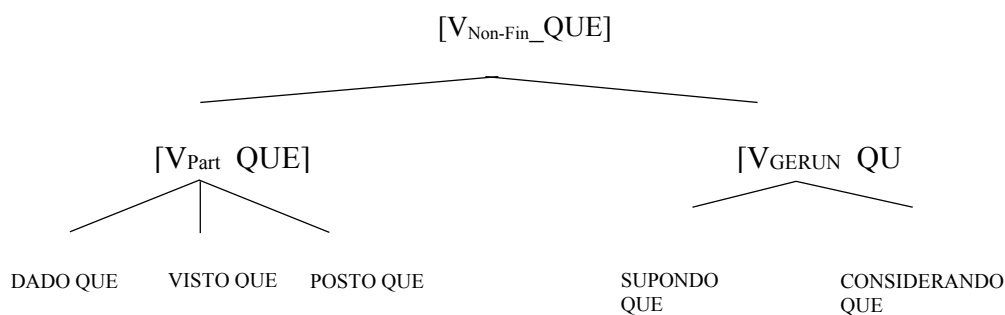
**Figura 6:** As construções [Vgerúndio que] e [Vparticípio que].



**Fonte:** Oliveira e Clemente (2023, p. 22).

Como se cada nível fosse a abstração da principal semelhança da forma que as construções dos níveis abaixo possuem: [supondo que] e [considerando que] podem ser representadas por [Vgerúndio\_que]; [dado que], [posto que] e [visto que] por [Vparticipio\_que], conforme vemos na figura (7) abaixo:

**Figura 7:** Subesquema [V que]condicional no final do século XIX.



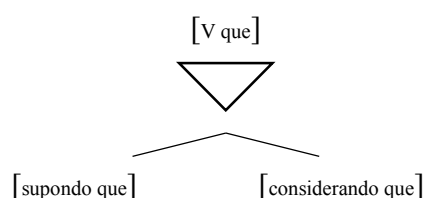
**Fonte:** Oliveira e Clemente (2023, p.20).

Entretanto, nem sempre a rede de [V\_que] foi da maneira como posta acima. Inicialmente, [V\_que] sancionava apenas as microconstruções [supondo que] e [considerando que], ou seja, duas construções com algumas características similares, e assim, são partes de um mesmo subesquema. Em seguida, o usuário da língua, via analogização, reconhece que há semelhança entre as formas [dado que] e [posto que], e [supondo que] e [considerando que], uma vez que todos possuem base verbal, e assim, as construções são atraídas para a mesma rede, por terem algum traço semelhante, nesse caso específico, a forma. Podemos, então, definir tal processo como uma extensão por semelhança. Após [dado que], [posto que] e [visto que] se fixarem como conectores condicionais, [V que] passa, então, a sancionar duas novas construções de tipo, o que afeta a esquematicidade do subesquema e “*provocou rearranjos na rede construcional*” (OLIVEIRA, CLEMENTE, 2023, p.2). Há uma reconfiguração da rede, justamente o que querem mostrar as autoras, como o próprio título indica: “*Esquematicidade e produtividade na reconfiguração da rede de conectores condicionais*”.

Clemente (2020) defende que [dado que] e [posto que] se acomodaram na rede construcional condicional por meio da neanálise dos traços semânticos de causa, e assim, se convencionalizaram como condição. A mudança da interpretação da causa para condição foi possível devido a um processo de reanálise semântica, pois a causalidade

está na base do significado condicional (NEVES, 2000; OLIVEIRA, HIRATA-VALE, 2017). Inicialmente, construções como [V que] faziam parte apenas da rede causal e apresentavam um significado mais concreto, ligado à noção de causa. No entanto, com o tempo, essas construções foram reinterpretadas, e seu significado se estendeu para incluir um sentido mais abstrato de condição (OLIVEIRA, CLEMENTE, 2023). Veja abaixo a rede inicial de [V que], no século XIX:

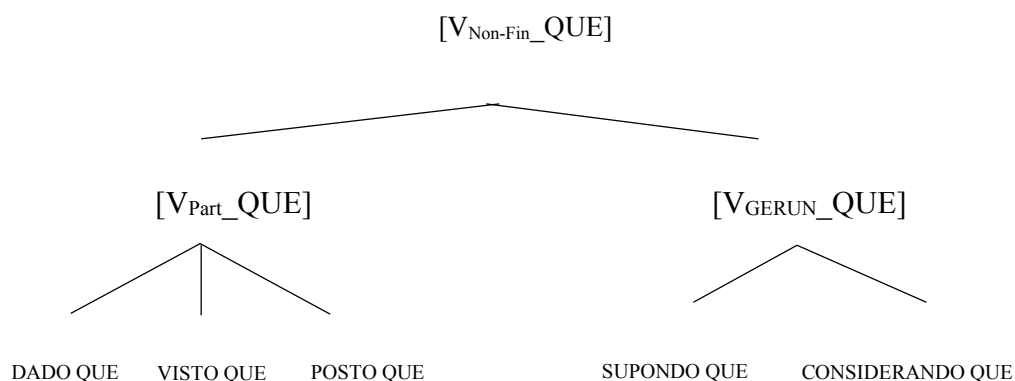
**Figura 8:** Subesquema [V que]condicional no início do século XIX.



**Fonte:** Oliveira e Clemente (2023, p.19)

Agora, veja a rede no final do mesmo século, após a entrada de [dado que], [posto que] e [visto que]:

**Figura 9:** Subesquema [V que]condicional no final do século XIX.



**Fonte:** Oliveira e Clemente (2023, p.20)

Nas figuras (8) e (9) vemos o caso do subesquema [V que] condicional que do início do século XIX ao final do mesmo século sofre mudanças e se expande em [Vpart\_QUE] e [Vgerun\_QUE].

Em relação aos níveis de esquematicidade da nova rede, vemos que a maioria das construções são parcialmente esquemáticas, pois apresentam algumas posições abertas que podem ser preenchidas por outras construções. O subesquema [V que], por exemplo, é parcialmente esquemático, uma vez que podemos apenas preencher o *slot* V com um verbo, enquanto a conjunção “que” não pode ser trocada. Nesse sentido, [Vpart\_QUE] e [Vgerun\_QUE] são menos esquemáticos que [V que], pois o slot V pode ser preenchido por um verbo, mas Vpart só pode ser preenchido por verbo no participípio e Vgerun só por verbo no gerúndio<sup>17</sup>, consoante com a descrição feita por Oliveira e Clemente (2023) na figura (9) mostrada acima, na qual vemos [V que] um nível acima de [Vpart\_QUE] e [Vgerun\_QUE] na rede construcional.

Nas redes feitas por Oliveira e Clemente (2023), figuras (8) e (9) acima, percebemos que [supondo que], [considerando que], [dado que], [visto que] e [posto que] possuem partes fixas, isto é, não apresentam possibilidades de serem alteradas. São construções menos esquemáticas, com impossibilidade de mudança no *slot*: por exemplo, não podemos mudar “supondo” para “supor/supôs”, “supor/supôs que”, nem mesmo “considerando” para “considerar/considerou que”; pois assim perderiam a função de conector condicional (CLEMENTE, 2020). Assim, encontram-se no nível menos esquemático da rede, no nível das microconstruções, assim como consta nas figuras (8) e (9) acima. Logo, percebemos, então, que a esquematicidade pode guiar como os *slots* são preenchidos e como as construções se organizam em rede.

Um dos fatores influenciadores da esquematicidade é a produtividade, assim como tentam mostrar Oliveira e Clemente (2023) sobre a rede da construção [X conj]<sub>condicional</sub>:

Especificamente, o interesse de investigação aqui é identificar os tipos de mudanças na produtividade das construções que são relevantes para a extensibilidade do esquema e a consequente (re)configuração da rede, uma vez que interferem no preenchimento dos *slots*. (OLIVEIRA, CLEMENTE, 2023, p.2)

Isso porque como cada nível é uma abstração de seu nível inferior, a produtividade do nível mais alto também depende do número de cada construção dos níveis subordinados. Se observarmos a tabela de Clemente (2020), à medida que as microconstruções se tornam cada vez mais produtivas, também o subesquema [V\_que] apresenta maior produtividade:

<sup>17</sup> No decorrer desse trabalho vamos explorar e examinar a especificidade dos verbos que podem ocupar a posição V, objetivo desse trabalho.

**Tabela 1:** Frequências *type* e *token* do subesquema condicional [V\_que] por século.

|                        | Século XVIII | Século XIX | Século XX |
|------------------------|--------------|------------|-----------|
| [supondo que] condição | 2            | 7          | 13        |
| [dado que] condição    | 0            | 5          | 3         |
| [posto que] condição   | 0            | 4          | 3         |
| Total:                 | 2            | 16         | 19        |

Fonte: Clemente (2021, p. 590).

Clemente (2021) constata que o subesquema [V\_que] apresenta baixa produtividade no seu uso enquanto conector condicional, mas conclui que conforme a produtividade de um dos membros do subesquema [V\_que] aumenta a cada século, nesse caso [supondo que], assim também aumenta a produtividade do subesquema [V\_que]. A entrada de microconstruções, como [considerando que], e a perda de outras, como [dado que] e [posto que], na rede do subesquema interferiu em sua produtividade, conforme mostram Oliveira e Clemente (2023). Isso porque quanto mais microconstruções são instanciadas pelo subesquema e quanto mais essas microconstruções se consolidam e são usadas, cada vez mais produtivo o subesquema se torna. Tal fato nos faz reconhecer o papel do uso no desenvolvimento das estruturas da língua.

Além de “considerando que”, Clemente e Pires (2022) revelam mais um conector de base verbal: o “imaginando que”. Para atestar seu funcionamento enquanto conector condicional, as autoras utilizam os parâmetros de condicionalidade de Dancygier (1998). Com a pesquisa, as autoras conseguem demonstrar que embora a construção seja formada por verbo “imaginar” + complementizador “que”, não é a soma das suas partes que resulta no seu significado condicional; a base lexical de “imaginar” (no campo do hipotético) até exerce influência nisso, porém vários são os fatores envolvidos. Portanto, trata-se de uma construção menos composicional, assim como todos os outros membros do subesquema [V que] analisados, e o próprio subesquema, pois não se reconhece mais verbo e “que” separadamente. A construção é entendida como um único bloco: [V que].

Em Clemente (2020), os testes mostram que não é possível inserir nenhum elemento entre V e “que”, nem mesmo mudar a forma de V (do gerúndio para o particípio, do particípio para o gerúndio, ou ambos para o infinitivo). Essas são evidências de que o usuário da língua não consegue analisar as partes, pois já as entende como uma única construção. Há um *chunking* entre verbo e “que”, comprovado a partir de testes no âmbito sintático, originado do uso frequente de ambos os elementos juntos, até que o usuário da

língua passou a compreendê-los e a utilizá-los como uma única construção, com o sentido de condição, que não mais se desprende em partes. Se surgisse algo do tipo “verbo + outro elemento + que”, teríamos uma prova de que as partes poderiam ser analisadas individualmente e, então, seria uma construção mais composicional.

Também em Clemente (2020), vemos que é possível analisar composicionalidade sintática separadamente da composicionalidade semântica, uma vez que sua pesquisa é intitulada de “o grau de composicionalidade sintática do subesquema [V\_que] condicional”, e como o próprio nome remete, a autora preocupa-se apenas com a análise sintática do subesquema, sem verificar propriedades semânticas, considerando parâmetros como: possibilidade de negação, a perda da estrutura argumental e a (im)possibilidade de flexão do subesquema; propostos por Oliveira (2014).

Os trabalhos até aqui expostos discutem, ou mencionam, apenas os usos condicional e causal dos conectores de base verbal do português brasileiro. Entretanto, alguns autores indicam que podem também ser utilizados para exprimir concessão. Amorim (2021) investiga, pela perspectiva funcionalista, três conectores referidos por ele como “do tipo *x-que*”: já que, visto que e posto que. Em todos, o autor verifica o significado causal, mas além disso, “visto que” e “posto que” também são utilizados como conectores concessivos. Um ponto que nos chamou a atenção foi o fato de que o processo de mudança de “posto que” não segue a rota comum esperada, conforme as palavras do autor:

[...] a noção de causa é mais básica (cognitivamente menos complexa) que a de concessão; por conseguinte a emergência do sentido concessivo costuma ser, em processos de gramaticalização de uma mesma forma, posterior à do sentido causal. Com isso, pode-se afirmar que, no caso do conector posto que, a trajetória de mudança é bastante inesperada, pois o seu emprego como conector concessivo data do século XIV, enquanto o seu uso como conector causal parece se firmar só a partir do século XVII." (AMORIM, 2021, p. 11)

Esse significado concessivo também é notado por Visconti (2000) no italiano e no inglês, nos conectores “*postoché*” ou “*posto che*”, em italiano, “posto que” no português; “*dato che*” em italiano, “*given that*” em inglês, “dado que” no português; considerando-os como polivalentes, com três significados: condicional, concessivo e causal. Quando utilizados em construções com verbo no subjuntivo, exprimem condicionalidade ou concessão; quando utilizados com verbo no indicativo, causa. Além desses conectores, Visconti (2000) também explana sobre o “supondo que” (“*supponendo che*” e “*supposto*

*che*” no italiano; “*suposing that*” no inglês) e o “assumindo que” (“*assuming that*” no inglês), ambos sendo usados como condicionais.

Em relação a “dado que”, Visconti (2000) prevê que provavelmente “dado que” não conseguirá mais ser usado como condicional devido à falta de exemplos autênticos e à dificuldade dos falantes nativos reconhecerem ou criarem exemplos com valor hipotético com tal conector. Foi o que encontraram Oliveira e Clemente (2023), não apenas a respeito de “dado que”, mas dos conectores [Vparticípio+que]: são utilizados com sentido condicional até o século XX, porém “*o elo parece enfraquecer até que não mais se encontram construtos que instanciem essas microconstruções, o que acarreta na obsolescência desse elo*” (OLIVEIRA; CLEMENTE, 2023, p.21). Há, então, uma reconfiguração do subesquema [V que]condicional, uma vez que [Vparticípio+que] deixa de integrar a rede dos conectores condicionais.

Mesmo com essa gama de estudos existentes acerca dos conectores de base verbal do português brasileiro, notamos que esses ainda não foram totalmente explorados. Na seção de análise veremos a diversidade de conectores que são formados a partir de uma base verbal, os diferentes significados que esses expressam e outras especificidades. Apesar de poderem ser agrupadas sobre as formas [Vparticípio+que] e [Vgerúndio+que], as microconstruções desses subesquemas se diferenciam entre si. Segundo Oliveira (2014, p. 55):

Outro fato que colabora para essa restrição é que as marcas flexionais carregadas pela base verbal, muitas vezes, servem ao próprio sentido adverbial que essa conjunção constrói. Por exemplo, na formação da conjunção ‘dado que’, o significado lexical do verbo ‘dar’ soma-se às noções temporais especificadas pelo particípio; a partir daí uma informação é introduzida como pressuposta e serve como moldura para uma enunciação subsequente. (OLIVEIRA, 2014, p. 55)

Assim como Oliveira (2014), acreditamos que o significado lexical do verbo e a forma que esse assume (no nosso caso, particípio ou gerúndio) exerce certa influência sob seus usos como conectores, mesmo no caso de construções menos composicionais. Portanto, na seção seguinte, dedicamo-nos a descrever semanticamente os verbos que estão na base das construções [[Vparticípio+que] ⇔ conector] e [[Vgerúndio+que] ⇔ conector].

Diante dos estudos apresentados sobre os conectores [Vque], é possível perceber a complexidade e a diversidade das construções. O capítulo evidenciou que, embora esses conectores sejam frequentemente associados a funções condicionais, causais e

concessivas, não podemos excluir a possibilidade de desempenharem outros papéis semânticos. Essa multifuncionalidade ressalta a necessidade de uma investigação mais aprofundada, conforme será abordado na próxima seção, onde exploraremos o significado das construções complexas, suas características distintivas e a maneira como os conectores se comportam dentro desse contexto.

### 1.3 CONSTRUÇÕES COMPLEXAS

Embora o foco central desta tese seja a análise dos conectores de base verbal, a discussão sobre as construções complexas é essencial para entender o papel que os conectores desempenham na estruturação do significado. Os conectores não operam isoladamente; eles agem dentro de construções complexas, conectando orações e criando relações semânticas específicas, como causalidade, concessão, condição, entre outras. Assim, para compreender plenamente o funcionamento e os significados dos conectores, é necessário analisá-los no contexto das construções complexas em que aparecem. As construções complexas oferecem o ambiente necessário para que os conectores revelem seus valores semânticos.

Portanto, nesta seção, analisaremos as construções complexas no português brasileiro, focando em sua definição e importância na Gramática de Construções baseada no uso. As construções complexas são essenciais para expressar uma variedade de relações semânticas e sintáticas, como condição, causa, concessão, entre outras. Exploraremos como essas estruturas são vistas e definidas na linguística, destacando suas funções e contribuições para a compreensão das relações lógicas e temporais na língua portuguesa.

Embora bastante produtivas na língua portuguesa, pouca atenção tem sido dada às construções complexas sob a perspectiva da Gramática de Construções baseada no uso, tradicionalmente conhecidas por orações coordenadas ou subordinadas. Tal nomenclatura tem causado desconforto e divergência nos estudos linguísticos, pois o nome “subordinação” remete à noção de que uma oração é subordinada a outra, ou seja, há uma relação de dependência entre as duas; enquanto “coordenação” seriam as orações independentes entre si. Não há concordância entre os estudiosos se essa relação se refere ao nível sintático ou semântico. E ainda, as relações semântico-pragmáticas que acontecem na língua em uso nem sempre condizem com as explicações elaboradas pela gramática tradicional.

Portanto, ao analisar as construções complexas no português brasileiro, optamos por não estabelecer distinções rígidas entre orações coordenadas e subordinadas, tal como tradicionalmente feito. Nossa abordagem, fundamentada na Gramática de Construções baseada no uso, permite enxergar todas as construções como parte de um *continuum* semântico-funcional. Neste contexto, as construções complexas são vistas como combinações de orações que se interligam por meio de conectores com diferentes funções semânticas — causal, concessiva, condicional, explicativa, adversativa, conclusiva, aditiva, entre outras.

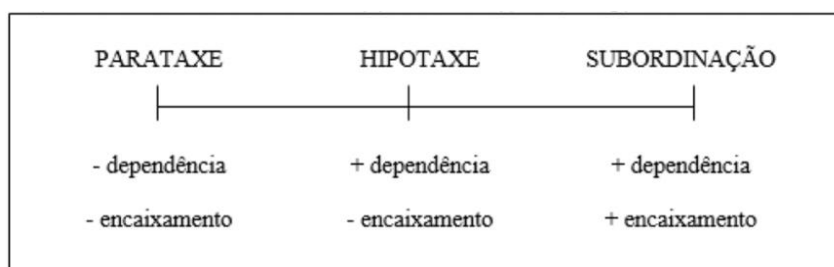
Dentre os poucos estudiosos que se dedicam à análise das orações complexas pela Gramática de Construções, destaca-se o trabalho de Gonçalves e Oliveira (2020). Segundo os autores, as construções complexas podem ser descritas por meio de dois esquemas fundamentais: (i) [[[CONNECT(ivo)] ORAÇÃOI] ORAÇÃOJ] e (ii) [[ARG(umento)] [PRED(icado)]].

O primeiro esquema, representado em (i), delineia uma estrutura na qual uma oração (ORAÇÃOI) se enlaça a uma segunda oração (ORAÇÃOJ) por intermédio de um conectivo (CONNECT(ivo)). Este esquema é aplicável às construções complexas coordenadas, nas quais as orações i e j, embora relacionadas, mantêm sua independência. No segundo esquema, (ii), a estrutura sugere que uma oração é constituída por dois elementos essenciais: um argumento (ARG) e um predicado (PRED). Este esquema é particularmente relevante para as construções complexas subordinadas, pois o argumento é parte essencial da estrutura argumental do predicado.

Gonçalves e Oliveira (2020) utilizam os termos “hipotaxe” e “encaixamento” para abordar as construções complexas. Segundo eles, a hipotaxe ocorre quando a oração subordinada modifica o sentido da oração principal sem ser uma parte intrínseca de sua estrutura nuclear, enquanto o encaixamento ocorre quando a oração subordinada assume papel crucial na estrutura argumental da oração principal, sendo parte intrínseca da estrutura nuclear e fundamental para seu significado.

Além disso, para esta tese é importante a ideia de *continuum* (gradiência), conforme já apontado anteriormente, elaborada por Hopper e Traugott (2003), como se vê na figura (10) abaixo.

**Figura 10:** O *continuum* da parataxe à subordinação.



**Fonte:** traduzido de Hopper e Traugott (2003, p. 170).

Para Hopper e Traugott (2003), as construções partem do nível da parataxe, e são elas as que estão ligadas sem dependência e sem encaixamento; já no nível intermediário, encontra-se a hipotaxe, quando as construções apresentam dependência relativa e estão levemente encaixadas; por fim, a subordinação (ou encaixamento), com total dependência e encaixamento entre as construções.

Entre os conectivos participiais e gerundiais, identificamos uma diferença no grau de dependência entre as orações que eles conectam. As construções com conectores de base participial tendem a apresentar um maior grau de encaixamento, no qual a oração participial frequentemente assume uma função argumental essencial para a oração principal, e assim, contribui diretamente para seu significado nuclear. Por outro lado, os conectores gerundiais, embora possam formar construções complexas igualmente interdependentes, tendem a permitir uma maior flexibilidade semântica e, em alguns casos, podem expressar relações mais hipotáticas, onde a oração gerundial complementa ou adiciona informações à oração principal, mas sem ser necessariamente intrínseca à sua estrutura argumental.

Essa distinção entre os dois tipos de conectores — participiais e gerundiais — não se alinha completamente com as definições tradicionais de "subordinação" e "coordenação". Em vez disso, reflete um continuum entre níveis de integração, no qual tanto os conectivos participiais quanto os gerundiais podem oscilar entre relações mais dependentes ou independentes, dependendo do contexto em que são empregados. Portanto, em vez de categorizar rigidamente as construções como subordinadas ou coordenadas, abordamos todas as construções complexas sob a perspectiva de suas funções semânticas e sua contribuição para o significado global do enunciado.

A análise funcional dos conectores revela que a semântica das construções complexas vai além de uma dicotomia entre dependência e independência, sendo moldada pela combinação de fatores como o tipo de conector, a posição das orações e o contexto

pragmático. No entanto, nosso foco aqui não é analisar a construção complexa na qual o conector faz parte, mas não há como entendê-lo sem descrever todo o contexto em que ele é usado. Temos que entender o papel do conector dentro dos seus contextos mais amplos de uso.

Como defendido nesta tese, o significado é construído a partir da interpretação de múltiplos elementos em conjunto, e não apenas do uso isolado do conector. Contudo, não podemos negar a importância do conector na manifestação do significado da construção complexa como um todo. Ele é um dos responsáveis por indicar a natureza da relação entre as construções que compõem a construção complexa.

Entretanto, um conector pode assumir uma pluralidade de significados. Diversos conectores existentes na língua apresentam distintos graus de composicionalidade, além de diferentes núcleos formadores. Isso significa que certos traços semânticos inerentes ao núcleo de um conector podem, ou não, exercer influência direta sobre a interpretação da construção em que se encontram. O conector, portanto, não age de maneira isolada, mas em interação com o contexto e outros elementos do enunciado.

Essa pluralidade de significados é evidente no uso de conectores como o "e", como exemplificado por Rosário (2013). Embora prototipicamente associado às construções aditivas, o "e" pode ser utilizado em outros contextos, como o concessivo. Veja o exemplo (3) abaixo:

2 Pedro não tinha muita cultura *e* passou no concurso. (ROSÁRIO, 2013, p. 30)

Na ocorrência (3) acima, poderíamos alternar o “e” por “mas”, pois há uma relação de contraste entre “Pedro não tinha muita cultura” e “passou no concurso” com ambos os conectores. Esse exemplo ilustra que o conector não é o único responsável pelo significado desempenhado pelas construções. A interpretação depende de diversos fatores, como o contexto linguístico (a possibilidade de o "e" unir construções com significados contrastantes) e o contexto extralinguístico (objetivos comunicativos do enunciador, expectativas pragmáticas, etc.).

A análise das construções complexas está intimamente ligada à identificação das relações semânticas subjacentes que unem duas ou mais orações. Nesse sentido, as construções complexas são compostas por construções simples que, ao serem combinadas, formam uma unidade holística, ou seja, apresentam um significado completo. Para compreender esse significado, é fundamental pensar na ação integrada das

cláusulas, e não apenas nas construções simples separadas, uma vez que a combinação das construções reflete a maneira como os usuários da língua constroem significado em contextos de uso específicos.

Apesar de serem categorias diferentes, veremos que os significados expressos pelas construções complexas apresentam muitas similaridades entre si. Bechara (1954, p. 11) alega que “*a lógica popular não faz separação rigorosa entre o pensamento condicional, o temporal e o causal*”, e ainda, as confundem constantemente com a noção de concessão. Pela teoria que adotamos para a realização desta tese, tal fato é explicado como consequência da estruturação da língua em rede, já que as construções se interligam entre si. Logo, a rede causal está ligada à rede concessiva, à condicional, e assim por diante, formando o *continuum*, como proposto por Hopper e Traugott (2003).

Nesse contexto, diferentemente da gramática tradicional, que geralmente classifica as construções complexas exclusivamente com base no uso do conector, as perspectivas oferecidas por Gonçalves e Oliveira (2020) complementam e ampliam a compreensão referente às construções complexas, pois realçam a importância de considerar tanto as dimensões formais quanto funcionais para análise. Além disso, também se faz importante o trabalho de Hopper e Traugott (2003), uma vez que este se concentra na dimensão funcional das construções, categorizando-as em um *continuum* entre os níveis de parataxe, hipotaxe e subordinação. Dessa forma, optamos pela combinação dessas duas perspectivas, a fim de obter uma visão mais abrangente das construções complexas, considerando tanto a sua estrutura formal quanto a sua função semântica, e o *continuum* entre elas.

Consoante à noção de redes interligadas e de um *continuum* existente entre as categorias linguísticas, veremos, nas próximas seções, que embora algumas construções complexas possam parecer distintas em muitos aspectos, elas compartilham similaridades significativas, desafiando as classificações tradicionais e evidenciando a complexidade das estruturas linguísticas. Por exemplo, Neves (2000) oferece uma perspectiva elucidativa ao relacionar as redes causal, concessiva e condicional pela causalidade. Segundo Neves, as concessivas envolvem um vínculo causal negado, onde uma relação de causa e efeito é reconhecida, mas seu impacto é refutado ou limitado. As condicionais, por sua vez, tratam de um vínculo causal hipotetizado, propondo cenários onde a relação de causa e efeito depende da realização de uma condição. Já as causais afirmam explicitamente a existência de um vínculo causal direto e confirmado entre eventos.

Diante dessas considerações, o próximo passo é aprofundar a análise das nuances semânticas de cada tipo de construção. Nas seções seguintes, exploraremos detalhadamente as características e funções das construções causais, condicionais, concessivas, adversativas, aditivas e conclusivas, discutindo suas especificidades e interrelações. A análise será conduzida levando em conta tanto as dimensões formais quanto as funcionais, conforme sugerido por Gonçalves e Oliveira (2020) e Hopper e Traugott (2003). Com isso, nosso objetivo é esclarecer nuances dessas construções, com uma visão mais abrangente e integrada, e resolver possíveis ambiguidades associadas à análise dos dados desta tese.

### 1.3.1 Construções causais

Segundo Oliveira (2020), as construções causais podem ser representadas pelas construções esquemáticas [[[CONECTOR ORAÇÃO CAUSAL] [ORAÇÃO EFEITO]] ↔ [RELAÇÃO DE CAUSALIDADE]]] e [[[ORAÇÃO EFEITO] [CONECTOR ORAÇÃO CAUSAL]] ↔ [RELAÇÃO DE CAUSALIDADE]]], pois são formadas por uma oração causal, uma oração efeito e um conector. A posição CONECTOR no *slot* pode ser preenchida por diferentes elementos, tais como [advérbio + que] (*já que*); [preposição + nome + que] (*por razão que*); [particípio + que] (*visto que, dado que*), [particípio + como] (*visto como*), etc. E, a relação causal entre as orações é mais frequente em hipotaxe, mas também pode se codificar em parataxe (NEVES, 2014, p.119).

O conector “porque” é o conector prototípico da categoria. Na pesquisa de Paiva e Oliveira (2022), pesquisou-se os conectores “porque”, “por VINF pois”, “como”, “ca”, “que”, “já que”, “porquanto”, “pois que”, “visto que”, “uma vez que”, “segundo”, “visto como”, “pero que”, “por razão que”, “como quer que”, “pero” e “posto que”, e “em todos os períodos, sobressai a recorrência de *porque*, que responde por, aproximadamente, metade dos dados de cada um dos períodos” (PAIVA, OLIVEIRA, 2022, p. 856). De um total de 2.587 dados analisados, 1.275 são compostos pelo “porque”, e 1.312 dados se dividem nos outros conectores. Ele é o membro mais frequente da rede causal e ainda, é “o mais gramaticalizado, mais usual, e, portanto, menos específico da língua portuguesa” (NEVES, 2014, p. 117).

Em relação à posição das orações, Neves (2000) defende que a língua segue uma iconicidade discursiva, e no caso das orações causais, primeiro se anuncia o efeito e depois a causa, como em (4):

- 2 Nossa conversa não foi adiante PORQUE, infelizmente, a confissão terminada, o reitor saiu do quarto e o ambiente logo mudou (NEVES, 2000, p. 804)

Em (4), sendo “nossa conversa não foi adiante” o efeito e “**PORQUE**, infelizmente, a confissão terminada, o reitor saiu do quarto e o ambiente logo mudou” a causa, uma vez que a ordem icônica do mundo seria causa e depois efeito. Uma possível explicação seria: “*a partir do efeito, deduz-se a causa*” (CAVAGUTTI, HIRATA-VALE, 2014, p.78). Ou ainda, discursivamente, o usuário da língua atinge seu propósito com a ordem “primeiro uma informação nova (efeito/ consequência) e depois uma informação já compartilhada (causa)”, o que contradiz com a iconicidade dos fatos do mundo real. Não podemos focar na ideia de sequencialidade, pensando puramente na ordenação cronológica dos eventos, pois cada enunciado se constrói em uma versão cognitiva particular e vinculado a intenção comunicativa, seguindo as escolhas de quem anuncia e sua fala particular.

De um ponto de vista lógico-semântico, podemos entender a causa pelo domínio da condicionalidade, pois a ocorrência de uma oração é condição suficiente para o estado de coisas da outra oração. Ou seja, o evento descrito em uma depende da ocorrência do descrito na outra, como uma condição suficiente e necessária para a ocorrência (NEVES, 2000). Por exemplo: em “*nossa conversa não foi adiante PORQUE, infelizmente, a confissão terminada, o reitor saiu do quarto e o ambiente logo mudou*” (NEVES, 2000, p. 807), a confissão terminar, o reitor sair do quarto e o ambiente logo mudar formam a condição necessária e suficiente que causa “a conversa terminar”.

Segundo Neves (2000), relacionar causa à condição limita a interpretação das construções causais. Apenas pontuamos tal fato, pois as construções que analisamos nesta pesquisa também são membros da rede condicional. Na seção dedicada à descrição das construções condicionais, veremos que estas também se relacionam à causalidade. São domínios muito próximos, mas podemos, então, tentar diferenciá-los (o que nem sempre é possível) causa e condição pela veracidade ou falsidade das proposições. Por esse motivo, a importância do contexto discursivo para a análise linguística.

A interpretação causal está relacionada à explicação/ justificativa de situações que estabelecem relação com o mundo real, e se concretizam no discurso. Porém, “[...] a questão não é dois estados de coisas serem causalmente relacionados, mas é o falante apresentá-los assim”. (NEVES, 2000, p. 816), como podemos observar em:

- 3 Tratava-me como criança. Uma vez me passou um pito PORQUE joguei fora o remédio. Outra vez se zangou PORQUE me encontrou fora da cama (NEVES, 2000, p. 804).

Dar um pito em alguém ou se zangar requerem uma causa, porém, os fatos “joguei o remédio fora” e “me encontrou fora da cama” não necessariamente fazem com que alguém passe um pito ou se zangue, a não ser que seja uma criança. O modo como o usuário da língua anuncia os fatos fez com que fossem condições suficientes. Assim, vemos que é necessário que os usuários da língua façam avaliações acerca dos eventos enunciados e do mundo real, pois a relação causal entre os estados de coisas depende do contexto de uso, que envolve até mesmo as intenções de quem anuncia.

Além disso, de acordo com Neves (2000) e Sweetser (1990), para a interpretação das causais, devemos considerar: i) os estados de coisas relacionados ao mundo real, como em “*a multiplicação das colônias e sua distribuição pela pastagem é necessária PORQUE as vespas fêmeas não têm asas, o que limita sua dispersão*” (NEVES, 2000, p. 804); ii) conhecimento, julgamento e crença dos envolvidos no discurso: Isso porque, algumas vezes, a oração efeito constitui uma conclusão possível, baseada no conhecimento e na avaliação do usuário da língua acerca das relações entre as proposições, como em “*do leite devemos fazer uso abundante PORQUE, além de ter efeito específico sobre o crescimento do organismo, é muito rico em cálcio*” (NEVES, 2000, p. 805); iii) dois atos de fala distintos, no qual o usuário da língua que o utiliza julga haver uma relação de explicação entre os dois, como “*you canta comigo, PORQUE Santa Clara gosta muito de crianças*” (NEVES, 2000, p. 805). Não há ligação de causa-consequência (ou causa-efeito) real/ material entre “*you canta comigo*” e “*Santa Clara gosta muito de crianças*”, mas o usuário da língua acredita que a informação enunciada seja relevante para construir a relação de causa no momento da interação.

Esses são os três domínios propostos por Sweetser (1990), conhecidos por: i) domínio de conteúdo, ii) epistêmico e iii) interacional. Observando a natureza semântico-pragmática das orações, percebemos que há um crescente grau de subjetividade, sendo à esquerda a mais objetiva e com maior carga semântica causal, e à direita, as mais distantes da relação de causalidade

Sweetser (1990) também propôs domínios para a leitura das condicionais. Veremos na seção a seguir.

### 1.3.2 Construções condicionais

Segundo Neves (2000), as construções condicionais são constituídas por duas proposições interdependentes e não totalmente encaixadas (hipotáticas), que estabelecem relação de condição para a realização de um fato ou evento, ligadas (ou não) por um conector. Sendo assim, propomos representá-las pelas construções esquemáticas [[[CONECTOR CONSTRUÇÃO CONDICIONAL] [CONSTRUÇÃO PRINCIPAL]] ↔ [RELAÇÃO DE CONDICIONALIDADE]], quando são utilizadas na ordem construção *subordinada* > *principal*, e [[[CONSTRUÇÃO PRINCIPAL] [CONECTOR CONSTRUÇÃO CONDICIONAL]] ↔ [RELAÇÃO DE CONDICIONALIDADE]], na ordem inversa *principal* > *subordinada*.

O conector prototípico da categoria é o “se”, porém muitos trabalhos têm mostrado o quão vasta é a rede construcional dos conectores condicionais (OLIVEIRA, 2008, 2010, 2019; OLIVEIRA, HIRATA-VALE, 2017; HIRATA-VALE, 2005; CLEMENTE, 2020; FABBRI JUNIOR, CLEMENTE, 2020).

Acima vemos que os elementos preenchedores dos *slots* dos subesquemas são de natureza bastante variada: V (verbos), ADV (advérbios), PREP (preposição), N (nome), entre outros.

Apesar de o conector trabalhar na configuração do significado condicional, não podemos associá-lo exclusivamente a isso, pois “*o significado condicional é simbólico e não composicional, já que não resulta da simples soma do significado das partes que compõem a estrutura condicional*” (OLIVEIRA, 2019, p. 119). Tal fato pode ser comprovado com o exemplo (6) abaixo:

2 Lá, se tem uma briga, o cinegrafista está no meio. (OLIVEIRA, 2019b, p.13)

No exemplo (6) acima, retirado de Oliveira (2019b, p. 12-3), vemos que embora seja utilizado o conector condicional prototípico, “se”, o sentido condicional está fraco e a relação estabelecida entre as duas construções é de habitualidade do tipo [sempre que X Y], como o expresso pelos conectores “quando” ou “sempre que”.

Isto posto, acreditamos que o significado condicional seja instaurado a partir de vários elementos em conjunto, como a escolha do conector, o tempo e o modo verbal, entre outros. Nesse caminho, o caráter não assertivo, característica basilar da categoria condicional, pode ser estabelecido pelo uso do conectivo, como no caso de “se” e de todos

os conectivos que ele integrar, como “exceto se”, “caso se”, “salvo se” etc. (DANCYGIER, 1998); mas também há conectivos condicionais que não conseguem por si só garantir não assertividade, como “dado que” e “posto que”, e assim, precisam recorrer ao modo subjuntivo, marcador de incerteza (CLEMENTE, 2020). Embora “supondo que” não apresente a conjunção se, ele também é marcador de não assertividade devido ao sentido lexical de sua base verbal, “supor” (OLIVEIRA, 2019a), como veremos na análise de dados.

O caráter não assertivo pode ser definido com a afirmação de Hirata-Vale (2012, p. 4): *"a oração condicional é aquela que exprime um fato que não se realizou ou, com toda a certeza, não se realizará"*. Assim, quando um conector consegue por si só estabelecer não assertividade, toda informação contida nas construções é apenas considerada no discurso, mas não é real.

Além do contexto não assertivo, as construções condicionais apresentam marcas da postura epistêmica do usuário da língua, isto é, ele assume uma posição perante o evento descrito na construção (associação ou dissociação mental). Segundo Ferrari (2008), no português, as construções condicionais conseguem sinalizar apenas postura neutra e negativa (também denominada como contrafactual).

De acordo com Ferrari (2000), a postura epistêmica é decodificada por meio da forma verbal: a postura epistêmica neutra ocorre quando o usuário da língua utiliza o futuro do subjuntivo, intercambiável com o presente do indicativo (FERRARI, ALMEIDA, 2015), na oração; para a postura epistêmica contrafactual, os verbos apresentam-se no tempo pretérito. Veja os exemplos:

- 3 Se Maria **for** para a Itália, ela **deixará/vai deixar** o emprego. (FERRARI, 2000, p. 26)
- 4 Se Maria **fosse** para a Itália, ela deixaria/deixava o emprego. (FERRARI, 2000, p. 26)
- 5 Se Maria **tivesse ido** para a Itália, ela teria deixado/tinha deixado o emprego. (FERRARI, 2000, p. 26)

Em (7), o usuário da língua, a partir do uso do futuro do subjuntivo “for”, não se distancia totalmente da veracidade do fato anunciado, mas também não afirma a ida de Maria para a Itália. Temos, então, uma postura neutra. Em (8), a partir do uso do pretérito imperfeito do subjuntivo, o usuário da língua mostra sua descrença em relação à viagem de Maria para a Itália, e assim, sua postura epistêmica é negativa/contrafactual, assim como em (9), mas um pouco mais forte, já que utiliza o pretérito-mais-que-perfeito do

subjuntivo “tivesse ido”, sinalizando seu total distanciamento perante a veracidade do fato anunciado, ou seja, a ida de Maria para a Itália não aconteceu, de jeito nenhum.

Para utilizar construções condicionais, o usuário da língua precisa fazer representações mentais perante as situações do mundo. Nesse caminho, Fauconnier (1994) explica que a mente humana projeta espaços mentais fora do domínio da linguagem para que o sentido se configure ao realizar operações hipotéticas. Vemos, então, a correlação da linguagem ao sistema cognitivo humano, tão defendido pelos estudos construcionais baseados no uso. “A prótase da condicional possibilita a introdução de um espaço mental P, que funciona como um operador sobre o discurso subsequente, e abre um domínio discursivo por enquadramento específico.” (FERRARI, 2008, p.121). Veja:

6 Se a tartaruga **tivesse sido** lenta, Achilles a teria pego.<sup>18</sup>

Em (10), o emprego do pretérito “tivesse sido” indica contrafactualidade em relação a tartaruga ser lenta, ou seja, ela não foi lenta. Além disso, o “se” funciona como criador de espaço mental hipotético. Temos, então, dois espaços hipotéticos: “Achilles a teria pego” e “se a tartaruga tivesse sido lenta”. São apenas hipotéticos, pois não aconteceram. O usuário da língua apenas imagina e considera o fato da tartaruga poder ter sido “ser lenta”, o que acarretaria no “a ter pegado” da outra oração, assim como o não “ser lenta”, ocasiona em “não ter a pego”. O usuário imagina um espaço em que a informação da oração condicional acarreta na informação da oração principal.

Tal relação é também estabelecida pelo que Dancygier (1998) denominou por causalidade não preenchida, outra característica das construções condicionais. Segundo Oliveira e Hirata-Vale (2017, p. 300) “[...] a relação de causalidade está na base do significado condicional, que se forma a partir da sequencialidade estabelecida entre eventos, proposições e atos de fala”. No exemplo (11), temos uma construção introduzida pelo prototípico “se”, que pode ser interpretada como: caso a pessoa faça “isso”, expresso na oração condicional, causará na falha de cumprir sua promessa, informação da oração principal, como em:

7 Se eu faço isso estou faltando minha promessa. (Neves, 2000, p. 830)

---

<sup>18</sup> If the tortoise had been slow, Achilles would have caught it. (FAUCCONIER, 1994, p. 357)

Vemos, então, que há relação entre as construções causais e condicionais. Assim defendem Neves (2000), Clemente (2020), Oliveira e Hirata-Vale (2017), Sweetser (1990), entre outros. Porém, nas construções causais, os usuários da língua elaboram espaços mentais que dão acesso a informações já dadas (anteriormente acessadas), enquanto as construções condicionais criam espaços mentais hipotéticos, como cenários prováveis e imaginários. As condicionais criam espaços mentais novos e as causais retomam espaços já existentes. Similarmente às construções causais, as condicionais também podem ser interpretadas de acordo com domínios: de conteúdo, atos de fala, epistêmicas e metatextuais (DANCYGIER; SWEETSER, 2005).

As construções condicionais de conteúdo apresentam a relação mais perceptível de causa, uma vez que há dependência na realização dos estado-de-coisas, pois uma informação motiva a outra, como se observa no exemplo extraído de Neves (2000, p.499), no qual a retirada dos ovários implicaria na atrofia das glândulas mamárias, com uma ideia de sequencialidade dos fatos:

- 8 Se se tivessem retirado os ovários, as glândulas mamárias se teriam atrofiado.

O outro domínio de interpretação, as construções epistêmicas, são as que mostram que a verdade posta na oração condicional acarreta a verdade colocada da oração principal. Ainda há certa interpretação causal, mas menos que as condicionais de conteúdo:

- 9 Se ele digitou a tese de Susana, (então) ele a ama. (FERRARI, 1999, p.117)

Em (13), a digitação não causa o amor. Conclui-se que o sentimento do amor tenha o feito digitar a tese de Susana, como se estivéssemos diante de uma conclusão (CLEMENTE, 2020).

Em relação às condicionais de atos de fala ou pragmáticas, o sentido se constrói sobre a atitude do enunciador perante seu destinatário e o evento de fala. Veja:

- 10 Se você é tão esperto, quando nasceu Tiradentes? (FERRARI, 1999, p.117)

Em (14), não há ligação entre o conteúdo “você é tão esperto” e o nascimento de Tiradentes. O usuário da língua julgou ser necessário dizer “se você é tão esperto”, para então realizar sua pergunta “quando nasceu Tiradentes?”. O usuário da língua acredita

que a informação da oração condicional seja relevante para o momento da interação e precisa ser posta, portanto, altamente intersubjetivo.

Mais intersubjetivas ainda se encontram as condicionais no domínio metatextual, pois caracterizam-se por fazer referência a algum elemento do momento da interação. "A leitura que se faz nesse tipo de condicional é: considerado determinado elemento do discurso, enuncia-se esse ato." (OLIVEIRA, 2017, p. 304):

11 Se ele fez tudo isso vai passar o resto do da vida na prisão. (Neves, 2000: 830)

Em (15), “se ele fez tudo isso” é utilizado como retomada de algo anteriormente dito no discurso, a que não temos acesso aqui. Vemos, então, também a importância do contexto na interpretação das construções. A partir da retomada feita na oração condicional, pode-se enunciar a oração principal: “ele vai passar o resto da vida na prisão”.

Até o momento, vimos que as características das construções condicionais — criação de espaços mentais, não assertividade e causalidade não preenchida — variam conforme o conector, o tempo e modo verbal utilizados e a leitura semântico-pragmática resultado da relação entre oração condicional e oração principal. Por esses motivos não acreditamos ser possível classificar uma construção como condicional apenas considerando o conector, como muitas gramáticas tradicionais o fazem. Conforme Clemente (2020, p.40): “*as construções condicionais apresentam uma grande variedade de formas, incluindo o emprego de diferentes conectivos, verbos etc., o que acarreta em diferentes interpretações*”. Cada conectivo apresenta suas especificidades e pode apresentar mais de um significado a depender do seu contexto de uso, como vimos com o “se”.

Além das características mencionadas até aqui, Dancygier (1998) defende que existem condicionais preditivas e não preditivas, também expressas por meio da escolha verbal das orações. As predições podem ser feitas com o uso do futuro, pois mesmo fora da estrutura condicional, esse tempo verbal é utilizado para se referir a algo posterior ao momento da fala, e a predição feita pelo usuário da língua, projetada nas condicionais, é o ato de prever o que aconteceria caso o enunciado na oração condicional se realizasse, como uma projeção de possibilidade futura.

Além do futuro, as condicionais podem ser consideradas preditivas até mesmo com o uso do pretérito. Embora o tempo pretérito refira-se a algo que aconteceu em

momento anterior à fala, o que não condiz com a noção de predição, Dancygier (1998) afirma que ocorre um *backshifting*, ou seja, um retrocesso no tempo, e a forma verbal não é utilizada em referência a sua real especificação tempo. O tempo utilizado em uma oração é anterior ao tempo usado na outra. Sendo assim, as construções com pretérito também podem ter interpretação preditiva, como em (15):

12 Se tivéssemos presos ao sistema, a situação estaria pior. (CLEMENTE, 2020, p.37)

Em (16), vemos que na oração condicional há o emprego do pretérito imperfeito do subjuntivo, “tivéssemos”, e na oração principal, o uso do futuro do pretérito do indicativo, “estaria”. Logo, o evento o evento de fala “a situação estaria pior” é posterior a “tivéssemos presos ao sistema”. “A situação estaria pior” é a predição elaborada pelo usuário da língua, imaginando que o enunciado na oração condicional fosse acontecer.

A seguir, veremos outro tipo de construções: as concessivas.

### 1.3.3 Construções concessivas

As construções concessivas desempenham um papel fundamental na organização do discurso ao introduzirem uma ideia ou informação que contrasta com a expectativa criada pelo enunciado principal. De acordo com a abordagem proposta por Neves (2000), as construções concessivas revelam uma relação complexa entre a informação apresentada e a expectativa gerada, destacando uma quebra ou contraste que pode alterar o entendimento do enunciado. Para ilustrar a função das construções concessivas, consideremos o seguinte exemplo:

2 As estrelas, muito distantes, são consideradas fixas [...] (NEVES, 2000, p. 862),

A partir da leitura do trecho “*as estrelas, muito distantes, são consideradas fixas [...]*” (NEVES, 2000, p. 862), compreendemos que as estrelas são fixas, ou seja, imóveis. Estamos diante de uma afirmação. No entanto, com a leitura do trecho completo “*as estrelas, muito distantes, são consideradas fixas, **EMBORA** não o sejam*” (NEVES, 2000, p. 862) percebemos que há uma quebra de expectativa: não esperávamos nos deparar com a informação de que as estrelas não são fixas com base no que nos foi introduzido anteriormente. Há, também, um contraste de valores “são consideradas fixas” e “não o sejam”.

Rosário (2013), autor que se ampara em teorias baseadas no uso, identifica que algumas definições privilegiam aspectos semânticos e pragmáticos, outras os sintáticos, e assim, propõe uma definição que considera como “mais prática e funcional possível”:

Construção concessiva - estrutura contrastiva em que se combinam uma base e uma cláusula concessiva (ou sintagma concessivo), a qual expressa um fato real ou suposto que não impede ou modifica a realização do fato principal. Assim, esse fato presente no segmento concessivo seria oposto à realização da informação da base, mas inoperante. (ROSÁRIO, 2013, p. 30)

Nos trabalhos sobre construções concessivas (NEVES, 2000; CONEGLIAN, 2019; FONTES, 2016), ao tratarmos de aspectos da forma, nos deparamos com a informação de que essas são formadas por duas orações (oração concessiva e principal) e um conector, sendo o prototípico o “embora”, correlacionados à relação de concessividade, cujo significado básico é o de quebra de expectativa, pois aquilo que se espera a partir da enunciação da oração concessiva é negado na oração principal, ou ainda, aquilo que se espera na principal, é negado na concessiva. Desse modo, em relação à forma, propomos representá-las pelas seguintes construções esquemáticas:

[[[CONECTOR CONSTRUÇÃO CONCESSIVA] [CONSTRUÇÃO PRINCIPAL]] ↔ [RELAÇÃO DE CONCESSIVIDADEE]] e  
 [[[CONSTRUÇÃO PRINCIPAL] [CONECTOR CONSTRUÇÃO CONCESSIVA]] ↔ [RELAÇÃO DE CONCESSIVIDADEE]]

O significado base pode ser estendido para interpretação conforme os domínios propostos por Sweetser (1990), assim como as causais e as condicionais.

No domínio de conteúdo, a oração condicional é vista como obstáculo para a realização dos eventos da oração principal, de acordo com o mundo real, mas mesmo assim é incapaz de impedi-los. Já as concessivas que se encontram no nível do domínio epistêmico estão relacionadas a um contraste na conclusão que se poderia chegar a partir do enunciado pela oração. E as do domínio dos atos de fala, o usuário da língua, pela maneira que enuncia, faz um ato de fala declarativo, mas, logo em seguida, introduz outro ato de fala declarativo que desqualifica a afirmação que fez, iniciando com a oração principal, como no esquema [[[ORAÇÃO PRINCIPAL] [CONECTOR ORAÇÃO CONCESSIVA]] ↔ [RELAÇÃO DE CONCESSIVIDADEE]]. Por exemplo, consideremos a construção:

- 3 A água não constitui fator limitante, EMBORA possa haver certo déficit na estação da seca” (NEVES, 2000, p. 873)

A construção (18) acima pode ser compreendida tanto no domínio do conteúdo quanto no domínio epistêmico. Isto, porque, não é sempre que conseguiremos definir apenas uma natureza exata para as construções (NEVES, 2000), como defendemos desde o início desta tese. Há casos em que mais de uma leitura é possível (o mesmo pode acontecer com as condicionais e com as causais). Podemos entender que dois fatos do mundo “a água não constitui fator limitante” e nesse mesmo mundo “há a possibilidade de acontecer um déficit de água na estação da seca” — domínio de conteúdo; ou ainda, “a possibilidade de acontecer um déficit de água na estação da seca” é fruto da mente do enunciador, e não um fato do mundo, o que ocasiona uma leitura epistêmica. Outro exemplo é:

- 4 “AINDA QUE mal pergunte, o senhor é médico?” (NEVES, 2000, p. 873)

Em (19), a análise recai sobre o domínio dos atos de fala, uma vez que não há uma relação entre conteúdos ou fatos possíveis, mas sim sobre os atos de fala envolvidos.

Segundo Neves (2000), a ordem típica das concessivas é posposição, ou seja, [[[CONSTRUÇÃO PRINCIPAL] [CONECTOR CONSTRUÇÃO CONCESSIVA]] ↔ [RELAÇÃO DE CONCESSIVIDADEE]], pois primeiro o usuário da língua faz sua declaração, para depois expressar sua objeção, como na defesa do seu ponto de vista ou uma ressalva. No entanto, as concessivas também podem apresentar-se em posição anteposta, seguindo o raciocínio de que primeiro se contesta uma possível objeção do interlocutor, e depois o usuário faz sua afirmação.

A partir das questões até aqui levantadas, surgiu o questionamento acerca da proximidade entre as construções concessivas e adversativas. Esse parentesco é apontado por autores como Neves (2000), Bechara (2003), Coneglian (2019), entre outros. Na próxima seção, nos dedicamos à reflexão das construções adversativas.

### 1.3.4 Construções adversativas

A fim de representar esquematicamente as adversativas, propomos a seguinte construção:

[[[CONSTRUÇÃO PRINCIPAL] [CONECTOR CONSTRUÇÃO ADVERSATIVA]] ↔ [RELAÇÃO ADVERSATIVA]]]

A representação acima mostra a adversativa em posição de posposição. Ao contrário das concessivas, as adversativas não são flexíveis quanto a sua posição e se encontram sempre pospostas, o que muitos autores defendem como uma estratégia de preparação defensiva, numa tentativa de antecipação de uma possível objeção, enquanto a anteposição das concessivas pode ser vista como uma escolha discursiva do enunciador de querer negar logo de uma vez, trazendo uma crítica com o propósito de atacar ao invés de adiar um conflito. Veja:

2 As duas acabam brigando, **MAS** a amizade não termina. (NEVES, 2000, p. 865)

3 **EMBORA** as duas acabem brigando, a amizade não termina. (NEVES, 2000, p. 865)

Nas ocorrências (20) a oração iniciada pelo conector adversativo “mas” encontra-se em posposição e na (21), a com o concessivo “embora”, em anteposição. Além da posição, notamos diferença também na escolha do modo verbal. Segundo Castilho (2012), gramaticalmente as adversativas se expressam no indicativo e se situam em segundo lugar na sentença complexa; as concessivas se expressam no subjuntivo, que é o modo da subordinação, e se colocam em primeiro lugar na sentença complexa.

As adversativas são tradicionalmente consideradas como construções coordenadas e as concessivas, construções subordinadas. O conector adversativo prototípico é o “mas”, utilizado na exemplificação (20) de Neves (2000) acima, e por isso é o foco dos estudos dedicados a categoria.

De acordo com Longhin-Thomazi (2006), as construções adversativas apresentam diversos valores semânticos, tais como:

i) oposição: a oração concessiva é o oposto semanticamente da oração principal:

4 Vou bem. **MAS** você vai mal. (NEVES, 2000, p. 758)  
(= “eu bem” contrasta com “você mal”)

ii) refutação/retificação: o enunciador usa, explicitamente, elementos de negação e anulação, como o “não”, pois a oração principal fornece ou sugere uma informação que é refutada ou eliminada com o uso do conector “mas” na oração condicional:

- 5 Pensei em falar, em dizer mil coisas que me ocorrem, **MAS não consegui** sequer abrir a boca. (NEVES, 2000, p. 765)  
(= “pensei em falar” é anulado por “mas não consegui sequer abrir a boca”)

iii) compensação: quando a oração principal apresenta uma informação negativa que é compensada por uma informação positiva na oração condicional:

- 6 Longo, **MAS** lido com voz clara e sem hesitações, o discurso no Congresso arrancou aplausos em várias ocasiões. (NEVES, 2000, p. 760)  
(= o discurso no Congresso foi longo, mas em compensação/ “pelo menos” foi lido com voz clara e sem hesitações)

iv) restrição: quando a oração condicional rompe com a generalização feita na oração principal e impõe uma restrição:

- 7 Queria que o filho fosse ministro, sim, **MAS** ministro protestante. (NEVES, 2000, p. 762)  
(= informação geral “filho ser ministro”; restrição “ministro protestante”)

(v) diferença: quando houver uma comparação de igualdade entre duas entidades e a oração adversativa apresentar uma diferença entre ambas, introduzida pelo conector “mas”, o que acarreta no cancelamento das pressuposições criadas pela comparação:

- 8 Esse perigo era maior na hora de atravessar a esquina, quando ficavam esperando uma oportunidade - o trânsito estava muito movimentado - e então se expunha inerentemente à vista dos outros. **MAS** os carros estacionados **não** eram **menos** perigosos. (NEVES, 2000, p. 764)  
(= comparação entre o trânsito com veículos em movimento e os carros estacionados, anunciado na oração com o conector, marcado pela comparação explícita “menos perigosos”)

(vi) contra-argumentação: ocorre quando o enunciador fornece informações para uma dada conclusão inferida, mas na sequência a desfaz, fornecendo uma nova conclusão:

- 9 Íamos começar o jogo da vida e já mal servidos de corpo, derrotados de nascença. **MAS** eu não queria insistir nessas coisas para não desanimar os companheiros. (NEVES, 2000, p. 767)  
(= “começar o jogo da vida” parece ser desconsiderado, uma vez que a conclusão segue um raciocínio inesperado)

Após percorrer os exemplos de (20) a (27) acima e a literatura existente, percebemos que os adversativos só ocorrem em início de enunciados, sempre após uma pontuação — ou vírgula, ou ponto final, ou início de frase. O valor contrastivo visto nas construções concessivas e adversativas também pode ser expresso em construções compostas pela conjunção aditiva “e” (já mencionado por nós anteriormente). Com a leitura da próxima seção entenderemos as motivações e as características do valor aditivo com mais detalhes.

### 1.3.5 Construções aditivas

Segundo Neves (2000), as construções aditivas são formadas principalmente por um conector, como o prototípico “e” ou “nem”, e duas orações que estabelecem entre si relação de adição. Assim, propomos representa-las com o seguinte esquema:

[[[CONSTRUÇÃO<sub>i</sub>] [CONECTOR ADITIVO CONSTRUÇÃO<sub>j</sub>]]] ⇔ [RELAÇÃO DE ADIÇÃO]

No esquema acima, observamos que a primeira parte da construção aditiva é denominada "construção<sub>i</sub>", pois ela não se sobrepõe à segunda ("construção<sub>j</sub>"). Em construções aditivas, ambas as partes possuem o mesmo valor semântico, ou seja, não há uma construção principal. A primeira construção oferece a base informativa, à qual será acrescentada a segunda (construção<sub>j</sub>). O conector aditivo (como "e" ou "nem") conecta as duas construções, estabelecendo entre elas uma relação de adição.

Muitos autores defendem que esse significado de adição seria uma espécie de significado mais central, que possui a possibilidade de se estender a outros não-centrais possíveis, como adversatividade, concessividade etc. (ALARCON, 2003, *apud* ROSÁRIO, 2013, p. 30). Isso porque a adição é considerada o significado mais neutro das construções hipotáticas, e assim, se direciona mais a partir dos contextos textuais. Nesse caminho, Neves (2000) aponta que a relação de adição entre duas orações pode resultar em interpretações semânticas de contraste ou de causa-consequência, como nos exemplos abaixo:

2 *Depenava frango E não ganhava nada. (NEVES, 2000, p. 739)*

(= Depenava frango, **MAS** não ganhava nada)

(= Depenava frango, **EMBORA** não ganhava nada)

Oração<sub>i</sub>: Depenava frango

Oração<sub>j</sub>: não ganhava nada

3 *O antigo proprietário morreu, E seus herdeiros atuais perderam a mão na condução do hotel. (NEVES, 2000, p. 740)*

Oração<sub>i</sub>: O antigo proprietário morreu

Oração<sub>j</sub>: seus herdeiros atuais perderam a mão na condução do hotel

No exemplo (28), de Neves (200, p. 739), a oraçãoj é um acréscimo de informação à oraçãoi, mas as informações expostas nelas são contrastivas, o que acarreta em uma interpretação marcada por contraste, que neste caso, pode ser parafraseado pelo conector adversativo “mas” e pelo conector concessivo “embora”, o que leva ao entendimento da variação das construções aditivas tanto no âmbito da hipotaxe como no âmbito da parataxe. Rosário (2013), inclusive, estuda construções aditivas-concessivas (paratáticas).

No segundo exemplo, (29), percebemos que a informação da oraçãoj é adicionada a da oraçãoi, mas estabelecem entre si uma relação de causa-consequência, pois a morte do antigo proprietário do hotel causou a passagem do hotel para os herdeiros e esses perderam a mão na condução do hotel. Há uma sequência cronológica nos eventos: para se ter herdeiros, primeiro alguém morre. Os eventos são postos no discurso em uma relação temporal sucessiva.

Portanto, em relação à ordem, pode acontecer casos em que os eventos apresentam uma ordem indispensável, que segue a lógica dos fatos do mundo, como no exemplo de Neves acima, em que não é possível ser anunciado: “seus herdeiros atuais perderam a mão na condução do hotel e o antigo proprietário morreu”, o que acarretaria em um problema no nível semântico; mas também, há casos em que as orações podem ser invertidas sem alteração de significado, diferindo apenas do ponto de vista do enunciador na distribuição das informações, conforme vemos abaixo:

- 4 *A vítima está internada no hospital da cidade com febre alta e persistente, dores no corpo E mora no bairro Pedra Branca, onde viviam as três pessoas que morreram em função da doença nos meses de junho e julho. (NEVES, 2000, p. 750)*
- 5 *A vítima mora no bairro Pedra Branca, onde viviam as três pessoas que morreram em função da doença nos meses de junho e julho, E está internada no hospital da cidade com febre alta e persistente, dores no corpo. (NEVES, 2000, p. 750)*

Embora as construções aditivas possam apresentar marcas de causa-consequência e contraste, o significado básico de adição não é apagado totalmente. Recorremos à organização da língua em rede: uma construção pode constar em mais de uma rede, portanto, cada conector pode apresentar um “sentido central ou básico, que se estende para outras interpretações e relações significativas, por meio de deslizamentos semânticos” (ROSÁRIO, 2012), ou seja, casos de polissemia.

Após explorarmos o significado aditivo, voltaremos nossa atenção para as construções conclusivas. Ao contrário das construções aditivas, as construções conclusivas apresentam um foco mais nítido na apresentação de conclusões lógicas. Veremos na seção a seguir.

### 1.3.6 Construções conclusivas

As construções conclusivas, assim como as condicionais, também podem ser entendidas em relação a causa e efeito que estabelecem entre duas partes do discurso. No entanto, as conclusivas se concentram na indicação de uma conclusão ou resultado, o que as diferencia das construções causais, que têm o foco voltado para a causa de eventos ou ações. Exemplos prototípicos de conectores conclusivos incluem "portanto", "logo", "por conseguinte" e "assim". Veja na ocorrência (32) a seguir:

- 2 No Inverno há menos insectos, **logo/ portanto/ por isso** as andorinhas emigram em busca de alimento. (OLIVEIRA, 2011, p.66)

Os conectores "logo," "portanto" ou "por isso" são usados para estabelecer uma relação de causa e efeito, uma vez que devido à escassez de insetos, as andorinhas emigram em busca de alimento. Portanto, a conclusão referente à escassez de insetos é feita a partir da causa direta da informação apresentada anteriormente.

No entanto, essa associação do sentido de conclusão com o de causa nem sempre é possível, como vemos em (33):

- 3 A Ana comprou um maço de tabaco, portanto fuma. (OLIVEIRA, 2011, p.66)

O exemplo dado em (33) ilustra uma situação em que não há uma relação direta de causa e efeito entre as duas ações mencionadas, mas sim uma inferência lógica que o usuário da língua faz com base em evidências e premissas. Consoante ao observado por Floret (2023, p.8): “*O sentido geral de uma construção conclusiva pode ser entendido como a relação entre um fato ou uma premissa, e a conclusão possível decorrente dela.*”. Há uma inferência lógica, baseada em conhecimento cultural e em padrões observados de comportamento, de que, como Ana comprou um maço de tabaco e é uma prática comum que os fumantes comprem tabaco, é razoável concluir que Ana é fumante.

Assim, a expressão da conclusão se apoia num conjunto de proposições, que servem como suporte para a apoiar ou justificar. Tomemos o exemplo (30) novamente. Nele temos como proposição suporte implícita: pessoas que compram um maço de tabaco geralmente fumam. Essa proposição suporte, baseada em um padrão observado pelo conhecimento cultural, justifica a conclusão de que Ana fuma com base em sua ação de comprar tabaco.

Como já mencionado, os conectores conclusivos têm a função de introduzir uma conclusão ou resultado que decorre da informação apresentada anteriormente. Podemos dizer que eles são elementos anafóricos que retomam ou se referem a essa informação anterior. Por essa razão, geralmente aparecem em posição posterior, após a informação que está sendo conectada à conclusão. Se colocados em posição inicial, temos uma estrutura gramaticalmente incorreta. Veja em (34):

4 a. O Rui roubou o diamante, **logo** é um ladrão.

\***Logo** é um ladrão, o Rui roubou o diamante.

b. O Rui roubou o diamante, **portanto** é um ladrão.

\***Portanto** é um ladrão, o Rui roubou o diamante.

c. O Rui roubou o diamante, **então** é um ladrão.

\***Então** é um ladrão, o Rui roubou o diamante.

d. O Rui roubou o diamante, **assim** é um ladrão.

\***Assim** é um ladrão, o Rui roubou o diamante.

f. O Rui roubou o diamante, **por isso** é um ladrão.

\***Por isso** é um ladrão, o Rui roubou o diamante.

g. O Rui roubou o diamante, **por conseguinte** é um ladrão.

\***Por conseguinte** é um ladrão, o Rui roubou o diamante. (OLIVEIRA, 2011, p.152)

Notamos, então que há impossibilidade de anteposição. Essa característica é uma das peculiaridades linguísticas das construções conclusivas. Assim, propomos representar esse tipo de construção com o esquema a seguir:

[[[CONSTRUÇÃO PRINCIPAL] [CONECTOR CONSTRUÇÃO CONCLUSIVA]] ⇔ [RELAÇÃO CONCLUSIVA]]

O esquema acima ilustra a estrutura das construções conclusivas, nas quais a segunda parte do enunciado expressa uma conclusão derivada da primeira. A construção principal apresenta um fato, evento ou premissa inicial que será a base para a conclusão na próxima construção. Um conector conclusivo, tais como "logo", "portanto", "por isso", "assim", introduz a segunda construção, conectando-a ao que foi afirmado anteriormente e marcando a transição para a conclusão ou inferência lógica.

Em síntese, podemos dizer que as construções conclusivas desempenham um papel crucial na expressão de resultados e consequências, pois podem indicar conclusão com certa relação de causa e efeito.

### 1.3.7 Construções explicativas

Embora alguns autores prefiram não separar as construções causais das explicativas, nesta tese defendemos que é necessário distingui-las, pois cumprem funções discursivas distintas. Como veremos na análise dos dados, há exemplos em que a interpretação como construção causal seria inadequada, o que evidencia a importância de tratá-las como explicativas.

Autores como Bechara (2005, p. 121) sugerem que a distinção entre causais e explicativas poderia ser eliminada, devido à dificuldade de traçar "linhas rigorosas de demarcação" entre os dois campos semânticos. De maneira semelhante, Cunha & Cintra (2001) indicam que algumas conjunções subordinativas, como "porque", podem assumir tanto um valor causal quanto explicativo, dependendo do contexto, o que reforça essa proximidade entre as duas construções. Rocha Lima (2003) também argumenta que, apesar das diferenças funcionais, causais e explicativas frequentemente se confundem na prática discursiva, justamente por essa proximidade semântica.

Entretanto, nesta tese, defende-se que é fundamental tratar as construções explicativas como categorias separadas das causais, pois elas cumprem funções discursivas distintas. Enquanto as construções causais expressam uma relação objetiva de causa e consequência entre eventos — onde um fato leva diretamente ao outro —, as construções explicativas introduzem uma justificativa ou uma motivação por parte do

falante em relação à afirmação anterior. Em outras palavras, as explicativas não expressam a causa de um fato no mundo real, mas sim a razão do falante ao expressar sua opinião ou fazer um julgamento sobre o enunciado anterior. Veja o exemplo de Cegalla (2012, p. 290):

35. Choveu durante a noite, porque as ruas estão molhadas. (CEGALLA, 2012, p. 290).

A construção (35) acima é explicativa porque o falante está justificando a afirmação de que "choveu durante a noite" com base em uma observação feita após o fato: "as ruas estão molhadas". Ruas molhadas não causam chuva, ou seja, o falante não está apresentando uma causa real e objetiva para a chuva, mas explica o motivo de sua conclusão de perceber que choveu. O falante observa que as ruas estão molhadas e, com base nisso, faz uma inferência de que choveu. Isso caracteriza a construção como explicativa.

Em uma oração explicativa, a relação estabelecida é entre o falante e o conteúdo do que foi dito, ou seja, o falante fornece um motivo ou justificativa para a própria fala. Se quisesse dar o efeito de causal, elaboraria algo do tipo:

1. As ruas estão molhadas porque choveu durante a noite." (elaboração própria)

Em (36), a chuva é claramente apresentada como a causa do fato de as ruas estarem molhadas. Nesse caso, o conector "porque" introduz uma relação de causa e efeito objetiva: a chuva é o evento que fez com que as ruas ficassem molhadas.

Enquanto as causais estabelecem uma relação direta de causa e efeito entre as orações, as explicativas justificam ou interpretam uma ação ou fato previamente mencionado. Pensando nisso, propomos o seguinte esquema para as explicativas:

[[[CONSTRUÇÃO PRINCIPAL] [CONECTOR CONSTRUÇÃO EXPLICATIVA]] ⇔ [RELAÇÃO EXPLICATIVA]]

O esquema representa uma estrutura na qual a construção principal é seguida por uma construção explicativa, unida a ela por um conector que estabelece uma relação de explicação ou justificativa entre as duas. Mais detalhadamente, a construção principal é a que será justificada ou explicada pela construção que virá a seguir, a explicativa; o

conector faz a ligação entre a principal e a explicativa e introduz a explicação do porquê ou da justificativa do que foi mencionado na principal.

Na perspectiva da Gramática de Construções, as explicativas podem ser compreendidas como parte de um *continuum* de relações semânticas, pois as distinções entre explicativas e causais nem sempre são rígidas, mas sim determinadas pelo uso real em diferentes contextos discursivos. Isso reflete uma visão dinâmica e flexível da linguagem, onde as estruturas gramaticais emergem a partir do uso cotidiano e são moldadas pelas intenções comunicativas dos falantes. Assim, as explicativas, por estarem mais relacionadas ao julgamento ou à justificativa do falante, podem variar em forma e significado conforme o contexto, mas sempre servem ao propósito de justificar ou explicar o enunciado anterior.

As construções explicativas também apresentam uma estrutura mais rígida em termos de ordem das orações. A oração principal geralmente precede a explicativa, pois a explicação é uma resposta ao enunciado anterior. Além disso, a separação entre as orações explicativas e principais costuma ser marcada por uma pausa mais longa, muitas vezes indicada por ponto-e-vírgula ou mesmo um ponto final, diferentemente das pausas mais curtas encontradas nas construções causais (Rocha Lima, 2003). Esse contraste evidencia o propósito discursivo distinto das construções explicativas em comparação com as causais.

Assim, defendemos que, embora as construções explicativas compartilhem algumas características com as causais, elas desempenham papéis discursivos diferentes e merecem ser tratadas como categorias separadas.

Conforme vimos até aqui, as construções complexas no português brasileiro são essenciais para expressar uma variedade de relações semânticas e sintáticas. Neste capítulo, focamos em apresentar essa diversidade seguindo a Gramática de Construções baseada no uso, que permite uma visão mais holística dessas estruturas. Essa abordagem supera as limitações das categorias tradicionais de coordenação e subordinação ao explorar as sutilezas semântico-pragmáticas que ocorrem na língua em uso, proporcionando uma compreensão mais rica das interações lógicas e temporais.

Na Gramática de Construções, cada valor semântico é entendido como uma construção que integra forma e função em contextos específicos. Neste capítulo, focamos nos valores causal, condicional, aditivo, concessivo, adversativo e conclusivo devido aos papéis desempenhados pelos conectores [Vque] os quais identificamos em nossas

análises. Todas essas relações envolvem a conexão de orações para formar construções complexas que expressam significados semânticos distintos e específicos.

Nossa escolha de focar nesses valores semânticos específicos se baseia na evidência de que os conectores [Vque] atuam predominantemente dentro dessas categorias. Embora existam outras relações semânticas possíveis, como a conformidade, essas não foram abordadas aqui, pois não encontramos evidências de conectores [Vque] que expressem tais significados. Ao concentrar nossa análise nesses valores semânticos específicos, proporcionamos uma compreensão mais clara e focada dos conectores [Vque] e suas funções na gramática do português brasileiro.

Com esse entendimento, partimos para a descrição dos métodos utilizados nesta tese, e então, para a análise de dados.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo destina-se a apresentar de maneira detalhada os procedimentos metodológicos adotados na presente pesquisa. A primeira seção, Descrição e Delimitação do Corpus Utilizado para Coleta dos Dados, oferece uma visão geral das fontes de dados empregadas nesta pesquisa. A subseção O Corpus do Português detalha as características e a relevância do *corpus* selecionado, enquanto O Córpus ADESSE apresenta uma descrição semântica das construções e suas partes, elucidando como esses dados foram organizados e preparados para análise.

A seguir, a seção Parâmetros de Análise dos Significados das Construções Coletadas explora os critérios e métodos utilizados para interpretar os dados. Esta seção é subdividida em tópicos que abordam aspectos específicos da análise, incluindo Semântica e Usos dos Verbos que Preenchem o *Slot V*, Factualidade dos Verbos que Compõem a Base dos Conectores, Posição das Construções na Construção Complexa, Correlação Modo-Temporal dos Verbos das Construções Complexas, e Telicidade. Cada um desses parâmetros é essencial para a compreensão detalhada dos significados e das funções das construções analisadas.

### 2.1 DESCRIÇÃO E DELIMITAÇÃO DO CÓRPUS UTILIZADO PARA COLETA DOS DADOS

#### 2.1.1 O Corpus do Português

O *Corpus do Português*<sup>19</sup> é um banco de dados gratuito e *on-line* que permite acesso a bilhões de palavras do português na modalidade escrita. Nele, podemos encontrar três *corpora*: *Genre/ Historical*, *Web/ Dialects* e *NOW (2012- 2019)*, conforme se vê na figura (11) a seguir:

---

<sup>19</sup> Disponível em: [www.corpusdoportugues.org](http://www.corpusdoportugues.org)

**Figura 11:** Interface inicial do *Corpus do Português*.

Created by [Mark Davies](#). Funded by the US [National Endowment for the Humanities](#) (2004-2005, 2015-2017).

|   |                      | Corpus             | Size              | Created |
|---|----------------------|--------------------|-------------------|---------|
| 1 | <a href="#">Info</a> | Genre / Historical | 45 million words  | 2006    |
| 2 | <a href="#">Info</a> | Web / Dialects *   | 1 billion words   | 2016    |
| 3 | <a href="#">Info</a> | NOW (2012 - 2019)  | 1.1 billion words | 2018    |

Click on [\[Info\]](#) above for more details

**Fonte:** Davies (2006).

O *corpus* nominado por *Genre/ Historical* (“Gênero / Histórico”), criado em 2006, apresenta mais de 45 milhões de palavras em cerca de 57 mil textos escritos, do português de Portugal (desde o século 1200 a 1900) e do Brasil (do século 1500 a 1900).

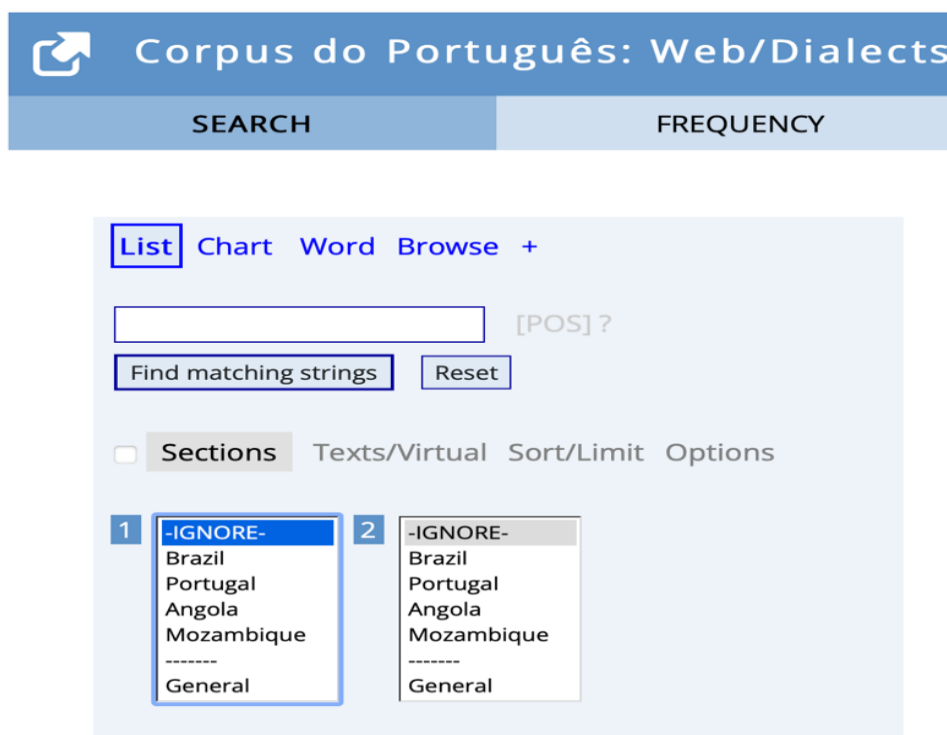
Na aba *sections* é possível delimitar buscas apenas no contexto do português utilizado no Brasil (BRAZ) ou em Portugal (PORT) (conforme mostra figura 12). Ainda na mesma aba, também há maneiras de selecionar ocorrências por séculos, como 1500s (figura 12) ou por gênero textual (ACAD ou NEWS).

**Figura 12:** Seleção do contexto de pesquisa na aba *sections* do *corpus Genre/ Historical*.

**Fonte:** Davies (2006).

Em 2016 foi adicionado o *corpus Web/Dialects* \*, com 1 bilhão de dados retirados de páginas de *web* e com uma maior variedade de buscas. Além disso, adicionou-se dados de mais dois países falantes do português, o que fez com que o *corpus* tenha agora as seguintes variantes: português do Brasil, de Portugal, de Angola e de Moçambique (figura 13).

**Figura 13:** Seleção da variedade do português no *corpus Web/Dialects*.



Fonte: Davies (2006).

O *corpus* incluído mais recentemente, em 2018, é denominado por *NOW* (2012 – 2019) e contém mais de 1 bilhão de palavras do período de 2012 a 2019. Esse também apresenta dados dos quatro países já mencionados (figura 14).

**Figura 14:** Seleção do contexto de pesquisa na aba *sections* do *corpus NOW*.

Corpus do Português: NOW

SEARCH FREQUENCY

List Chart Collocates Compare KWIC

[POS] ?

Find matching strings Reset

Sections Texts/Virtual Sort/Limit Options

1 2012-1 -----  
Brasil  
Portugal  
Angola  
Moçambique  
-----

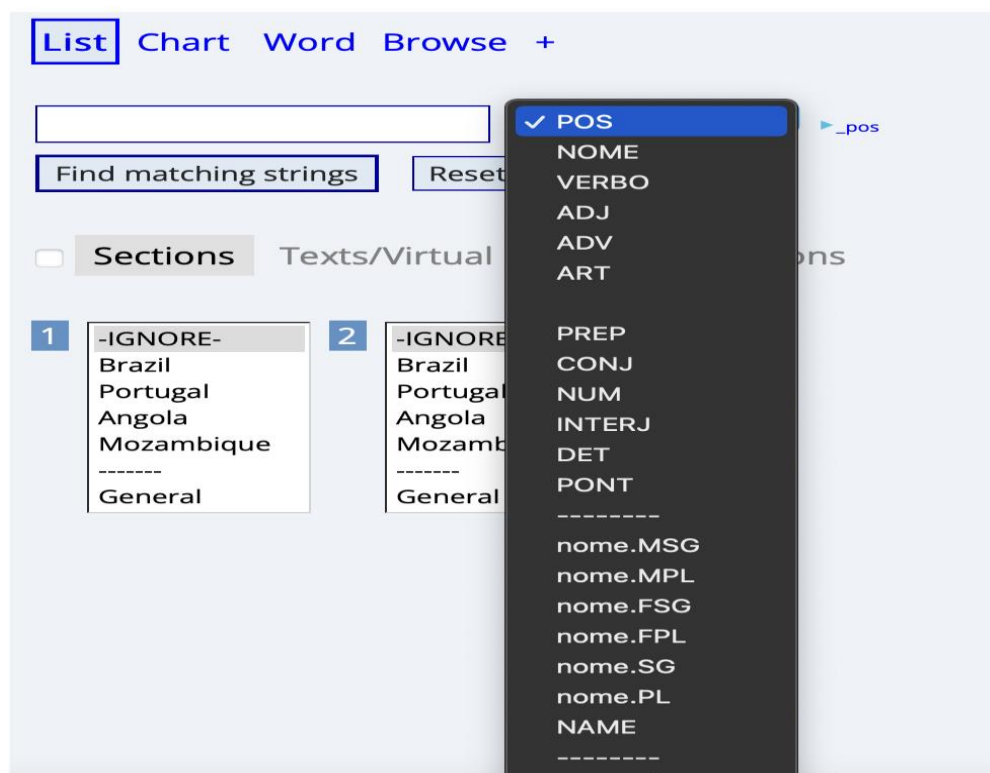
2 --IGNORE--  
2019-1  
2018-2  
2018-1  
2017-2  
2017-1  
2016-2

Fonte: Davies (2006).

No campo de busca do *corpus NOW*, buscamos por etiquetas elaboradas pelo próprio *corpus* em *parts of speech*<sup>20</sup> (POS), conforme vemos na figura (15).

<sup>20</sup> Partes do discurso

Figura 15: Formação de etiquetas no *corpus NOW*.



Fonte: Davies (2006).

O atributo *pos* possibilita buscar relações sintáticas específicas, tais como se vê na figura (15): NOME, VERBO, ADJ (adjetivo), ART (artigo), PREP (preposição), CONJ (conjunção), NUM (numeral), INTERJ (interjeição), DET (determinante), PONT (pontuação); M (masculino), F (feminino), SG (singular), PL (plural).

Na figura (16) podemos ver um exemplo de busca, de *posto que*. Já que em nossa pesquisa buscamos analisar a função de conector, selecionamos CONJ e inserimos `_`, conforme se vê na figura (16). Tal busca resultou em um total de 1551 ocorrências. Para ativar a etiqueta selecionada, é preciso selecionar, na aba *Options*, *group by NONE (SHOW POS)* (figura 16).

**Figura 16:** Exemplo de etiqueta formada e agrupamento pelo "NONE (SHOW POS)".

Corpus do Português: NOW

SEARCH FREQUENCY

List Chart Collocates Compare KWIC

posto\_c que\_c [POS] ?

Find matching strings Reset

Sections Texts/Virtual Sort/Limit Options

# HITS 100

# KWIC 200

GROUP BY NONE (SHOW POS)

CASE SENSITIVE NO

DISPLAY RAW FREQ

SAVE LISTS NO

Fonte: Davies (2006).

Algumas construções já são consideradas conectores na língua portuguesa, e por isso, o *corpus* retorna um resultado separando tal função, como na figura (17) abaixo, na qual (C) significa conjunção e mostra tanto “posto” como “que” como conjunções, agrupando e separando por diferentes funções desempenhadas por “posto que”, tais como (VPS) para função de verbo no particípio, (JMS) de substantivo masculino no singular e (O) de objeto.

**Figura 17:** Exemplo de resultado de pesquisa com os filtros utilizados de uma construção já reconhecida como conector.

| HELP  | ① | ★ | ALL FORMS (SAMPLE): 100 200 500 | FREQ |  |
|-------|---|---|---------------------------------|------|--|
| 1     | ① | ★ | POSTO (C) QUE (CS)              | 1551 |  |
| 2     | ① | ★ | POSTO (NMS) QUE (CS)            | 716  |  |
| 3     | ① | ★ | POSTO (VPS-MS) QUE (CS)         | 56   |  |
| 4     | ① | ★ | POSTO (JMS) QUE (CS)            | 4    |  |
| 5     | ① | ★ | POSTO (O) QUE (CS)              | 2    |  |
| TOTAL |   |   |                                 | 2329 |  |

0.406 seconds

Fonte: Davies (2006).

Mas, nem todas as construções selecionadas para este estudo já são reconhecidas como conectores. “Sabendo que”, por exemplo, nos retorna apenas o resultado visto na figura (18), no qual (VPP) é a designação do *corpus* para “verbo no gerúndio”.

**Figura 18:** Exemplo de resultado de busca com os filtros aplicados de uma construção ainda não reconhecida como conector.

| HELP | ① | ★ | ALL FORMS (SAMPLE): 100 200 500 | FREQ |  |
|------|---|---|---------------------------------|------|--|
| 1    | ① | ★ | SABENDO (VPP) QUE (CS)          | 9940 |  |

0.297 seconds

Fonte: Davies (2006).

Para chegarmos ao resultado de pesquisar “sabendo que”, anteriormente pesquisamos quais seriam os verbos que juntamente com a conjunção *que* poderiam ter função de conector e preencher o *slot V* nas construções  $[[V\text{particípio}+que] \Leftrightarrow \text{conector}]$  e  $[[V\text{gerúndio}+que] \Leftrightarrow \text{conector}]$ . Pelo *POS*, criamos a etiqueta *\_vpp\* que* na tentativa de encontrar construções  $[[V\text{gerúndio}+que] \Leftrightarrow \text{conector}]$ . Os resultados dessa busca nos mostraram 252 verbos no gerúndio que são utilizados com a conjunção *que*

([Vgerúndio+que]). No entanto, foi observado que nem todos esses resultados configuravam-se como construções conectoras no português brasileiro, ou seja, não cumpriam a função de [[Vgerúndio+que]  $\Leftrightarrow$  conector].

Conseqüentemente, foi necessário proceder a uma análise qualitativa dessas ocorrências para distinguir aquelas que efetivamente funcionavam como conectores das que não apresentavam essa função. Cada resultado da busca foi individualmente analisado. Foram analisados os contextos de uso para assegurar que a construção em questão não era meramente um verbo seguido da conjunção "que", mas sim um elemento estrutural que introduzia uma relação condicional, concessiva, causal, concessiva, adversativa, aditiva ou conclusiva. O processo de identificação de uma construção como conectora baseou-se em critérios linguísticos específicos.

Na tabela (2) abaixo é possível verificar que dos 252 verbos no gerúndio utilizados com a conjunção *que* ([Vgerúndio+que]), apenas 7 deles funcionam como construções conectoras [[Vgerúndio+que]  $\Leftrightarrow$  conector]: “considerando que”, “supondo que”, “assumindo que”, “imaginando que”, “entendendo que”, “pensando que”, “sabendo que” e “sendo que”, conforme vemos na tabela (2) abaixo. Ao ampliar o contexto, foram excluídas aquelas que estavam sendo usadas unicamente como verbos, percebidas a partir da concordância com o sujeito da oração e as construções compostas por pronome reflexivo, pois não se enquadram nas construções objeto de estudo desta pesquisa.

Após a delimitação dos verbos gerundiais que atuam como conectores, realizamos uma busca específica para cada um deles utilizando suas respectivas etiquetas no *corpus NOW*. Por exemplo, para "considerando que", inserimos no *corpus* a etiqueta “considerando que\_c”, o que nos retornou um resultado de 7.469 ocorrências de “considerando que” na língua portuguesa brasileira. Esse processo foi repetido para cada uma das construções identificadas e assim, chegamos ao total mostrado na tabela (2) abaixo:

**Tabela 2:** Resultado de busca das construções [Vgerúndio+que] no *corpus NOW*.

| [VGERÚNDIO+QUE] | MICROCONSTRUÇÃO  | ETIQUETA           | Nº DE OCORRÊNCIAS ENCONTRADAS |
|-----------------|------------------|--------------------|-------------------------------|
| 1               | Considerando que | considerando que_c | 7.469                         |
| 2               | Supondo que      | supondo que_c      | 557                           |
| 3               | Assumindo que    | assumindo que_c    | 326                           |
| 4               | Imaginando que   | imaginando que_c   | 544                           |
| 5               | Entendendo que   | entendendo que_c   | 1.375                         |
| 6               | Pensando que     | pensando que_c     | 2.479                         |
| 7               | Sabendo que      | sabendo que_c      | 9.940                         |
| 8               | Sendo que        | sendo que_c        | 1.797                         |
| Total           | <b>8</b>         | <b>8</b>           | <b>24.481</b>                 |

**Fonte:** elaboração própria.

A tabela (2) acima mostra informações geradas no *corpus NOW*. O total foi feito pelo programa *Microsoft Excel*, com a fórmula de soma. Embora a etiqueta \_c fosse utilizada na tentativa de restringir a busca à função de conjunção, apenas o "que" é reconhecido de forma consistente como conjunção no *corpus*.

No entanto, nem todas as ocorrências encontradas (24.481 ocorrências) podiam ser utilizadas na análise desta tese. Dessa forma, do resultado de 24.481 ocorrências de [Vgerúndio+que], verificamos que apenas 9.368 tinham função conectora, ou seja, eram construções do tipo [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] no português brasileiro, conforme vemos na (3) abaixo:

**Tabela 3:** Resultado de busca das construções [Vgerúndio+que]  $\Leftrightarrow$  conector] no *corpus NOW*.

| <b>[[VGERÚNDIO+QUE] <math>\Leftrightarrow</math><br/>CONECTOR]</b> | <b>MICROCONSTRUÇÃO</b> | <b>Nº DE OCORRÊNCIAS COM<br/>FUNÇÃO CONECTORA</b> |
|--|------------------------|---|
| <b>1</b>   | Considerando que       | 6.040   |
| <b>2</b>   | Supondo que            | 298   |
| <b>3</b>   | Assumindo que          | 97  |
| <b>4</b>   | Imaginando que         | 32  |
| <b>5</b>   | Entendendo que         | 11  |
| <b>6</b>   | Pensando que           | 25  |
| <b>7</b>   | Sabendo que            | 123   |
| <b>8</b>   | Sendo que              | 1.371   |
| <b>Total</b>   | <b>8</b>               | <b>9.368</b>                                      |

**Fonte:** elaboração própria.

Todas as 9.368 ocorrências, listadas na tabela (3), poderiam ser utilizadas para análise nesta tese, pois todas são ocorrências de construções do tipo [[Vgerúndio+que]  $\Leftrightarrow$  conector]. No entanto, isso poderia gerar problemas na análise quantitativa. Algumas microconstruções tiveram um número significativamente maior de ocorrências em comparação com outras. Por exemplo, "considerando que" teve 6.040 ocorrências, enquanto "imaginando que" teve apenas 32. Isso poderia resultar em uma representação desproporcional das microconstruções mais frequentes, comprometendo a caracterização da construção [[Vgerúndio+que]  $\Leftrightarrow$  conector], objeto de análise desta tese.

Para evitar esses problemas e garantir uma análise quantitativa equilibrada, limitamos apenas as 100 primeiras ocorrências de cada microconstrução. Dessa forma, chegamos a um total de 551 ocorrências analisadas, conforme detalhado na tabela (4) a seguir. Essas ocorrências foram analisadas seguindo os parâmetros de análise que serão detalhados nas seções subsequentes.

**Tabela 4:** Número de ocorrências analisadas da construção [Vgerúndio+que] ⇔ conector] do *corpus NOW*.

| <b>[[VGERÚNDIO+QUE] ⇔<br/>CONECTOR]</b> | <b>MICROCONSTRUÇÃO</b> | <b>Nº DE<br/>OCORRÊNCIAS<br/>ANALISADAS</b> |
|---|------------------------|---|
| <b>1</b>                                | Assumindo que          | 97  |
| <b>2</b>                                | Considerando que       | 100   |
| <b>3</b>                                | Entendendo que         | 11  |
| <b>4</b>                                | Imaginando que         | 32  |
| <b>5</b>                                | Pensando que           | 23  |
| <b>6</b>                                | Sabendo que            | 88  |
| <b>7</b>                                | Sendo que              | 100   |
| <b>8</b>                                | Supondo que            | 100   |
| <b>Total</b>                            | <b>8</b>               | <b>551</b>                                  |

**Fonte:** elaboração própria.

Assim como feito no *corpus NOW*, também tivemos que pesquisar os verbos preenchedores do *slot V* das construções [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] no *corpus Historical*. Com o *POS*, criamos a etiqueta “\_vg\* que” para encontrar verbos no gerúndio utilizados juntamente ao “que”. E assim, encontramos 285 construções do tipo [Vgerúndio+que], mas verificamos que apenas 7 delas funcionam como construções conectoras [[Vgerúndio+que] ⇔ conector]: “considerando que”, “supondo que”, “assumindo que”, “imaginando que”, “entendendo que”, “sabendo que” e “sendo que”.

Após essa delimitação dos verbos gerundiais que atuam como conectores no *corpus Historical*, realizamos uma busca específica para cada um deles utilizando suas respectivas etiquetas. Enquanto no *corpus NOW* a etiqueta era apenas \_c após a construção, no *corpus Historical*, temos \_cj\*. Por exemplo, para "considerando que", inserimos a etiqueta “considerando que\_cj\*”, o que nos retornou um resultado de 100 ocorrências de “considerando que” na língua portuguesa brasileira registradas no *corpus Historical*. Esse processo foi repetido para cada uma das construções identificadas e assim, chegamos ao total de 1.009 ocorrências de [Vgerúndio+que], como mostrado na tabela (5) abaixo:

**Tabela 5:** Resultado de busca das construções [Vgerúndio+que] no *corpus Historical*.

| [VGERÚNDIO+QUE] | MICROCONSTRUÇÃO  | ETIQUETA             | Nº DE OCORRÊNCIAS ENCONTRADAS |
|-----------------|------------------|----------------------|-------------------------------|
| 1               | Considerando que | considerando que_cj* | 100                           |
| 2               | Supondo que      | supondo que_cj*      | 39                            |
| 3               | Assumindo que    | assumindo que_cj*    | 11                            |
| 4               | Imaginando que   | imaginando que_cj*   | 23                            |
| 5               | Entendendo que   | entendendo que_cj*   | 8                             |
| 6               | Sendo que        | sendo que_cj*        | 635                           |
| 7               | Sabendo que      | sabendo que_cj*      | 193                           |
| <b>Total</b>    | <b>7</b>         | <b>7</b>             | <b>1.009</b>                  |

**Fonte:** elaboração própria.

E da mesma maneira como no *NOW*, não poderíamos utilizar todo esse total de 1.009 ocorrências para análise pois essas não são todas construções conectoras. Embora a etiqueta \_cj\* fosse utilizada na tentativa de restringir a busca à função de conjunção, apenas o "que" é reconhecido de forma consistente como conjunção no *corpus*. Após ampliar os contextos de cada microconstrução para análise, verificamos que apenas 399 tinham função conectora, ou seja, eram construções do tipo [[Vgerúndio+que] ⇔ conector], conforme vemos na tabela (6) abaixo.

**Tabela 6:** Número de ocorrências encontradas da construção [Vgerúndio+que] ⇔ conector] no *corpus Historical*.

| [[VGERÚNDIO+QUE] ⇔ CONECTOR] | MICROCONSTRUÇÃO  | Nº DE OCORRÊNCIAS |
|------------------------------|------------------|-------------------|
| 1                            | Considerando que | 60                |
| 2                            | Supondo que      | 22                |
| 3                            | Assumindo que    | 7                 |
| 4                            | Imaginando que   | 34                |
| 5                            | Entendendo que   | 1                 |
| 6                            | Sabendo que      | 4                 |
| 7                            | Sendo que        | 271               |
| <b>Total</b>                 | <b>7</b>         | <b>399</b>        |

**Fonte:** elaboração própria.

Do mesmo modo, para termos uma melhor representação de [[Vgerúndio+que] ⇔ conector], limitamos o “sendo que” a 100 primeiras ocorrências, mesmo critério utilizado no *corpus NOW*. E assim, chegamos ao resultado de 228 ocorrências analisadas de [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] no *corpus Historical*, conforme tabela (7) abaixo:

**Tabela 7:** Número de dados analisados da construção [Vgerúndio+que] ⇔ conector] do *corpus Historical*.

| [[VGERÚNDIO+QUE] ⇔<br>CONECTOR] | MICROCONSTRUÇÃO  | Nº DE<br>OCORRÊNCIAS<br>ANALISADAS |
|---------------------------------|------------------|------------------------------------|
| 1                               | Assumindo que    | 7                                  |
| 2                               | Considerando que | 60                                 |
| 3                               | Entendendo que   | 1                                  |
| 4                               | Imaginando que   | 34                                 |
| 5                               | Sabendo que      | 4                                  |
| 6                               | Sendo que        | 100                                |
| 7                               | Supondo que      | 22                                 |
| <b>Total</b>                    | <b>7</b>         | <b>228</b>                         |

**Fonte:** elaboração própria.

Também foram aplicados os mesmos procedimentos para as construções do tipo [[Vparticipio+que] ⇔ conector]. Utilizamos a etiqueta *\_vps\* que*, criada pela ferramenta *POS* do *corpus*, para encontrar quais verbos no participio são utilizados juntamente com o “que”, nas construções [[Vparticipio+que] ⇔ conector]. Os resultados mostraram 832 verbos no participio juntos à conjunção *que* ([Vparticipio+que]), conforme vemos na figura (19) abaixo:

**Figura 19:** Resultado de busca de verbos no participio com "que" (\_vps\* que)

| HELP | ① | ★ | SEE FULL LIST (SLOWER; MAY TIME OUT) [ ? ] | FREQ  | TOTAL 201,271   UNIQUE 863 + |
|------|---|---|--|-------|------------------------------|
| 1    | ① | ★ | DITO (VPS-MS) QUE (CS)                     | 16775 |                              |
| 2    | ① | ★ | POSTADOS (VPS-MP) QUE (PR)                 | 7411  |                              |
| 3    | ① | ★ | VISTA (VPS-FS) QUE (CS)                    | 6471  |                              |
| 4    | ① | ★ | ANUNCIADO (VPS-MS) QUE (CS)                | 5368  |                              |
| 5    | ① | ★ | CONSTATADO (VPS-MS) QUE (CS)               | 5197  |                              |
| 6    | ① | ★ | INFORMADO (VPS-MS) QUE (CS)                | 5151  |                              |
| 7    | ① | ★ | AFIRMADO (VPS-MS) QUE (CS)                 | 4862  |                              |
| 8    | ① | ★ | PROVADO (VPS-MS) QUE (CS)                  | 4536  |                              |
| 9    | ① | ★ | REVELADO (VPS-MS) QUE (CS)                 | 3419  |                              |
| 10   | ① | ★ | COMPROVADO (VPS-MS) QUE (CS)               | 3131  |                              |
| 11   | ① | ★ | ESPERADO (VPS-MS) QUE (CS)                 | 3038  |                              |
| 12   | ① | ★ | DECIDIDO (VPS-MS) QUE (CS)                 | 2899  |                              |
| 13   | ① | ★ | PREVISTO (VPS-MS) QUE (CS)                 | 2812  |                              |
| 14   | ① | ★ | CONFIRMADO (VPS-MS) QUE (CS)               | 2634  |                              |
| 15   | ① | ★ | SABIDO (VPS-MS) QUE (CS)                   | 2495  |                              |

**Fonte:** Davies (2006).

Após análise uma a uma, dessas 832 excluímos construções como “vista que” e “postados que”, que apresentavam flexão de número e/ou gênero, e portanto, não são objetos de estudo desta tese. Encontramos apenas 3 com função conectora, ou seja, do tipo [[Vparticipio+que] ⇔ conector] no português brasileiro: “visto que”, “dado que” e “posto que”.

Após identificarmos essas 3 construções conectoras de base participial, buscamos cada uma delas no *corpus NOW* utilizando etiquetas específicas, por exemplo, para "visto que", inserimos no *corpus* a etiqueta “visto\_c que\_c”, o que nos retornou um resultado de 10.348 ocorrências na língua portuguesa brasileira. Esse processo foi repetido para cada uma das 3 construções identificadas e assim, chegamos ao total 14.222, mostrado na tabela (8) abaixo:

**Tabela 8:** Total de ocorrências de construções do tipo [Vparticipio+que] no *corpus NOW*.

| [VPARTICÍPIO+QUE] | MICROCONSTRUÇÃO | ETIQUETA      | FREQUÊNCIA    |
|-------------------|-----------------|---------------|---------------|
| 1                 | Visto que       | visto_c que_c | 10.348        |
| 2                 | Posto que       | posto_c que_c | 1.551         |
| 3                 | Dado que        | dado_c que_c  | 2.323         |
| <b>Total</b>      | <b>3</b>        | <b>3</b>      | <b>14.222</b> |

Fonte: elaboração própria.

Ao buscar os conectores de base gerundial, utilizamos a etiqueta *\_c* apenas após "que", como em "considerando que\_c". Diferentemente da busca das construções [[Vgerúndio+que] ⇔ conector], para os conectores de base participial, a etiqueta foi aplicada tanto à base verbal quanto ao "que", por exemplo, a etiqueta "visto\_c que\_c". Isso porque ambos são reconhecidos como conjunções na língua portuguesa. Este procedimento foi repetido para cada uma das 3 construções identificadas.

**Tabela 9:** Total de ocorrências de construções do tipo [Vparticipio+que] ⇔ conector] no *corpus NOW*.

| [VPARTICÍPIO+QUE] | MICROCONSTRUÇÃO | ETIQUETA      | FREQUÊNCIA    |
|-------------------|-----------------|---------------|---------------|
| 1                 | Visto que       | visto_c que_c | 10.110        |
| 2                 | Posto que       | posto_c que_c | 1.276         |
| 3                 | Dado que        | dado_c que_c  | 1.823         |
| <b>Total</b>      | <b>3</b>        | <b>3</b>      | <b>13.209</b> |

Fonte: elaboração própria.

A tabela (9) apresenta pouca diferença em relação a tabela (8). Enquanto na tabela (8) o total foi de 14.222, na tabela (9) temos 13.209. Isso porque os conectores de base participial já são reconhecidos na língua portuguesa. Portanto, a etapa de limpeza envolveu principalmente a remoção de ocorrências repetidas e ocasionalmente ocorrências nas quais as construções [Vparticipio+que] não eram utilizadas como conectores, devido a alguns erros presentes no *corpus*.

Do total de 13.209 ocorrências identificadas, aplicamos o mesmo critério de limitação adotado para os conectores de base gerundial. Assim, limitamos a análise às 100 primeiras ocorrências de cada microconstrução, o que nos deu um total de 300 ocorrências analisadas, conforme mostra a tabela (10) abaixo:

**Tabela 10:** Total de ocorrências analisadas das construções do tipo [Vparticípio+que] ⇔ conector] no *corpus NOW*.

| [VPARTICÍPIO+QUE] ⇔<br>CONECTOR] | MICROCONSTRUÇÃO | Nº DE<br>OCORRÊNCIAS<br>ANALISADAS |
|----------------------------------|-----------------|------------------------------------|
| 1                                | Visto que       | 100                                |
| 2                                | Posto que       | 100                                |
| 3                                | Dado que        | 100                                |
| <b>Total</b>                     | <b>3</b>        | <b>300</b>                         |

**Fonte:** elaboração própria.

Tal abordagem é justificada pela constatação, conforme será detalhado a seguir, de que, no *corpus Historical*, construções como "posto que" e "dado que" apresentaram uma frequência inferior a 100. Desse modo, a limitação das ocorrências analisadas promove uma análise equilibrada e representativa da construção [[Vparticípio+que] ⇔ conector].

Assim como realizado no *corpus NOW*, também era necessário identificar os verbos preenchedores do *slot V* em [[Vparticípio+que] ⇔ conector]. Com a etiqueta *\_vk\* que*, criada pela ferramenta *POS*, encontramos 400 verbos no particípio utilizados juntamente ao “que”. Para determinar as 3 microconstruções (“dado que”, “posto que” e “visto que”), cada ocorrência foi analisada individualmente com ampliação do contexto, a fim de verificar quais desempenhavam a função de conectores na língua portuguesa brasileira.

Depois de definidas as 3 microconstruções do tipo [[Vparticípio+que] ⇔ conector], buscamos e analisamos uma a uma com as etiquetas criadas pelo *POS*, o que nos deu um total de 601 ocorrências, conforme vemos na tabela (11) a seguir:

**Tabela 11:** Total de ocorrências encontradas de [Vparticípio+que] no *corpus Web/Historical*.

| [VPARTICÍPIO+QUE] | MICROCONSTRUÇÃO | ETIQUETA       | FREQUÊNCIA |
|-------------------|-----------------|----------------|------------|
| 1                 | Visto que       | visto que_ cj* | 161        |
| 2                 | Posto que       | posto que_ cj* | 54         |
| 3                 | Dado que        | dado que_ cj*  | 386        |
| <b>Total</b>      | <b>3</b>        | <b>3</b>       | <b>601</b> |

**Fonte:** elaboração própria.

Com o total de 601 dados, fomos para a limpeza. Eliminamos as ocorrências repetidas ou que por algum erro, estavam nos resultados, mas não apresentavam construções do tipo [[Vparticipio+que] ⇔ conector]. Também delimitamos os dados de “visto que”, que passaram de 100 ocorrências. E assim, chegamos ao total de 210 ocorrências analisadas de construções complexas compostas de [[Vparticipio+que] ⇔ conector] no *corpus Historical*, conforme vemos tabela (12) abaixo:

**Tabela 12:** Total de ocorrências analisadas de [[Vparticipio+que] ⇔ conector] do *corpus Web/Historical*.

| [VPARTICÍPIO+QUE] ⇔<br>CONECTOR] | MICROCONSTRUÇÃO | Nº DE OCORRÊNCIAS<br>ANALISADAS |
|----------------------------------|-----------------|---------------------------------|
| 1                                | Visto que       | 100                             |
| 2                                | Posto que       | 45                              |
| 3                                | Dado que        | 65                              |
| <b>Total</b>                     | <b>3</b>        | <b>210</b>                      |

**Fonte:** elaboração própria.

A tabela (13) abaixo fornece um resumo detalhado dos totais de ocorrências das construções complexas compostas por [[Vparticipio+que] ⇔ conector] e [[Vgerúndio+que] ⇔ conector], separando cada *corpus* analisado e os totais agregados para cada construção específica.

**Tabela 13:** Total de ocorrências analisadas nesta tese.

| <i>CORPUS</i>     | [VGERÚNDIO+QUE] ⇔<br>CONECTOR] | [VPARTICÍPIO+QUE] ⇔<br>CONECTOR] | TOTAL        |
|-------------------|--------------------------------|----------------------------------|--------------|
| <i>NOW</i>        | 551                            | 300                              | <b>851</b>   |
| <i>HISTORICAL</i> | 228                            | 210                              | <b>448</b>   |
| <b>SUBTOTAL</b>   | <b>779</b>                     | <b>510</b>                       | <b>1.289</b> |

**Fonte:** elaboração própria.

Como visto até aqui, nossa busca de dados realizou-se em dois *corpora* do *Corpus do Português: Genre/ Historical e NOW*, devido ao caráter pancrônico<sup>21</sup> dessa tese. Antes de janeiro de 2022, era possível utilizar o *corpus* nas versões português ou inglês. No

<sup>21</sup> O termo "pancrônico" refere-se a uma abordagem que abrange tanto aspectos sincrônicos (o estudo de um determinado momento no tempo) quanto diacrônicos (o estudo das mudanças ao longo do tempo), permitindo uma análise abrangente dos dados linguísticos em diferentes períodos.

entanto, posterior a essa data, há apenas a *interface* em inglês. No site, encontram-se as seguintes justificativas para tal mudança:

- “1. Os corpora agora fornecem uma série de novos recursos, como exibições detalhadas orientadas por palavras, a capacidade de inserir e analisar textos inteiros, exibições de frequência e concordâncias expandidas e muito mais. Esses recursos foram adaptados dos corpora em inglês do English-Corpora.org, e seria muito trabalhoso traduzir tudo isso para o português.
2. Os corpora não estão mais na Universidade de Brigham Young, onde havia vários alunos que podiam ajudar nas traduções.
3. Apenas cerca de 10% dos utilizadores dos corpora portugueses utilizaram a interface portuguesa; até mesmo a maioria dos falantes de países de língua portuguesa usaram a interface em inglês.” (DAVIES, 2022)

Muitos dados apresentam *hashtags* (#), usados pelo *corpus* apenas para indicar separação textual.

Consideramos as novas microconstruções de *slot* [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] e [[Vparticípio+que] ⇔ conector] como conectores, conforme discutido em trabalhos anteriores, especialmente com base nos parâmetros estabelecidos por Oliveira (2014), que incluem a possibilidade de negação, a perda da estrutura argumental e a (im)possibilidade de flexão. Embora o aprofundamento nesses critérios seja importante para confirmar o estatuto de conector das construções analisadas, uma discussão detalhada extrapolaria o escopo desta tese. Para uma análise mais completa sobre esses critérios, remetemos o leitor à obra de Oliveira (2014).

A limitação da amostragem a 100 ocorrências segue uma prática comum em estudos linguísticos, onde se presume que, após um certo número de ocorrências, o padrão de uso tende a se estabilizar. Embora a amostra não inclua 100% dos dados disponíveis, ela é representativa o suficiente para identificar as tendências predominantes. Assim, todas as observações e análises desta tese devem ser compreendidas como a identificação de tendências e padrões recorrentes, e não como afirmações absolutas sobre a totalidade dos dados.

## 2.2 PARÂMETROS DE ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES COLETADAS

Durante a classificação dos dados, nos deparamos com desafios relacionados aos significados das construções devido ao tênue limite de interpretação entre eles. Especificamente entre causa, condição e concessão; concessão e adversidade; e conclusão, adição e adversidade.

Para conseguir analisar os significados das construções complexas e seus conectores, usamos cinco parâmetros: a semântica e usos dos verbos que preenchem o *slot V*, a factualidade, a posição da construção encabeçada pelo conector na construção complexa, a correlação modo-temporal dos verbos da construção complexa e a telicidade.

Em termos de organização, o conector é parte integrante da construção complexa. Assim, embora os parâmetros sejam aplicados principalmente ao conector, eles também são utilizados para analisar as interações entre o conector e a construção complexa da qual ele faz parte. Ou seja, cada um de nossos parâmetros contribui para a interpretação global da construção complexa, pois o sentido final da construção complexa é influenciado pelas interações entre o conector e o contexto maior em que ele está inserido.

A semântica dos verbos e a factualidade influenciam diretamente o conector, determinando o papel do verbo que preenche seu *slot* e o grau de certeza ou hipótese associado a esse verbo. Contudo, esses elementos também afetam a construção complexa de forma global, pois os verbos que compõem a base dos conectores carregam significados que contribuem para a interpretação semântica de toda a construção.

A posição da construção iniciada pelo conector na estrutura da construção complexa também desempenha um papel importante. A colocação em anteposição, posposição ou intercalação pode influenciar o sentido semântico que se pretende transmitir, impactando diretamente a organização do discurso e a fluidez textual.

A correlação modo-temporal e a telicidade focam no comportamento dos verbos na construção complexa, uma vez que o tempo e o modo verbal contribuem para a interpretação geral, estabelecendo, por exemplo, se a ação é factível, hipotética ou concluída. Tais parâmetros ajudam a identificar nuances na relação semântica entre o conector e a ação expressa.

Portanto, os cinco parâmetros de análise interagem entre si e atuam tanto sobre o conector quanto sobre a construção adverbial e a construção complexa como um todo, oferecendo uma visão integrada dos significados que emergem dessas construções.

### **2.2.1 Semântica e usos dos verbos que preenchem o *slot V***

Para analisar os tipos de verbos que poderiam preencher os *slots* [[Vparticípio+que] ⇔ conector] e [[Vgerúndio+que] ⇔ conector], seguimos a classificação de Halliday (1985) e do ADESSE. Além disso, ao longo desta pesquisa, vimos que o significado lexical dos verbos que compõem as construções

[[Vparticípio+que] ⇔ conector] e [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] influenciou sua evolução na função conectora. Este fenômeno foi discutido por Hopper (1991) como “Princípios da Persistência” e vai ao encontro do que é defendido por Oliveira (2014), citada anteriormente. Pensando nisso, dedicamos esta seção à descrição semântica de cada verbo que está na base das construções [[Vparticípio+que] ⇔ conector] e [[Vgerúndio+que] ⇔ conector].

Ao dedicar uma seção à descrição semântica de cada verbo nessas construções, buscamos compreender além de quais verbos podem compor os *slots* [[Vparticípio+que] ⇔ conector] e [[Vgerúndio+que] ⇔ conector], também como esses verbos contribuíram para surgimento da função conectora.

Definir a categoria verbal não é um trabalho simples. Geralmente, os verbos são classificados por aspectos formais. Em nosso trabalho, nos preocupamos em descrevê-los semanticamente, pois estamos preocupadas com a interferência do significado base na formação do significado da construção conectora que surgiu a partir dele. Notamos que embora existam muitas gramáticas tradicionais que fazem descrição verbal desde muito antigamente, há variação na nomenclatura utilizada quando se trata de defini-los com base no significado lexical.

Para nossa pesquisa, nos assentamos nas classificações de Halliday (1985), de cunho funcionalista, uma vez que esta menciona e consegue explicar os verbos envolvidos nas construções por nós estudadas. Além disso, a separação por tipo de processo envolvido parece ter contribuído para a composição do significado enquanto conector, ao nosso ver. Veja no quadro (1) abaixo um compilado da classificação verbal considerando os tipos de processos:

**Quadro 1:** Tipos de processos, seus significados e características dos membros.

| TIPO DE PROCESSO   | significado da categoria                               | participantes, diretamente envolvidos                                      | participantes, envolvidos obliquamente              |
|--|--|--|---|
| material:<br>ação<br>evento                                | ‘fazer’<br>‘fazer’<br>‘acontecer’                      | Ator, Objetivo   | Recipiente, Cliente; Escopo;<br>Iniciador; Atributo |
| comportamental   | ‘se comportar’   | Quem se comporta   | Comportamento                                       |
| mental:<br>percepção<br>cognição<br>consideração<br>emoção | ‘sentir’<br>‘ver’<br>‘pensar’<br>‘esperar’<br>‘sentir’ | Quem sente, Fenômeno   |   |
| verbal   | ‘dizer’  | Falante, Alvo  | Receptor; Palavreado (o que é dito)                 |
| relacional:<br>atribuição<br>identificação                 | ‘ser’<br>‘atribuir’<br>‘identificar’                   | Transportadora, Atributo<br>Identificado, Identificador;<br>Símbolo, Valor | Atribuidor, Beneficiário Cedente                    |
| existencial  | ‘existir’  | Existente  |   |

Fonte: traduzido de Halliday (1985, p. 260).

No quadro (1) acima notamos que os verbos podem ser divididos em materiais, comportamentais, mentais, verbais, relacionais ou existências, a depender do tipo de processo envolvido na construção do discurso, isto é, do significado que é expressado a partir do verbo. Os verbos considerados **materiais** expressam realização de eventos e ações; os **relacionais** servem para caracterizar estados ou mudança de estados; os **existenciais** remetem a existência de alguém ou de algo; os **verbais** são os que introduzem o que é dito, como um relato; os comportamentais são os que descrevem algo ou uma ação observável.

Além dos explanados acima, o tipo de processo verbal que possui maior número de subtipos é o mental. Estes estão relacionados à nossa experiência do mundo, de nossa própria consciência, mas não é um ato material. Os verbos **de percepção**, um dos subtipos dos processos mentais, são interpretados “como fluindo da consciência de uma pessoa ou como algo que interfere nela; mas não é interpretado como um ato material.” (HALLIDAY, 1985, p. 197).<sup>22</sup> Podemos relacioná-los, então, à observação ou à sensação de fenômenos, expressos por verbos como *ouvir, ver, degustar e cheirar*. Seguidamente, temos os verbos mentais **de cognição**, que representam o conteúdo do pensamento, como em *decidir, considerar, achar, supor, acreditar, imaginar, lembrar, esquecer, saber, entender, compreender, pensar*. Outra subcategoria é composta por verbos **de**

<sup>22</sup> “as flowing from a person’s consciousness or as impinging on it; but it is not construed as a material act.” (HALLIDAY, 1985, p. 197)

**consideração**, relacionados a um desejo de ter ou alcançar; como expresso pelo verbo esperar, prever, descobrir, verificar. Por fim, os processos mentais **de emoção**, que expressam afeição ou emoção, como *amar, gostar, odiar*.

Como não encontramos a descrição de todos os verbos que compõem as bases de nossas construções, utilizamos também o *ADESSE*, que Albertuz Carneiro (2007) diz coincidir em grande parte com a descrição de Halliday (1985). Tentamos também utilizar o *FrameNet* Brasil, uma base de dados linguísticos do português, feito pela UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora), com aplicações baseadas em *Lexicon* e *Constructicon*; e a *VerboWeb*, um banco de dados da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), com classificação sintático-semântica dos verbos do português brasileiro. No entanto, não conseguimos encontrar todas as construções por nós pesquisadas, porque esses dois ainda estão em desenvolvimento. Portanto, o que nos ajudou foi o ADESSE.

### 2.2.1.1 O ADESSE

O ADESSE (*Análisis de Alternancias en Diátesis y Sintaxis Semántica del Español*) é um banco de dados de verbos e construções verbais. A escolha de utilizar o ADESSE foi influenciada por nossa colaboração internacional, no âmbito do Projeto Capes PrInt, com a professora Renata Enghels, da *Gent Universiteit* (Universidade de Gante, na Bélgica), que se dedica a pesquisas relacionadas à descrição de verbos em *slots* de construções, seguindo a teoria construcional (ENGHELS, 2013; COMER, ENGHELS, 2017; ENGHELS, van HULLE, 2018).

Embora seja referente aos verbos no espanhol, o espanhol e o português são línguas da mesma família linguística, as línguas românicas, e assim, compartilham muitas características gramaticais e semânticas, o que faz com que o uso de recursos linguísticos do espanhol, como o ADESSE, seja relevante para estudos do português. No presente trabalho, o ADESSE foi utilizado como um recurso auxiliar para a categorização dos verbos que compõem as construções [[Vparticipio+que] ⇔ conector] e [[Vgerúndio+que] ⇔ conector], em categorias como "verbos relacionais", "verbos mentais", "verbos materiais", entre outras. A classificação oferecida pelo ADESSE é relevante para o estudo, pois proporciona uma estrutura de análise baseada nos tipos de processos que os verbos representam, conforme as funções que desempenham no discurso.

Dessa forma, a categorização dos verbos com base no ADESSE possibilita identificar como diferentes tipos de verbos contribuem para o sentido das construções

complexas nas quais atuam como base de conectores. Essa categorização é crucial para a análise semântica que realizamos, pois os verbos mentais, relacionais ou materiais, por exemplo, influenciam diretamente o valor semântico das construções que integram. A seguir, abordamos o funcionamento dessa base de dados.

Cada cláusula que compõe o ADESSE recebe anotação dos seguintes aspectos (entre outros): função sintática (Suj, ODir, OInd, etc...), categoria sintática (FN, oração infinitiva, oração finita, ...), tipo semântico (animado, concreto, abstrato, ...), função semântica (por meio de índices numéricos e de rótulos associados a cada verbo particular ou a uma classe semântica, denominado por “tipo de processo”), núcleo lexical (que permite traçar combinações verbo-nominais frequentes).

Além disso, em relação a informação semântica, para todos os verbos registrados, inclui-se seu significado em diferentes níveis de generalidade e a classe semântica ou o tipo de processo que esse pertence. Portanto, nos beneficiamos da transferência de conhecimento sobre estruturas verbais e construções sintático-semânticas do espanhol para o português, adaptando as informações para o contexto do português brasileiro.

O ADESSE<sup>23</sup> tem como objetivo oferecer uma análise sintático-semântica abrangente de verbos e construções verbais na língua espanhola. Trata-se de uma versão ampliada da Base de Dados Sintáticos do Espanhol Atual (BDS), que incorpora informações detalhadas sobre cláusulas e verbos encontrados em um *corpus* espanhol de 1,5 milhões de palavras, conhecido como "Arthus". Veja abaixo sua *interface* inicial:

**Figura 20:** *Interface* inicial do ADESSE.



**Fonte:** ADESSE.

A função “Buscar verbo:”, localizado no canto superior direito da figura (20) acima, permite aos usuários realizar pesquisas detalhadas sobre cada verbo de forma individual, tais como entradas léxicas e sentidos verbais, classes semânticas de verbos, esquemas e subesquemas sintáticos, esquemas sintático-semânticos, voz, tempo,

<sup>23</sup> Disponível em: <http://adesse.uvigo.es/data/verbos.php>

aparência, modo, perífrases verbais e outros. Os parâmetros dos argumentos abordam a delimitação e índices numéricos, etiquetas de papéis semânticos, papéis semânticos generalizados (A0-A1-A2), função sintática, unidade ou categoria sintática, concordância, preposição (marca de função), animação, determinação, número, núcleo léxico, posição e ordem dos constituintes. Na figura (21) abaixo podemos ver essas características no resultado de busca gerado pelo pesquisador do verbo “considerar”:

Figura 21: Resultado de busca gerado pela pesquisador do verbo “considerar”.

**Argumentos semánticos y potencial valencial**

| Argumentos: | Cognición            | Frecuencia   |
|-------------|----------------------|--------------|
| A1: CONR    | CONOCEDOR            | 270 (86.3 %) |
| A2: CONT    | CONTENIDO            | 313 (100 %)  |
| A3: CONT2   | Creencia CONTENIDO-2 | 204 (65.2 %) |

**Argumentos semánticos y Funciones sintácticas**

| Voz                                  | Argumentos semánticos y Funciones sintácticas      | N_ejemplos |
|--------------------------------------|--|------------|
| CONSIDERAR <sub>3act</sub>           | A1:CONR = SUJ, A2:CONT = ODIR, A3:CONT2 = PVO.D    | 129        |
| CONSIDERAR <sub>3act</sub>           | A1:CONR = SUJ, A2:CONT = ODIR                      | 101        |
| CONSIDERARSE <sub>3ef</sub>          | A1:CONR = SUJ, A2:CONT = Refl, A3:CONT2 = PVO.S    | 28         |
| CONSIDERARSE <sub>3pasiva</sub>      | A2:CONT = SUJ, A3:CONT2 = PVO.S                    | 28         |
| CONSIDERARSE <sub>3pasiva</sub>      | A2:CONT = SUJ                                      | 5          |
| CONSIDERARSE <sub>3pers</sub>        | A1:CONR = SUJ, A2:CONT = ODIR, A3:CONT2 = PVO.D    | 7          |
| CONSIDERARSE <sub>3pers</sub>        | A1:CONR = SUJ, A2:CONT = ODIR                      | 1          |
| (ser) CONSIDERADO <sub>3pasiva</sub> | A2:CONT = SUJ, A3:CONT2 = PVO.S                    | 8          |
| (ser) CONSIDERADO <sub>3pasiva</sub> | A2:CONT = SUJ, A3:CONT2 = PVO.S, A1:CONR = por AGT | 4          |
| (ser) CONSIDERADO <sub>3pasiva</sub> | A2:CONT = SUJ                                      | 2          |

**Ejemplos:** (solo 10, escogidos aleatoriamente, de un total de 313)

| Verbo      | (ess)       | Texto  | Referencia       |
|------------|-------------|--|------------------|
| CONSIDERAR | S-1 D-2 P-3 | Diga, me interesa mucho: ¿cómo <b>consideraba usted</b> a mi esposa?   | [PAS:036.26]     |
| CONSIDERAR | S-1 D-2     | un día y seis años, si el tribunal <b>considera</b> que hay circunstancias atenuantes, si el tribunal considera la personalidad del delincuente, de que no tenía                 | [SEV:147.20]     |
| CONSIDERAR | S-1 D-2     | O, para ser más específicos, <b>consideramos</b> las siguientes reglas de estructura de frase y ejemplificaciones:   | [LIN:042.29]     |
| CONSIDERAR | S-1 D-2     | No obstante, Manuel Fernández <b>considera</b> que "aún va mucho papel ó noso sobrecargado verteadero de Boisaca, aún se usa moi pouco papel reciclado nas                       | [IVO:034-3.1-16] |
| CONSIDERAR | S-2 P-3     | En efecto, la GGT puede <b>considerarse</b> como una fuente de lingüística humanista paralela a la psicología y la sociología humanistas (en oposición a las correspondientes    | [LIN:028.03]     |
| CONSIDERAR | S-1 D-2 P-3 | a su modo y a lo mejor Massey <b>se consideraba</b> con todos los derechos; porque se casó con ella cuando la dejó parir.  | [HS:034.12]      |
| CONSIDERAR | S-1 D-2     | considera que hay circunstancias atenuantes, si el tribunal <b>considera</b> la personalidad del delincuente, de que no tenía antecedentes, si considera que aún siendo autor de | [SEV:147.22]     |
| CONSIDERAR | S-1 D-2 P-3 | todas las violaciones posibles <b>lo que</b> podemos <b>considerar</b> la sintaxis de la lengua las encontrás.   | [BAI:062.37]     |
| CONSIDERAR | S-1 D-2 P-3 | la verdadera plaga, burdo reflejo de una <b>opinión</b> que <b>consideraba</b> como síntoma de rebeldía y de mala condición el <b>alán</b> de una joven por querer a su          | [USO:114.10]     |
| CONSIDERAR | S-1 D-2     | Otelo o de La Bohème, me llevaban a <b>considerar</b> de nuevo aquel <b>alán</b> que yo tenía de que tú fueras algo así como la viva representación del                          | [CAR:022.17]     |

Fonte: ADESSE.

A classificação no ADESSE consiste em dois níveis básicos em uma relação hierárquica: a classe e a subclasse. As classes se referem a domínios gerais de experiência e têm nomes que buscam ser transparentes e descritivos. No entanto, essas classes são subdivididas em subclasses associadas a quadros conceituais mais concretos. Essa

subdivisão é necessária para manter um alto grau de homogeneidade nas atuações dos verbos dentro de cada conjunto reconhecido. Na tabela a seguir é possível ver um compilado da classificação verbal considerando os tipos de processos:

Tabela 14: Compilado da classificação verbal considerando os tipos de processos.

| Macroclasse          | Classe           | Subclasse                 | Exemplos                       | N                        |
|----------------------|------------------|---------------------------|--------------------------------|--------------------------|
| PROCESSO MENTAL      | [MENTAL Geral]   |                           | <i>sentir</i>                  | 5                        |
|                      | SENSAÇÃO         | Geral                     | <i>gostar, querer, doer</i>    | 186                      |
|                      | PERCEPÇÃO        | Geral                     | <i>ver, escutar</i>            | 67                       |
|                      | COGNIÇÃO         | Geral                     | <i>pensar, entender</i>        | 7                        |
|                      |                  | CONHECIMENTO              | <i>saber, recordar</i>         | 75                       |
|                      |                  | CRENÇA                    | <i>crer, opinar</i>            | 40                       |
| PROCESSO RELACIONAL  | ATRIBUIÇÃO       | Geral                     | <i>ser</i>                     | 6                        |
|                      |                  | RELAÇÃO                   | <i>equivaler, depender</i>     | 80                       |
|                      |                  | PROPRIEDADE               | <i>estar, ficar, deixar</i>    | 19                       |
|                      |                  | VALOR                     | <i>medir, custar</i>           | 13                       |
|                      |                  | APARÊNCIA                 | <i>cheirar, saber</i>          | 3                        |
|                      |                  | DENOMINAÇÃO               | <i>nomear, chamar</i>          | 11                       |
|                      |                  |                           |                                |                          |
|                      | POSSE            | Geral                     | <i>debitar, dever</i>          | 6                        |
|                      |                  | PERTENCIMENTO             | <i>ter, possuir, carecer</i>   | 16                       |
|                      |                  | TRANSFERÊNCIA-1           | <i>dar, pagar</i>              | 64                       |
|                      | TRANSFERÊNCIA-2  | <i>receber, cobrar</i>    | 31                             |                          |
| PROCESSO MATERIAL    | ESPAÇO           | Geral                     | <i>mover, girar</i>            | 4                        |
|                      |                  | DESLOCAMENTO              | <i>ir, andar, chegar</i>       | 215                      |
|                      |                  | LOCALIZAÇÃO               | <i>colocar, pendurar</i>       | 141                      |
|                      |                  | POSTURA-POSIÇÃO           | <i>sentar, agachar</i>         | 36                       |
|                      |                  | ORIENTAÇÃO                | <i>assinalar, apontar</i>      | 5                        |
|                      |                  | MANEIRA DE MOVIMENTO      | <i>vibrar, balançar</i>        | 33                       |
|                      |                  | UNIÃO                     | <i>juntar, adicionar</i>       | 79                       |
|                      | MUDANÇA          | Geral                     | <i>pintar, cozinhar</i>        | 14                       |
|                      |                  | criação                   | <i>criar, fabricar</i>         | 30                       |
|                      |                  | destruição-consumo        | <i>comer, gastar, eliminar</i> | 35                       |
|                      |                  | modificação               | <i>romper, secar, servir</i>   | 298                      |
|                      |                  | CUIDADO PESSOAL           | <i>lavar, escovar</i>          | 17                       |
|                      | AÇÃO             | Geral                     |                                |                          |
|                      |                  | METEOROLOGÍA              | <i>chover, entardecer</i>      | 31                       |
|                      |                  | EMISÃO                    | <i>brilhar, emitir</i>         | 25                       |
|                      |                  | CONTATO                   | <i>golpear, tocar</i>          | 37                       |
|                      |                  | CONTROLE                  | <i>agarrar, pegar</i>          | 30                       |
| USO                  |                  | <i>empregar, usar</i>     | 11                             |                          |
| SUBSTITUIÇÃO         |                  | <i>substituir, suprir</i> | 12                             |                          |
| ATIVIDADE            |                  | <i>trabalhar, atuar</i>   | 28                             |                          |
| COMPETIÇÃO           |                  | <i>lutar, vencer</i>      | 31                             |                          |
| CONDUTA              |                  | COMPORTAMENTO             | Geral                          | <i>portar, comportar</i> |
|                      | VIDA             |                           | <i>nascer, matar</i>           | 32                       |
|                      | FISIOLOGIA       |                           | <i>chorar, urinar</i>          | 76                       |
|                      | RELAÇÕES SOCIAIS |                           | <i>acolher, casar</i>          | 28                       |
| PROCESSO VERBAL      | COMUNICAÇÃO      | Geral                     | <i>dizer, falar</i>            | 215                      |
|                      |                  | VALORIZAÇÃO               | <i>criticar, felicitar</i>     | 29                       |
|                      |                  | MANDATO                   | <i>ordenar, suplicar</i>       | 14                       |
| PROCESSO EXISTENCIAL | EXISTÊNCIA       | Geral                     | <i>haver, ocorrer</i>          | 46                       |
|                      |                  | FASE                      | <i>começar, acabar</i>         | 45                       |
|                      |                  | TEMPO                     | <i>durar, atrasar</i>          | 24                       |
|                      | CAUSATIVO        | Geral                     | <i>fazer</i>                   | 4                        |
|                      |                  | INDUTIVO-COLABORATIVO     | <i>incitar, ajudar</i>         | 20                       |
|                      |                  | PERMISSIVO                | <i>permitir, deixar</i>        | 7                        |
|                      |                  | OBRIGATIVO                | <i>obrigar, forçar</i>         | 5                        |
|                      | DISPOSITIVO      | Geral                     | <i>atrever, aspirar</i>        | 21                       |
|                      | Total            |                           |                                | 2323                     |

Fonte: traduzido e adaptado de Albertuz Carneiro (2007, p. 6).

O ADESSE organiza-se em uma estrutura hierárquica, a primeira coluna da figura acima remete a macroclasses, em parte coincidentes com os seis tipos de processos descritos por Halliday (1985). Essa classe maior se subdivide em subcategorias chamadas "subclasses" e dentro de todas as classes, uma subclasse denominada "Geral" é reconhecida. Em algumas instâncias, essa subclasse representa o protótipo da classe e contém o maior número de verbos. Por exemplo, na classe "COMUNICAÇÃO", encontramos uma ampla variedade de verbos que podem ser usados em diferentes contextos de comunicação. Para tornar essa classificação mais precisa e informativa, ela é subdividida em duas subcategorias: as subclasses "VALORIZAÇÃO" e "MANDATO", que especificam determinados aspectos (avaliação e intenção de influenciar o comportamento) do domínio geral (transferência de informações). Cada uma dessas subclasses se concentra em aspectos particulares da comunicação. E assim é com todos os verbos do corpus.

Como já mencionado, o ADESSE utiliza as descrições feitas por Halliday (1985), que destaca a importância de compreender a linguagem a partir de suas funções na vida social e enfatiza que o significado é dinâmico e contextual. Ao considerar as funções comunicativas e as implicações sociais das construções de base verbal estudadas, conseguimos chegar a um quadro que será mostrado nos resultados, o qual descreve a semântica dos verbos que podem ser utilizados nos *slots* das construções [[Vpartícipio+que] ⇔ conector] e [[Vgerúndio+que] ⇔ conector].

A principal vantagem de utilizarmos a classificação do ADESSE é a capacidade de organizar os verbos em categorias amplas, o que facilitou a compreensão inicial das construções [[Vpartícipio+que] ⇔ conector] e [[Vgerúndio+que] ⇔ conector]. A partir dele, conseguimos verificamos que os slots das construções [[Vpartícipio+que] ⇔ conector] e [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] podem ser preenchidos por 7 verbos mentais do subtipo cognição (seção 3.3.1) — “assumir”, “considerar”, “pensar”, “entender”, “imaginar”, “supor” e “saber” — e 1 do subtipo de percepção (seção 3.3.4) — “ver”. Além dos verbos mentais, também possuem em sua base 1 verbo de relação (seção 2.3.2), o verbo “ser”, e 2 verbos relacionais de transferência (seção 3.3.3), “dar” e “pôr”.

Embora o ADESSE forneça uma análise abrangente das alternâncias sintático-semânticas dos verbos, ele não foi projetado para lidar com o português. Isso trouxe algumas limitações ao utilizá-lo em nossa pesquisa, já que certas estruturas e padrões verbais no português não são completamente refletidos na base de dados do ADESSE.

Para compensar essas limitações, recorreremos ao dicionário Priberam. Embora o Priberam não tenha sido projetado especificamente para a análise de conectores verbais, ele oferece definições detalhadas e contextos de uso que se mostraram essenciais para a compreensão das nuances semânticas dos verbos preenchedores de V nas construções [[Vparticípio+que] ⇔ conector] e [[Vgerúndio+que] ⇔ conector].

Cada verbo pode apresentar uma variedade de significados conforme o contexto, e essa variação é crucial para a interpretação das construções que analisamos. Dessa forma, o uso do Priberam nos permitiu explorar não apenas as definições dos verbos em termos gerais, mas também como essas definições influenciam ou influenciaram as construções complexas de conectores de base verbal.

### **2.2.1.2 O Priberam**

O dicionário Priberam é uma das ferramentas mais amplamente usadas para consultar as palavras da língua portuguesa. Ele oferece uma análise detalhada e acessível dos significados das palavras, incluindo verbos, adjetivos, substantivos e outras categorias gramaticais. O Priberam é reconhecido por sua atualização contínua, refletindo as mudanças e variações do uso da língua em Portugal e no Brasil. Em seu *website*, existe uma seção chamada "Como consultar", e os usuários podem enviar sugestões ou correções diretamente à equipe do dicionário, o que mostra seu caráter colaborativo e dinâmico. O Priberam é reconhecido por sua atualização contínua, refletindo as mudanças e variações do uso da língua em Portugal e no Brasil.

Ele oferece uma análise detalhada e acessível dos significados das palavras, incluindo verbos, adjetivos, substantivos e outras categorias gramaticais. Ele abrange não apenas definições, mas também exemplos de uso, informações sobre conjugação verbal, sinônimos e antônimos, e a pronúncia das palavras.

Embora o Priberam não tenha sido desenvolvido especificamente para lidar com conectores verbais ou análises sintático-semânticas complexas, ele se mostrou extremamente útil na minha pesquisa. O Priberam foi utilizado para complementar a análise semântica dos verbos, pois forneceu uma base sólida para a compreensão dos diversos significados que um verbo pode assumir em diferentes contextos. Sua riqueza de exemplos práticos de uso permitiu explorar as nuances semânticas essenciais para a interpretação dos conectores verbais nas construções analisadas.

### 2.2.2 Factualidade

De acordo com a Gramática de Construções, as construções podem ser mais composicionais e menos composicionais. Como vimos mais detalhadamente no capítulo teórico, as construções mais composicionais são aquelas nas quais o significado da construção é mais diretamente derivado da soma ou combinação dos significados das partes constituintes. Por outro lado, as construções menos composicionais são mais complexas e seu significado não é facilmente previsível apenas pela análise de suas partes constituintes. Assim, a diferença entre construções mais composicionais e menos composicionais reside na capacidade de decomposição e previsibilidade do significado com base na estrutura e combinação de seus componentes linguísticos.

No entanto, mesmo quando as construções parecem desafiar a composicionalidade, há vestígios ou metáforas que conectam o significado geral à semântica de suas partes constituintes, mesmo que de maneira indireta ou figurativa. É essa ligação que mantém a coesão e a compreensão das construções linguísticas, embora em alguns casos ela possa ser mais sutil ou contextual. A expressão "chutar o balde", por exemplo, usada para indicar quando alguém desiste ou abandona algo, não faz sentido literalmente se interpretarmos cada palavra isoladamente. Porém, a ideia de desistir ou abandonar está de alguma forma conectada à noção de "chutar" e "balde" na origem histórica ou metafórica da expressão.

Então, mesmo as construções mais idiomáticas, que podem parecer afastadas do significado literal de suas partes, ainda têm alguma relação com seus elementos. Todas as construções têm alguma relação com seus elementos constituintes. Sendo assim, acreditamos que a base dos conectores, fundamentada em verbos, influencia na expressão do significado desses conectores. Mais especificamente, a factualidade dos verbos subjacentes atua, de alguma maneira, nas relações expressas pelos conectores de *slot*  $[[V\text{participio}+\text{que}] \Leftrightarrow \text{conector}]$  e  $[[V\text{gerúndio}+\text{que}] \Leftrightarrow \text{conector}]$ .

Para a análise da factualidade dos verbos, consideramos o grau de certeza, realidade ou hipótese expressa por um verbo em relação a uma ação ou evento. A base lexical, ou seja, o significado intrínseco de um verbo, pode sugerir o grau de certeza ou realidade associado à ação expressa por esse verbo. Alguns verbos têm uma base lexical que naturalmente expressa ações mais factuais, enquanto outros tendem a indicar ações mais hipotéticas, especulativas ou condicionais. Palavras como "afirmar", "declarar" ou "confirmar" têm uma base lexical que sugere maior certeza ou veracidade em relação à

ação expressa, o que mostra mais factualidade quando utilizadas em um contexto apropriado. Por outro lado, verbos como "supor" ou "presumir" têm uma base lexical que indica uma ação baseada em hipóteses, opiniões pessoais ou possibilidades, o que torna seu uso menos factual, geralmente envolvendo um nível de incerteza maior.

No entanto, a factualidade final de uma construção complexa depende muitas vezes da construção em que o verbo está inserido. Mesmo um verbo que, por sua natureza, sugere maior factualidade pode, em certas construções, expressar dúvida ou condicionalidade. A combinação de verbos, tempos e modos verbais, conectores e o contexto geral da construção podem alterar a factualidade. Por exemplo, um verbo factual como "afirmar" pode ser modificado em construções condicionais, concessivas ou com marcadores modais, que reduzem a certeza do enunciado.

Pensando nisso, para analisar a factualidade dos verbos que compõem as construções [[Vparticípio+que]  $\Leftrightarrow$  conector] e [[Vgerúndio+que]  $\Leftrightarrow$  conector], tomamos como ponto de partida a base lexical de cada verbo, visto que ela sugere, intrinsecamente, o nível de certeza associado à ação descrita. Ao examinar a base lexical, será possível identificar verbos que, por sua própria natureza, tendem a expressar ações mais factuais ou, ao contrário, indicam hipóteses, possibilidades ou opiniões. Além disso, a análise da factualidade também levará em conta o contexto linguístico, como o tempo verbal utilizado, a presença de elementos modais e a estrutura da frase.

Assim, podemos dizer que a factualidade é uma propriedade que pode ser analisada a partir de dois níveis: o nível lexical (do verbo) e o nível estrutural (da construção). A interpretação final da factualidade é, portanto, uma interação entre as propriedades do verbo e o contexto em que ele é usado.

### **2.2.3 Posição da construção encabeçada pelo conector na construção complexa**

Conforme descrito por Kortmann (1994, *apud* Oliveira, 2014), os conectores adverbiais apresentam uma forma fixa e geralmente encabeçam uma oração subordinada. Esse comportamento também é observado nos conectores de base verbal, embora estes não desempenhem exclusivamente funções subordinadas adverbiais. Eles podem marcar relações conclusivas, explicativas, aditivas e adversativas, que não são tipicamente adverbiais.

Ainda que essas construções não se enquadrem inteiramente na categoria de orações adverbiais, elas compartilham o mesmo comportamento estrutural: apresentam

duas construções, sendo uma delas iniciada pelo conector, e estabelecem relações semânticas. Dessa forma, todas essas construções — sejam causais, concessivas, conclusivas ou outras — serão aqui analisadas sob a ótica das construções complexas, sem a necessidade de uma distinção estrita entre subordinação e insubordinação, conforme exposto na metodologia e nas definições teóricas deste trabalho.

A posição fixa dos conectores já foi amplamente demonstrada por Kortmann (1994, *apud* Oliveira, 2014), Oliveira (2014) e Clemente (2020). O objetivo deste parâmetro de análise, então, é verificar a posição das construções iniciadas pelos conectores de base verbal em relação à construção complexa como um todo, investigando se elas aparecem predominantemente em posposição, anteposição ou intercalação. Ao analisar essas variações de posicionamento, buscamos compreender como a estruturação dessas construções afeta a interpretação semântica e a fluidez do discurso.

A ordem da construção iniciada pelo conector desempenha um papel crucial na interpretação semântica. Conforme abordado na seção teórica, a posição do conector é estrategicamente escolhida com base no significado que se pretende expressar. Para fornecer uma síntese visual, apresentamos, a seguir, um quadro composto pelas posições associadas a cada significado:

**Quadro 2:** Posições associadas a cada significado

|             | anteposta | posposta | intercalada |
|-------------|-----------|----------|-------------|
| causa       | x         | x        | x           |
| condição    | x         | x        | x           |
| concessão   | x         | x        | x           |
| adversidade |           | x        | x           |
| conclusão   |           | x        | x           |

**Fonte:** elaboração própria.

Como vemos no quadro (2) acima, os conectores que marcam relações de causa, condição e concessão podem ocorrer em construções nas mesmas posições (tanto em posposição como em anteposição). No entanto, de acordo com Neves (2000), as condicionais geralmente ocorrem com conectores em construções antepostas; e as concessivas e as causais, nas pospostas.

As posições preferenciais dos conectores condicionais e concessivos estão relacionadas à construção de uma sequência mais natural e lógica do discurso com o mundo real: em condicionais, a condição geralmente precede a ação principal na ordem

natural das coisas; e nas concessivas, a ordem do conector indica que apesar da concessão, algo ocorre. Já as construções causais seguem uma iconicidade discursiva, pois primeiro se anuncia o efeito e depois a causa, enquanto no mundo real primeiro ocorre a causa e depois o efeito (NEVES, 2000).

Para realizar distinções delicadas entre causa e condição, condição e concessão, ou concessão e adversidade, a ordem da construção iniciada pelo conector é, em alguns casos, um fator determinante. No entanto, a escolha da ordem pode estar intrinsecamente ligada à intenção do autor quanto ao ritmo e estilo. Logo, outros parâmetros também desempenham papel fundamental na determinação dos significados, como tempo e modo verbais, os quais veremos a seguir.

Ainda em relação ao quadro (2), vemos também a posição intercalada, a qual insere justificativas, causas, concessões e até condições dentro da oração principal, sem interromper significativamente o fluxo informacional. Essa forma de construção permite a adição de nuances ou informações adicionais, mantendo o foco no conteúdo principal. Por exemplo, em construções intercaladas concessivas, a concessão pode ser apresentada de modo a fornecer uma ressalva, sem desviar a atenção do ponto central da sentença. Mais detalhes sobre essa questão serão discutidos no capítulo de análise dos dados.

#### **2.2.4 Correlação modo-temporal dos verbos da construção complexa**

Entender a correlação modo-temporal é crucial para a interpretação das intenções dos usuários da língua e da estruturação das ideias das construções. Pesquisas nesse campo contribuem para desvendar as nuances dessas relações e ajudam a compreender como a escolha do modo e do tempo verbais impacta o significado e a interpretação das sentenças. O subjuntivo está associado a dúvida, desejo, possibilidade ou situações hipotéticas. Já o indicativo é mais comumente utilizado para expressar fatos reais, certezas ou resultados.

De acordo com Cavaguti e Hirata-Vale (2014), a pesquisa sobre as correlações entre tempos e modos verbais na estruturação da oração-núcleo e da oração adverbial revelou uma forte ligação entre o modo subjuntivo e a relação condicional na oração adverbial. Além disso, foi identificada uma notável prevalência do presente do indicativo na expressão de relações causais na oração-núcleo e na oração adverbial. Tais resultados apontam para a influência proeminente de certos tempos e modos verbais em contextos

específicos, delineando sua função na articulação das relações condicionais e causais nas estruturas linguísticas.

Conforme Rosário (2014) o modo subjuntivo também está relacionado às construções concessivas na oração adverbial. Melo (2015) propõe que a distinção entre orações concessivas e adversativas pode ser verificada pela presença do subjuntivo, uma vez que este pode indicar uma concessão, enquanto o uso do indicativo tende a sugerir uma adversidade.

As construções conclusivas e aditivas também têm suas nuances particulares quando se trata da correlação dos tempos e modos verbais. As conclusivas frequentemente apresentam a ideia de conclusão, resultando em uma inferência lógica ou dedução a partir do que foi expresso anteriormente. Geralmente, o indicativo, como já dito anteriormente, é empregado para transmitir certeza ou resultado evidente.

Já as construções aditivas, estas visam adicionar informações à ideia principal e o fato da ênfase estar na inclusão de informações adicionais sem a introdução de uma mudança abrupta no sentido, a correlação entre tempos e modos verbais nessas estruturas pode variar, mas geralmente é mais flexível.

Apesar de todas as tendências da correlação modo-temporal apresentadas, as variações contextuais e as preferências linguísticas podem impactar essas correlações. Portanto, é necessário considerar um conjunto de fatores (verificados nesta tese em *Parâmetros de análise*) para um contexto mais amplo que conduza a interpretação das construções.

### **2.2.5 Telicidade**

Um dos parâmetros de análise que norteia esta tese é a telicidade dos predicados. Esta noção aspectual, conforme descrita por Neves (2000), considera a demarcação da finitude de ações e eventos. Assim, predicados télicos apresentam eventos com conclusão definida, enquanto predicados atélicos caracterizam-se por reportar eventos sem término determinado.

O gerúndio, por sua natureza, é considerado uma forma verbal atélica, isto é, não está ligado a um ponto final específico ou a uma conclusão determinada. Sua função primordial é indicar uma ação em progresso, enfatizando o processo contínuo sem necessariamente apontar para um término ou resultado conclusivo. Por outro lado, o participio é uma forma verbal utilizada na formação de tempos compostos e para

expressar o aspecto perfeito ou completivo do verbo, como por exemplo, "falado", "comido", "corrido", entre outros. Geralmente, o particípio tende a possuir um caráter télico, uma ação já concluída, um estado alcançado ou um resultado finalizado, seja como parte de um tempo composto (como em "tenho falado") ou como um adjetivo verbal (exemplo: "o livro escrito").

Portanto, vemos que os conectores de *slot* [[Vparticípio+que] ⇔ conector] possuem base télica, enquanto os conectores de *slot* [[Vgerúndio+que] ⇔ conector], base atélica. Contudo, essa distinção não é tão linear, dado que construções como "supondo que" (de natureza atélica) podem expressar significados causais (télicos) ou condicionais (atélicos). A telicidade de um verbo pode ser ajustada ou reinterpretada dependendo do contexto discursivo e da estrutura complexa em que ele está inserido.

Sendo assim, vemos que é relevante considerar também a telicidade dos verbos que compõem toda a estrutura complexa (oração principal e adverbial) para uma análise mais precisa. Ou seja, a telicidade é uma propriedade que pode ser observada tanto no nível lexical, ou seja, no próprio verbo, quanto no nível estrutural, ou seja, na construção mais ampla em que o verbo aparece.

A condicionalidade tende a ter uma natureza atélica, já que expressa uma condição, uma situação que pode ou não ser realizada. A causalidade é vista como télica, pois indica uma ação ou evento que leva a um resultado específico. A adição geralmente, tem uma natureza atélica, pois se concentra na inclusão de informações ou elementos sem necessariamente implicar um resultado final ou um término definido. A conclusão tende a ser télica, já que implica um encerramento, um resultado final ou uma conclusão definitiva baseada em informações anteriores. A concessão pode ser télica, quando construída com eventos que têm uma conclusão clara (télicos), desde que haja um contraste ou contradição implicada: ou atélica, pois muitas vezes expressa algo inesperado ou contrário ao esperado, enfatizando uma concessão sem necessariamente levar a um desfecho ou resultado conclusivo. A adversidade pode ter uma natureza télica, já que indica uma oposição direta ou uma situação adversa que pode levar a um resultado específico. No entanto, também pode ser atélica, dependendo do grau de indefinição quanto ao desfecho ou resultado da situação adversa. Veja o quadro (3) abaixo:

**Quadro 3:** Telicidade dos significados expressos pelas construções [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] e [[Vparticípio+que] ⇔ conector]

|                    | <b>Télica</b> | <b>Atélica</b> |
|--------------------|---------------|----------------|
| <b>Condição</b>    |               | x              |
| <b>Causalidade</b> | x             |                |
| <b>Adição</b>      |               | x              |
| <b>Conclusão</b>   | x             |                |
| <b>Concessão</b>   | x             | x              |
| <b>Adversidade</b> | x             | x              |

**Fonte:** elaboração própria.

Portanto, vemos que a compreensão da telicidade dos predicados é fundamental para interpretar e diferenciar as nuances de significado nas construções analisadas. Por esse motivo, analisar a telicidade dos predicados é um dos parâmetros para compreender e diferenciar as nuances de significado expressas pelas construções.

Após descrever os parâmetros de análise, passamos para a próxima seção, dedicada a análise das construções compostas por [[Vparticípio+que] ⇔ conector] e [[Vgerúndio+que] ⇔ conector].

### 3 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, serão apresentados e analisados os dados coletados dos *corpora* *NOW* e *Web/Historical*, com foco nas construções do tipo [[Vparticípio+que] ⇔ conector] e [[Vgerúndio+que] ⇔ conector]. Essas construções são encontradas no nível de subesquema na rede de conectores e são parcialmente esquemáticas, pois seus *slots* são parcialmente abertos em V, permitindo apenas formas verbais não-finitas, mais a parte “que”, que não pode ser alterada.

Este capítulo está dividido em duas seções, pois trataremos das duas construções individualmente: a primeira diz respeito à construção [[Vparticípio+que] ⇔ conector], e a segunda, à construção [[Vgerúndio+que] ⇔ conector]. A análise dos dados será realizada em duas etapas principais: i) quantitativa: contagem das ocorrências de cada microconstrução nos dois *corpora* e apresentação dos dados em tabelas e quadros; ii) qualitativa: análise detalhada dos contextos de uso de cada construção, identificação de padrões de uso e discussão das tendências observadas.

A apresentação de dados quantitativos tem a intenção de fornecer uma base sólida para a análise qualitativa subsequente, permitindo identificar padrões de uso e tendências específicas. O objetivo da análise quantitativa é fornecer uma visão geral da distribuição e frequência das construções nos *corpora* analisados, garantindo que as observações qualitativas sejam fundamentadas em dados concretos. Ou seja, as informações quantitativas são usadas para reforçar os argumentos qualitativos e teóricos que desenvolvemos ao longo da tese.

A análise qualitativa será realizada considerando cinco parâmetros: a semântica e usos dos verbos que preenchem o *slot* V, a factualidade dos verbos que compõem a base dos conectores, a posição das construções na construção complexa, a correlação modo-temporal dos verbos da construção complexa e a telicidade.

Para nossa análise, os dados dos *corpora* *NOW* e *Web/Historical* foram integrados, sendo cada ocorrência identificada de acordo com seu corpus de origem. A integração desses dados permite que o foco seja mantido na análise das construções [[Vparticípio+que] ⇔ conector] e [[Vgerúndio+que] ⇔ conector], objetos de estudo desta tese. A decisão de coletar dados de dois *corpora* distintos — um mais antigo e um mais recente — visa garantir uma análise mais abrangente do desenvolvimento das construções ao longo do tempo.

Nossa análise começa com a caracterização das construções do tipo [[Vparticípio+que] ⇔ conector]. Nesta, os verbos que podem assumir a posição V incluem “dado”, “posto” e “visto”. Enquanto na construção [[Vgerúndio+que] ⇔ conector], os verbos preenchedores da posição V são “assumindo”, “pensando”, “considerando”, “supondo”, “sabendo”, “imaginando”, “sendo” e “entendendo”, conforme veremos mais detalhadamente nas próximas seções.

### 3.1 CONSTRUÇÃO [[VPARTICÍPIO+QUE] ⇔ CONECTOR]

Nesta seção, será realizada a análise das construções complexas compostas por construções conectoras do tipo [[Vparticípio+que] ⇔ conector], encontradas nos *corpora NOW* e *Web/Historical*<sup>24</sup>. Essas construções apresentam verbos no particípio seguidos pelo conector "que", formando microconstruções sancionadas que desempenham funções específicas no discurso.

Foram identificadas três microconstruções: [dado que], [posto que] e [visto que]. A análise quantitativa envolveu a contagem das ocorrências de cada uma dessas microconstruções em dois *corpora*, conforme mostra a tabela (15) abaixo.

**Tabela 15:** Total de ocorrências analisadas das construções do tipo [Vparticípio+que] ⇔ conector] nos *corpora NOW* e *Historical*.

| [VPARTICÍPIO+QUE]<br>⇔ CONECTOR] | MICROCONSTRUÇÃO | Nº DE<br>OCORRÊNCIAS<br>NO <i>CORPUS</i><br><i>HISTORICAL</i> | Nº DE<br>OCORRÊNCIAS<br>NO <i>CORPUS</i><br><i>NOW</i> | Nº DE<br>OCORRÊNCIAS<br>ANALISADAS |
|----------------------------------|-----------------|---|--|------------------------------------|
| 1                                | Dado que        | 65  | 100  | 165                                |
| 2                                | Posto que       | 45  | 100  | 145                                |
| 3                                | Visto que       | 100   | 100  | 200                                |
| <b>Total</b>                     | <b>3</b>        | <b>210</b>  | <b>300</b>   | <b>510</b>                         |

Fonte: elaboração própria.

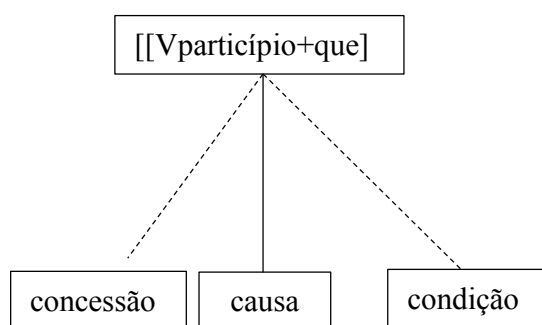
A tabela (15) apresenta a distribuição das ocorrências das construções [[Vparticípio+que] ⇔ conector] nos *corpora NOW* e *Historical*. A partir dela, observamos que [visto que] é a microconstrução mais frequente já desde o *corpus Historical*, com 200 ocorrências totais, seguida por [dado que] com 165 ocorrências, e

<sup>24</sup> A identificação de qual *corpus* foi encontrada a ocorrência encontra-se ao final de cada ocorrência.

[posto que] com 145 ocorrências. A comparação entre os dois *corpora* revela que as construções eram menos utilizadas no *corpus Historical*, indicando uma possível evolução ou aumento na utilização dessas estruturas ao longo do tempo.

Os dados encontrados nos *corpora* apresentam diferentes nuances semânticas, conforme ilustrado nas figuras (22) e (23) em rede. Essas figuras visualizam como os diferentes sentidos, como concessão, causa e condição, são realizados nas construções complexas analisadas ao longo do tempo.

**Figura 22:** Significados em rede da construção [[Vparticípio+que] ⇔ conector] no *corpus Historical*.



Fonte: elaboração própria.

A figura (22) mostra como as construções do tipo [[Vparticípio+que] ⇔ conector] no *corpus Historical* expressam nuances semânticas distintas. Observamos que, dentro desse *corpus*, os significados de concessão, causa e condição são distribuídos de forma variada, com a causa sendo a função prevalente (com 73.2% dos dados), conforme demonstra a tabela (16) abaixo:

**Tabela 16:** Frequência dos significados de [[Vparticípio+que] ⇔ conector] no *corpus Historical*.

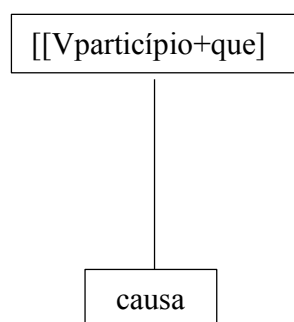
| CONECTOR         | CONCESSIVAS               | CAUSAIS                    | CONDICIONAIS              | TOTAL      |
|------------------|---------------------------|----------------------------|---------------------------|------------|
| <b>Dado que</b>  | 2<br>3.1%                 | 29<br>44.6%                | 34<br>52.3%               | 65         |
| <b>Posto que</b> | 20<br>44.5%               | 25<br>55.5%                | 0<br>0%                   | 45         |
| <b>Visto que</b> | 0<br>0%                   | 100<br>100%                | 0<br>0%                   | 100        |
| <b>TOTAL</b>     | <b>22</b><br><b>10.5%</b> | <b>153</b><br><b>73.2%</b> | <b>34</b><br><b>16.3%</b> | <b>210</b> |

Fonte: elaboração própria.

Na tabela (16), observamos que “visto que” sempre esteve associado à causalidade desde sua origem, mantendo essa função inalterada ao longo do tempo. Diferentemente de “dado que” e “posto que”, que no passado também expressavam valores concessivos e condicionais, “visto que” nunca desempenhou essas funções.

A análise do *corpus NOW* mostra que as construções conectoras de base participial são exclusivamente causais no uso contemporâneo, ao contrário do que vemos no *corpus Historical*, onde essas construções exibiam uma diversidade semântica maior. Essa mudança indica uma especialização semântica no discurso atual, com a função causal predominando e as outras funções, concessão e condição, desaparecendo, conforme vemos a representação em rede na figura (23) abaixo. O aumento da frequência de uso dessas construções em contextos causais pode ter levado a uma reinterpretação pragmática dessas construções, e assim, foram gradualmente consolidando a função causal em detrimento das demais.

**Figura 23:** Significados em rede da construção [[Vparticípio+que] ⇔ conector] no *corpus NOW*.



**Fonte:** elaboração própria.

Para entender o uso dos valores concessivo, condicional e causal no *Historical* e essa predominância causal no *NOW*, a análise qualitativa se concentrará na investigação dos parâmetros que influenciam a utilização das construções [[Vparticípio+que] ⇔ conector]. Cada um desses fatores desempenha um papel na configuração semântica das microconstruções, e sua interação pode explicar porque as construções [[Vparticípio+que] ⇔ conector] no *corpus NOW* se tornaram mais especializadas em expressar causalidade.

O primeiro parâmetro a ser examinado é a semântica e os usos dos verbos que preenchem o *slot V*. Nesta subseção, abordaremos como a escolha do verbo afeta o

significado e o uso das microconstruções em diferentes contextos discursivos. Sendo assim, vamos nos aprofundar na semântica e nos usos dos verbos que preenchem o *slot V* nessas construções. Ao explorar como a escolha dos verbos participiais contribui para a marcação causal, podemos compreender melhor porque essas construções se tornaram mais focadas em expressar causa no português contemporâneo.

### 3.1.1 Semântica e usos dos verbos que preenchem o *slot V*

Nesta seção, o foco é uma análise qualitativa detalhada dos verbos que preenchem o *slot V* na construção [[Vparticipio+que] ⇔ conector]. Diferente das outras seções, as quais apresentam tabelas e análises quantitativas, aqui nos concentramos em explorar os significados e usos específicos desses verbos.

O objetivo principal desta seção é proporcionar uma compreensão profunda das particularidades semânticas e dos contextos de uso dos verbos, como registrados em fontes como o dicionário *Priberam*, a descrição de Halliday (1985), e o banco de dados ADESSE. Essa abordagem nos permite examinar as nuances que podem ter influenciado os diferentes usos dos verbos como conectores nas construções analisadas.

Portanto, a seguir, apresentamos as particularidades dos verbos que preenchem o *slot V* na construção [[Vparticipio+que] ⇔ conector], selecionados com base no Dicionário *Priberam on-line*. Consideramos apenas os significados que podem ter contribuído diretamente para a formação dessa construção. Em cada exposição dos significados de cada verbo, baseando-nos no Dicionário *Priberam*, complementamos com exemplos extraídos do *Corpus do Português*.

As partes em negrito são grifos nossos, destacando o contexto principal para auxiliar o leitor na construção do sentido, já que, às vezes, as ocorrências são longas. Posteriormente, combinaremos essas informações com a descrição tipológica dos verbos proposta por Halliday (1985) e pelo ADESSE, com o objetivo de identificar o tipo verbal que preenche o *slot V*.

Os significados que apresentaremos a seguir são referentes ao emprego verbal (por isso variam entre infinitivo e outras flexões possíveis, como gênero, número, tempo, etc.) e não se limitam às formas fixas no participio usadas na base das construções conectoras.

#### 3.1.1.1 Verbo mental de percepção

## 3.1.1.1.1 Ver, visto

i) exercer o sentido da vista; olhar para:

37 Entrei na fila e vi um painel com uns preços. Mas não estava a dizer o que eram aqueles preços. Estranhei, porque tinha um bem caro. (19-06-01 PT)

ii) presenciar, assistir a:

38 " Tem um barulho muito alto, começa por volta de as 9h, a hora que o pessoal de a faculdade está saindo, e se estende até 3h, você não consegue ver televisão, não pode ficar com a janela aberta porque parece que o pancadão está em o meio de a minha sala ", reclama um morador de um prédio de a região. (19-02-15 BR)

iii) avistar; enxergar:

39 "O seu marido viu de longe e voltou correndo, quando começou a trocar socos com Janiel. Ele saiu e foi se armar, voltando com um revólver calibre 38. (14-01-20 BR)

iv) encontrar, achar, reconhecer:

40 Recebi a notícia e sai correndo. Vi que era ele por os vídeos, fotos. Fiquei apavorada ", conta ela, que dividia com o amigo o gosto por trap (subgênero de o rap). " Um dia ele tá lá tão sorridente com a gente, em o outro ele tá deitado em um caixão." (19-03-14 BR)

v) observar, reparar, notar, advertir:

41 O sentimento é o sentimento de a gente não poder fazer nada. Veja bem, tudo que podia fazer em a casa eu fiz. Tem câmera, tem cerca elétrica, tem tudo ", afirma Wesley Batista de a Silva, empresário e namorado de Michele. (19-05-01 BR)

Após entendermos os significados do verbo “ver”, percebemos a influência da semântica de "ver" mesmo quando usado como conector "visto que": a informação é apresentada como algo que foi percebido ou observado. Essa experiência visual é uma evidência incontestável e não pode ser negada. A expressão "vi com meus próprios olhos" enfatiza a autenticidade da observação direta, destacando que não há espaço para interpretações condicionais ou concessivas, já que a visualização direta serve como uma base sólida e irrefutável para a argumentação.

Portanto, o desenvolvimento do significado causal da microconstrução [visto que] envolve a relação metafórica do verbo "ver". Veja, a seguir, a primeira ocorrência de [visto que] coletada em nosso *corpora*:

42 Não é verdade quando diz que o Camaleão é o bloco mais popular, não é isso, ele é o mais elitizado na verdade. É onde você encontra pessoas que estão ali não para fazer pose, mas que estão ali para

se divertir junto com o Chiclete com Banana, eu acho que essa é a grande magia. Carnasite - Para finalizar, o que você acha da iniciativa de transformar o percurso Barra/Ondina no circuito oficial do Carnaval, **visto que** grande parte dos artistas e das bandas estão transferindo-se para lá? (19Or:Br:Intrv:Web) - *HISTORICAL*

No trecho “grande parte dos artistas e das bandas estão transferindo-se para lá” apresenta uma informação que é possível de ser observada ou percebida visualmente. Logo, percebemos que o conector "visto que" ainda carrega a conotação de algo que foi percebido ou observado e assim, foi utilizado como uma justificativa baseada em uma observação. A informação observada serve como uma base sólida para justificar a pergunta sobre a transformação do percurso no circuito oficial, similar a como a observação direta serve como uma base irrefutável na argumentação. Temos, então, em (42), [visto que] como construção conectora causal. E nossa coleta de dados mostra que este conector é predominantemente usado com valor causal.

Portanto, o desenvolvimento da microconstrução [visto que] se ancora na relação metafórica de "ver" como percepção visual direta, o que lhe confere um forte caráter causal em sua função como conector.

### 3.1.1.2 Verbos relacionais de transferência

#### 3.1.1.2.1 Dar, dado

##### i) ceder gratuitamente:

43 Ele foi ouvido e disse que não estava com os demais autores e que apenas parou em o local para dar um cigarro para um deles, que arrombava a porta de o comércio.. (18-03-11 BR)

##### ii) entregar como presente:

44 Estava vendo ali agora e o Yhudy disse: Papai, é feliz Dia de as Mulheres. O senhor vai ter que dar um presente para a tia Thyane. (19-03-12 BR)

##### iii) fazer doação de:

45 16/05/19 - 23: 35: 41 Grazi Massafera não esquece o passado difícil e faz questão de que Sofia, de 6 anos, entenda a situação confortável em que vive. " Separo roupas para dar, brinquedos " (19-05-16 BR)

##### iv) passar para a posse ou para as mãos de:

46 Após receber a multa por excesso de velocidade, Bernardo teria ficado agitado e, então, ela deu a bolsa e pediu para ele pegar remédios e tomar sozinho. Ele tomou, sempre segundo ela, Ritalina. (19-03-14 BR)

## v) tornar disponível:

47 . A intenção é **dar oportunidade** de obter renda que permita uma mudança de vida. (19-01-09 BR)

## vi) distribuir:

48 Frida e Bárbara **dão** doces para as crianças em o recreio em troca de votos. (16-12-30 BR)

## vii) ter algo como resultado:

49 O senador também disse que não concorda com a ideia de se permitir que ativos de os Estados possam ser federalizados para melhorar sua situação fiscal. " Isto **dá** um sinal negativo para o mercado ", argumentou. (16-11-23 BR)

## viii) fazer tomar:

50 Assim, **ele deu o medicamento a os ratos** por sete dias e monitorou suas células de gordura.". (13-02-09 BR)

## ix) administrar um sacramento:

51 Quando chegou sua hora e que o pároco de a aldeia veio lhe **dar a extrema-unção**, seu olhar, que já parecia morto, se reanimou a o ver o crucifixo em vermeil que se aproximava de seus lábios: ele fez um gesto brusco tentando pegar todo aquele brilho. O movimento encurtou ainda mais seu fim. (16-12-08 BR)

## x) ministrar conhecimentos:

52 " Minha filha que hoje tem 19 anos estudou aqui até o 9º ano e meu filho de cinco anos também estuda ", conta. **A professora dá aulas a o 9º ano**. Esse é o lado profissional, conta ela, e o lado " mãe " confia a a escola o ensino de os filhos. (18-11-24 BR)

## xi) transmitir ou manifestar:

53 Minha tia comemorou onze meses sem beber, preciso ligar pra **dar** parabéns. (19-01-22 BR)

## xii) atribuir uma designação a algo ou alguém:

54 Outro comunista clássico, Oscar Niemeyer, não **deu** nome a nenhum empreendimento local, mas deixou ali sua marca: o edifício de o jornal L' Humanité, hoje abandonado. (18-06-10 BR)

O verbo "dar" desempenha um papel importante na formação de construções complexas como o conector "dado que". Para compreendermos plenamente a trajetória

semântica desse conector, é necessário destacar primeiro seu valor concessivo original, que se desenvolveu antes de seu uso predominante como causal.

Em nossa coleta de dados, encontramos "dado que" inicialmente com função concessiva. Nessa acepção, o conector é utilizado para reconhecer uma premissa ou circunstância sem que essa admissão impeça a validade de outra proposição ou ação subsequente. Em outras palavras, o uso concessivo de "dado que" implica aceitar um fato ou condição, mas, ao mesmo tempo, apresentar um evento ou argumento contrastante que se mantém válido, mesmo com a presença dessa premissa. Veja a ocorrência abaixo:

- 55 Era ela mesma, eram os seus mesmos braços. É certo, porém, que D. Severina, tanto não podia sair da parede, **dado que** houvesse ali porta ou rasgão, que estava justamente na sala da frente ouvindo os passos do solicitador que descia as escadas. (18:Machado:Brasos) - *HISTORICAL*

Em (55), "dado que" reconhece a premissa de que D. Severina não poderia sair da parede mesmo que houvesse uma porta ou abertura, o que, paradoxalmente, não impede a narrativa de descrever sua inquietação e os movimentos subsequentes. Aqui, "dado que" atua como um conector concessivo, pois reconhece uma condição que, apesar de ser verdadeira, não impede a continuação do evento descrito. Dessa forma, o uso concessivo de "dado que" demonstra como uma informação aceita ou admitida (a premissa) pode coexistir com um ponto contrastante (a ação subsequente), ilustrando a flexibilidade e a profundidade semântica<sup>25</sup> desse conector na língua portuguesa.

Embora a causa seja tradicionalmente considerada mais básica na evolução semântica das línguas, encontramos evidências de que, em algumas construções, o valor concessivo pode ter precedido o causal, como observado também no caso de "posto que", por Amorim (2021). Essa mudança semântica desafia a hierarquia típica de causa > concessão, sugerida por estudiosos como Kortmann (1997, apud Amorim 2021), e mostra que a adaptação pragmática pode seguir diferentes direções dependendo do contexto. Acreditamos que o mesmo fenômeno se aplica a "dado que", onde a morfologia verbal e

---

<sup>25</sup> Quando falamos de profundidade semântica, estamos analisando como um determinado termo, expressão ou construção linguística pode expressar nuances de significado, permitindo diferentes interpretações conforme o contexto em que é utilizado. No caso do conector "dado que", a profundidade semântica pode ser vista em sua flexibilidade para expressar diferentes tipos de relações semânticas, como causalidade, condicionalidade e concessão. Portanto, a profundidade semântica de "dado que" refere-se à sua capacidade de operar em níveis diferentes de significado, permitindo que um fato reconhecido (a impossibilidade de sair da parede) e um ponto contraditório (movimentos de inquietação) coexistam sem anular um ao outro, enriquecendo o entendimento e a interpretação do discurso.

outros fatores contextuais desempenham um papel importante na evolução de seus significados.

A trajetória de "dado que" reflete uma mudança semântica que se adapta pragmaticamente aos diferentes contextos discursivos. Originalmente usado com valor concessivo, "dado que" evoluiu para os valores causal e condicional, em resposta à necessidade de expressar justificativas e condições no discurso. Assim, a extensão semântica de concessivo para causal, e posteriormente para condicional, em "dado que", pode ser explicada pela adaptação pragmática em diferentes contextos discursivos, e não exclusivamente por uma evolução metafórica. Para uma discussão mais detalhada sobre as dinâmicas da mudança semântica de "posto que" e suas implicações em "dado que", remetemos o leitor a Amorim (2021).

Além do significado concessivo, encontramos também o valor causal. O significado original do verbo "dar" implica transferência, entrega ou concessão de algo concreto, o que se traduz metaforicamente em fornecer uma base sólida para a proposição subsequente. Pensemos em "dar" uma informação a alguém, ou ainda, pensemos em uma informação que foi "dada" (aqui envolve também a telicidade, a qual veremos mais adiante). Assim, percebemos também os dados contendo "dado que": alguma informação já foi dada/ mencionada anteriormente causa ou é a causa de algo. Veja a ocorrência (56) a seguir:

- 56 Esta relação abrange algumas especificações essenciais, tais como o valor de mercado; aparato técnico; o conjunto de câmeras; a capacidade de memória e desempenho, entre outras características. # 1 – O modelo LG K11 Plus pode ser o aparelho ideal, **dado que** está munido da chamada certificação militar MIL-STD-810G, a qual assegura maior capacidade de resistência a os choques. (19-05-10 BR) - *NOW*

Em (56), "dado que" ajuda a conectar uma razão à ação recomendada, e assim, fornece um contexto lógico para a escolha. "O modelo LG K11 Plus pode ser o aparelho ideal **porque** está munido de a chamada certificação militar MIL-STD-810G, a qual assegura maior capacidade de resistência a os choques". Há uma justificativa, algo que causa ele ser considerado o aparelho ideal, mencionado anteriormente. Temos, portanto, um contexto causal.

Acreditamos que o verbo "dar" influenciou o surgimento do conector "dado que", predominantemente utilizado como causal, estabelecendo uma relação direta entre uma premissa e sua consequência.

No entanto, além do significado causal e concessivo, encontramos também “*dado que*” com valores condicional no *corpus Historical*. Veja uma ocorrência de “*dado que*” condicional em (57):

- 57 Você pode soltar um camundongo de um poço de mina de um quilômetro de profundidade; chegando a o fundo, ele sofre um pequeno choque e vai embora andando, **dado que** chão seja razoavelmente macio. [...] (19-04-22 BR) - *NOW*

Em (57), “*dado que*” estabelece a condição de que o chão seja razoavelmente macio. Isso cria uma situação hipotética: se a condição de um chão macio for atendida, então o camundongo sofrerá apenas um pequeno choque e conseguirá andar após cair no poço. Essa é uma maneira de explorar as consequências que resultariam de uma condição específica. Há, então, uma relação de dependência entre a condição estabelecida (o chão ser razoavelmente macio) e a consequência resultante (o camundongo sofrer apenas um pequeno choque e conseguir andar após cair no poço).

Ainda que os significados concessivo, causal e condicional apresentem diferenças, compartilham também de semelhanças na estrutura e nos usos da língua. Por exemplo, esses significado envolvem relação entre eventos ou situações. No significado causal, essa relação é de causa e efeito/ consequência, visto que um evento leva diretamente a outro. No condicional, a relação é de condição e consequência, indicando que um evento, hipotético, ocorrerá se uma determinada condição for satisfeita. No significado concessivo, há uma relação de contraste, onde uma premissa ou fato é admitido, mas ele não impede que o evento principal ocorra. Ou seja, o evento se realiza apesar da concessão feita.

Conforme Neves (2000), os três significados podem ser explicados por uma lógica causal. No caso das concessivas, embora um evento ou situação seja admitido como verdadeiro, ele não inviabiliza o desfecho, o que sugere que há uma motivação subjacente para que o evento principal ainda ocorra, reforçando, em certo nível, a ideia de uma “causalidade inversa” ou um contexto que, mesmo sendo contrário, ainda permite a realização do evento. Nas construções condicionais, o evento principal depende diretamente do cumprimento de uma condição, o que reforça a relação de causa e consequência. Assim, Neves (2000) sugere que, por mais distintos que possam parecer, concessivo, causal e condicional compartilham uma base semântica causal que organiza a interação entre eventos em diferentes níveis de complexidade discursiva.

## 3.1.1.2.2 Pôr, posto

i) deixar ficar algo num local ou levar algo até lá, como “colocar”:

58 " Ele falou que tinha uma lesão e precisava de uma consulta. Eu não desconfiei de nada inicialmente, mas quando estávamos sozinhos em o consultório ele pôs uma faca em o meu pescoço, roubou meu celular e me mandou deitar de bruços em a maca ", detalhou. (19-06-08 BR)

ii) usar uma peça de vestuário ou de calçado, como “calçar” ou “vestir”:

59 Para dar um contraste, ela pôs um sapato branco. Todo o visual deu evidência as suas pernas torneadas. (19-05-06 BR)

iii) impor:

60 Já bebi, já bebi em o palco, já pus o pessoal pra beber comigo e eu sou muito forte para beber. E eu estou tomando um remédio (...). O show foi mais cedo e não deu tempo de o remédio sair de o meu organismo ", disse ele. (18-07-01 BR)

iv) escrever:

61 Me deram o telefone em um papel, não pôs nome de presídio nem nada. Só um número de telefone e para procurar saber onde que é ". (14-04-03 BR)

v) atribuir:

62 - Insira o comando " shutdown /s /t 0 " (sem aspas); # - Clique em " Próximo " e **ponha** um nome para o atalho para finalizar o procedimento. (13-04-22 BR)

Reconhecemos que "pôr" é tradicionalmente classificado como um verbo de colocação, pois sua função principal é relacionada ao ato de posicionar ou colocar algo em um local específico. No entanto, "dar", outro verbo da base dos conectores participiais, não pode ser considerado um verbo de colocação, mas sim um verbo de transferência, pois envolve a transferência de posse ou propriedade de um objeto de um indivíduo para outro. Ao analisar "pôr", notamos que, além de sua função de colocação, ele também pode apresentar características de um verbo de transferência em determinados contextos, o que nos permitiu incluí-lo na rede [[Vparticipio+que] ⇔ conector], juntamente com “dar”.

Esse valor de "pôr" como verbo de transferência parece interferir diretamente no significado da construção conectora com participípio. Pensemos em uma informação posta, ou seja, uma informação estabelecida ou reconhecida. Com isso em mente, veja a ocorrência a seguir:

- 63 Caso esse prestador de serviço confirme essa declaração e gere o documento único de arrecadação de o Simples Nacional com a inclusão de esses valores, estará recolhendo, em favor de o município que foi identificado em aquele sistema como competente para a cobrança do ISS que foi calculado, o valor de um imposto que aquele município não poderia receber, **posto que**, como já dito, não publicou lei instituindo a sua cobrança sobre essa atividade. (18-03-06 BR) - *NOW*

Em (63), percebemos claramente haver uma retomada do que já foi dito, como se o ouvinte dissesse “lembra daquela informação que já foi posta em nossa conversa”. A informação “não publicou lei instituindo a sua cobrança sobre essa atividade” parece já ter sido mencionada e está sendo retomada pelo usuário da língua, como o próprio diz, logo em seguida de “posto que”, entre vírgulas, “como já dito”.

Podemos interpretar o contexto em (63) da seguinte forma: "posto que" introduz uma justificativa ou razão para a afirmação que foi feita anteriormente e explica o porquê de ocorrer um recolhimento indevido de ISS a favor de um determinado município. A razão é que esse município não publicou uma lei instituindo a cobrança de ISS sobre a atividade em questão. A ausência dessa legislação é o motivo ou causa para o recolhimento indevido. Portanto, "posto que" está sendo usado com significado causal e estabelece uma relação de causa e efeito entre a falta de legislação municipal e o recolhimento indevido de ISS.e

No entanto, como já relatado na análise de "dado que", estudos como os de Amorim (2021) mostram que o conector "posto que" não surgiu inicialmente como causal, mas sim como concessivo. O valor concessivo de "posto que" pode ser explicado pela ideia de admitir uma premissa e apresentar um resultado contrastante. Veja uma ocorrência concessiva com “posto que” abaixo:

- 64 E, ganhando definitivamente a confiança dos de Antalaquituxe, Matulu atraiu sobre si a ira de Xtole que tentou matá-lo. **Posto que** em menor número, nossas forças venceram as do régulo, graças à disciplina e à organização. (19:Fic:Br:Gomes:Rios) - *HISTORICAL*

Em (64), o conector "posto que" é utilizado de maneira concessiva. Ele introduz uma premissa que é admitida (o fato de nossas forças estarem em menor número) enquanto se apresenta um ponto contrastante (nossas forças venceram as do régulo). No contexto, vemos que há uma desvantagem significativa, pois as forças eram numericamente inferiores. No entanto, essa premissa não impede o resultado positivo que é apresentado: a vitória das forças graças à disciplina e à organização. "Posto que" é utilizado para reconhecer o fato de as forças estarem em menor número e em seguida,

deparamo-nos com uma informação contrastante com o que foi apresentado por “posto que”.

De acordo com Amorim (2021), a evolução semântica de "posto que" é um fenômeno diacrônico significativo, que ilustra uma mudança de concessão para causa. Amorim (2021) aponta que essa mudança pode estar relacionada a fatores contextuais e pragmáticos, como a morfologia verbal e o uso discursivo em determinados gêneros textuais. Para uma análise mais aprofundada sobre essa mudança e seus contextos, remetemos o leitor à obra de Amorim (2021).

Em seguida, passamos à próxima seção para tratar de outro ponto que também interfere na análise dos significados: a factualidade dos verbos que compõem a base dos conectores.

### 3.1.2 Factualidade

Nesta seção, inicialmente examinaremos como a factualidade do participípio influencia a formação e o significado dos conectores na língua portuguesa. Em seguida, vamos também verificar a factualidade dos verbos que compõem a base desses conectores, investigando como suas características intrínsecas moldam o papel conector das formas participiais. No entanto, em alguns casos específicos, será necessário considerar a factualidade no contexto mais amplo da construção complexa, destacando como a interação entre o verbo base e a estrutura completa da construção contribui para a interpretação semântica global.

Os verbos "ver", "dar" e "pôr" remetem a altos graus de factualidade devido à natureza concreta e observável das ações que descrevem, como vimos até aqui. Quando se afirma que alguém vê algo, está-se afirmando que essa pessoa está testemunhando a ocorrência de um evento ou a existência de um estado de forma direta e indiscutível. Quando se diz que algo é dado, está-se indicando uma transferência tangível e real de um objeto ou benefício de uma entidade para outra. Quando se utiliza "pôr" em uma construção, está-se descrevendo uma atividade que envolve a interação direta com o mundo físico, uma ação concreta que pode ser observada, percebida.

Essa factualidade dos verbos preenchedores do *slot V* influenciou a formação dos conectores "dado que", "posto que" e "visto que", uma vez que são predominantemente causais. O significado concessivo também apresenta leitura factual, pois é preciso um fato estabelecido ou considerado real para contrastar com um resultado inesperado. Desse

modo, os conectores como "dado que", "posto que" e "visto que" quando usados em construções complexas, contribuem para os significados causais e concessivos. Veja, em (65), um trecho de uma ocorrência:

65 [...] a venda de cigarros é uma atividade legal e estritamente regulada e cujos riscos para a saúde são conhecidos há décadas ", disse Sparrow a a AFP. [...] (19-05-24 BR) - *NOW*

Em (93), mesmo sem conector, temos uma leitura factual: a venda de cigarros como uma atividade legal e regulada, e o conhecimento dos riscos para a saúde, são fatos estabelecidos e indiscutíveis. No entanto, a frase se limita a apresentar esses fatos sem estabelecer uma relação explícita de causa e efeito, pois não há elemento que faça isso, como um conector, por exemplo. Agora, vejamos abaixo o contexto completo de (65):

65a [...] " Vale a pena apontar que em os últimos 20 anos ou mais, os tribunais de o Brasil constataram que os fabricantes de tabaco não são responsáveis por os danos causados por fumar, **dado que** a venda de cigarros é uma atividade legal e estritamente regulada e cujos riscos para a saúde são conhecidos há décadas ", disse Sparrow a a AFP. [...] (19-05-24 BR) - *NOW*

Ao introduzir o conector "dado que", não apenas se mantém a factualidade dos eventos descritos, mas também há o estabelecimento de uma relação causal explícita. O conector "dado que" reforça que a venda de cigarros ser uma atividade legal e regulada, juntamente com o conhecimento dos riscos à saúde, são as causas pelas quais os tribunais decidiram que os fabricantes de tabaco não são responsáveis pelos danos causados pelo fumo.

Em (66), apresentamos novamente outro trecho sem o conector:

66 [...] houvesse ali porta ou rasgão, que estava justamente na sala da frente ouvindo os passos do solicitador que descia as escadas. [...] (18:Machado:Braços) - *HISTORICAL*

Sem o conector, a frase sugere que há uma condição hipotética (houvesse ali porta ou rasgão) e menciona uma ação concreta (estava justamente na sala da frente ouvindo os passos). No entanto, a relação entre essas duas partes é implícita e não claramente definida. Agora veja a transformação do contexto completo, com o conector:

**66a** O natural era que se espantasse; mas não se espantou. Embora com as pálpebras cerradas viu-a desprender-se de todo, parar, sorrir e andar para a rede. Era ela mesma, eram os seus mesmos braços. É certo, porém, que D. Severina, tanto não podia sair da parede, **dado que** houvesse ali porta ou rasgão, que estava justamente na sala da frente ouvindo os passos do solicitador que descia as escadas. (18:Machado:Braços) - *HISTORICAL*

O uso de "dado que" em (66a) transforma a condição em uma premissa que reforça a factualidade da ação descrita. Ou seja, a presença de "dado que" confere leitura factual ao que seria uma condição hipotética. A possibilidade de haver uma porta ou rasgão é apresentada como uma premissa lógica que deve ser considerada verdadeira para a argumentação subsequente. Quando utilizado o conector "dado que", juntamente, o pretérito imperfeito não mais indica hipótese, mas apenas situa a narrativa no passado, sugerindo que a porta ou o rasgão existiam de fato.

A concessividade é expressa ao contrastar a possibilidade de haver uma porta ou rasgão com o fato de D. Severina não poder sair de lá. Isso cria um contraste entre a possibilidade de saída e a realidade de sua localização, estabelecendo uma relação concessiva entre os eventos. Em (66), a ausência do conector deixa a relação entre a condição (existência da porta ou rasgão) e a ação (D. Severina na sala da frente) implícita. Com a introdução do conector "dado que" e o contexto completo, temos uma maior factualidade para a condição mencionada, e assim, consegue expressar concessividade ao contrastar o que antes seria uma condição com o que passou a ser uma realidade concreta do passado.

Também podemos observar um contexto factual na ocorrência (67) abaixo:

67 [...] sabia que o enrijecimento cadavérico não espera os retardatários [...] (19:Fic:Br:Guerra:Vila) - *HISTORICAL*

A ocorrência (67) contém elementos factuais, pois são baseados em conhecimento concreto e observável. Quando alguém "sabe" algo, está-se afirmando que essa pessoa possui uma certeza baseada em fatos ou evidências. Além disso, a construção menciona especificamente o "enrijecimento cadavérico", que é um fenômeno biológico bem documentado e previsível que ocorre após a morte. Essa factualidade elaborada pelos elementos é reforçada com o uso do conector, como vemos em (67a):

67a - O defunto vai assim mesmo? - perguntou a enfermeira gordinha. Vera alternava o olhar entre a porta e o relógio, contava os minutos, os segundos, **posto que** sabia que o enrijecimento cadavérico não espera os retardatários, mas não respondeu e, imensamente agravada, arrebiteou o nariz. (19:Fic:Br:Guerra:Vila) - *HISTORICAL*

Com o conector "posto que" em (67a), a ocorrência não só mantém a factualidade dos eventos descritos, mas também estabelece uma relação causal explícita. O conector "posto que" reforça que a contagem dos minutos e segundos é causada pelo conhecimento

de Vera sobre o enrijecimento cadavérico. A construção se torna mais factual ao estabelecer a ligação causal com o conector “dado que”.

Veja mais um exemplo de contexto factual na ocorrência (68) abaixo:

- 68 Despejou fora o chapéu e empunhou a garrucha, disposto a defender-se. Nos terrenos diamantíferos, em geral, o som propaga-se a grandes distâncias, [...] demoradamente. (19:Fic:Br:Rocha:Dusa) - *HISTORICAL*

A ocorrência (68) apresenta ações físicas, que são, portanto, factuais. "Demoradamente" indica a velocidade com que o som se propaga, introduzindo uma nuance temporal que, embora menos concreta, ainda se baseia em observações verificáveis das condições do terreno. Agora veja o contexto completo, incluindo o conector “posto que”:

- 68a** Despejou fora o chapéu e empunhou a garrucha, disposto a defender-se. Nos terrenos diamantíferos, em geral, o som propaga-se a grandes distâncias, **posto que** demoradamente. (19:Fic:Br:Rocha:Dusa) - *HISTORICAL*

O conector "posto que" é introduzido, em (68a), para estabelecer uma relação concessiva entre a propagação do som e a característica de propagação lenta. O conector ajuda a estruturar as construções de modo que o leitor compreenda a concessão feita: o som se propaga a grandes distâncias, mas faz isso demoradamente. No entanto, a inclusão do conector "posto que" não altera a factualidade dos eventos descritos. A construção explica que, embora o som se propague a grandes distâncias (um fato estabelecido), isso ocorre de maneira lenta. Isso estabelece um contraste entre a distância de propagação e a velocidade dessa propagação. Em (69) e (69a) também podemos observar a diferença do uso do conector:

- 69 [...] ele mesmo tinha oito filhos, todos em idade escolar e ansiosos para beber os ensinamentos ministrados pelos paulistas. [...] (19:Fic:Br:Cabral:Xambioa) - *HISTORICAL*

Em (69), são apresentadas informações factuais: declaração de posse (possuir oito filhos), especificidade da idade (todos em idade escolar) e observação de estado emocional (“ansiosos para beber os ensinamentos”). Agora veja com o contexto completo, inclusive com o conector “visto que”:

- 69a** Acima da barranca do Gameleira, depois da mata ciliar que fora preservada, Nonô, ao longo dos anos, desmatara com critério o local onde construía sua choupana, plantando aqui e ali árvores frutíferas que lhe davam sombra e frutos. Ha-via, assim, mangueiras, cajueiros e um frondoso pé de abiu que fazia a alegria das crianças, com suas bagas amarelas e doces. Compunham, igualmente, o pomar outras fruteiras como o cajá, a serigüela e o sapotí, originárias do Nordeste,

bem como o cupuaçu, a pupunha e o bacuri, nativas da região. Em face das peculiaridades do local, o sítio fora escolhi-do para abrigar a escola da comunidade, sem qualquer oposição da parte de Nonô, **visto que** ele mesmo tinha oito filhos, todos em idade escolar e ansiosos para beber os ensinamentos ministrados pelos paulistas. (19:Fic:Br:Cabral:Xambioa) - *HISTORICAL*

Em (69a), com o conector "visto que", não apenas se mantém a factualidade dos eventos descritos, mas também se estabelece uma relação causal explícita. O conector "visto que" estabelece a ligação causal entre a escolha do local e a situação familiar de Nonô. Em outras palavras, ele reforça a conexão lógica entre os fatos apresentados e a decisão tomada.

Por fim, apresentamos mais um exemplo de análise da factualidade, mas agora com o significado condicional, que não é factual. Veja a ocorrência (70) a seguir:

70 [...] a situação de trabalho contém o acidente, está mantida a validade e a utilidade da investigação desses eventos [...] (19Ac:Br:Lac:Thes) - *HISTORICAL*

Em (70), são apresentadas informações factuais que não contribuem para o estabelecimento do significado condicional: "a situação de trabalho contém o acidente" é uma afirmação concreta sobre a relação entre a situação de trabalho e a ocorrência de acidentes. Esta é uma declaração direta e observável sobre a natureza do ambiente de trabalho; "está mantida a validade e a utilidade da investigação desses eventos" é uma afirmação sobre a importância contínua da investigação de acidentes, uma vez que a situação de trabalho os contém e também é uma avaliação factual baseada em pesquisa. Agora veja o contexto completo, em (70a) incluindo o conector "dado que", o único conector encontrado com significado condicional em nossos dados:

**70a** A autora também descarta a visão determinista, segundo a qual os acidentes poderiam ser previstos com certeza absoluta. Para ela, a questão é: "se a situação de trabalho 'contém' o acidente será possível compreendê-lo e evitá-lo antes de sua ocorrência [...]?" (p. 113). Neste estudo, discute-se questão diferente da proposta pela autora e que pode ser formulada nos seguintes termos: **dado que** a situação de trabalho contém o acidente, está mantida a validade e a utilidade da investigação desses eventos? O tipo de acidente (1, 2 ou 3 de Monteau) mais freqüente numa dada realidade interfere na resposta a essa questão? (19Ac:Br:Lac:Thes) - *HISTORICAL*

Devido ao caráter factual do conector "dado que", este não consegue por si só estabelecer a condicionalidade da construção complexa, pois a não factualidade do significado condicional depende também de outros elementos contextuais em (70a). A frase "dado que a situação de trabalho contém o acidente" é tratada como uma premissa factual, mas a questão subsequente "está mantida a validade e a utilidade da investigação desses eventos?" estabelece a condicionalidade ao introduzir uma discussão hipotética

baseada nessa premissa. Ou seja, a forma interrogativa introduz uma incerteza sobre a consequência, transformando o factual em uma condição hipotética que precisa ser verificada. Dessa forma, mesmo com a factualidade de "dado que", elementos que introduzem incerteza ou hipóteses são adicionados e assim, ajudam a estabelecer a condicionalidade na construção complexa. Embora o conector introduza uma premissa aparentemente factual, o contexto revela que essa factualidade está atrelada a uma condição hipotética que ainda não ocorreu.

Em suma, a factualidade dos verbos que compõem a base dos conectores influencia diretamente a leitura causal e concessiva, e até mesmo permite a construção de condições hipotéticas, quando inseridas em contextos de incerteza ou discussão.

Agora que exploramos como a factualidade afeta os significados dos conectores participiais, passamos a analisar como a posição da construção encabeçada pelo conector na construção complexa pode influenciar a interpretação semântica. Na próxima seção, veremos como a posição do conector dentro da sentença afeta o seu valor interpretativo e a organização discursiva.

### 3.1.3 Posição da construção encabeçada pelo conector na construção complexa

Outro aspecto da construção [[Vparticípio+que] ⇔ conector] é a posição na qual o conector é usado nas construções complexas. Em (71), temos uma ocorrência com o conector em posição de anteposição — a construção iniciada pelo conector é colocada antes da construção principal — e em (72), em posposição — a construção com o conector vem após a construção principal:

- 71 [...] Além disso, possibilita o uso da Intranet dentro das empresas e corporações, que são redes internas que interligam um grupo de usuários utilizando os protocolos da Internet. **Posto que** as tecnologias mencionadas podem ter grande potencial na indústria da construção e algumas delas já estão começando a nela serem utilizadas, considera-se oportuna a descrição destas tecnologias por estarem relacionadas à gestão de materiais, tema deste trabalho. [...] (19Ac:Br:Lac:Thes) - *HISTORICAL*

Na construção "posto que as tecnologias mencionadas podem ter grande potencial na indústria da construção e algumas delas já estão começando a nela serem utilizadas," [posto que] é usado para introduzir uma relação causal. Ele indica a razão ou motivo que justifica a afirmação subsequente: "a descrição destas tecnologias por estarem relacionadas à gestão de materiais, tema deste trabalho.", pois estabelece uma conexão de causa e efeito, explicando por que é relevante descrever essas tecnologias. A justificativa

é apresentada antes da informação que está sendo justificada, o que não é gramaticalmente incorreto e, de fato, pode ter sido usado pelo usuário da língua para enfatizar a razão antes de revelar o que está sendo justificado.

Além disso, ao usar a construção "posto que as tecnologias mencionadas", cria-se uma conexão com a informação já estabelecida, reforçando o conteúdo anterior e guiando o leitor para a compreensão mais precisa do que está sendo informado. É como se o falante ou escritor estivesse dizendo: "de acordo com o que já foi apresentado, ou conforme já foi dito, as tecnologias mencionadas são...", o que nos faz pensar na semântica de "posto" novamente, pois as tecnologias em questão já foram previamente apresentadas/ postas. Há uma retomada.

72 [...] Neste caso, estamos diante de uma frase mal formada semanticamente no português, e o encaixamento das sentenças não possibilita resolver o caso da ambigüidade existente entre o uso concreto e o uso abstrato da palavra macaco, **dado que** temos uma única forma com dois significados diferentes (instrumento mecânico e animal). (19Ac:Br:Lac:Thes) - *HISTORICAL*

Em (72), primeiro a informação sobre a construção mal formada é apresentada e depois é explicado o motivo específico para essa inadequação — a ambigüidade na palavra "macaco". Vemos que "dado que" é posicionado após a oração principal, em posposição, e serve para apresentar a causa ou a razão da afirmação principal. A posposição é uma característica sintática dos conectores causais (CAVAGUTI, HIRATA-VALE, 2014; CLEMENTE, 2020; NEVES, 2000).

Ao observarmos as tabelas (17) e (18) abaixo, percebemos que a posição mais frequente da construção [[Vparticipio+que] ⇔ conector] no *corpus Historical* e no *NOW* é a posposição:

**Tabela 17:** Frequência das posições da construção [[Vparticipio+que] ⇔ conector] no *corpus Historical*.

| <b>Construção</b>                         | <b>Anteposição</b>        | <b>Intercalação</b>      | <b>Posposição</b>          | <b>Total</b>              |
|---|---------------------------|--------------------------|----------------------------|---------------------------|
| [Dado que]                                | 24<br>36.9%               | 10<br>15.3%              | 31<br>47.7%                | <b>65</b><br><b>100%</b>  |
| [Posto que]                               | 6<br>13.5%                | 2<br>4.5%                | 37<br>84%                  | <b>45</b><br><b>100%</b>  |
| [Visto que]                               | 6<br>6%                   | 7<br>7%                  | 87<br>87%                  | <b>100</b><br><b>100%</b> |
| <b>[[Vparticipio+que]<br/>⇔ conector]</b> | <b>36</b><br><b>17.2%</b> | <b>19</b><br><b>9.1%</b> | <b>154</b><br><b>73.7%</b> | <b>210</b><br><b>100%</b> |

**Fonte:** elaboração própria.

**Tabela 18:** Frequência das posições da construção [[Vparticipio+que] ⇔ conector] no *corpus NOW*.

| Construção                            | Anteposição             | Intercalação          | Posposição                | Total                     |
|---------------------------------------|-------------------------|-----------------------|---------------------------|---------------------------|
| [Dado que]                            | 27<br>27%               | 1<br>1%               | 72<br>72%                 | <b>100</b><br><b>100%</b> |
| [Posto que]                           | 1<br>1%                 | 1<br>1%               | 98<br>98%                 | <b>100</b><br><b>100%</b> |
| [Visto que]                           | 5<br>5%                 | 6<br>6%               | 89<br>89%                 | <b>100</b><br><b>100%</b> |
| <b>[[Vparticipio+que] ⇔ conector]</b> | <b>33</b><br><b>33%</b> | <b>8</b><br><b>8%</b> | <b>259</b><br><b>259%</b> | <b>300</b><br><b>100%</b> |

Fonte: elaboração própria.

Os conectores do tipo [[Vparticipio+que] ⇔ conector] seguem um padrão semelhante quanto à posição em que ocupam na construção complexa: com uma distribuição predominante em posposição e menor frequência em anteposição e intercalação. Segundo Cavaguti e Hirata-Vale (2014), a posposição é mais frequente para expressar significado causal, pois indica a razão ou motivo por trás de algo. Veja algumas ocorrências de (73) a (75) em posposição:

- 73 De qualquer forma, o desenvolvimento de regras gramaticais para um parser é complexo, **dado que** vários fatores devem ser observados, por exemplo: as regras gramaticais não devem ser muito restritivas a ponto de não serem aplicadas a sentenças que seguem seus padrões sintáticos; as regras gramaticais não devem ser muito genéricas a ponto de serem aplicadas a sentenças que não seguem seus padrões sintáticos; as regras gramaticais devem abranger tantos fenômenos lingüísticos quanto possível. (19Ac:Br:Lac:Misc) - *HISTORICAL*

O uso de "dado que" em posposição em (73) permite que a explicação siga a afirmação principal, fornecendo um contexto que esclarece por que o desenvolvimento das regras é complexo. Portanto, temos primeiro a afirmação principal e, em seguida, a justificativa detalhada.

- 74 Orgulhoso, aos netos e circunstantes exibia o relógio de algibeira, única herança que se reservara, **posto que** o pai não firmara testamento, estabelecendo a quem cabia o quê. (19:Fic:Br:Guerra:Vila) - *HISTORICAL*

Em (74), o conector "posto que" é usado em posposição para explicar por que o relógio de algibeira era a única herança reservada. A ausência de um testamento por parte do pai é a justificativa para esta situação. A posposição de "posto que" permite que a explicação da ausência do testamento siga a apresentação do fato principal (a exibição do

relógio), fornecendo uma razão clara e direta para a situação descrita. Essa estrutura facilita a compreensão do leitor ao ligar diretamente a causa à sua consequência.

- 75 Logo toda gente abriu espaço em volta do Barão e da negra, de modo que os dois deram na vista, principalmente para quem olhava o cortejo na sacada dos sobrados ele, gordo, corado, correntão de ouro na barriga, as abas do fraque a lhe baterem nas pernas curtas, e ela, toda de branco, brincos nas orelhas, colar de contas no pescoço magro, estreando uns sapatos apertados que a obrigavam a andar com os pés para dentro. Não tardou a murmurar-se que o Barão estava sendo vítima das bruxarias da Eméria, **visto que** esta, embora sua escrava, dançava num terreiro, para os lados da Mirititiva. (19:Fic:Br:Montello:Noite) - *HISTORICAL*

Em (75), a explicação de que Eméria, embora escrava, dançava num terreiro é apresentada após a descrição do rumor, e assim, fornece um motivo que fundamenta a murmuração. A posposição de "visto que" permite que a explicação siga a informação principal, conectando a causa diretamente ao efeito.

Com as ocorrências de (73) a (75), percebemos que a posposição permite que primeiro seja contextualizada a informação principal, para que, em seguida, seja apresentada uma explicação que já foi contextualizada e agora é justificada. Isso contribui para a clareza e lógica da narrativa. Esse resultado corrobora com todos os parâmetros até aqui analisados: a construção de [[Vparticípio+que] ⇔ conector] é frequentemente usada para expressar causa.

Por outro lado, embora a posposição seja a posição predominante, os dados também revelaram ocorrências em anteposição, o que justifica a presença de construções condicionais. Quando utilizada, a construção anteposta fornece uma base causal ou concessiva antes da apresentação da informação principal. Essa estrutura pode ser usada para preparar usuário da língua para a informação que está por vir. Nas construções condicionais, é comum que a ordem preferencial seja colocar a construção iniciada pelo conector antes da construção principal, como acontece em (76) abaixo:

- 76 O número de unidades repetitivas é indicado pelo índice n. No caso de graus comerciais do poliestireno, o valor médio de n pode ser 1000 ou mais. **Dado que** a massa molar da unidade repetitiva do poliestireno é 104, o valor de 1000 para n representa uma média de massa molar de 104000.(19Ac:Br:Lac:Thes) - *HISTORICAL*

Em (76), vemos que primeiro é apresentada a condição e em seguida, a consequência. O uso de "dado que" em anteposição nesta ocorrência possui um valor condicional, pois a condição factual apresentada (a massa molar da unidade repetitiva do poliestireno é 104) é essencial para calcular e entender a média de massa molar quando n é 1000. Ou seja, a condição ("dado que a massa molar da unidade repetitiva do

poliestireno é 104") deve ser verdadeira para que a conclusão ("o valor de 1000 para n representa uma média de massa molar de 104000") faça sentido.

A informação "dado que a massa molar da unidade repetitiva do poliestireno é 104" parece uma afirmação porque está declarando um fato. No entanto, este fato serve como uma condição necessária para a conclusão que se segue. Em termos lógicos, temos que "se" essa premissa for verdadeira (a massa molar é 104), "então" a conclusão é válida (a média de massa molar é 104000 para  $n = 1000$ ).

Com a coleta de dados, notamos que esse tipo de estrutura era frequentemente utilizado em questões de prova, nas quais a apresentação de uma condição seguida da consequência é comum. O uso de "dado que" é especialmente prevalente nesse contexto devido ao seu tom mais formal e preciso, o que o torna adequado para situações acadêmicas e científicas. Essa estrutura ajuda a preparar o leitor ou estudante para a conclusão, estabelecendo uma base lógica clara que facilita a compreensão e a resolução de problemas. Clemente (2020), que analisou o significado condicional de conectores de base verbal, encontrou preferência pela anteposição.

Além da posposição e da anteposição, encontramos também ocorrências nas quais o conector estava em posição de intercalação, embora tenha sido menos frequente entre as três posições. A construção intercalada insere justificativa, causa ou concessão dentro da construção principal. Essa forma pode ser utilizada para adicionar nuances ou informações adicionais na intenção de não desviar significativamente o fluxo principal da informação. Veja:

- 77 A este güirá-piryty, os gentios evitam anojados, porquanto, ao contrário de aves como a tucana, que tem penas de variadíssimo colorido, ela têm pêlos, os quais são infestados de vermes. Mas não é só de horrendo aspecto tal ave; também sua carne imprestável é, **visto que** emana dela tanto pestífero odor que é de se crer que seja podre em vida, tal fora tia das bestas malditas que o bom do Noé leixou de levar em sua arca e que sobreviveu ao dilúvio infestada dos vermes da terra. (19:Fic:Br:Gomes:Rios) - *HISTORICAL*

Em (77), a construção introduzida por "visto que" é intercalada para justificar a afirmação sobre a carne imprestável da ave. A justificativa está inserida na frase principal, fornecendo um motivo claro sem desviar o foco principal da narrativa. Temos, então, o conector em um contexto causal. A frase "visto que emana dela tanto pestífero odor que é de se crer que seja podre em vida" está inserida dentro da construção principal, que descreve as características negativas da ave.

Como já pontuamos anteriormente, a intercalação pode ser usada em concessões, pois insere informações adicionais que contrastam com a afirmação principal, o que pode

ser eficaz para mostrar a coexistência de duas realidades contrastantes. Vamos retomar a ocorrência (66) para entendermos:

66 O natural era que se espantasse; mas não se espantou. Embora com as pálpebras cerradas viu-a desprender-se de todo, parar, sorrir e andar para a rede. Era ela mesma, eram os seus mesmos braços. É certo, porém, que D. Severina, tanto não podia sair da parede, **dado que** houvesse ali porta ou rasgão, que estava justamente na sala da frente ouvindo os passos do solicitador que descia as escadas. (18:Machado:Braços) - *HISTORICAL*

Em (66), "dado que" é utilizado em intercalação, pois o texto seria "É certo, porém, que D. Severina, tanto não podia sair da parede, que estava justamente na sala da frente ouvindo os passos do solicitador que descia as escadas.". "Dado que houvesse ali porta ou rasgão" está intercalado. Essa estrutura permite que o autor adicione nuances à frase principal, destacando uma condição que poderia ser relevante, mas que, no contexto, não altera o curso principal da narrativa.

Embora menos comum, a intercalação também pode ser usada para inserir condições, especialmente quando essas condições são nuances ou qualificações dentro de uma declaração maior, como na ocorrência (78) a seguir:

78 Pelo amor de Deus, não me atribuam a afirmação de um tal caso; digo só que pode acontecer. E pergunto, **dado que** assim seja, se não é melhor ter no ministério um amigo. antes do que um inimigo eu um indiferente? Não cobiço tanto, contento-me com ser lembrado. (18:Machado:Balas) - *HISTORICAL*

Em (78), "dado que" é utilizado em intercalação para introduzir uma condição dentro da construção principal "E pergunto [...] se não é melhor ter no ministério um amigo, antes do que um inimigo ou um indiferente?". Essa estrutura permite que o autor adicione nuances à pergunta principal, destacando uma condição que deve ser considerada para a conclusão fazer sentido.

Portanto, a intercalação, embora menos frequente, desempenha um papel significativo na construção do significado em frases complexas. Ela permite que condições, justificativas ou concessões sejam inseridas dentro da construção principal, adicionando nuances e informações adicionais sem desviar o fluxo principal da informação.

Após a compreensão das preferências das posição e suas implicações nos significados dos conectores [[Vparticípio+que] ⇔ conector], concluímos esta seção. Vamos, a seguir, abordar outro aspecto importante: a correlação modo-temporal dos verbos nas construções complexas.

### 3.1.4 Correlação modo-temporal dos verbos da construção complexa

Nessa seção, apresentamos as correlações modo-temporais das construções complexas compostas pelos conectores de *slot* [[Vparticípio+que] ⇔ conector]. Ao todo, identificamos 36 configurações verbais em 210 ocorrências coletadas do *corpus Historical* e 38 configurações verbais em 300 ocorrências coletadas do *NOW*.

Para alcançar uma compreensão detalhada, esta seção abordará separadamente cada *corpus* e cada conector do tipo [[Vparticípio+que] ⇔ conector]. A partir dessa análise em separado, conseguiremos, na seção final, apresentar uma caracterização geral dos conectores do tipo [[Vparticípio+que] ⇔ conector].

Começamos com a análise de “dado que”, conforme mostra tabela (19) abaixo:

**Tabela 19:** Configuração modo-temporal das construções complexas compostas por [dado que] no *corpus Historical*.

| Contagem     | Construção introduzida pelo conector | Construção principal                      | Nº de ocorrências | %           |
|--------------|--------------------------------------|---|-------------------|-------------|
| 1.           | futuro do presente do indicativo     | presente do indicativo                    | 1                 | 1.5%        |
| 2.           | futuro do pretérito do indicativo    | presente do indicativo                    | 2                 | 3.1%        |
| 3.           | presente do indicativo               | futuro do presente do indicativo          | 2                 | 3.1%        |
| 4.           | presente do indicativo               | presente do indicativo                    | 17                | 26.2%       |
| 5.           | presente do indicativo               | presente do subjuntivo                    | 1                 | 1.5%        |
| 6.           | presente do indicativo               | pretérito perfeito do indicativo          | 6                 | 9.2%        |
| 7.           | presente do subjuntivo               | presente do indicativo                    | 4                 | 6.2%        |
| 8.           | presente do subjuntivo               | pretérito perfeito do indicativo          | 2                 | 3.1%        |
| 9.           | pretérito imperfeito do subjuntivo   | futuro do presente do indicativo          | 1                 | 1.5%        |
| 10.          | pretérito imperfeito do subjuntivo   | futuro do pretérito do indicativo         | 9                 | 13.8%       |
| 11.          | pretérito imperfeito do subjuntivo   | futuro do pretérito do subjuntivo         | 1                 | 1.5%        |
| 12.          | pretérito imperfeito do subjuntivo   | presente do indicativo                    | 5                 | 7.7%        |
| 13.          | pretérito imperfeito do subjuntivo   | pretérito imperfeito do indicativo        | 1                 | 1.5%        |
| 14.          | pretérito imperfeito do subjuntivo   | pretérito imperfeito do subjuntivo        | 2                 | 3.1%        |
| 15.          | pretérito imperfeito do subjuntivo   | pretérito mais-que-perfeito do indicativo | 1                 | 1.5%        |
| 16.          | pretérito imperfeito do subjuntivo   | pretérito perfeito do indicativo          | 5                 | 7.7%        |
| 17.          | pretérito perfeito do indicativo     | presente do indicativo                    | 3                 | 4.6%        |
| 18.          | pretérito perfeito do indicativo     | futuro do pretérito do indicativo         | 1                 | 1.5%        |
| 19.          | pretérito perfeito do indicativo     | futuro do presente do indicativo          | 1                 | 1.5%        |
| <b>TOTAL</b> |                                      |   | <b>65</b>         | <b>100%</b> |

Fonte: elaboração própria.

A análise das combinações verbais presentes na tabela (19) revela tendências no uso de [dado que] com significado causal, condicional e concessivo na língua portuguesa brasileira. A combinação mais frequente inclui "presente do indicativo + presente do indicativo", exemplificado em (79), com 17 ocorrências (26.2%):

- 79 Quanto às formas de pagamento, os encargos destas operações **são** geralmente pagos antecipadamente, **dado que**, na grande maioria das vezes, as duplicatas **têm** o seu valor expresso em moeda corrente. (19Ac:Br:Enc) - *HISTORICAL*

Essa frequência indica que as orações causais, representadas pela predominância do presente do indicativo, são as mais comuns e evidenciam uma tendência a expressar causas ou razões diretamente relacionadas ao presente.

As orações condicionais, que são comumente manifestadas pela combinação do pretérito imperfeito do subjuntivo com o futuro do pretérito do indicativo, também aparecem, mas com frequência menos significativa. Veja uma ocorrência em (80):

- 80 O inimigo ali constricto não tinha mais alentos para a venturosas algaras nos caminhos. A noite, como o dia, derivaria na mais completa placidez. Mas, **dado que aparecessem**, os jagunços **viriam** ao encontro de ainda não satisfeito anelo. Rebate falso E a tropa adormeceu cedo, em paz..para despertar toda, às dez horas da noite, num abalo único. Detonara, no flanco esquerdo, um tiro. (18:Cunha:Sertões) - *HISTORICAL*

As combinações "presente do subjuntivo + pretérito perfeito do indicativo" e "pretérito imperfeito do subjuntivo + pretérito perfeito do indicativo", geralmente são usadas em construções concessivas, e são umas das menos frequentes com “dado que”, com 2 ocorrências (3.1%) e 2 ocorrências (3.1%), respectivamente. No entanto, apenas 1 de cada é concessiva: uma já vimos em (66) anteriormente, e a outra encontra-se em (81) a seguir:

- 81 Seu custo ficará aproximadamente por 20.000:000\$000 " Se o " caixão " da Cruz Vermelha já **era** pretensioso no seu número de andares, ainda mais se mostra ser, **dado que** uma coisa não **supusesse** a outra, no custo. Qual é o edifício público do Brasil que custa isso? Nenhum. (19:Fic:Br:Barreto:Urbana) - *HISTORICAL*

Essas combinações concessivas refletem uma menor prevalência em relação às construções causais e condicionais, sugerindo que expressões de concessão ou contraste são menos comuns no discurso com “dado que”.

As configurações verbais, portanto, indicam uma preferência por declarações de causalidade, enquanto condicionalidade e concessões ocupam um espaço menor, ressaltando uma tendência de discurso mais orientado para a causalidade, o que pode ter influenciado os resultados observados no *corpus NOW*, já que neste as ocorrências de “dado que” são encontradas exclusivamente com significado causal, enquanto os usos condicionais e concessivos estão ausentes. Veja, a seguir, a tabela da configuração modo-temporal das construções complexas compostas por “dado que” no *corpus NOW*:

**Tabela 20:** Configuração modo-temporal das construções complexas compostas por [dado que] no *corpus NOW*.

| Contagem     | Construção introduzida pelo conector | Construção principal               | Nº de ocorrências | %           |
|--------------|--------------------------------------|------------------------------------|-------------------|-------------|
| 1.           | futuro do presente do indicativo     | futuro do presente do indicativo   | 1                 | 1.0%        |
| 2.           | futuro do presente do indicativo     | presente do indicativo             | 5                 | 5.0%        |
| 3.           | futuro do pretérito do indicativo    | presente do indicativo             | 3                 | 3.0%        |
| 4.           | futuro do pretérito do indicativo    | futuro do pretérito do indicativo  | 2                 | 2.1%        |
| 5.           | futuro do pretérito do indicativo    | pretérito perfeito do indicativo   | 2                 | 2.1%        |
| 6.           | presente do indicativo               | presente do indicativo             | 45                | 45.4%       |
| 7.           | presente do indicativo               | futuro do presente do indicativo   | 3                 | 3.0%        |
| 8.           | presente do indicativo               | futuro do pretérito do indicativo  | 3                 | 3.0%        |
| 9.           | presente do indicativo               | presente do subjuntivo             | 2                 | 2.1%        |
| 10.          | presente do indicativo               | pretérito perfeito do indicativo   | 8                 | 8.1%        |
| 11.          | presente do subjuntivo               | presente do indicativo             | 2                 | 2.1%        |
| 12.          | presente do subjuntivo               | pretérito perfeito do indicativo   | 1                 | 1.0%        |
| 13.          | pretérito imperfeito do indicativo   | pretérito imperfeito do indicativo | 2                 | 1.1%        |
| 14.          | pretérito imperfeito do indicativo   | pretérito perfeito do indicativo   | 1                 | 1.0%        |
| 15.          | pretérito perfeito do indicativo     | presente do indicativo             | 10                | 10.1%       |
| 16.          | pretérito perfeito do indicativo     | pretérito imperfeito do indicativo | 4                 | 4.1%        |
| 17.          | pretérito perfeito do indicativo     | pretérito mais-que-perfeito        | 1                 | 1.0%        |
| 18.          | pretérito perfeito do indicativo     | pretérito perfeito do indicativo   | 5                 | 5.0%        |
| <b>TOTAL</b> |                                      |                                    | <b>100</b>        | <b>100%</b> |

Fonte: elaboração própria.

Essa tabela mostra a distribuição das combinações modo-temporais das construções complexas introduzidas pelo conector "dado que" no *corpus* analisado. A análise revela que a combinação mais comum é o uso do presente do indicativo em toda a construção complexa. Isso sugere uma forte preferência por expressar situações que são geralmente verdadeiras ou fatos atuais quando se usa "dado que".

Tal fato também corrobora com a baixa frequência do uso do subjuntivo nas construções com "dado que". Ou seja, o uso reduzido do subjuntivo, que é geralmente associado a situações de dúvida, possibilidade, desejo ou irrealidade, implica que "dado que" é preferencialmente utilizado para introduzir informações vistas como certas e

indiscutíveis. Isso reforça a natureza factual das construções causais em que "dado que" é empregado.

Como "dado que" é frequentemente usado com significado causal, o indicativo adequa-se melhor a essa função por expressar claramente as relações de causa e efeito que são vistas como objetivas e concretas. O subjuntivo, por outro lado, poderia introduzir uma ambiguidade ou incerteza que não é desejada em construções causais.

Nas construções complexas com "visto que", a análise das combinações modo-temporais revela alta frequência do modo indicativo nas construções iniciadas com o conector, o que sugere uma preferência dos usuários da língua de o utilizarem para expressar fatos e certezas. Veja a tabela a seguir:

**Tabela 21:** Configuração modo-temporal das construções complexas compostas por [visto que] no *corpus Historical*.

| Contagem     | Construção introduzida pelo conector      | Construção principal                      | Nº de ocorrências | %           |
|--------------|---|---|-------------------|-------------|
| 1.           | futuro do pretérito do indicativo         | futuro do pretérito do indicativo         | 2                 | 2%          |
| 2.           | futuro do pretérito do indicativo         | pretérito perfeito do subjuntivo          | 1                 | 1%          |
| 3.           | presente do indicativo                    | futuro do presente do indicativo          | 1                 | 1%          |
| 4.           | presente do indicativo                    | futuro do pretérito do indicativo         | 5                 | 5%          |
| 5.           | presente do indicativo                    | imperativo afirmativo                     | 2                 | 2%          |
| 6.           | presente do indicativo                    | presente do indicativo                    | 37                | 37%         |
| 7.           | presente do indicativo                    | imperativo negativo                       | 1                 | 1%          |
| 8.           | presente do indicativo                    | pretérito imperfeito do indicativo        | 2                 | 2%          |
| 9.           | presente do indicativo                    | pretérito perfeito do indicativo          | 1                 | 1%          |
| 10.          | presente do indicativo                    | pretérito perfeito do subjuntivo          | 1                 | 1%          |
| 11.          | presente do indicativo                    | sem verbo                                 | 2                 | 2%          |
| 12.          | pretérito imperfeito do indicativo        | pretérito imperfeito do indicativo        | 2                 | 2%          |
| 13.          | pretérito imperfeito do indicativo        | pretérito imperfeito do subjuntivo        | 2                 | 2%          |
| 14.          | pretérito imperfeito do indicativo        | pretérito perfeito do indicativo          | 8                 | 8%          |
| 15.          | pretérito imperfeito do indicativo        | pretérito perfeito do subjuntivo          | 2                 | 2%          |
| 16.          | pretérito imperfeito do indicativo        | presente do indicativo                    | 1                 | 1%          |
| 17.          | pretérito mais-que-perfeito do indicativo | pretérito imperfeito do indicativo        | 1                 | 1%          |
| 18.          | pretérito mais-que-perfeito do indicativo | pretérito imperfeito do subjuntivo        | 1                 | 1%          |
| 19.          | pretérito mais-que-perfeito do indicativo | pretérito perfeito do indicativo          | 3                 | 3%          |
| 20.          | pretérito mais-que-perfeito do indicativo | pretérito perfeito do subjuntivo          | 1                 | 1%          |
| 21.          | pretérito perfeito do indicativo          | futuro do pretérito do indicativo         | 1                 | 1%          |
| 22.          | pretérito perfeito do indicativo          | particípio passado                        | 1                 | 1%          |
| 23.          | pretérito perfeito do indicativo          | presente do indicativo                    | 5                 | 5%          |
| 24.          | pretérito perfeito do indicativo          | pretérito mais-que-perfeito do indicativo | 1                 | 1%          |
| 25.          | pretérito perfeito do indicativo          | pretérito perfeito do indicativo          | 9                 | 9%          |
| 26.          | pretérito perfeito do indicativo          | pretérito perfeito do subjuntivo          | 6                 | 6%          |
| 27.          | pretérito perfeito do indicativo          | pretérito imperfeito do indicativo        | 1                 | 1%          |
| <b>TOTAL</b> |   |   | <b>100</b>        | <b>100%</b> |

Fonte: elaboração própria.

A combinação mais frequente identificada na tabela acima é “presente do indicativo + presente do indicativo”, que ocorreu em 37 casos, representando 37% do total de ocorrências. Tal fato corrobora com o que encontramos na coleta de dados: todos os dados encontrados apresentam leitura causal. Veja um exemplo a seguir:

- 82 Entretanto outros anciãos afirmam que este comprido sonho não é tão vulgar assim, **visto que** o fato de sonhar **contém** uma espécie de intrincada dramaturgia. (19:Fic:Br:Comparato:Guerra) - *HISTORICAL*

A ocorrência (82) demonstra como o uso predominante do indicativo nas construções com "visto que" fornece clareza e objetividade às relações causais. No exemplo, a construção causal "visto que o fato de sonhar contém uma espécie de intrincada dramaturgia" utiliza o presente do indicativo para afirmar um fato que justifica a afirmação anterior de que o sonho não é vulgar. Este uso do indicativo sustenta a relação de causa e efeito de maneira clara, destacando a natureza factual da justificativa apresentada.

Embora seja predominante a frequência do indicativo nas construções com "visto que", vemos também uma baixa ocorrência do subjuntivo, com apenas 6 casos, o que revela aspectos importantes sobre o uso e significado deste conector na língua portuguesa brasileira. O subjuntivo é frequentemente usado em contextos de incerteza, possibilidade ou concessão. Sua baixa frequência com "visto que" indica que esses contextos são raramente expressos com este conector, que é predominantemente usado para afirmar fatos e certezas.

Ademais, o uso do subjuntivo é observado apenas em casos raros na construção principal, sem nenhuma ocorrência de subjuntivo na construção subordinada introduzida por "visto que". Este uso limitado do subjuntivo na construção principal não parece interferir na leitura causal. Veja a ocorrência (83) a seguir como exemplo:

- 83 Quem é a pessoa de fora que agüenta doença muito comprida? Embora, para ela, depositária de tão perversa enfermidade, o veredicto **tenha sido** apenas confirmação, **visto que** já **desconfiara** do mal vertido em febres, dores, calafrios [...] (19:Fic:Br:Dantas:Cartilha) - *HISTORICAL*

Neste exemplo, a construção principal "o veredicto tenha sido apenas confirmação" possui um verbo no subjuntivo, “tenha”. No entanto, a relação causal estabelecida na construção subordinada não é comprometida. A construção subordinada "visto que já desconfiara do mal vertido em febres, dores, calafrios" fornece uma base factual que justifica a percepção expressa na construção principal.

Já no *corpus NOW*, a quantidade de ocorrência de “visto que” com subjuntivo é ainda menor, com apenas 3 casos. Veja na tabela a seguir:

**Tabela 22:** Configuração modo-temporal das construções complexas compostas por [visto que] no *corpus NOW*.

| Contagem     | Construção introduzida pelo conector | Construção principal               | Nº de ocorrências | %           |
|--------------|--------------------------------------|------------------------------------|-------------------|-------------|
| 1.           | futuro do presente do indicativo     | pretérito perfeito do indicativo   | 1                 | 1%          |
| 2.           | futuro do presente do indicativo     | presente do indicativo             | 4                 | 4%          |
| 3.           | futuro do presente do indicativo     | futuro do presente do indicativo   | 2                 | 2%          |
| 4.           | futuro do pretérito do indicativo    | futuro do pretérito do indicativo  | 2                 | 2%          |
| 5.           | futuro do pretérito do indicativo    | pretérito perfeito do indicativo   | 3                 | 3%          |
| 6.           | futuro do pretérito do indicativo    | presente do indicativo             | 1                 | 1%          |
| 7.           | infinitivo pessoal                   | presente do indicativo             | 1                 | 1%          |
| 8.           | presente do indicativo               | futuro do presente do indicativo   | 2                 | 2%          |
| 9.           | presente do indicativo               | presente do indicativo             | 41                | 41%         |
| 10.          | presente do indicativo               | pretérito perfeito do indicativo   | 16                | 16%         |
| 11.          | presente do subjuntivo               | pretérito perfeito do indicativo   | 1                 | 1%          |
| 12.          | presente do subjuntivo               | presente do indicativo             | 1                 | 1%          |
| 13.          | pretérito imperfeito do indicativo   | presente do indicativo             | 1                 | 1%          |
| 14.          | pretérito imperfeito do indicativo   | pretérito imperfeito do indicativo | 1                 | 1%          |
| 15.          | pretérito imperfeito do indicativo   | pretérito perfeito do indicativo   | 2                 | 2%          |
| 16.          | pretérito imperfeito do subjuntivo   | presente do indicativo             | 1                 | 1%          |
| 17.          | pretérito perfeito do indicativo     | pretérito perfeito do indicativo   | 9                 | 9%          |
| 18.          | pretérito perfeito do indicativo     | presente do indicativo             | 10                | 10%         |
| 19.          | pretérito perfeito do indicativo     | pretérito imperfeito do indicativo | 1                 | 1%          |
| <b>TOTAL</b> |                                      |                                    | <b>100</b>        | <b>100%</b> |

Fonte: elaboração própria.

A tabela acima revela uma alta frequência no uso do indicativo, demonstrando que o conector "visto que" é predominantemente utilizado em contextos causais. Em nossa coleta de dados no *corpus NOW*, "visto que" foi encontrado exclusivamente em construções complexas causais.

Assim como “visto que”, “posto que”, outro conector membro da rede [[Vparticipio+que] ⇔ conector], apresenta apenas leitura causal no *corpus NOW*.

**Tabela 23:** Configuração modo-temporal das construções complexas compostas por [posto que] no *corpus Historical*.

| Contagem     | Construção introduzida pelo conector | Construção principal               | Nº de ocorrências | %           |
|--------------|--------------------------------------|------------------------------------|-------------------|-------------|
| 1.           | presente do indicativo               | presente do indicativo             | 13                | 28.9%       |
| 2.           | presente do indicativo               | pretérito imperfeito do indicativo | 1                 | 2.2%        |
| 3.           | presente do indicativo               | pretérito perfeito do indicativo   | 3                 | 6.7%        |
| 4.           | presente do subjuntivo               | pretérito perfeito do indicativo   | 1                 | 2.2%        |
| 5.           | presente do subjuntivo               | presente do subjuntivo             | 1                 | 2.2%        |
| 6.           | pretérito imperfeito do indicativo   | presente do indicativo             | 1                 | 2.2%        |
| 7.           | pretérito imperfeito do subjuntivo   | futuro do presente do indicativo   | 1                 | 2.2%        |
| 8.           | pretérito imperfeito do subjuntivo   | pretérito imperfeito do indicativo | 1                 | 2.2%        |
| 9.           | pretérito imperfeito do subjuntivo   | pretérito imperfeito do subjuntivo | 2                 | 4.4%        |
| 10.          | pretérito imperfeito do subjuntivo   | pretérito perfeito do indicativo   | 10                | 22.2%       |
| 11.          | pretérito mais-que-perfeito          | pretérito perfeito do indicativo   | 1                 | 2.2%        |
| 12.          | pretérito perfeito do indicativo     | pretérito perfeito do indicativo   | 6                 | 13.4%       |
| 13.          | pretérito perfeito do indicativo     | presente do indicativo             | 3                 | 6.7%        |
| 14.          | sem verbo                            | presente do indicativo             | 1                 | 2.2%        |
| <b>TOTAL</b> |                                      |                                    | <b>45</b>         | <b>100%</b> |

Fonte: elaboração própria.

Na tabela acima percebemos também a predominância do presente do indicativo. Mesmo com a presença de construções com o subjuntivo, que poderiam sugerir contextos de concessão ou condição, o uso identificado do conector é exclusivamente causal. Essa predominância se dá porque, no contexto das construções analisadas, o subjuntivo não serve para expressar eventos hipotéticos ou incertos. Em vez disso, ele é utilizado para indicar ações repetitivas ou contínuas. Veja um exemplo com o subjuntivo abaixo:

- 84 Na década anterior já no fim, eu quase não disporia de cômodos para os hóspedes pontualmente certos. Dir-lhe-ia, Venâncio, à medida que **passassem** os novos hóspedes estrangeiros, **visto que** os nacionais agora **preferem** as praias (19:Fic:Br:Vieira:Mais) - *HISTORICAL*

Em (84), o subjuntivo é empregado no pretérito imperfeito em "passassem" para indicar uma ação que pode ocorrer repetidamente no futuro. A expressão "à medida que" reforça essa ideia, sugerindo a repetição contínua da chegada de hóspedes estrangeiros ao longo do tempo.

Atualmente, o conector "posto que" serve apenas para expressar causalidade, sem evidências significativas de uso em contextos condicionais ou concessivos. No entanto, no *corpus Historical* foi encontrado alguns valores concessivos, com o uso do subjuntivo em todos eles. Verifique a tabela a seguir:

**Tabela 24:** Configuração modo-temporal das construções complexas compostas por [posto que] no *corpus NOW*.

| Contagem     | Construção introduzida pelo conector | Construção principal               | Nº de ocorrências | %           |
|--------------|--------------------------------------|------------------------------------|-------------------|-------------|
| 1.           | futuro do presente do indicativo     | presente do indicativo             | 5                 | 5%          |
| 2.           | futuro do pretérito do indicativo    | presente do indicativo             | 2                 | 2%          |
| 3.           | futuro do pretérito do indicativo    | futuro do pretérito do indicativo  | 1                 | 1%          |
| 4.           | presente do indicativo               | futuro do presente do indicativo   | 1                 | 1%          |
| 5.           | presente do indicativo               | futuro do pretérito do indicativo  | 1                 | 1%          |
| 6.           | presente do indicativo               | particípio passado                 | 1                 | 1%          |
| 7.           | presente do indicativo               | presente do indicativo             | 51                | 51%         |
| 8.           | presente do indicativo               | presente do subjuntivo             | 2                 | 2%          |
| 9.           | presente do indicativo               | pretérito perfeito do indicativo   | 7                 | 7%          |
| 10.          | presente do indicativo               | sem verbo                          | 1                 | 1%          |
| 11.          | presente do subjuntivo               | pretérito perfeito do indicativo   | 1                 | 1%          |
| 12.          | presente do subjuntivo               | presente do indicativo             | 4                 | 4%          |
| 13.          | presente do subjuntivo               | pretérito imperfeito do indicativo | 1                 | 1%          |
| 14.          | presente do subjuntivo               | sem verbo                          | 1                 | 1%          |
| 15.          | pretérito imperfeito do indicativo   | pretérito imperfeito do indicativo | 1                 | 1%          |
| 16.          | pretérito imperfeito do indicativo   | presente do indicativo             | 1                 | 1%          |
| 17.          | pretérito imperfeito do subjuntivo   | futuro do pretérito do indicativo  | 1                 | 1%          |
| 18.          | pretérito perfeito do indicativo     | pretérito imperfeito do indicativo | 6                 | 6%          |
| 19.          | pretérito perfeito do indicativo     | pretérito perfeito do indicativo   | 4                 | 4%          |
| 20.          | pretérito perfeito do indicativo     | presente do indicativo             | 5                 | 5%          |
| 21.          | pretérito perfeito do indicativo     | futuro do pretérito do indicativo  | 2                 | 2%          |
| 22.          | sem verbo                            | presente do indicativo             | 1                 | 1%          |
| <b>TOTAL</b> |                                      |                                    | <b>100</b>        | <b>100%</b> |

Fonte: elaboração própria.

Mesmo no *corpus Historical*, a combinação mais frequente é "presente do indicativo + presente do indicativo", com 51 ocorrências (51%). Isso sugere que "posto que" sempre foi utilizado predominantemente para afirmar fatos e realidades objetivas, indicando relações causais.

No entanto, na tabela (24) percebemos que existem algumas construções com o presente do subjuntivo, 7 ocorrências (7%), indicando uma nuance de dúvida ou contraste, como na ocorrência a seguir:

- 85 Na rua havia ainda grandes poças d' água, **posto que** os paralelepípedos, já enxutos, **aparecessem** muito brancos, lavados. (19:Fic:Br:Neto:Turbilhão) - *HISTORICAL*

Com o uso do subjuntivo em (85) acima, entendemos uma situação que, embora verdadeira, contrasta com outra observação. Neste caso, "posto que os paralelepípedos, já enxutos, aparecessem muito brancos, lavados" indica que, apesar de os paralelepípedos parecerem secos e limpos, ainda havia grandes poças d'água na rua.

O conector "posto que" é utilizado na frase para introduzir uma concessão. O uso de "aparecessem", pretérito imperfeito do subjuntivo, parece indicar uma hipótese, mas o usuário a fala assim como forma de amenizar seu discurso, talvez, porque é possível ver que aquilo é verdade. Portanto, não poderia ser uma condicional e o subjuntivo está associado também a condicionais. O conector, neste caso, está em um contexto de concessão, destacando a coexistência de duas realidades que podem parecer opostas.

A ausência de construções condicionais indica que "posto que" não é utilizado para expressar hipóteses ou condições. Essa exclusividade em usos causais e concessivos (que um dia já teve, como visto no *Historical*), mas não condicionais, pode ser atribuída a diversos fatores analisados em nossos parâmetros de pesquisa.

Primeiramente, a natureza semântica do verbo "por" na base do conector é mais apropriada para afirmar fatos e justificativas do que para expressar possibilidades ou dependências, já vista anteriormente. E ainda, a telicidade do particípio "posto" e a telicidade da construção complexa como um todo também contribuem para essa característica. Sendo assim, a seguir, exploraremos essa questão da telicidade em mais detalhes.

### 3.1.5 Telicidade

Quando observamos conectores como "visto que", "dado que" e "posto que", notamos que todos apresentam uma forma fixa no particípio. A forma participial contribui para a expressão do significado predominante causal devido a sua própria natureza, que tende a indicar uma ação concluída ou um estado resultante de uma ação. Isso é

intrinsecamente télico, pois sugere que a ação subjacente foi completada, proporcionando uma base sólida para a causalidade.

Embora o uso causal seja predominante nos *corpora*, não podemos ignorar o fato de que esses conectores apresentaram significados concessivos e condicionais no *corpus Historical*, dependendo do contexto e dos elementos de toda a construção complexa. Por isso, apresentamos uma análise dos verbos usados nas construções iniciadas pelos conectores [[Vparticípio+que] ⇔ conector] no *corpus Historical*. A lista a seguir contém os verbos identificados nas ocorrências coletadas. Para cada verbo da lista, classificaremos como télico ou atélico. No total, verificamos 110 verbos distintos. Utilizamos uma metodologia baseada na identificação de todas as ocorrências com os conectores participiais, e os verbos que aparecem nas construções analisadas foram catalogados e organizados com base na sua telicidade.

A lista de verbos télicos inclui: achar, acostumar, acreditar, analisar, aparecer, apresentar, assumir, atormentar, aumentar, caracterizar, cercar, comparecer, condicionar, conseguir, consumir, contribuir, corresponder, criar, dançar, desconfiar, descontar, descortinar, destratar, dever, divergir, emanar, entender, enviar, enxergar, esmorecer, evitar, excluir, explicar, falar, fazer, firmar, frequentar, inaugurar, influir, interferir, introduzir, lançar, ler, levar em conta, limitar, merecer, negligenciar, observar, obter, ocasionar, opor, pagar, passar, perder, permitir, pôr, preferir, pretender, procurar, produzir, querer, realizar, regular, remeter, representar, residir, restringir, sentir, significar, sofrer, submeter, supor, tentar, terminar, torcer, transferir, transformar, tratar-se, utilizar, vencer, vender, vir e viver.

A lista de verbos atélicos inclui: ser, saber, haver, estar, ter, existir, continuar, precisar, ser capaz, pertencer, manter, sustentar, existir, residir e permanecer. Já pela lista percebemos que a maioria dos verbos utilizados com os conectores [[Vparticípio+que] ⇔ conector] são atélicos. Tal comportamento pode justificar a especialização desses conectores na expressão de causa no *corpus NOW*.

Os verbos atélicos, por apresentarem um ponto final definido, reforçam o uso dos conectores em construções causais, mas também não deletam a possibilidade de significados concessivos, pois uma ação ou estado concluído serve de base para uma justificativa ou concessão. Em construções concessivas, a ação ou estado concluído serve de base para a concessão, indicando que, embora a ação tenha sido realizada, não impede outra realidade ou fato.

Embora a telicidade esteja tradicionalmente associada aos verbos, construções nominais ou adjetivais também podem ser analisadas sob a perspectiva de telicidade, já que podem indicar um estado final ou um ponto de conclusão. Veja uma ocorrência a seguir:

- 86 De modo que, um povo rico de bons costumes, é um povo habilitado a progredir, a se engrandecer na paz ou na guerra, pela indústria, pelas artes e ofícios; um povo de maus costumes é um povo realmente pobre, **posto que** atualmente cheio de riqueza acumulada sem escolha de meios. Creio que me entende, não? - Perfeitamente, senhor Bensabath. (19:Fic:Br:Rocha:Dusa) - *HISTORICAL*

Na ocorrência (86), a telicidade de "cheio de riqueza acumulada" (téllico) indica uma ação concluída, a acumulação de riqueza. O conector "posto que" é usado como concessivo, pois introduz uma condição verdadeira que não altera a conclusão principal da construção complexa. O sentido concessivo destaca o contraste entre a riqueza material acumulada e a verdadeira pobreza moral associada aos maus costumes. Ou seja, embora o povo tenha acumulado riqueza, isso não muda o fato de que, devido aos maus costumes, eles são considerados pobres em um sentido mais profundo e significativo. Em outras palavras, embora uma ação tenha sido concluída, como acumular riqueza, isso não impede outra realidade ou fato, como a pobreza moral devido aos maus costumes, demonstrando a versatilidade dos verbos téllicos em construções complexas.

Mesmo que as construções iniciadas com conectores apresentem, na maioria dos casos, verbos téllicos, também encontramos, no *corpus Historical*, significados condicionais, como se pode ver na ocorrência a seguir:

- 87 A autora também descarta a visão determinista, segundo a qual os acidentes poderiam ser previstos com certeza absoluta. Para ela, a questão é: "se a situação de trabalho 'contém' o acidente será possível compreendê-lo e evitá-lo antes de sua ocorrência [...]?" (p. 113). Neste estudo, discute-se questão diferente da proposta pela autora e que pode ser formulada nos seguintes termos: **dado que** a situação de trabalho **contém** o acidente, está mantida a validade e a utilidade da investigação desses eventos? O tipo de acidente (1, 2 ou 3 de Monteau) mais freqüente numa dada realidade interfere na resposta a essa questão? (19Ac:Br:Lac:Thes) - *HISTORICAL*

Na ocorrência (87), o verbo "contém" é téllico, pois indica uma ação concluída de incluir algo. Tudo parece caminhar para o sentido causal, ou até mesmo o concessivo, no entanto, "dado que" é utilizado como um conector condicional, uma vez que estabelece uma premissa necessária para a interpretação subsequente. A construção "dado que a situação de trabalho contém o acidente" estabelece uma premissa factual necessária que serve como base para questionar a validade e a utilidade da investigação dos eventos. Cabe, então, a outros elementos da construção complexa a responsabilidade de

estabelecer a condicionalidade. A presença do ponto de interrogação ao final da construção contribui para a incerteza e a natureza condicional da análise, já que a validade da ideia ainda precisa ser confirmada. Assim, a telicidade do verbo "contém" não impede a expressão de significados condicionais e a introdução de incertezas quando a estrutura lógica do enunciado requer uma premissa para a conclusão e avaliação subsequente.

O contrário de (87) também acontece: em contextos com verbos atélicos, parece que cabe a telicidade do particípio estabelecer uma condição necessária para a realização de outra ação. Aqui, o foco está na dependência de uma ação ou estado concluído para que outra ação possa ocorrer:

- 88 As gerações que definham nos países velhos aperfeiçoam-se e revigoram-se os novos. O futuro do mundo é nosso, e será a coroação das nossas bondades e virtudes, **visto que** o povo brasileiro é bom. (19:Fic:Br:Lopes:Falência) - *HISTORICAL*

Em (88), o conector "visto que" é utilizado para introduzir uma justificativa ou causa, pois "visto que o povo brasileiro é bom" estabelece a razão pela qual o futuro do mundo será a coroação das bondades e virtudes. Porém, o verbo "é", no presente do indicativo, indica um estado contínuo de existência ou de fato, sem um ponto final definido e por isso é considerado atélico. Mesmo assim, a "visto que" mantém sua função de estabelecer uma relação de causa e efeito devido ao particípio "visto". Assim, percebemos que, em alguns casos, a causalidade está ancorada na telicidade do particípio, que forma a base do conector, mesmo em um contexto com verbos atélicos.

Para encerrar esta seção, apresentaremos a estatística de telicidade encontrada nas construções analisadas. A seguir, estão as duas tabelas que mostram a distribuição de verbos télicos e atélicos nas construções com os conectores "posto que", "dado que" e "visto que".

Ao analisar as construções com os conectores "posto que", "dado que" e "visto que", deve-se considerar que o número total de verbos télicos e atélicos nas tabelas de telicidade abaixo não são compatíveis com o número de ocorrências individuais dessas construções, apresentadas logo no início deste capítulo. Isso acontece porque alguns verbos aparecem repetidamente em diferentes contextos dentro das mesmas ocorrências. Por exemplo, no caso do conector "visto que", embora haja 100 ocorrências registradas em cada *corpus* (*Historical* e *NOW*), a contagem de verbos télicos e atélicos é diferente, 60 télicos e 27 atélicos, conforme mostra a tabela abaixo.

**Tabela 25:** Telicidade dos verbos das construções compostas pelos conectores de base participial no *corpus Historical*.

| Construção                            | Télicos    | Atélicos  |
|---------------------------------------|------------|-----------|
| [Posto que]                           | 16         | 18        |
| [Dado que]                            | 30         | 22        |
| [Visto que]                           | 60         | 27        |
| <b>[[Vparticipio+que] ⇔ conector]</b> | <b>106</b> | <b>67</b> |

Fonte: elaboração própria.

**Tabela 26:** Telicidade dos verbos das construções compostas pelos conectores de base participial no *corpus NOW*.

| Construção                            | Télicos    | Atélicos   |
|---------------------------------------|------------|------------|
| [Posto que]                           | 42         | 32         |
| [Dado que]                            | 35         | 38         |
| [Visto que]                           | 52         | 39         |
| <b>[[Vparticipio+que] ⇔ conector]</b> | <b>129</b> | <b>109</b> |

Fonte: elaboração própria.

As tabelas (25) e (26) mostram que, embora haja uma presença significativa de verbos atélicos nas construções analisadas, a telicidade do participio "visto" nos conectores contribui de maneira substancial para a expressão do significado causal das construções. Isso é evidente na predominância de construções causais, mesmo quando inseridas em contextos com verbos atélicos.

Portanto, a análise de telicidade reforça a importância da forma participial na manutenção da relação de causa e efeito nos conectores "posto que", "dado que" e "visto que". Passamos agora a examinar os conectores de base gerundial.

### 3.2 CONSTRUÇÃO [[VGERÚNDIO+QUE] ⇔ CONECTOR]

Nesta seção, será realizada a análise das construções complexas compostas por construções do tipo [[Vgerúndio+que] ⇔ conector], encontradas nos *corpora NOW* e *Web/Historical*, identificados em cada ocorrência. Essas construções apresentam verbos no gerúndio seguidos pelo conector "que", formando microconstruções sancionadas que desempenham funções específicas no discurso.

A entrada de [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] na rede dos conectores [Xque] da língua portuguesa ocorre inicialmente pelo domínio condicional, com a microconstrução [supondo que], conforme descrito por Oliveira e Clemente (2023). Com o tempo, outras

microconstruções, como [considerando que], [assumindo que], e [sabendo que], também passaram a integrar essa rede, refletindo uma consolidação e expansão do uso dessas formas ao longo do século XIX.

No total, identificamos oito microconstruções: [assumindo que], [considerando que], [entendendo que], [imaginando que], [pensando que], [sabendo que], [sendo que], e [supondo que]. A análise quantitativa envolveu a contagem das ocorrências de cada uma dessas microconstruções nos dois *corpora*, totalizando 228 ocorrências no *Historical* e 551 no *NOW*, conforme mostra a tabela (27) abaixo.

**Tabela 27:** Total de ocorrências analisadas das construções do tipo [Vgerúndio+que] ⇔ conector] nos *corpora NOW e Historical*.

| [Vgerúndio+que]<br>⇔ conector] | Microconstrução  | Nº de ocorrências no<br><i>corpus HISTORICAL</i> | Nº de ocorrências<br>no <i>corpus NOW</i> | Nº de<br>ocorrências<br>analisadas |
|--------------------------------|------------------|--|---|------------------------------------|
| 1                              | Assumindo que    | 7  | 97  | 104                                |
| 2                              | Considerando que | 60   | 100                                       | 160                                |
| 3                              | Entendendo que   | 1  | 11  | 12                                 |
| 4                              | Imaginando que   | 34   | 32  | 66                                 |
| 5                              | Pensando que     | 0  | 23  | 25                                 |
| 6                              | Sabendo que      | 4  | 88  | 92                                 |
| 7                              | Sendo que        | 100  | 100                                       | 200                                |
| 8                              | Supondo que      | 22   | 100                                       | 122                                |
| <b>Total</b>                   | <b>8</b>         | <b>228</b>                                       | <b>551</b>                                | <b>781</b>                         |

Fonte: elaboração própria.

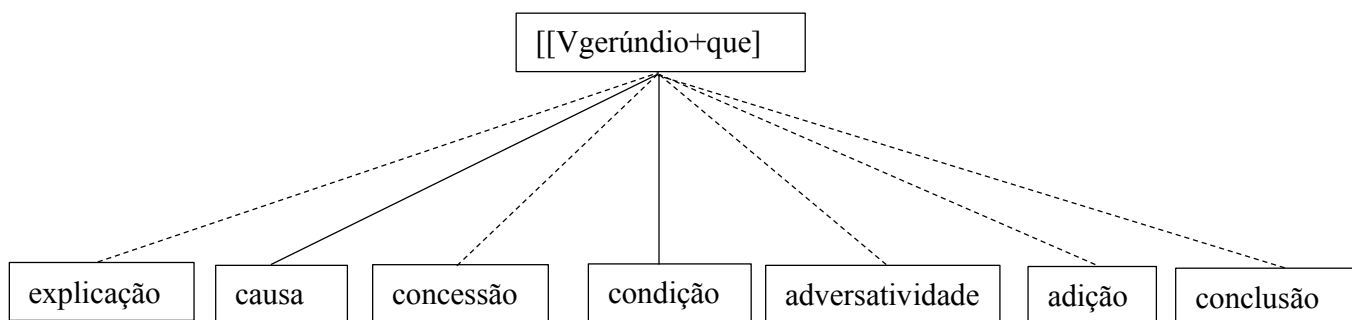
A Tabela (27) apresenta a distribuição das ocorrências das construções [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] nos *corpora NOW e Historical*. A comparação entre os dois *corpora* revela variações na utilização dessas microconstruções ao longo do tempo, com um aumento significativo no uso de algumas formas no *corpus NOW*. Essas variações refletem mudanças na frequência de uso e na consolidação dessas construções ao longo do tempo.

Com base nesses dados, a análise qualitativa se concentrará na investigação dos parâmetros que influenciam a utilização das construções [[Vgerúndio+que] ⇔ conector]. Assim como na análise das construções participiais, serão examinados aspectos como a semântica e os usos dos verbos que preenchem o slot V, a factualidade dos verbos, a

posição das construções na construção complexa, a correlação modo-temporal dos verbos, e a telicidade.

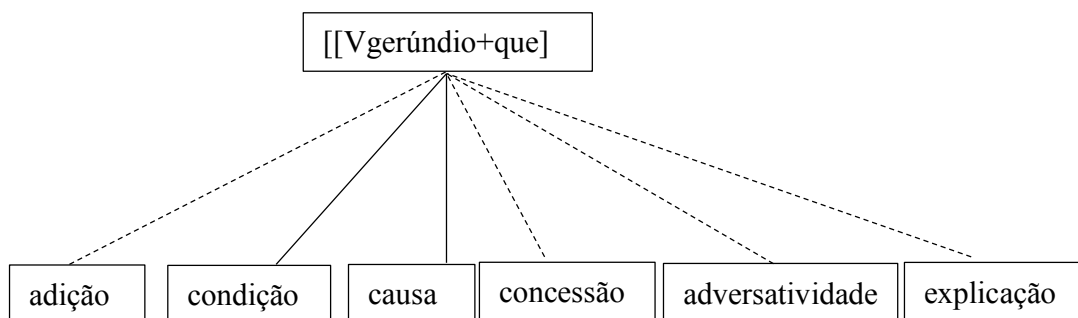
Esses parâmetros foram mapeados com o intuito de entender as diversas funções discursivas que essas construções desempenham e como contribuem para a construção do significado em diferentes contextos discursivos. As figuras a seguir ilustram os significados em rede associados a essas construções, identificados nos *corpora Historical* e *NOW*.

**Figura 24:** Significados em rede da construção [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] no *corpus Historical*.



Fonte: elaboração própria.

**Figura 25:** Significados em rede da construção [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] no *corpus NOW*.



Fonte: elaboração própria.

A comparação entre as duas figuras revela que, embora as construções [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] tenham mantido uma base de funções semânticas semelhantes ao longo do tempo, há nuances na evolução de seu uso. Especificamente, a função de conclusão, que estava presente no *corpus Historical*, desaparece no *corpus NOW*. Essa variação sugere que, ao longo do tempo, as construções [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] passaram por um processo de reconfiguração de suas funções discursivas,

refletindo mudanças nos padrões de uso e nas exigências comunicativas do português contemporâneo.

A seguir, apresentamos as tabelas (28) e (29), que detalham a distribuição das ocorrências das construções [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] ao longo dos anos. A partir delas, conseguimos visualizar as funções semânticas desempenhadas por cada microconstrução. A análise quantitativa descrita na tabela será fundamental para as discussões subseqüentes deste capítulo.

**Tabela 28:** Distribuição semântica das construções [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] no *corpus NOW*.

| [Vgerúndio+que]<br>⇔ conector] | Causais                    | Condicionais               | Concessivas              | Adversativas             | Aditivas                 | Explicativas           | Total                     |
|--------------------------------|----------------------------|----------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|------------------------|---------------------------|
| Assumindo que                  | 19<br>19.6%                | 78<br>80.4%                | 0<br>0%                  | 0<br>0%                  | 0<br>0%                  | 0<br>0%                | 97                        |
| Considerando que               | 99<br>99%                  | 1<br>1%                    | 0<br>0%                  | 0<br>0%                  | 0<br>0%                  | 0<br>0%                | 100                       |
| Entendendo que                 | 9<br>81.8%                 | 2<br>18.2%                 | 0<br>0%                  | 0<br>0%                  | 0<br>0%                  | 0<br>0%                | 11                        |
| Imaginando que                 | 1<br>3.1%                  | 31<br>96.9%                | 0<br>0%                  | 0<br>0%                  | 0<br>0%                  | 0<br>0%                | 32                        |
| Pensando que                   | 16<br>69.6%                | 7<br>30.4%                 | 0<br>0%                  | 0<br>0%                  | 0<br>0%                  | 0<br>0%                | 23                        |
| Sabendo que                    | 76<br>86.4%                | 12<br>13.6%                | 0<br>0%                  | 0<br>0%                  | 0<br>0%                  | 0<br>0%                | 88                        |
| Sendo que                      | 19<br>19%                  | 3<br>3%                    | 7<br>7%                  | 13<br>13%                | 47<br>47%                | 11<br>11%              | 100                       |
| Supondo que                    | 6<br>6%                    | 87<br>87%                  | 7<br>7%                  | 0<br>0%                  | 0<br>0%                  | 0<br>0%                | 100                       |
| <b>Total</b>                   | <b>245</b><br><b>44.5%</b> | <b>219</b><br><b>39.7%</b> | <b>16</b><br><b>2.9%</b> | <b>13</b><br><b>2.4%</b> | <b>47</b><br><b>8.5%</b> | <b>11</b><br><b>2%</b> | <b>551</b><br><b>100%</b> |

Fonte: elaboração própria.

Na tabela (28), que reflete o *corpus NOW*, observamos que as microconstruções são predominantemente condicionais e causais, com destaque para [considerando que] e [sabendo que], que apresentam altas frequências de uso em funções causais.

Na tabela (29) abaixo notamos que a microconstrução [sendo que] desempenha um papel significativo nas funções causais, sendo responsável por quase metade das ocorrências nessa categoria, com 43 das 95 ocorrências. Esse domínio da função causal

interfere diretamente nos resultados gerais das construções gerundiais analisadas no *corpus Historical*, sugerindo uma preferência histórica pelo uso de [sendo que] como marcador causal. Por outro lado, no *corpus NOW*, a distribuição das 100 ocorrências de [sendo que] é mais variada, refletindo uma maior diversificação nas funções semânticas desempenhadas.

**Tabela 29:** Distribuição semântica das construções [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] no *corpus HISTORICAL*.

| [Vgerúndio+<br>que] ⇔<br>conector] | Causais                   | Condicionais              | Concessivas             | Adversativas            | Aditivas                 | Explicativas            | Conclusivas              | Total                     |
|------------------------------------|---------------------------|---------------------------|-------------------------|-------------------------|--------------------------|-------------------------|--------------------------|---------------------------|
| Assumindo<br>que                   | 3<br>42.9%                | 4<br>57.1%                | 0<br>0%                 | 0<br>0%                 | 0<br>0%                  | 0<br>0%                 | 0<br>0%                  | 7                         |
| Considerando<br>que                | 46<br>76.7%               | 14<br>23.3%               | 0<br>0%                 | 0<br>0%                 | 0<br>0%                  | 0<br>0%                 | 0<br>0%                  | 60                        |
| Entendendo<br>que                  | 0<br>0%                   | 1<br>100%                 | 0<br>0%                 | 0<br>0%                 | 0<br>0%                  | 0<br>0%                 | 0<br>0%                  | 1                         |
| Imaginando<br>que                  | 0<br>0%                   | 34<br>100%                | 0<br>0%                 | 0<br>0%                 | 0<br>0%                  | 0<br>0%                 | 0<br>0%                  | 34                        |
| Sabendo que                        | 3<br>75%                  | 1<br>25%                  | 0<br>0%                 | 0<br>0%                 | 0<br>0%                  | 0<br>0%                 | 0<br>0%                  | 4                         |
| Sendo que                          | 43<br>43%                 | 1<br>1%                   | 2<br>2%                 | 25<br>25%               | 14<br>14%                | 2<br>2%                 | 13<br>13%                | 100                       |
| Supondo que                        | 0<br>0%                   | 22<br>100%                | 0<br>0%                 | 0<br>0%                 | 0<br>0%                  | 0<br>0%                 | 0<br>0%                  | 22                        |
| <b>Total</b>                       | <b>95</b><br><b>41.7%</b> | <b>77</b><br><b>33.8%</b> | <b>2</b><br><b>0.9%</b> | <b>25</b><br><b>11%</b> | <b>14</b><br><b>6.1%</b> | <b>2</b><br><b>0.9%</b> | <b>13</b><br><b>5.7%</b> | <b>228</b><br><b>100%</b> |

Fonte: elaboração própria.

Além de [sendo que], comparando as duas tabelas, notamos que o uso das construções [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] não só aumentou ao longo do tempo, mas também houve uma reconfiguração das funções discursivas desempenhadas por essas microconstruções. O *corpus NOW* mostra uma maior especialização funcional, enquanto o *corpus Historical* revela uma distribuição semântica mais variada, incluindo a função conclusiva, que não aparece no *corpus NOW*.

Essa reconfiguração das funções discursivas das construções [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] no *corpus NOW* pode ser entendida como parte do processo dinâmico de

categorização e adaptação linguística, onde o uso real das construções ao longo do tempo desempenha um papel fundamental na evolução e especialização de seus significados. A língua, dentro da perspectiva utilizada nesta tese, não é uma estrutura fixa, mas uma rede de construções que emergem, se consolidam e se modificam, com base no uso frequente, nas interações comunicativas e nas necessidades pragmáticas dos falantes.

No *corpus NOW*, a maior exposição a contextos que exigem precisão e objetividade, como o jornalístico e o acadêmico, pode ter levado à consolidação de [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] em funções mais restritas, como expressar causalidade e condicionalidade. O *corpus Historical*, por outro lado, reflete um período em que as funções discursivas dessas construções ainda não estavam tão fixadas.

Com o passar do tempo, e conforme essas construções foram utilizadas em contextos mais especializados e sujeitos a normas discursivas mais rígidas, como nos gêneros textuais contemporâneos, certos significados foram convencionalizados, enquanto outros perderam relevância.

Após observar as mudanças nas funções semânticas das construções [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] ao longo do tempo, nas próximas sessões examinaremos mais detalhadamente os fatores que contribuem para essas variações de uso. Para isso, começaremos explorando a influência da semântica dos verbos gerundiais.

### 3.2.1 Semântica e usos dos verbos que preenchem o *slot V*

Além do "considerar", "imaginar" e "assumir", a seguir, apresentamos as particularidades de cada verbo que preenche o *slot V* na construção [[Vgerúndio+que] ⇔ conector], seguindo o dicionário *Priberam on-line*, com exemplificações. As partes em negrito são grifos nossos, como modo de auxiliar o leitor na construção do sentido, já que temos algumas ocorrências longas. Nem todos os significados apontados no dicionário *Priberam on-line* foram mencionados, pois alguns são utilizados em outras variedades do português, e não no brasileiro. A exemplo, o verbo “saber”, utilizado com sentido de “ter gosto ou sabor”: não encontramos nenhuma ocorrência no português brasileiro, e como falantes nativas do português brasileiro, também não reconhecemos este uso; encontramos informações de que se trata de um uso comum no português europeu<sup>26</sup>.

---

<sup>26</sup> Mais informações disponíveis em: <<https://www.flip.pt/Duvidas-Linguisticas/Duvida-Linguistica/DID/1414>>. Acesso em: 11 de novembro de 2023.

Os significados a seguir são referentes ao uso verbal, e por isso variam entre infinitivo e flexões.

### 3.2.1.1 Verbos mentais de cognição

#### 3.2.1.1.1 Assumir, assumindo

i) reconhecer como verdadeiro, possível ou hipotético, como “admitir”:

89 " A China criou um grande projeto em os últimos dois anos que serve basicamente para projetar esse motor [híbrido] ", explica o professor Michael Smart, que estuda propulsão hipersônica em a Universidade de Queensland. " Seria um avanço enorme. " Comercialmente viável? # Além de o avanço técnico, a questão é se vai haver um mercado para voos hipersônicos. # E isso não é algo que pode se assumir como certo - é só olhar a história de o avião supersônico Concorde. (18-03-04 BR)

ii) aceitar, mostrar ou reconhecer publicamente determinado estado ou condição, sinônimo de “declarar-se” e “revelar-se”:

90 Belo e Viviane ficaram juntos por cerca de nove anos e a relação teria chegado a o fim por conta de uma traição dele. Logo após o fim de o casamento, ele assumiu um namoro com Gracyanne Barbosa, com quem está até hoje. (19-06-29 BR)

Após verificarmos os significados do verbo "assumir", base de “assumindo que”, vemos que esses afetam o valor semântico do conector, possibilitando usos causais e condicionais em construções linguísticas complexas. Parece que o significado causal do conector “assumindo que” ocorre especialmente devido seus traços semânticos de sua base verbal de reconhecer algo como verdadeiro (admitir), uma vez que o conhecimento prévio do usuário da língua é a causa que justifica algo. Nesse contexto, a ação ou estado expresso por "assumir" é a causa direta de outra ação ou estado subsequente. Veja a ocorrência a seguir:

91 Os marcadores pragmáticos, por sua vez, fazem referência a algum conhecimento que não foi expresso no texto. Por exemplo, no trecho abaixo, o marcador " de novo " faz referência ao conhecimento do leitor do texto, **assumindo que** este sabe que Janete já jogou tênis anteriormente: Suzana foi jogar tênis de novo. (19Ac:Br:Lac:Misc) - *HISTORICAL*

Na ocorrência (91), "assumindo que este sabe que Janete já jogou tênis anteriormente" fundamenta a utilização do marcador "de novo". O trecho acima explica que o conhecimento prévio do leitor sobre Janete jogar tênis anteriormente é a causa que torna o uso de "de novo" significativo e apropriado no contexto.

Esse mesmo valor semântico, de admitir, visto no ponto "v", pode ter gerado também o significado condicional. Neste caso, a suposição estabelece um cenário hipotético sobre o qual outra proposição é válida, como na ocorrência a seguir:

- 92 A função de mapeamento da camada simples, adotada no programa Bernese, pode ser escrita da seguinte forma: **Assumindo que** há uma distribuição homogênea de satélites, o diâmetro da camada ionosférica simples é definido basicamente pelo máximo ângulo central  $z_{max} = z_{max} - z'_{max}$ . Na tabela 3.3 (Schaer, 1999) são dados o semi-diâmetro em graus ( $z_{max}$ ), e o semi-diâmetro em quilômetros ( $R \cdot z_{max}$ ) resultantes da variação da distância zenital e ainda, considerando a altura de 450 km para a camada ionosférica. Para um ângulo de mascaramento de  $10^\circ$ , ou seja, uma distância zenital de  $80^\circ$  (19Ac:Br:Lac:Thes) - *HISTORICAL*

Em (92), "assumindo que há uma distribuição homogênea de satélites" estabelece uma condição hipotética necessária para o cálculo do diâmetro da camada ionosférica. Se essa condição for verdadeira, então o diâmetro pode ser calculado conforme descrito. A validade do cálculo depende da veracidade da condição assumida. Esse uso condicional é comum em questões de provas, em que o enunciado apresenta uma condição hipotética que o leitor deve aceitar como verdadeira para resolver a questão. Por exemplo, uma questão pode pressupor um cenário idealizado para facilitar o entendimento de um problema complexo, esperando que se realize cálculos ou formule respostas baseadas em situações hipotéticas.

Não foram encontrados usos concessivos com "assumindo que" nos *corpora* analisados. Isso pode ocorrer devido à semântica do verbo "assumir", que tende a estabelecer condições ou causas claras para eventos subsequentes, sem a flexibilidade típica das construções concessivas: espera-se uma relação em que uma premissa é aceita como verdadeira, mas não impede a realização ou validade de outra ação ou estado. O verbo "assumir", ao estabelecer relações causais e condicionais, parece não se adequar facilmente a essa estrutura, pois sua natureza implica uma aceitação que condiciona diretamente a validade ou consequência de uma proposição, sem essa ressalva típica das concessões.

O uso de "assumindo que" é focado em validar uma proposição ou preparar o terreno para uma conclusão lógica. Ele não admite contradições ou ressalvas, mas sim uma aceitação incondicional da premissa para fundamentar a sequência de eventos.

Concessivas, como temos visto até aqui, introduzem um contraste implícito entre a premissa e a conclusão. Elas sugerem que, mesmo aceitando uma premissa que poderia limitar ou contradizer o resultado, o resultado ainda ocorre. "Assumindo que" não introduz esse tipo de contraste; ao contrário, ele reforça a premissa como base firme para a conclusão.

O mesmo ocorre com outros membros da rede [[Vgerúndio+que] ⇔ conector]. Passamos, a seguir, para a análise de “considerando que”, outro conector de base verbal gerundial, também preenchido por um verbo de cognição em V e que também não é usado com significado concessivo.

### 3.2.1.1.2 Considerar, considerando

#### i) examinar atentamente:

- 93 Em um comunicado oficial, o Departamento de Estado de os EUA condenou as mortes e prisões e declarou que as vítimas " não serão esquecidas ", o secretário de Estado Rex Tillerson falou em " transição pacífica ", republicanos discutiram apoio a os dissidentes, enquanto o presidente Donald Trump disparou tuítes em apoio a os manifestantes. # Mas há questões a **considerar** sobre os primeiros protestos de 2018. Eles ocorreram majoritariamente em cidades periféricas onde vive a classe trabalhadora, em geral mais conservadora, religiosa e pró-regime de o que a elite urbana educada que foi a as ruas em apoio a o candidato reformista em as eleições de 2009. (18-01-07 BR)

#### ii) ter em consideração:

- 94 A Organização Mundial de o Comércio (OMC) deve ser reformada a fim de **considerar** os interesses de todos os membros participantes, inclusive de países em desenvolvimento, e as mudanças têm de buscar enfrentar desafios atuais e futuros em o comércio internacional, afirmaram os Brics em comunicado conjunto, em esta sexta-feira, após reunião informal de líderes de o bloco a a margem de a cúpula de o G20 em o Japão. (19-06-28 BR)

#### iii) ponderar; calcular; reputar:

- 95 O Banco de o Brasil tem, entre suas opções, crédito com juros entre 2, 8% e 3, 5% a o mês, sem **considerar** tarifas e outros custos. (19-06-26 BR)

#### iv) pensar; meditar:

- 96 Para as pessoas com que você se relaciona, nem sempre é possível compreender suas reações, pois, elas tendem a ser diferentes diante de os mesmos estímulos. **Considere** isso com cuidado, ninguém pode adivinhar suas oscilações. (17-07-20 BR)

#### v) julgar-se, imaginar-se:

- 97 " Eu sou muito contra rótulos e status e qualquer coisa que você nomeie por fora. Acho que a gente tem uma luta como seres humanos muito grande, cada uma dentro de seu nicho, de seu meio, de a sua área de atuação, de a sua família, de a sua casa, de o seu bairro... a minha luta é (como) jornalista esportiva, que eu sempre quis ser. " # " E me considero muito sortuda, muito vitoriosa em esse desafio que eu lá atrás assumi para mim mesma. Já sabia que ia ser uma estrada muito difícil. Foi quase impossível. Desde o início de a faculdade eu foquei muito em o que eu queria e me coloquei a a disposição de cursos, contatos, sempre corri muito atrás, sempre procurei trabalhar em várias áreas, até por o não por o sim o que eu gostaria de fazer." (19-01-19 BR)

Como já mencionado anteriormente, o segundo membro do subesquema [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] foi a microconstrução [considerando que], com uso condicional, como vemos na ocorrência a seguir:

- 98 Esses caras não são amadores. O governador é pragmático o suficiente para entender que se isso for uma perspectiva boa, deve-se tentar. Sobretudo, porque ele também tem jogado um outro elemento estratégico que é não ir a reboque do PT. **Considerando que** o prazo final para quem quer disputar é começo de outubro, acho que até o final do mês, muita coisa pode acontecer. (19Or:Br:Intrv:Com) - *HISTORICAL*

Na ocorrência (98) acima, "considerando que" introduz a premissa de que o prazo final para se candidatar é no começo de outubro, tomada como um fato ou condição a ser levada em conta. Com base nessa premissa estabelecida (o prazo final para candidaturas), a conclusão é que "muita coisa pode acontecer" até o final do mês.

Os significados de "considerar" influenciaram seu uso, pois "ter em consideração", por exemplo, implica que algo está sendo levado em conta ao fazer uma decisão ou avaliação. Este ato de levar em conta/considerar cria uma base ou condição sobre a qual outras ações ou decisões são tomadas.

No uso condicional, "considerando que" estabelece uma premissa ou condição que deve ser verdadeira para que a conclusão ou ação subsequente seja válida. Isto é paralelo ao ato de "ter em consideração" fatores que influenciam uma decisão. É como se o usuário da língua dissesse "leve em consideração um fato1 (ou fatos) e imagine um fato2": a validade do fato2 depende diretamente da condição estabelecida do fato1. Veja:

- 99 Como um movimento da fonte luminosa ou do observador alterará o comprimento da onda, vamos imaginar que a nova frequência vista pelo observador seja **Considerando que** a distância percorrida por uma onda é e a distância percorrida pela fonte é e N é o número total de ondas, temos que: ondeé o intervalo de tempo medido pelo observador. (19Ac:Br:Enc) - *HISTORICAL*

Em (99), "considerando que" estabelece várias premissas: a distância percorrida pela onda, a distância percorrida pela fonte, e o número total de ondas. Estas premissas são apresentadas como condições que precisam ser consideradas para prosseguir com a

análise. Ao dizer "considerando que", o texto estabelece uma premissa que é necessária para derivar a conclusão. Se as distâncias e o número de ondas não fossem aceitos como verdadeiros ou válidos, a conclusão sobre o intervalo de tempo medido pelo observador não poderia ser logicamente alcançada. Portanto, temos "levando em consideração a distância percorrida pela onda, a distância percorrida pela fonte e o número total de ondas e imagine onde é o intervalo de tempo medido pelo observador".

Ao "ter em consideração" determinadas condições, o texto garante que a conclusão subsequente seja logicamente consistente e baseada em premissas aceitas. Isso demonstra a conexão direta entre o significado original de "considerar" e seu uso condicional na linguagem.

Além de seu valor condicional, os dados coletados mostram ocorrências de "considerando que" como conector causal, conforme ilustrado a seguir:

100 grama interessante. É lamentável que seja apenas para a Zona da Mata. Mas, **considerando que** maior miséria está mesmo nesta região, sem dúvida não se pode dizer que este não é um passo importante. JC (19Or:Br:Intrv:Com) - *HISTORICAL*

Em (100) acima, "considerando que" introduz uma premissa que é aceita como verdadeira: a maior miséria está na Zona da Mata; que causa a conclusão "não se pode dizer que este não é um passo importante". Portanto, o uso de "considerando que" aqui estabelece uma relação de causa e efeito. Além disso, o texto apresenta a estrutura "sem dúvida", que reforça ainda mais a certeza e a inevitabilidade da conclusão baseada na premissa apresentada.

O significado de "considerar" como "ter em consideração" também é relevante para a expressão do significado causal. O texto está levando em consideração um fato importante (a maior miséria na região) para fundamentar a conclusão de que a medida tomada é significativa.

Além da semântica de "considerar", vimos também, na parte teórica desta tese, que as condicionais epistêmicas apresentam certa carga de causalidade. Talvez isso também tenha influenciado o surgimento do significado causal de "considerando que", já que encontramos ocorrências de condicionais com alta marcação causal, como na ocorrência (101) abaixo:

101 **Considerando que** o valor estimado do percentual de UPAs que receberam crédito rural por município apresente um desvio de cinco pontos percentuais, a mais ou a menos, em relação ao valor real, o modelo estaria estimando corretamente 47,4% dos valores. Se o desvio for elevado

para dez pontos percentuais, o percentual de municípios concordantes eleva-se para 74,4% (Figura 48). (19Ac:Br:Lac:Thes) - *HISTORICAL*

Em (101), percebemos a noção de causalidade ainda mais marcada, pois a construção iniciada por "considerando que" é uma condicional de conteúdo. Ela introduz uma condição hipotética que o usuário da língua considera para a discussão que se segue, como em uma sequencialidade. Nesse caso, é criada uma suposição sobre o valor estimado do percentual de UPAs (Unidades de Produção Agropecuária) que receberam crédito rural por município e como ele pode variar em relação ao valor real. Se "o valor estimado do percentual de UPAs que receberam crédito rural por município apresente um desvio de cinco pontos percentuais, a mais ou a menos, em relação ao valor real" se realizasse, causaria "o modelo estaria estimando corretamente 47,4% dos valores": uma relação de causa e consequência.

Em relação ao uso causal, encontramos um ponto interessante nas ocorrências de [considerando que]. Percebemos que "considerando que" é usado juntamente com o conector "pois", geralmente usado como causal ou explicativo. Veja a ocorrência a seguir:

102 # Falar de diagnóstico precoce é sempre importante, **pois considerando que** o tumor de colo de o útero é uma doença com sintomas silenciosos, muitas vezes as mulheres perdem a chance de descobrir a condição ainda em a fase inicial. (19-01-09 BR) - *NOW*

Em (102), "pois" e "considerando que" funcionam juntos para reforçar a ideia de causa e efeito, com a explicação do porquê é importante falar sobre o diagnóstico precoce. Ambos os conectores contribuem para indicar que a natureza silenciosa dos sintomas do câncer de colo de útero é a razão subjacente para a importância do diagnóstico precoce. "Pois considerando que" é uma maneira de enfatizar a justificativa ou a razão por trás de uma afirmação. Esse uso, juntamente com "pois", também ocorre em outras construções causais como [pois já que] e [pois uma vez que]:

103 [...] Eu tenho carro e jamais venderia pra ficar só em o Uber. Tenho filhos pequenos e outras necessidades. Evito usar o Uber a o máximo, **pois já que** tenho o carro, se fico usando o Uber toda hora é como se eu estivesse pagando em dobro, por o meu carro e por o Uber. # Lauro Agrizzi [...] (18-05-08 BR) - *NOW*

104 [...] 2. O SISTEMA PENITENCIÁRIO BRASILEIRO # O sistema penitenciário brasileiro tem como objetivo a ressocialização, educação e a referente punição a o seu delito. É uma forma de vingança social, **pois uma vez que** a autotutela é proibida, o Estado assume a responsabilidade de retaliação de os crimes, isolando o criminoso para que ele possa refletir sobre os seus atos, alheio a influências externas. [...] (13-04-14 BR) - *NOW*

Tanto em (103) como em (104), o “pois” reforça o caráter causal das construções, assim como na ocorrência (102).

Outra característica importante verificada nas ocorrências com “considerando que” é seu contexto de uso. Essa microconstrução é frequentemente utilizada na redação de documentos legais, como petições, sentenças, pareceres e outros textos relacionados ao campo jurídico<sup>27</sup>. Parece que ela é empregada para introduzir argumentos, justificativas ou fundamentos que embasam determinadas decisões, interpretações e medidas. Veja algumas ocorrências:

105 Ocorre que, em o dia 13 de março, a 3ª Seção de o Superior Tribunal de Justiça, em o julgamento de o RHC 101. 299/RS, decidiu que " não há como se atribuir o efeito pretendido a os diversos institutos legais, **considerando que** os dispostos em o artigo 34 de a Lei 9. 249/1995 e em o artigo 9º de a Lei 10. 684/2003 fazem referência expressa e, por isso, taxativa, a os tributos e contribuições sociais, não dizendo respeito a as tarifas ou preços públicos ". (19-06-19 BR) - *NOW*

Em (105), "considerando que" introduz a justificativa ou razão pela qual a corte tomou a decisão mencionada. Em outras palavras, esse conector é usado para indicar que o raciocínio subjacente à decisão se baseia na relação direta entre os dispositivos legais citados (artigo 34 da Lei 9.249/1995 e artigo 9º da Lei 10.684/2003) e o entendimento de que esses dispositivos se referem especificamente a tributos e contribuições sociais, não incluindo tarifas ou preços públicos. Portanto, o uso de "considerando que" aqui é para mostrar a base lógica ou o raciocínio que levou à interpretação feita pela corte, fundamentando assim a decisão tomada no caso, uma interpretação causal.

Verificamos que "considerando que", em casos jurídicos, não faz referência a uma opinião pessoal, uma vez que decisões legais não podem ser influenciadas por considerações pessoais. Nesses contextos, “considerando que” é uma ferramenta linguística que permite que os profissionais do direito justifiquem e expliquem suas decisões, interpretações ou cláusulas com base em informações pertinentes e argumentos sólidos. Conforme vemos no “Manual para a elaboração de atos normativos” da ANP (2022):

As causas justificativas servem para apresentar os motivos e justificativas que levaram à criação do ato normativo, podendo assumir a forma de “considerandos” ou “exposição de motivos”.

<sup>27</sup> Este uso foi notado também durante uma exposição dos resultados parciais desta tese em uma apresentação na Universidade de Gent, na Bélgica. O Embaixador de Portugal, que estava assistindo a apresentação, contribuiu com a afirmação de que havia um acordo para o uso de “considerando que” na área jurídica.

Os “considerandos” são referências fáticas e jurídicas que visam dar satisfação aos destinatários da norma e garantir a sua efetividade. São utilizados quando um ato normativo possui grande importância para a vida nacional, podendo gerar impactos e mudanças relevantes para a população. A exposição de motivos é uma apresentação detalhada e analítica sobre o novo texto legal, abrangendo as inovações incorporadas, as teorias consagradas e as referências necessárias ao Direito Comparado, sendo utilizada tão somente nas codificações. (ANP, 2022, p. 11)

Ao iniciar uma seção ou parágrafo com "considerando que", os redatores jurídicos estabelecem uma base para o que será discutido. Então, "considerando que" pode ser usado para apresentar fatos, informações ou precedentes relevantes que embasam uma determinada posição, argumento ou decisão. Ou seja, serve como ferramenta de contextualização e fundamentação, como em (106) a seguir:

106 A referida decisão, proferida em 15/05/2012 consolidou, sob a vigência de o CPC/73, que " o artigo 475-R de o CPC expressamente prevê a aplicação subsidiária de as normas que regem o processo de execução de título extrajudicial, naquilo que não contrariar o regramento de o cumprimento de sentença, sendo certa a inexistência de óbice relativo a a natureza de o título judicial que impossibilite a aplicação de a norma em comento, nem mesmo incompatibilidade legal. Portanto, o parcelamento de a dívida pode ser requerido também em a fase de cumprimento de a sentença, dentro de o prazo de 15 dias previsto em o artigo 475-J, caput, de o CPC ". **Considerando que** o artigo 745-A[6] de o CPC/73 não trazia qualquer óbice a a aplicação de a referida faculdade a o executado em sede de cumprimento de sentença, o STJ entendia ser este aplicável em o cumprimento de sentença. (18-11-20 BR) - *NOW*

Em (106), "considerando que" é empregado para introduzir o contexto legal no qual a decisão foi tomada, e assim, estabelece o cenário e os elementos relevantes que serão usados para justificar a interpretação adotada pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ). Após a introdução do contexto, "considerando que" é usado para criar uma fundamentação, pois apresenta os argumentos, as razões legais e lógicas que embasam a interpretação da corte. Desse modo, permite que o leitor/ ouvinte compreenda os motivos pelos quais o STJ chegou à conclusão de que o parcelamento da dívida poderia ser solicitado durante o cumprimento de sentença.

Além disso, notamos que "considerando que" ajuda a estruturar o raciocínio por trás das decisões jurídicas. Ele permite que os redatores expliquem de forma clara e lógica como chegaram a uma determinada conclusão, a partir de uma sequência de informações relevantes. Veja em (107):

107 intermédio de o Procurador de a República signatário, com fundamento em as disposições constitucionais e legais, **Considerando que** compete a o Ministério Público a defesa de os interesses difusos e coletivos, em especial de o patrimônio público (art. 129, III, de a Constituição de a República Federativa de o Brasil e art. 1.º, IV, de a Lei n. 7. 347/1985); **Considerando que** é função institucional de o Ministério Público promover o Inquérito Civil Público e a Ação Civil Pública para a defesa de interesses difusos e coletivos, dentre os quais o patrimônio público, conforme expressamente previsto em a Lei Orgânica de o Ministério Público de a União (LC n.

75, de 20. 5.93, art. 6º, inc. VII, alínea " b "); **Considerando que** é função institucional de o Ministério Público expedir notificações em os procedimentos administrativos de sua competência, requisitando informações e documentos para instruir- los (artigo 129, inciso VI, CF; artigo 8. º, inciso II, LC n. 75/93); Considerando a implantação de o Núcleo de Combate a a Corrupção em a Procuradoria de a República em o Amazonas; RESOLVE converter a NF – 1. 13. 000. 000279/2018-55 em INQUÉRITO CIVIL com a finalidade de " " Apurar supostas irregularidades em o curso de o Pregão Presencial nº 122/2014, promovido por a Secretaria de Educação de o Amazonas, com recursos oriundos de o Fundeb ". (18-02-26 BR) - *NOW*

Em (107), "considerando que" é usado várias vezes e cada instância inicia um novo segmento de argumentação, no qual o Procurador estabelece a base lógica e legal para suas ações. Isso ajuda a garantir que as decisões tomadas tenham uma fundamentação sólida e transparente, e qualquer pessoa que leia o documento compreenda os motivos por trás das ações do Procurador. Portanto, "considerando que" é usado aqui para estruturar o raciocínio e fornecer uma sequência lógica de informações que sustentam as decisões e resoluções tomadas pelo Procurador de a República.

Em suma, verificamos que “considerando que” causal é frequentemente usado no intuito de contextualizar e fundamentar decisões jurídicas, criar justificativas legais, ajudar a estruturar o raciocínio lógico por trás das decisões e contribuir para a transparência e a clareza na redação de documentos legais.

Após analisar os usos causal e condicional de "considerando que", notamos que essa construção não é empregada de maneira concessiva, como alguns conectores de base participial conseguiram. Isso porque ao considerar ou aceitar uma premissa com "considerando que", há uma consequência direta ou uma condição para validar uma proposição subsequente. Não há espaço para a ressalva ou contraste típico das concessivas.

A seguir, veremos outro conector de base gerundial que não apresenta relação concessiva: o “pensando que”.

### 3.2.1.1.3 Pensar, pensando

#### i) formar ideias:

108 O termo " literatura universal " foi criado por Goethe em 1827, em meio a um momento nacionalista, mas Goethe resistiu a esse nacionalismo. Ele começou a ler literatura de outras culturas, China, Índia, Pérsia. Agora, estamos de volta em um momento intensamente nacionalista em todo o mundo. É por isso que penso que promover a literatura universal é tão importante. Ela em os permite ver o mundo de diferentes perspectivas; e porque a literatura tem tanta importância em a formação de as sociedades, em os permite um entendimento mais profundo de outras culturas. (19-06-22 BR)

## ii) refletir:

109 " Quem você acha que pode ter votado? ", questiona Rodrigo. " Em mim? Qualquer pessoa de o outro lado. Não quero cogitar isso ", responde a sister. " Tem que parar de romantizar ", aconselha Gabriela " Em algum momento em que você estiver sozinha, **pense nisso** porque é importante, continua a paulista. (19-02-03 BR)

## iii) raciocinar:

110 Realizando a tarefa todos os dias mais ou menos em a mesma hora, é mais fácil que ela se torne um hábito. E hábito é super difícil de adquirir, mas depois que você adquiriu, você faz sem **pensar**. Você não pensa se vai ou não escovar os dentes quando acorda, simplesmente faz. (19-01-16 BR)

## iv) ser de parecer:

111 Omar corre atrás de uma mulher, que **pensa** ser Teresa, ex-mulher de Otaviano e mãe de Estevão, por quem foi apaixonado, mas terminou tudo. Omar decide encontrar- a. (14-07-26 BR)

## v) tencionar:

112 Para chegar a o roteiro final, assinado com Murilo Hauser, Karim entrevistou mulheres entre 70 a 90 anos. A iniciação sexual de os homens, afinal, já foi amplamente relatada a o longo de os tempos. Mas como terá sido, para elas, ver um homem nu por a primeira vez? E engravidar e não querer ter o filho? # — **Penso em publicar esse material** porque acho que uma coleção de entrevistas com pessoas de essa idade ia fazer a gente se sentir menos sozinho — pondera o diretor, que escalou Fernanda Montenegro para viver, em participação especial, a Eurídice de a fase madura. Filme feito com celular (19-05-19 BR)

## vi) ter no pensamento:

113 " Eu sei que você me quer, Ícaro, você ainda **pensa em mim**, nunca me esqueceu, como eu nunca lhe esqueci ", disse Rosa para Ícaro. (18-08-10 BR)

## vii) imaginar, julgar:

114 Eu pensei em esse livro como o meu Livro de o Amor. E o que significa ser imigrante em esse novo país chamado desejo. Há amor por as mulheres que meu narrador, Kailash, encontra. Ou o que ele **pensa ser amor**. E há também o amor por seus pais e por a casa que ele deixou. Mas o amor que parece mais intencional, mais pronunciado, é por o seu mentor. (19-03-02 BR)

## viii) planejar:

115 " Eu consigo andar de carro e sair de carro, mas fico assustada com mais facilidade e eu não **pensar em viajar de ônibus tão cedo**. Me dá até um nervoso de pensar de entrar em um ônibus de novo. É difícil pra mim ", desabafou. (18-09-28 BR)

O conector "pensando que" surgiu mais recentemente, e por isso, apresenta menor frequência em comparação com "considerando que" e "assumindo que", sendo encontrado apenas no *corpus NOW*, com 25 ocorrências. Como os outros de base gerundial, "pensando que" pode ser usado em contextos condicionais e causais, como vemos a seguir, nas ocorrências (116) e (117), mas não apresentou nenhum dado com significado concessivo.

116 **Pensando que** um caça de 4, 5G com toda a infraestrutura para operar custa cerca de 120 a 140 milhões e multiplicando isso por 2. 500 daria para fazer uma comparação superficial com outros modelos. # Por exemplo: Quanto custariam 2. 500 Rafales a 120 ou 140 milhões cada? (19-05-11 BR) - *NOW*

A ocorrência (116) é a primeira encontrada em todo o *corpus*. Nela, vemos a premissa "pensando que um caça de 4,5G com toda a infraestrutura para operar custa cerca de 120 a 140 milhões..." que deve ser aceita para que a conclusão ou ação subsequente seja válida. Ou seja, se aceitarmos que cada caça custa entre 120 e 140 milhões, então poderemos usar esse valor para calcular o custo total de 2.500 caças e compará-lo com outros modelos. Portanto, "pensando que" é usado como conector condicional, uma vez que cria uma condição necessária para validar a proposição seguinte e ajuda a criar uma estrutura lógica para a argumentação.

Além do significado condicional, "pensando que" também foi encontrado em contextos causais, como na ocorrência a seguir:

117 No mês de as mães, e **pensando que** o leite materno é o melhor alimento para quem acabou de chegar a o mundo, a doação de leite é a nova bandeira de o Diário de a Gratidão. Toda mulher que está amamentando e é saudável pode colaborar. # Quem pode doar # Mães que tenham dado a a luz recentemente e queiram doar o leite excedente a o Banco de Leite podem se cadastrar # Como funciona # O Banco de Leite fornece para a mãe os frascos onde ela vai armazenar seu leite. Uma vez por semana ou até a cada dez dias, a equipe passa para recolher o alimento. Quem desejar também pode ordenhar em o Banco # Como se cadastrar # O cadastro pode ser feito diretamente em o Banco de Leite (Avenida de os Estudantes, 1886), que funciona de segunda a sexta-feira de as 8h a as 16h e, a os sábados, de as 8h a as 13h; por o (19-05-17 BR) - *NOW*

Em (117), "pensando que" é usado para introduzir a razão por trás da decisão de promover a doação de leite materno durante o mês das mães. O usuário da língua estabelece a ideia de que o leite materno é reconhecido como o melhor alimento para recém-nascidos, e essa consideração motiva e justifica a iniciativa de incentivar a doação de leite para um banco de leite. Portanto, "pensando que" é utilizado como conector causal.

Assim como "considerando que" e "assumindo que", "pensando que" também não tem valor concessivo, e por motivos similares. "Pensando que" envolve a aceitação de uma premissa que serve como base para uma conclusão ou ação subsequente. Esta aceitação cria uma condição que justifica diretamente uma consequência. Em outras palavras, este conector estabelece uma relação condicional ou causal clara entre a premissa e a conclusão. A premissa apresentada é aceita como verdadeira e necessária para validar a proposição subsequente, criando uma base lógica sólida. Diferentemente dos conectores concessivos, que introduzem uma premissa que, mesmo sendo verdadeira, não impede a realização ou validade de outra ação ou estado, "pensando que" reforça a premissa como essencial para a validade da conclusão, e assim, não deixa espaço para a ressalva ou contraste típico das construções concessivas.

A seguir, veremos outro conector que, assim como "pensando que", é pouco frequente na língua devido ao seu recente surgimento: o "entendendo que".

#### 3.2.1.1.4 Entender, entendendo

##### i) apossar-se do sentido do que ouvimos ou lemos:

118 O ministro Moro rebateu: " Pelo que entendi de a sua fala, o senhor defende a anulação de tudo, então? Todas as condenações, todas as denúncias, devolver o dinheiro? Não sei, entendi de essa forma ". (19-06-25 BR)

##### ii) ser de opinião; julgar:

119 Eu acho graça ler Fernando Haddad atacando Bolsonaro, por manter o Ministro, enquanto vai a a prisão, reverenciar Lula. Também entendo ser patético os blogs petistas, que batem continência a quem está atolado em escândalos, cobrarem Bolsonaro por o alegado laranja. (19-02-19 BR)

##### iii) ser entendedor:

120 Estudando para concursos públicos? Prepare-se com quem mais entende de o assunto! Cursos completos 2 em 1, professores especialistas e um banco com mais de 920. 000 questões de prova! Garanta já a sua vaga! Mude de vida em 2019! # Estude onde, quando, como quiser e em até 12x sem juros! Teste agora por 30 dias! # O Gran Cursos Online surgiu de uma iniciativa de os empresários Gabriel Granjeiro e Rodrigo Calado, que, juntos, somam mais de 20 anos de experiência em o mercado de concursos públicos. O objetivo de o projeto é levar a metodologia e a tradição de a marca GRAN CURSOS, há 27 anos em o mercado educacional e com mais de 600. 000 ex-alunos aprovados, para os/as candidatos/as de todo país que buscam a realização profissional. (19-05-30 BR)

##### iv) estar de acordo (duas ou mais pessoas):

121 Já trabalhei meses em os EUA lavando pratos c/mexicanos e peruanos em uma cozinha cercada de neve em o Maine e em o Colorado. Sei como é. Mas te entendo, tb ficaria bravo se alguém generalizasse os brasileiros em o exterior". (19-03-18 BR)

v) combinar:

122 " A senhora não é obrigada a gostar de o meu filho, mas vai ter que deixar os dois namorarem em paz. Essa é a minha condição para não prestar queixa. Estamos entendidos? ", declara Gui, que, como já era de se esperar, recebe uma resposta afirmativa de Néia. (17-04-26 BR)

Assim como com os conectores até aqui analisados, os significados de "entender" formam a base para o conector "entendendo que". Quando usamos "entendendo que", estamos dizendo que, ao compreender completamente a situação ou premissa, ou ainda, estamos invocando uma premissa baseada em um entendimento de um tópico, podemos tomar uma decisão ou concluir algo com base nessa compreensão. O conector carrega a ideia de que a premissa foi assimilada e serve como fundamento para a ação subsequente. Esses significados refletem o uso causal de “entendendo que”, como vemos na ocorrência a seguir:

123 Renato Medeiros, que é Secretaria Municipal de Defesa de o Consumidor, informou que a Energisa tem um prazo de cinco dias para prestar esclarecimentos junto a o órgão. # " **Entendendo que** tal cobrança não deve ser realizada, a Energisa deve esclarecer, em o prazo de cinco dias, porque está sendo feita essa cobrança. Assim, o Procon vai instaurar processo administrativo para a verificação de os fatos, " finalizou Renato Medeiros. (19-01-08 BR) - *NOW*

Em (123), "entendendo que" conecta a ação de exigir esclarecimentos por parte da Energisa com a explicação de que há uma suspeita de cobrança indevida, justificando assim a necessidade de explicação por parte da empresa e o subsequente procedimento de verificação pelo Procon. Portanto, “entendendo que” é usado para introduzir uma explicação ou justificativa para a ação ou decisão que está sendo mencionada, e assim, pode ser entendida como causal.

O significado causal foi encontrado apenas no *corpus NOW*. Isso porque, no *corpus Historical*, esse apresenta apenas uma ocorrência, com significado condicional:

124 A contabilidade pode ser entendida como uma maneira de representar todo o processo produtivo, que é constituído de consumo de metros cúbicos, milheiros, quilos etc. de materiais, horas de mão-de-obra, de máquinas etc., em uma única linguagem, a linguagem das unidades monetárias. **Entendendo que** a administração de uma construtora opera a realidade física com o objetivo de gerar o máximo de lucro possível, então esse lucro torna se fundamental como instrumento de acompanhamento do desempenho das atividades físicas executadas para fins de gerir o processo de forma a atender o seu objetivo maior: a maximização da riqueza dos sócios. (19Ac:Br:Lac:Thes) - *HISTORICAL*

Em (124), o usuário da língua usa a construção iniciada por “entendendo que” como uma base lógica para a discussão sobre o papel do lucro na administração de uma construtora. A expressão "entendendo que" cria um elo entre a visão da contabilidade como uma representação monetária do processo produtivo e a compreensão da administração de uma construtora como voltada para a maximização do lucro. Do modo como posto, a perspectiva da administração operando para gerar lucro é tomada uma premissa necessária para entender como o lucro se relaciona com o processo produtivo e como ele é monitorado. Portanto, “entendendo que” atua como conector condicional, com uma relação de “se...então...”, conforme ilustrado a seguir:

**124a** “Se a administração de uma construtora opera a realidade física com o objetivo de gerar o máximo de lucro possível, **então** esse lucro torna se fundamental como instrumento de acompanhamento do desempenho das atividades físicas executadas para fins de gerir o processo de forma a atender o seu objetivo maior: a maximização da riqueza dos sócios.

Destacamos as construções “se” e “então” pois, conforme Neves (2000, p. 499), “relações lógicas do tipo se... então” são condicionais do tipo epistêmica. As condicionais epistêmicas estabelecem uma relação lógica entre a premissa e a conclusão, onde a aceitação da premissa leva logicamente à conclusão. Essa relação lógica frequentemente implica uma conexão causal, onde a premissa é a causa que justifica a conclusão. Assim, podemos ver que tanto causalidade quanto condicionalidade podem ser expressas pelo conector “entendendo que”. A ausência de ressalvas ou contrastes típicos das construções concessivas torna o uso de "entendendo que" restrito a contextos condicionais e causais.

Outro conector que funciona de maneira similar é "imaginando que", o qual veremos mais detalhadamente a seguir.

#### 3.2.1.1.5 Imaginar, imaginando

##### i) representar no espírito:

125 Você pode destruir um país por o controle remoto, mas para dominar- lo é preciso sair de o twitter e por as botas em a lama. Vamos **imaginar**, apenas por hipótese, que a Rússia resolva abrir uma base aeronaval em a Venezuela. Você tem ideia de o prejuízo estratégico disso? (19-02-22 BR)

##### ii) idear:

126 Roger Machado também projetou o duelo de volta com expectativa de casa cheia em a Arena Fonte Nova. " **Imagino** nossa casa cheia, um número grande de torcedores. É o que desejamos. O

jogo de hoje foi muito desgastante. Vamos recuperar os jogadores e colocar em campo o que tivermos de melhor. Vamos avaliando, fazendo os testes, dando descanso a os atletas para ver quem terá melhor condição. Essa decisão só tomaremos domingo por a manhã. Vamos sentar com a comissão, e a direção, e decidir. Mas, gostaria de contar com todos ", concluiu. (19-05-22 BR)

iii) cuidar, pensar:

127 " Ninguém disse quanto tempo pode levar, mas **imagino** em o máximo uma noite. Com certeza, o estoque de a merenda é suficiente para alimentar todo mundo. " (19-05-24 BR)

iv) conjecturar; cismar:

128 Ele **imaginava** que o cachorro tivesse entrado em o imóvel. # Porém, posteriormente, a o verificar imagens de câmeras de segurança, Gilson percebeu que, enquanto estacionava o carro, um Ford Ka parou em a rua. Um homem o dirigia e a passageira desceu para pegar Messi. Em seguida, o casal foi embora com o cãozinho. (19-01-08 BR)

O conector “imaginando que”, assim como os outros de base gerundial até aqui expostos, é utilizado em contextos condicionais e causais, e não apresenta significado concessivo. Seu surgimento parece ter ocorrido com o significado condicional, conforme vemos a primeira ocorrência encontrada no *corpus Historical* a seguir:

129 # 1 – Primeiramente você deve conseguir a informação sobre o preço médio de venda de o seu veículo. Para isso, acesse a tabela Fipe clicando aqui. # 2 – Já dentro de o site, clique em a opção que mais se adequar a o seu tipo de veículo. Se o seu veículo é de o tipo carro pequeno de família você deve clicar em " Consulta de carros e utilitários pequenos ". # 3 – Selecione a marca, modelo e ano de o seu veículo e clique em " pesquisar ". # Agora com o preço médio de o seu veículo em mãos, é só multiplicar- lo por a porcentagem de a alíquota de o IPVA de acordo com tipo de veículo. # Para esse ano será cobrada uma alíquota de 3% carros pequenos e pick-up trucks. # **Imaginando** que você tem um Honda Civic LXS automático 2014 (carro pequeno com 5 anos de uso), podemos fazer o cálculo de a seguinte forma: # Preço médio: R\$ 54. 111 # Alíquota: 3% #  $54.111 \times 0,03 = R\$ 1.623,33$  # Pelo fato de ter um carro compacto com 5 anos de uso em a sua garagem você pagará R\$ 1.623 a o Estado. (19-01-09 BR) - *NOW*

Na ocorrência (129) acima, "imaginando que" introduz uma condição (você ter um Honda Civic LXS automático 2014) que forma a base para um cálculo subsequente. A validade do cálculo (conclusão) depende da aceitação da condição hipotética. Se imaginarmos que você realmente tem esse veículo, então o cálculo apresentado segue logicamente dessa premissa. Ou seja, "imaginando que" cria um cenário hipotético que deve ser considerado verdadeiro para que a ação subsequente (o cálculo do IPVA) seja válida.

Além de condicional, também encontramos "imaginando que" como causal, mas apenas no *corpus NOW*. Veja uma ocorrência a seguir:

130 Então, se Button permanecer em 2017 e não perder nenhuma prova, ele potencialmente tem apenas dois anos para ser o piloto com maior número de corridas de a história de a F1. # Mas por quanto tempo ele reinaria? Seu companheiro de equipe, Fernando Alonso, tem apenas 31 provas de diferença, então é possível que o " novo " recorde de Button tenha curta duração. # Em essência, Alonso teria que ficar por mais duas temporadas além de o inglês, caso ele se despeça de a F1 a o final de 2017. Lembrando que em 2019 o espanhol estaria com 38 anos. **Imaginando que** Barrichello ficou em a categoria até os 39 e Schumacher até 43, o recorde passa a ser crível. (15-10-03 BR) - *NOW*

Em (130), “imaginando que” é usado com significado causal, pois “Barrichello ficou em a categoria até os 39 e Schumacher até 43” trata-se de fatos concretos, históricos, que o usuário da língua usa para justificar o recorde ter passado a ser crível para Button. Podemos ler da seguinte forma: “**já que/como** Barrichello ficou em a categoria até os 39 e Schumacher até 43, o recorde passa a ser crível”. Ou seja, a premissa fornecida ("Barrichello ficou na categoria até os 39 e Schumacher até 43") atua como a causa que explica porque a conclusão ("o recorde passa a ser crível") é lógica e plausível.

Vimos, então, que “imaginando que” apresenta significado condicional e causal, e assim como os outros apresentados até aqui, não consegue estabelecer concessão. As construções concessivas são caracterizadas por introduzir uma premissa que reconhece uma condição adversa ou limitadora, mas que não impede a realização ou validade de outra ação ou estado. "Imaginando que" não possui valor concessivo devido à natureza das construções concessivas e à forma como "imaginando que" estabelece a relação entre a premissa e a conclusão. A seguir, veremos outro verbo de cognição, o “saber”, base do conector “sabendo que”.

### 3.2.1.1.6 Saber, sabendo

#### i) possuir o conhecimento de:

131 " Começamos a conversar e eu disse que estava trabalhando em uma canção para a Cindy Lauper, em o que ele respondeu' eu **sei** como fazer essa música chegar a a Cindy Lauper, se você me incluir como coautor'. (19-06-29 BR)

#### ii) não ignorar:

132 Você é controlador: você quer saber com quem sua equipe fala, para quem, como fala, com que entonação falam, se falam bem de você, de a sua gravata e de as suas iniciativas mágicas. E, sendo assim, você quer saber o que a assessoria faz entre o tempo em que desliga o telefone com você até a próxima ligação, se estão atendendo outro cliente (e se estiver, diz que o assessor não dá foco em a sua empresa), se a agência **sabe** que você existe... Excesso de controle é reflexo de a insegurança, de o medo. (14-07-23 BR)

iii) estar habilitado para:

133 A indústria vidreira **sabe** fazer o vidro. (12-10-08 BR)

iv) ser capaz de:

134 Você **sabe** fazer um bom planejamento para concursos?\_Provas de o concurso serão aplicadas em maio (19-04-17 BR)

v) ter experiência:

135 Eu trabalho vendendo coco aqui em a praça há mais de 30 anos. Eu só **sei** vender coco, não sei fazer mais nada e estava preocupado com a possível proibição de os canudinhos de plástico, como acontece em outras cidades. (19-01-29 BR)

vi) ter consciência de:

136 Mas solto uma gargalhada deliciosa quando Bolsonaro diz coisas de o tipo " vizinho gay desvaloriza o imóvel ". Sei que é errado, mas acho divertido demais. (18-09-12 BR)

vii) estar certo:

137 - Não consumo esse tipo de notícia. Acho que busquei meu nome de a internet uma vez em a vida. Eu **sei** de a minha verdade. (19-06-11 BR)

A seguir, veja que a primeira ocorrência que encontramos de “sabendo que” no *corpus Historical* é causal:

138 Estado - Esta será sua primeira visita ao Brasil. **Sabendo que** você é fa de Astrud Gilberto e Tom Jobim, é possível esperar alguma música brasileira em seus shows? Suzanne - Não, definitivamente. Seria bobagem, porque qualquer tentativa de cantar bossa nova, que adoro, iria parecer imitação. (19Or:Br:Intrv:ISP) - *HISTORICAL*

O conector "sabendo que" estabelece uma premissa fundamentada no conhecimento de um fato específico. Neste caso, o fato de Suzanne admirar Astrud Gilberto e Tom Jobim justifica a conclusão de que poderia ser esperado que ela incluísse músicas brasileiras em seus shows. Essa estrutura causal reforça a lógica da argumentação e mostra como o conhecimento de um fato pode diretamente justificar uma expectativa ou conclusão subsequente. Ou seja, porque sabemos que Suzanne admira esses artistas brasileiros, é razoável concluir ou esperar que essa admiração se manifeste em suas performances ao incluir músicas brasileiras. Temos, então, uma estrutura causal.

Além do significado causal, encontramos uma ocorrência condicional no *corpus Historical*. Veja-a em (139) a seguir:

139 Os gemidos, a seguir...A voz alta de um homem que ordenava - " Não deixem ninguém vivo " - e os tiros de misericórdia nos que gemiam. Depois, ainda escutara os gritos de Maria Teresa que, diminuindo, diminuindo, cessaram definitivamente. Percebera os homens abandonando a casa, os passos pesados, e o silêncio finalmente tudo dominou. Minutos depois, saindo do esconde-rijo, a casa em trevas, tropeçava no corpo do pai. Arrastara-se no sangue, em busca da cozinha, mas temera acender o candeeiro. E, receando que retornassem, ganhara o campo para esconder-se nos cacaueros. Pouco depois vira a luz na casa e os fachos no campo. Ouvira os gritos, chamando-o. Aproximara-se quando se certificara que era o padrinho. Quando Cajango silenciou, Alonso disse: " **Sabendo que** está vivo, caçarão este menino nos infernos ". Sinhá, sua mulher, acrescentou: " Voltarão hoje ou amanhã para ocupar as terras ". (19:Fic:Br:Aguiar:Corpo) - *HISTORICAL*

Em (139), o conector "sabendo que" estabelece uma premissa condicional baseada no conhecimento de um fato específico: a sobrevivência do menino. Essa premissa hipotética cria um cenário em que a conclusão subsequente ("caçarão este menino nos infernos"). A condição é que, se souberem que o menino está vivo, então eles irão caçá-lo implacavelmente. Trata-se, portanto, de um contexto condicional.

Parece que o significado condicional está relacionado ao fato de "sabendo que" sempre introduzir uma premissa fundamentada no conhecimento ou na consciência de um estado específico e esse conhecimento atuar como uma condição que, uma vez aceita, leva logicamente a uma consequência. Isso significa que, uma vez que a premissa é conhecida e aceita, a consequência se torna lógica e inevitável, o que o deixa sem espaço para contrastes ou ressalvas.

Em ambos os *corpora*, *Historical* e *NOW*, encontramos apenas significados causais e condicionais, o mesmo que os outros conectores de base gerundial até aqui analisados. A seguir, analisaremos um caso que se diferencia: o "supondo que". Este não apresenta significado causal.

### 3.2.1.1.7 Supor, supondo

i) alegar ou afirmar hipoteticamente para tirar alguma indução:

140 " Quando você rastreia todas as transações feitas [pelo Devops199], você entende que foram feitas de forma deliberada ", afirma a Cappasity em um comunicado. " Sendo assim, acreditamos que isso não foi acidente – nós estamos supondo que isso foi um hack intencional ". (17-11-13 BR)

ii) admitir como provável ou possível, como "conjecturar", "imaginar", "presumir":

141 Não sei qual é o seu caso, mas estou **supondo** que os dois ainda sejam virgens e estão a caminho de a tão sonhada e esperada' primeira noite! (12-11-25 BR)

iii) formar hipóteses sobre:

142 O que é mercado futuro? # O mercado futuro permite que um produtor possa vender sua mercadoria em uma data futura a o preço praticado hoje, em a intenção de diminuir seu risco e levar prejuízo. # Esse tipo de operação permite que o produtor de milho diminua seu risco de prejuízo com uma variação negativa de o preço de o milho, por exemplo. # Mas como isso é possível? Suponha que hoje uma saca de milho custe R\$40, só que a sua produção só ficará pronta daqui a 2 meses. O preço de a saca de milho poderá subir, se manter ou cair até lá. (19-02-25 BR)

iv) considerar como verdadeiro, como crer, julgar, pensar:

143 Incrível, mas o psicanalista suicidou-se passado um mês! Chamava-se Fernando Medina. Ele procurava conciliar uma quantidade de coisas inconciliáveis: suponha que morreu disso, de inconciliação. Como se morre de insolação. Há sóis demasiado fortes para as nossas cabeças (19-02-06 BR)

“Supondo que” é o único conector de base gerundial que não apresenta significado causal em nosso *corpora*. Acreditamos que essa impossibilidade de expressar causalidade ocorre devido a semântica de sua base verbal “supor”, pois uma suposição é uma ideia ou hipótese que alguém faz baseada em evidências limitadas, sem confirmação definitiva. Ela pode ser vista como não assertiva, pois não é uma afirmação ou declaração comprovada.

Quando alguém faz uma suposição, está fazendo uma estimativa ou uma adivinhação com base nas informações disponíveis, mas não há garantia de que a suposição seja correta. Em outras palavras, ao iniciar uma frase com "supondo que", o usuário da língua introduz uma ideia que a informação está sendo considerada como uma possibilidade, mas não afirma que essa ideia é a causa de algo. Observe a seguir:

144 elemento I é uma real inovação - não foi comunicado em qualquer processo sócio-interativo em um primeiro momento - no momento da não comunicação - ou **supondo que** não tenha sido comunicado em um primeiro momento - no processo de interação social - isso seria uma norma individual - então a pressão do social - tem - um limite negativo - não há pressão social - onde haja criação individual (19Or.Br.LF:Recf) - *HISTORICAL*

Em (144), "supondo que não tenha sido comunicado em um primeiro momento..." introduz uma condição hipotética, ou seja, o usuário da língua está explorando uma hipótese, algo que não é afirmado como verdadeiro, mas é considerado como uma possibilidade para que a conclusão subsequente faça sentido dentro do contexto apresentado. A conclusão que se segue, "isso seria uma norma individual - então a pressão do social - tem - um limite negativo - não há pressão social - onde haja criação individual,"

depende da aceitação da condição hipotética. Se a premissa for verdadeira (a inovação não foi comunicada inicialmente), então a conclusão sobre a limitação da pressão social é válida.

Em relação ao uso condicional de “supondo que”, percebemos que muitas vezes ele se comporta como uma condicional concessiva, como se pode observar na ocorrência a seguir:

145 Enquanto tiver este processo em a Câmara, esta vai ser a agenda prioritária de a Casa e deve ser mesmo. Só depois disso que se consegue retomar com mais tranquilidade as outras agendas. "  
# **Supondo que** a Câmara aprove a admissibilidade de a denúncia, Temer ainda permanece em o cargo até que o STF decida em plenário se o presidente se torna réu ou não. (17-07-13 BR) - *NOW*

Em (145) acima, poderíamos parafrasear como "mesmo se a Câmara aprove a admissibilidade da denúncia...", pois introduz uma condição que é reconhecida como possível, mas a conclusão de que "Temer ainda permanece no cargo até que o STF decida em plenário se o presidente se torna réu ou não" é apresentada como válida independentemente da aprovação ou não da denúncia. Portanto, a construção iniciada pelo conector sugere que a conclusão é verdadeira independentemente da condição ser satisfeita.

No *corpus NOW*, identificamos algumas construções complexas com o conector “supondo que” com significado concessivo. Com base nos significados da base *supor*, vistos anteriormente, seria difícil dizer que esse seria um conector concessivo. Então, acreditamos que a concessão vem do gerúndio, pois ajuda a introduzir uma premissa que, mesmo sendo hipoteticamente verdadeira, não impede um resultado contrastante ou inesperado, como observado no exemplo. Veja:

146 **Supondo que** seja muito difícil um planeta ter vida (pelo menos vida baseada em carbono, como conhecemos aqui em a Terra ou similar), existem tantos, mas tantos planetas universo afora que é praticamente impossível por o menos um punhado não ter desenvolvido vida. (19-05-29 BR) - *NOW*

Em (146) temos uma ocorrência com valor concessivo. Isso porque mesmo admitindo a dificuldade de encontrar vida em outros planetas, isso não impede o fato de que, devido à quantidade de planetas no universo, a possibilidade de vida em alguns deles é altamente provável. Assim, temos que “é difícil um planeta ter vida” que seria normalmente vista como uma barreira (a dificuldade de vida), que é concedida ou admitida, mas ela não altera o desfecho (a existência provável de vida em outros planetas).

Portanto, a relação entre o significado de sua base, "supor", e o uso do gerúndio "supondo" é central para a construção concessiva. O gerúndio sugere um processo mental contínuo e hipotético, enquanto o valor concessivo é garantido pela lógica de que, mesmo que a premissa seja aceita, ela não impede o desfecho ou o argumento contrastante.

Também encontramos dois dados interessantes com a construção “mesmo supondo que”. Embora seja a construção “mesmo” a maior responsável por instaurar o significado concessivo de toda a construção complexa, esses dois dados são relevantes para a nossa pesquisa porque ilustram a coexistência dos valores concessivo e condicional “mesmo supondo que”. A presença de “supondo que” em contextos concessivos como estes sugere que, com o tempo e o uso repetido em tais ambientes, a construção pode vir a desenvolver um valor concessivo próprio, mesmo na ausência de “mesmo”, o que reforça a natureza dinâmica das construções linguísticas. Veja as ocorrências com “mesmo supondo que” a seguir:

147 **Mesmo supondo que** a artista (e os leitores) seja vegetariana ou tenha pena de as vaquinhas e de os porquinhos (quem não tem?), vale indagar e se indignar: sem a soja e a revolução alimentar que ela representou em as últimas décadas, como a senhora Cáceres acha possível alimentar sete bilhões de pessoas? À base de produtos orgânicos ou de vento? (18-12-10 BR) - *NOW*

148 Foi isso que levou o pacote Levy a uma contração fiscal equivalente a 1, 2% de o PIB, junto com uma paralisação virtual de o crédito. # **Mesmo supondo que** a lógica fosse correta, em o Brasil há uma enorme manipulação de as expectativas futuras de inflação e de juros por parte de o mercado. (17-07-30 BR) - *NOW*

O valor concessivo nas ocorrências analisadas do *corpus NOW* surge pela combinação com o conector “mesmo”, que enfatiza que a conclusão se mantém válida, independentemente da aceitação da premissa estabelecida. Assim, em (178) e (179), é “mesmo” que atribui o valor concessivo, enquanto “supondo que” continua a funcionar como uma marca de condicionalidade.

Embora "mesmo" seja o principal elemento que introduz o valor concessivo em (147) e (148), "supondo que" desempenha um papel fundamental na instauração do significado de toda a construção complexa, que nessas ocorrências, é concessivo. “Supondo que” estabelece uma condição hipotética que, ao ser introduzida na construção complexa, cria o contexto necessário para que a concessividade se manifeste.

Em outras palavras, “supondo que” apresenta uma premissa condicional, que, mesmo sendo aceita, não interfere na validade da conclusão subsequente, como evidenciado nas ocorrências (147) e (148). Portanto, a construção “mesmo supondo que” não só reforça a coexistência dos valores condicional e concessivo, como também

depende da base condicional fornecida por “supondo que” para que a concessividade seja efetivamente instaurada. Como discutido anteriormente, não podemos atribuir o significado de uma construção complexa a um único elemento, como é o caso de atribuir exclusivamente ao 'mesmo' o valor concessivo. A construção 'supondo que' também desempenha um papel importante na instauração desse significado, contribuindo para a construção do sentido total da concessividade ao fornecer a base condicional necessária para a validação da premissa.

Em (147) a condição de ser vegetariano ou ter pena dos animais é reconhecida, mas a conclusão sobre a necessidade da soja para alimentar a população global se mantém válida, independentemente dessa premissa. Em (148), a condição de que a lógica do pacote Levy seja correta é aceita, mas a conclusão sobre a manipulação das expectativas de mercado no Brasil se mantém válida, independentemente dessa premissa. A presença de "mesmo" enfatiza a concessividade e reforça que a validade da conclusão é independente da condição apresentada.

Em suma, “supondo que” apresenta predominantemente uma leitura condicional, mas, como demonstrado pelos dados, também pode ser encontrado em contextos concessivos. Embora não seja intrinsecamente causal, pois a causalidade envolve uma relação direta entre ação e efeito, “supondo que” pode ser utilizado para introduzir uma hipótese ou premissa cuja validade é considerada, mesmo que não afete a conclusão. Os traços como “alegar ou afirmar hipoteticamente para tirar alguma indução”, “admitir como provável ou possível, como conjecturar, imaginar, presumir” e “formar hipóteses sobre” estão diretamente relacionados ao uso condicional de “supondo que”. No entanto, o fato de ter sido encontrado em construções concessivas indica que essa expressão pode adquirir nuances de concessividade em certos contextos, especialmente quando combinada com outros elementos, como o conector “mesmo”. Essa flexibilidade demonstra a natureza dinâmica das construções linguísticas, permitindo que “supondo que” desempenhe um papel além do estritamente condicional em determinados usos.

Após verificarmos os verbos de cognição preenchedores do *slot* V, passamos, a seguir, a outro tipo semântico: o valor relacional.

### 3.2.1.2 Verbo relacional

#### 3.2.1.2.1 Ser, sendo

- i) para ligar o sujeito ao predicado:

- 149 Sr. João Pedro, com certeza deve ser um agregado de o tal MISAEL GALVÃO, por isso o defende. A cidade inteira comentava sobre compra de votos e o Misael era o mais falado em a véspera e em o dia de a eleição. Depois, foi divulgado que a polícia fez buscas em a casa de parentes e amigos de o tal Misael e encontraram uma vasta documentação que comprovava o crime. Ah! mil reais é muito pouco! vomenta-se por aí que o tal MISAEL gastou algo em torno de 5 milhões em a campanha e você, como agregado dele, vem com essa ofensa de mil reais! Misael terá que gastar mais uns 5 milhões para se defender e você me oferece só mil. Não, não aceito! KKKKK. (16-11-21 BR)
- ii) corresponder a determinada identificação ou qualificação:
- 150 Polícia diz que ela **era** gerente de uma boca de fumo em Araguaína. Além de as drogas, também foram encontradas joias e dinheiro em a casa. (17-03-07 BR)
- iii) consistir em:
- 151 Cientistas de a Universidade Harvard, em os Estados Unidos, conseguiram modificar geneticamente as células-tronco em o interior de os corpos de ratos. Realizado de maneira inédita, este processo é o primeiro passo para o desenvolvimento de técnicas que consigam " apagar " as doenças genéticas de um organismo sem precisar remover, cultivar e reinjetar células saudáveis. (19-06-07 BR)
- iv) apresentar como qualidade ou característica habitual:
- 152 — Ela aproveitou o momento que a mãe foi em o mercado e fugiu. Disseram que ela foi até a estação de metrô de Irajá e, de lá, seguiu para Copacabana — contou a prima de a adolescente Luciana Gomes, de 41 anos. — Ficamos muito surpresos. Ela não é disso. É estudante normalista, não bebe, nem fuma. Estranhamos muito a atitude dela. (18-06-01 BR)
- v) estar, ficar, tornar-se:
- 153 A maior culpada – depois de Loreto, que a traiu – em toda essa história é ela mesma, que simplesmente colocou as pessoas umas contra as outras. Isso aí já está ficando insuportável ", disparou o jornalista. (19-05-08 BR)
- vi) exprime a realidade:
- 154 " Olha isso gente, a casa inteira alagou. Está caindo o mundo lá fora, está chovendo pra sempre. A gente ia viajar agora, a casa inteira está alagada. Isso é tudo é água que está refletindo em o chão, mas é muita água, não é pouca não ", disse Mayra em um primeiro vídeo, mostrando a sala cheia de baldes tentando conter a água. (19-02-06 BR)
- vii) acontecer, ocorrer, suceder.
- 155 O empresário: próxima edição de a festa será em dezembro (Renato Peixoto/Veja SP) # Há quinze anos o empresário de tecnologia Carlinhos de Carvalho consegue reunir até 600 pessoas (e beldades variadas) em suas festas de aniversário. (18-09-28 BR)
- viii) equivaler a determinado valor, custo ou preço:

156 Na plataforma online Mercado Bitcoin, por exemplo, o mínimo é 50 reais. # Mas, cuidado: o risco é alto. (17-09-01 BR)

ix) pertencer a:

157 - Por que o cidadão não pode emprestar em a sua comunidade? # - Ah, mas não pode. # - Mas espere aí, o dinheiro é dele. Não é dinheiro de os outros. (19-04-30 BR)

x) ter como proveniência (ex.: o tapete é de Marrocos)

158 A banda De Mainha é de Salvador e você assumiu o comando há 6 meses, mesmo fazendo shows em Camaçari. (16-06-30 BR)

xi) preferir ou defender:

159 Quem sabe os Golpistas se convencem que o povo é a peça principal de todo projeto político. Deputado, Senador, empresários, e etc não podem mais que o povo em as ruas. Sou pela greve geral e que o povo vá para as ruas se manifestarem contra a tomada de poder por corruptos. (16-04-26 BR)

xii) exprime existência:

160 Então se tem algo que guardei de essa infância, além de esse rigor e de essa ética, é a capacidade de me maravilhar. E isso é algo por o que agradeço, porque é formidável, genial, e só posso agradecer por ter guardado esse frescor. (15-06-19 BR)

xiii) acontecer, suceder:

161 O que seria de os músicos sem seus fãs ou as novelas sem os noveleiros? Nada! (19-01-04 BR)

xiv) indica o momento, o dia, a estação, o ano, a época (ex.: já é noite; são 18h00):

162 Vive solto, quando é de noite dorme lá dentro e já vai sozinho para o cantinho dele, onde colocou uns paninhos e ele deita. Dorme dentro de casa ", revela. (18-09-20 BR)

xv) seguido do participio passado, para formar a voz passiva:

163 O pedido de liberdade de Lula tinha sido retirado de pauta ontem. Mas, diante de a apelação de o advogado, o ministro Gilmar Mendes concordou em retomar o julgamento. (19-06-25 BR)

Os conectores do tipo [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] discutidos anteriormente comportam-se de maneira similar: exprimem causa, condição e concessão e são compostos por verbos de cognição. Já o conector “sendo que” se desvia desse padrão: é um verbo relacional e abrange uma gama mais ampla de significados, como conclusão em (164), adição em (165), adversidade em (166) e explicação em (167):

164 Filho bastardo legitimado (1495) de Péro Jaques. Comandante da primeira expedição guarda-costa do Brasil. Navegou pelo litoral brasileiro, ajudando a reconhecer e defender a região em duas expedições. Na primeira (1516-1519), começaram a tomar-se as primeiras iniciativas de ocupar as terras descobertas (1516), navegou pela costa até o Rio da Prata. Fundou a fortaleza-feitoria de Pernambuco Velho (1521). Este núcleo inicial da colonização foi destruído pelos franceses, **sendo que** Portugal teve de repensar a necessidade de defender e colonizar efetivamente estas terras (19Ac:Br:Enc) - *HISTORICAL*

Em (164), "sendo que" é utilizado para indicar a consequência direta da destruição da fortaleza-feitoria de Pernambuco Velho. A expressão "Portugal teve de repensar a necessidade de defender e colonizar efetivamente estas terras" serve como uma conclusão ou resultado lógico da ação mencionada anteriormente (a destruição pelos franceses). Portanto, trata-se do uso conclusivo.

165 A era paleozóica durou aproximadamente 340 milhões de anos, quando o clima era quente, úmido e pouco diferenciado desde a zona dos pólos até o Equador, não apresentando estações. Porém, verificaram-se duas glaciações no permiano e no cambriano. A cobertura vegetal começou a desenvolver-se no Devoniano, **sendo que**, mais tarde, houve no Carbonífero um grande desenvolvimento de uma flora de calamitas, lepidodendros, sigilárias e com abundância de fetos remanescentes. (19Ac:Br:Enc) - *HISTORICAL*

Na ocorrência (165), "sendo que" pode ser considerada aditiva, pois introduz uma informação adicional que complementa e amplia a descrição da cobertura vegetal no período Devoniano. O uso de "sendo que" entre vírgulas ocorre para criar uma pausa e destacar a informação "mais tarde". As vírgulas ajudam a criar uma pausa, destacando a informação que segue, "mais tarde". Portanto, acrescenta informações extras à discussão, o que se alinha com a função aditiva.

166 suspendeu um site na Internet acusado de fraudar e alterar sistemas de proteção de softwares. Quatro pessoas foram presas, acusadas de delito contra a propriedade intelectual, **sendo que** duas foram liberadas logo em seguida. (19N:Br:SCat) - *HISTORICAL*

Na ocorrência (166), "sendo que" é usado com significado adversativo. Esse conector introduz uma informação que contradiz com a informação apresentada anteriormente, pois quatro pessoas foram presas, mas duas foram liberadas logo em seguida, o que cria um contraste com a expectativa de que todas as quatro pessoas permaneceriam sob custódia. Portanto, "sendo que", neste caso, introduz um elemento de contraposição, indicando que a situação divergiu do que era esperado.

167 Era função do artista representar as crenças teológicas. Devido a forte importância das imagens, que funcionavam como verdadeiras pontes de contato entre o homem e o divino (ícones), os artistas deveriam seguir fielmente as tradições. Qualquer inovação ou falha na representação de uma imagem com função tão importante poderia mesmo ser considerada como desrespeito à Igreja. Portanto, não era exigido do artista criatividade, originalidade, ou seu traço pessoal, **sendo**

**que** pouquíssimos mestres bizantinos são conhecidos hoje. Mesmo quando a arte destinava-se a prestar homenagem ao Imperador, podia ser observado um fundo religioso, uma vez que, seguindo a tradição oriental, o Imperador era considerado como a emanção da figura divina na Terra. (19Ac:Br:Enc) - *HISTORICAL*

Em (167), "sendo que" está introduzindo uma explicação adicional sobre a situação mencionada anteriormente. Ou seja, ele esclarece por que pouquíssimos mestres bizantinos são conhecidos hoje, fornecendo uma razão relacionada às expectativas sobre a conformidade dos artistas com as tradições e a falta de exigência de criatividade ou originalidade. Sendo assim, trata-se de um conector explicativo.

Além dos significados conclusivo, explicativo, adversativo e aditivo, também encontramos ocorrências de "sendo que" como causal, condicional e concessivo (assim como os outros conectores de base gerundial). Veja as ocorrências de (167) a (269) a seguir:

168 JC - Como você conseguiu colocar a sua imagem nos comerciais, **sendo que** não tem um corpinho de top model? Leda - Ah! (risos) Eu sempre fui gordinha, mas o meu rosto é fino, por mais que eu engorde. O primeiro vídeo que fiz foi só o rosto. (19Or:Br:Intrv:Cid) - *HISTORICAL*

Em (168), temos a primeira ocorrência de "sendo que" encontrada no *corpus Historical*. Nela, percebemos que o conector estabelece uma relação de causa e efeito entre a aparência física da pessoa mencionada e a sua participação nos comerciais. Não ter um corpo de top model é a causa da pergunta "Como você conseguiu colocar a sua imagem nos comerciais", uma vez que a participação em anúncios está associada às características físicas de modelos. Então, "sendo que" é utilizado como conector causal nesse contexto.

169 Meu tio solicitou-me que escrevesse um tratado sobre a flora e a fauna desta terra de Vera Cruz. Ato contínuo, deu-me um manuscrito: - Em **sendo que** pereça em batalha, entrega este documento a meu tio. Em última instância, inda procurei argüir com Fernão, dizendo que, dentro em breve, as naus tornariam, e ele poderia perder o ensejo de voltar à pátria, mas ele pareceu me não ouvir, atento a outra ordem de cousa. (19:Fic:Br:Gomes:Rios) - *HISTORICAL*

No contexto de (169), "sendo que" introduz uma condição hipotética que estabelece relação de dependência entre dois eventos: a possível morte de Fernão em batalha e a ação subsequente de entregar um documento a seu tio. A construção "em sendo que pereça em batalha, entrega este documento a meu tio" pode ser entendida como "se eu perecer em batalha, entregue este documento ao meu tio". Portanto, "sendo que" age

como um conector condicional e ajuda a definir a premissa da morte de Fernão que deve ser verdadeira para que a entrega do documento (ação subsequente) ocorra.

170 Um de os principais problemas é que o governo estaria buscando um afrouxamento de normas **sendo que** ainda não conseguiu resolver o principal problema fiscal de o país - o desequilíbrio em a Previdência.— Só se está lidando com as consequências de o desajuste fiscal, quando o que está pressionando o gasto é a Previdência. (18-01-06 BR) - *NOW*

Em (170), "sendo que" introduz uma concessão ao indicar que, apesar da busca pelo afrouxamento de normas, o governo ainda não conseguiu resolver o principal problema fiscal do país, que é o desequilíbrio na Previdência. Então, "sendo que" está sendo usado de forma concessiva, indicando uma contraposição entre as duas informações apresentadas.

Essa variedade de significados expressos nas construções complexas com “sendo que” pode ser atribuída à natureza multifacetada do verbo "ser", que tem várias nuances semânticas, como vimos no início desta seção. Ele pode denotar identidade, estado, origem, pertencimento e outras relações complexas entre sujeitos e predicados; e quando combinado com o gerúndio, ganha especificidades que dão origem aos significados exclusivos da construção [sendo que] na rede dos conectores da língua portuguesa brasileira.

Em contextos causais, "sendo que" indica que uma coisa é a causa de outra coisa. O verbo "ser" estabelece uma relação de causa e efeito, em que a proposição anterior serve como a razão para a proposição subsequente. Quando usado para expressar condicionalidade, "sendo que" sugere que algo é uma condição necessária para que outra coisa aconteça. O verbo "ser" aqui denota uma premissa condicional que influencia o resultado ou a ação mencionada. No significado concessivo, "sendo que" reconhece um fato ou circunstância como “sendo” o contraste com a proposição principal. Em contextos aditivos, uma informação é adicionada como complementar à proposição principal. Já em relação ao valor explicativo, uma coisa é colocada como a razão ou base para outra. Para expressar conclusão, algo é a conclusão lógica de uma premissa anterior. Em contextos adversativos, algo é colocado contrário a outra coisa.

Além da semântica do verbo “ser”, e dos outros verbos preenchedores do *slot V*, ainda há outros fatores que influenciam na expressão dos significados. Vamos explorar esses fatores nas seções seguintes deste capítulo.

### 3.2.2 Factuality

Nesta seção, examinaremos como a factuality dos verbos base influencia a formação e o significado dos conectores gerundiais na língua portuguesa. Primeiramente, abordaremos a factuality dos verbos que compõem a base desses conectores, analisando como suas propriedades intrínsecas afetam a interpretação das construções. Em seguida, exploraremos a factuality dos verbos da construção complexa como um todo, demonstrando como a interação entre o verbo base e o contexto estrutural contribui para a interpretação semântica global das construções.

A factuality refere-se à percepção de um evento ou ação como real (factual) ou hipotético/ desejado/ necessário (não factual). Essa característica influencia diretamente a interpretação e o uso dos conectores. O gerúndio, por sua natureza, tende a ser factual, pois descreve ações ou estados em andamento ou contínuos, implicando que essas ações ou estados estão ocorrendo ou ocorreram em um determinado ponto no tempo.

Os verbos como “assumir”, “considerar”, “imaginar”, “entender”, “saber”, “supor”, “pensar” e “ser” são utilizados como base dos conectores do tipo [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] e cada um traz consigo nuances de factuality que influenciam a interpretação das construções complexas, conforme veremos a seguir.

O verbo "assumir" implica a aceitação de algo como verdade, e assim, confere um grau de factuality à proposição. No entanto, essa aceitação pode ser baseada em uma premissa hipotética ou condicional, dependendo do contexto. Quando "assumir" é utilizado em construções condicionais como "assumindo que", ele introduz uma suposição cuja validade condiciona a proposição subsequente. Nessa estrutura, o gerúndio "assumindo" atua como um adjunto condicional, em que a premissa não é apresentada como um fato absoluto, mas como uma hipótese. conforme ilustrado a seguir:

171 [...]o dólar turismo está hoje em a faixa de R\$ 4, 19. (19-05-17 BR)

Sem o conector "assumindo que", a informação em (171) é apresentada como uma afirmação factual. Isso implica que a informação sobre a taxa de câmbio é tratada como um dado concreto, sem questionamento ou condicionamento. Diferentemente do que ocorre com a interpretação após o uso do conector, veja:

**170a** Faça a conversão de o valor em dólares ou euros para reais com base em a taxa de câmbio atual. No exemplo dado, US\$ 10 mil correspondem a R\$ 41, 9 mil, **assumindo que** o dólar turismo está hoje em a faixa de R\$ 4, 19. (19-05-17 BR) - *NOW*

A inclusão do conector "assumindo que" e do contexto altera a percepção da construção. Em (170a), entendemos que a taxa de câmbio é considerada válida para a conversão proposta, mas não é apresentada como um fato absoluto e verificável. A factualidade aqui é condicionada a uma situação hipotética, ou seja, fica dependente da aceitação hipotética da taxa de câmbio mencionada. O gerúndio "assumindo" indica uma condição.

Parece contraditório ter este conector na expressão da condicionalidade, já que esta é não factual e não podemos dizer que o conector transforma a natureza factual de "assumir" ou "assumindo" em algo não factual, pois "assumir" e "assumindo" são factuais por natureza. Parece que os usuários da língua usam a aceitação de uma premissa (assumem uma premissa) como base hipotética para outra proposição. Essa aceitação hipotética cria um efeito condicional: a proposição principal depende da veracidade da premissa "assumida".

Em outras palavras, a inclusão do conector "assumindo que" não transforma a natureza factual da premissa em algo não factual. Em vez disso, utiliza-se a aceitação hipotética da premissa como uma base condicional para a proposição seguinte. Isso cria um efeito condicional, porque a validade da afirmação subsequente está vinculada à aceitação dessa premissa como verdadeira no contexto do argumento.

A natureza factual de "assumir" se relaciona melhor com o significado causal do conector. Veja:

172 Existem diversas metodologias existentes para estimar o valor de uma marca. Uma de elas consiste em estimar a diferença de o lucro gerado por uma empresa de marca forte e outra de marca fraca, **assumindo que** a diferença se dá justamente por a marca. (14-03-25 BR) - *NOW*

Nesse exemplo, "assumindo que" é usado com significado causal, dado que aceita a premissa de que a diferença de lucro é causada pela marca. Essa aceitação baseia-se na natureza factual do verbo "assumir", que aqui se encaixa perfeitamente com a relação causal estabelecida. A construção indica que a metodologia de estimar o valor da marca depende da aceitação dessa premissa como uma causa válida para a diferença de lucro.

No entanto, "assumindo que" foi encontrado com mais ocorrências condicionais do que causais. Isso pode ocorrer porque, na prática, a aceitação hipotética de uma premissa é uma ferramenta útil para explorar consequências possíveis sem afirmar categoricamente a premissa como um fato absoluto.

Assim como “assumir”, o verbo "considerar" também é factual, uma vez que implica uma reflexão ou ponderação sobre uma premissa, sugerindo que algo está sendo levado em conta como um fato. No entanto, quando usamos "considerar" em construções, estamos aceitando provisoriamente uma premissa como verdadeira para fins de análise ou argumentação. Esses valores semânticos de "considerar" abrem espaço para interpretações tanto causais quanto condicionais, como vemos nas ocorrências (173) e (174) abaixo:

173 Polícia investiga participação de casal em o crime # A mãe de a vítima contou para a reportagem que a principal hipótese investigada por a Polícia é que o crime seja um latrocínio (roubo seguido de morte), **considerando que** o assassino levou o celular de a vítima. (19-06-16 BR) - *NOW*

174 " Entendemos que o Copom não cortará a taxa Selic antes de a aprovação de a reforma em a primeira votação em a Câmara, mas agora esperamos que isto ocorra em julho a o invés de agosto ", diz o banco Itaú em relatório. # **Considerando que** o BC não corte a Selic em esta semana, a curva já precifica quase completamente uma redução em 31 de julho. (19-06-17 BR) - *NOW*

Em (173), "considerando que o assassino levou o celular da vítima" temos uma interpretação causal, já que o roubo do celular é a causa pela qual a polícia investiga o crime como um latrocínio. Sem o conector, temos “o assassino levou o celular de a vítima”, uma frase factual. A inclusão do conector "considerando que" transforma a frase factual em uma premissa causal. Isso significa que a aceitação do fato de que o celular foi levado é usada como base para a investigação do crime como um latrocínio, estabelecendo assim uma relação de causa e efeito.

Já em (174), "considerando que" sugere que a premissa está sendo aceita provisoriamente e ponderada para estabelecer uma base para a previsão econômica. Portanto, a construção "considerando que o BC não corte a Selic esta semana" estabelece uma condição para a previsão subsequente. A condição é que o BC (Banco Central) não faça um corte na taxa Selic durante a semana atual. A semântica de "considerar" permite que a premissa seja aceita provisoriamente, criando um cenário hipotético que pode ser analisado.

Outro verbo factual que faz parte da base dos conectores [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] é o “entender”, em “entendendo que”. O verbo "entender" implica uma compreensão de algo como fato, portanto, factual. Quando usamos "entendendo que" em construções, aceitamos uma premissa como compreendida e verdadeira, seja para fins de análise ou argumentação. Essa natureza factual de "entender" abre espaço para

interpretações tanto causais quanto condicionais, como acontece com “considerar”, em “considerando que”. Veja ocorrências abaixo:

175 # Em caso de punição, **entendendo que** houve desvio de dinheiro por parte de os acusados, o Tribunal pode aplicar ressarcimento a o erário, multa e/ou impedimento de exercer cargo público e contratar com o poder público. (17-10-16 BR) - *NOW*

176 O maior desafio, eu diria, é, se antes a questão era optar entre ser online ou off line, agora a conclusão é que devemos ser " on-off ", sem separação, tudo junto e misturado. Daqui para frente, nós vamos ter que adquirir, não ferramentas digitais de gestão, mas uma' alma digital', **entendendo que** as pessoas não separam mais o digital de o analógico, o fisico de o bit. # As empresas ainda não entenderam isso? (15-10-04 BR) - *NOW*

Em (175), o uso de "entendendo que" faz com que a premissa "as pessoas não separam mais o digital do analógico" seja compreendida e aceita como um fato, além de estabelecer uma relação causal nas construções complexas. Isso porque a compreensão de que as pessoas não diferenciam mais entre o digital e o analógico é a causa pela qual as empresas devem adotar uma abordagem "on-off" integrada. A aceitação desse fato influencia diretamente a estratégia de negócios.

Já em (176), a premissa de que "houve desvio de dinheiro por parte dos acusados" é aceita como um fato compreendido. O uso de “entendendo que” cria uma condição para a ação subsequente. A validade da punição depende da aceitação dessa compreensão como verdadeira.

Portanto, a característica do verbo "entender" ser factual, por implicar na aceitação e compreensão de uma premissa como verdadeira, permite que "entendendo que" seja usado tanto em contextos causais quanto condicionais, pois a aceitação de um fato influencia ou condiciona a ação subsequente.

Diferente de verbos como "entender" ou "considerar", que implicam a aceitação de uma premissa como um fato ou verdade provisória, "imaginar" é não factual, pois envolve a concepção de cenários ou premissas que podem não ser verdadeiras no momento, mas são concebidas como possíveis ou hipotéticas. Isso faz com que "imaginando que" seja utilizado predominantemente em contextos condicionais, de forma a introduzir suposições hipotéticas para prever resultados ou implicações futuras, como vemos na ocorrência a seguir:

177 # **Imaginando que** teremos um presidente eleito com margem razoável de votos e que o pleito seja reconhecido e validado, 2019 começa com uma cara de pacificação. A expectativa é que a nova legislatura desate mais nós. (18-09-13 BR) - *NOW*

"Imaginando que teremos um presidente eleito com margem razoável de votos e que o pleito seja reconhecido e validado", em (177), cria uma condição para a expectativa de pacificação em 2019. Essa suposição estabelece uma condição hipotética: se a eleição for pacífica e reconhecida, então 2019 começará com um clima de pacificação. A validade da previsão sobre a pacificação depende da aceitação da premissa hipotética. A construção explora o que pode acontecer se a condição hipotética for atendida, mas não afirma que essa condição é um fato. Portanto, trata-se de uma ocorrência condicional.

A não factualidade do verbo "imaginar" está diretamente relacionada ao seu uso em contextos condicionais. A natureza hipotética de "imaginar" permite que ele seja usado para introduzir suposições que criam cenários condicionais, onde a realização de uma condição hipotética leva a um resultado previsível. No exemplo (177), "imaginando que teremos um presidente eleito com margem razoável de votos e que o pleito seja reconhecido e validado" estabelece uma condição para a pacificação em 2019, explorando um cenário hipotético sem afirmar que ele é um fato. Isso demonstra como a não factualidade de "imaginar" facilita seu uso para construir previsões baseadas em condições hipotéticas.

Outro verbo preenchedor do *slot* V é o "pensar". Esse verbo indica uma opinião ou conjectura, e desse modo, possui factualidade moderada. Isso significa que, embora envolva uma certa reflexão e possa ser baseado em dados ou observações, ele ainda permite espaço para incerteza e subjetividade. Por isso, "pensando que" pode ser usado tanto em contextos condicionais quanto causais, como vemos nas ocorrências (178) e (179) a seguir:

178 No mês de as mães, e **pensando que** o leite materno é o melhor alimento para quem acabou de chegar a o mundo, a doação de leite é a nova bandeira de o Diário de a Gratidão. Toda mulher que está amamentando e é saudável pode colaborar. # Quem pode doar # Mães que tenham dado a a luz recentemente e queiram doar o leite excedente a o Banco de Leite podem se cadastrar (19-05-17 BR) - *NOW*

Em (178), "pensando que o leite materno é o melhor alimento para quem acabou de chegar ao mundo" estabelece uma premissa que causa a conclusão de que a doação de leite deve ser promovida como uma bandeira importante. Portanto, "pensando que funciona como conector causal.

179 **Pensando que** um caça de 4, 5G com toda a infraestrutura para operar custa cerca de 120 a 140 milhões e multiplicando isso por 2. 500 daria para fazer uma comparação superficial com outros modelos. # Por exemplo: Quanto custariam 2. 500 Rafales a 120 ou 140 milhões cada? # Voto Positivo7-8Voto Negativo Responder # 23 dias atrás # Visitante # Chris # Vi em algum lugar...

Que por a quantidade de aviões previstos em as vendas... # O investimento ainda irá se pagar, com bastante folga. (19-05-11 BR) - *NOW*

Na ocorrência (179), "pensando que um caça de 4,5G com toda a infraestrutura para operar custa cerca de 120 a 140 milhões e multiplicando isso por 2.500" cria uma condição hipotética para fazer uma comparação superficial com outros modelos de aeronaves. A validade da comparação depende da aceitação provisória da premissa sobre os custos. Sendo assim, trata-se de uma ocorrência condicional.

A influência semântica de "pensar" em "pensando que" pode ser compreendida na forma como a opinião ou conjectura é tratada. Para o surgimento do significado causal, uma informação, embora seja uma opinião ou conjectura, é tratada como uma razão ou justificativa para uma ação ou conclusão subsequente. Assim, uma opinião é considerada uma base factual que causa a ação, estabelecendo uma relação de causa e efeito.

No entanto, não podemos nos esquecer de que o verbo "pensar" indica uma opinião ou conjectura e possui uma factualidade moderada. Quando passou a ser usado em contextos condicionais com "pensando que", ele se aproxima mais à não factualidade, pois a premissa é aceita provisoriamente para explorar cenários hipotéticos.

Outro verbo preenchedor do *slot* [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] é "saber". Este verbo é fortemente factual, pois sugere conhecimento concreto e verificado. Essa característica permite que "sabendo que" seja usado em contextos causais. Quando usamos "sabendo que" em uma frase, estamos afirmando que a premissa baseada no conhecimento é verdadeira e serve como justificativa ou razão para a ação ou conclusão subsequente. A factualidade de "saber" confere uma base sólida e confiável para a argumentação, e dessa forma, garante que a relação de causa e efeito seja clara e bem fundamentada, como vemos na ocorrência a seguir:

180 A verdadeira alma de a festa, quem é de Sagitário prega por a liberdade e gosta de ser expansivo. Justamente por esse lado brincalhão, os sagitarianos têm dificuldade com deveres, estar em o horário e cumprir compromissos. " O desafio de eles é o equilíbrio. É melhor deixar a parte intensa para momentos de diversão, **sabendo que** é preciso assumir responsabilidades. (19-06-02 BR) - *NOW*

Em (180), "sabendo que é preciso assumir responsabilidades" utiliza o conhecimento factual como justificativa para a ação subsequente de equilibrar a diversão com as responsabilidades. O conhecimento de que responsabilidades devem ser assumidas causa a necessidade de buscar equilíbrio. Assim, a premissa factual (a necessidade de assumir responsabilidades) serve como a base para a ação recomendada

(equilibrar a diversão com as responsabilidades), estabelecendo uma relação clara de causa e efeito.

Em contextos condicionais, "sabendo que" pode parecer paradoxal, mas funciona porque utiliza um conhecimento factual como premissa para explorar cenários hipotéticos. Portanto, mesmo em contextos condicionais, "sabendo que" ancorado em dados factuais permite a exploração de condições ou deduções hipotéticas. Veja a seguir:

181 3. 1) Modelos de Exercícios de Porcentagem – Participação percentual # (FCC 2019/BANRISUL)  
Uma papelaria vende cadernos de dois tamanhos: pequenos e grandes. Esses cadernos podem ser verdes ou vermelhos. No estoque de a papelaria, há 155 cadernos, de os quais 82 são vermelhos e 85 são pequenos. **Sabendo que** 33 de os cadernos em estoque são pequenos e vermelhos, a porcentagem de os cadernos grandes que são verdes é # (A) 25%. # (B) 30%. # (C) 15%. # (D) 20%. # (E) 35%. # Resolução [...] (19-06-02 BR) - *NOW*

Em (181), "sabendo que" introduz um dado factual: 33 dos cadernos em estoque são pequenos e vermelhos. Embora a condicionalidade envolva a exploração de cenários não factuais, "sabendo que" utiliza um conhecimento factual como premissa para realizar um cálculo ou dedução hipotética. A premissa factual (os 33 cadernos pequenos e vermelhos) é aceita provisoriamente para explorar as possíveis distribuições dos cadernos grandes e verdes.

Outro verbo preenchedor do *slot* [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] é o "ser". Este verbo possui natureza multifacetada, o que permite que "sendo que" seja utilizado em diversos contextos semânticos, incluindo causal, condicional, aditivo, concessivo, adversativo e explicativo, diferentemente dos outros conectores de base gerundial. A seguir, exploramos como "sendo que" opera em cada um desses contextos, exemplificando com ocorrências reais:

182 Fez lá uma ressalva de que se deve analisar a questão caso a caso e se apegou a um suposto pedido de o Coaf de acesso a dados de o senador depois de a diplomação - **sendo que** os fatos investigados sobre a movimentação bancária de Queiroz são de 2016 e 2017, quando o filho de Bolsonaro era deputado estadual. (19-01-18 BR) - *NOW*

Na ocorrência (182) acima, "sendo que" introduz um conhecimento factual que serve como base para a justificativa da ação subsequente. "Sendo que" aqui explica a base para a decisão tomada por Luiz Fux, estabelecendo uma relação de causa e efeito. A decisão de Fux é justificada pelo fato de que os dados investigados são de 2016 e 2017. Assim, a factualidade do verbo "ser" é compatível com o valor causal de "sendo que". A seguir veja outro caso no qual a factualidade de "ser" contribui para a expressão do significado:

183 Pelo " termo de autocomposição ", nome técnico de o acordo, a Odebrecht poderá parcelar o pagamento em 22 anos – **sendo que** 70% de a quantia deve ser paga em até dez anos – ou ainda descontar total ou parcialmente esse valor de possíveis créditos que tenha a receber de a Prefeitura, como dívidas de contratos antigos. (18-01-17 BR) - *NOW*

Em (183), "sendo que" adiciona uma especificação importante sobre as condições do acordo de pagamento, detalhando que 70% da quantia deve ser paga em até dez anos. Isso não só complementa a informação inicial, mas também esclarece as obrigações financeiras da Odebrecht de maneira transparente. A factualidade do verbo "ser" assegura que esses termos são apresentados como fatos estabelecidos, o que reforça a clareza e a transparência do acordo. Temos, então, “sendo que” usado como conector aditivo.

Além dos valores causal e aditivo, veja outro caso no qual a factualidade de “ser” influencia no conector:

184 Vale lembrar ainda que já foram realizadas outras festas de aniversário em o #BBB18, ou seja, não é a primeira vez que os brothers recebem brigadeiros. [...] Gosto de o Kaysar! Mas tem hora que ele se passa né? Na prova de o líder não sabia o que era cor verde, sendo que ele gosta de papagaio! E agora diz que não sabe o que é Brigadeiro **sendo que** ele é animador de festa é em o cinema de a Patrícia ele ficava gritando brigadeiro!???? #BBB18 BR\_15903734 (18-03-24 BR) - *NOW*

A factualidade do verbo "ser" é crucial aqui porque a contradição apontada depende da veracidade dos fatos introduzidos por "sendo que". Em (184), "sendo que" introduz informações concretas e verificáveis sobre os conhecimentos e experiências de Kaysar. Esta utilização concessiva mostra que, apesar das declarações de Kaysar, existem fatos verificáveis que contradizem suas afirmações. A factualidade do verbo “ser” permite que "sendo que" funcione como conector concessivo.

Essa factualidade também permite que "sendo que" funcione como conector adversativo, como vemos na ocorrência a seguir:

185 Como em a maior parte de os países de o mundo, para incidentes internos são utilizadas forças de o tipo Guarda Nacional, os efetivos que estes países têm de forças armadas, muito superiores a os brasileiros são ainda maximizados por esta Guarda Nacional. Logo, para conter tumultos generalizados em o Brasil, não se conta com um número suficiente de tropas para isto. Em outros países em que não há uma Guarda Nacional, como em o Reino Unido, para uma população de 65 milhões de habitantes as forças armadas são menos numerosas, as Forças Armadas de a Coroa constam de um efetivo de 165 mil ativos em que grande parte é constituído de tropas profissionalizadas. No Brasil para seus 207 milhões de habitantes temos um pouco mais de 202 mil de efetivo **sendo que** a imensa maioria não é de tropas profissionalizadas. # 3º) O fator posicionamento de a população. (18-02-18 BR) - *NOW*

Em (185), "sendo que" é usado para introduzir uma informação contrastante em relação ao contexto apresentado. A construção "sendo que a imensa maioria não é de

tropas profissionalizadas" sublinha um problema significativo na estrutura das forças armadas brasileiras, contrastando com a expectativa de um efetivo bem treinado e numeroso. A factualidade do verbo "ser" assegura que essa discrepância é baseada em dados verificáveis, o que fortalece o argumento adversativo.

A factualidade do verbo "ser" também contribui significativamente para o significado explicativo de "sendo que". Ao fornecer informações concretas e verificáveis, "sendo que" enriquece o entendimento dos eventos ou situações descritas.

186 # Momentos depois de o crime, a polícia conseguiu localizar quatro suspeitos em o sítio Ferreiro. Dois de eles – **sendo que** um já é foragido de a Justiça – conseguiram escapar por o matagal abandonando a motocicleta em que estavam. (19-01-20 BR) - *NOW*

Em (186), o uso de "sendo que" no exemplo explicativo fornece uma base factual que enriquece a narrativa, oferece uma compreensão mais profunda da situação, e justifica a gravidade da resposta policial. A factualidade do verbo "ser" é crucial aqui para garantir que a informação adicional seja percebida como confiável e importante para o entendimento completo do evento. Temos, então, "sendo que" como conector explicativo.

Como vimos até aqui, o verbo "ser" confere uma natureza factual ao conector "sendo que", pois introduz informações concretas e verificáveis. Essa factualidade permite que "sendo que" também funcione como conector conclusivo, reforçando a precisão e a veracidade das conclusões tiradas sobre determinados fatos apresentados, conforme ocorrência a seguir:

187 As populações de cabras têm sido parcialmente responsáveis pelo comprometimento e extinção de numerosas espécies de pássaros. Os rebanhos de cabras são relativamente sedentários, ocupando um território de apenas um a cinco km<sup>2</sup>. Muitos indivíduos podem viver no mesmo território, **sendo que** a densidade pode variar de trinta e três a sessenta e oito indivíduos por km<sup>2</sup>. (19Ac:Br:Enc) - *HISTORICAL*

Em (187), "sendo que" é usado para introduzir dados específicos sobre a densidade populacional das cabras, que variam de trinta e três a sessenta e oito indivíduos por km<sup>2</sup>. Esses dados são cruciais para concluir sobre a pressão que essas populações exercem no ambiente. A factualidade do verbo "ser" assegura que essas conclusões são baseadas em dados concretos e verificáveis, o que fortalece a argumentação sobre o impacto das cabras na fauna local. Em (188), "sendo que" é um conector conclusivo.

Apesar de quase todos os significados de "sendo que" serem significados que envolvem factualidade, esse conector também apresenta um significado não factual, o condicional, como vemos em (188):

188 Ainda segundo Fernando Fernandes, "esses vereadores não elaboraram as emendas em o tempo certo, eles simplesmente queriam criar emendas em a mesa de a presidência e não é assim que funciona. Tiramos como base uma delas, que é a implantação de o Bilhete Único em a cidade, isso é muito sério, é necessário muito estudo, como vou tirar R\$ 12 milhões de o orçamento? Como eles querem fazer a implantação **sendo que** não sabemos se esse realmente é o valor?", complementou Fernandes. (19-01-14 BR) - *NOW*

Embora a condicionalidade geralmente envolva premissas hipotéticas, o uso de "sendo que" em contextos condicionais pode destacar a ausência de fatos concretos necessários para a viabilidade de uma ação. Em (188), "sendo que" evidencia a falta de informação precisa sobre o valor necessário para a implantação do Bilhete Único, condicionando a possibilidade de implementação à obtenção dessa informação crucial. E ainda, "Como eles querem fazer a implantação sendo que não sabemos se esse realmente é o valor?" pode ser entendido como uma estrutura condicional do tipo "se... então...". A construção poderia ser reescrita como: "Como eles querem fazer a implantação se não sabemos se esse realmente é o valor?". A condição aqui é "não sabemos se esse realmente é o valor". A consequência é a dúvida ou impossibilidade de "fazer a implantação". Portanto, trata-se do significado condicional.

Apenas dois verbos não factuais são preenchedores de V no *slot* [[Vgerúndio+que] ⇔ conector]: "imaginar", já analisado anteriormente, e "supor", o qual veremos a partir daqui. O verbo "supor" é tipicamente não factual, pois implica uma premissa hipotética ou imaginada. Por isso, não possui usos causais, que exigem uma base factual. Em vez disso, "supondo que" é frequentemente usado em contextos condicionais e concessivos, com uma prevalência maior de contextos condicionais, como vemos na ocorrência a seguir:

189 Caros, Obrigado por as respostas! Após fazer alguns orçamentos e considerar as situações, penso em tentar reviver a minha placa de vídeo. [...] De toda forma, gostaria de saber se minha fonte (cx 430 de a corsair) seria capaz de suportar esse setup. Bem, **supondo que** ela possa entregar os 80% que garante, teríamos 344W de potência real sendo distribuída a o sistema, sendo que o processador consome 65W e a placa de vídeo consome 170W. Teríamos 110W de folga para o resto de os componentes. Vocês acham que seria o suficiente? (19-02-05 BR) - *NOW*

Nesta ocorrência, "supondo que" estabelece uma condição hipotética que precisa ser considerada para avaliar a viabilidade do setup do sistema. A premissa de que a fonte pode entregar 80% da potência é não factual e condicional, sendo usada para explorar um cenário possível e calcular se a configuração será suficiente para o sistema. A condicionalidade aqui envolve uma suposição que precisa ser testada ou verificada, o que caracteriza a natureza não factual de "supor".

190 A segunda pergunta a ser feita diz respeito, sim, a a alimentação, já que a maior parte de a soja produzida em o mundo é transformada em ração para animais – ou aquilo que os nutricionistas

adoram chamar de "proteína". Mesmo **supondo que** a artista (e os leitores) seja vegetariana ou tenha pena de as vacinhas e de os porquinhos (quem não tem?), vale indagar e se indignar: sem a soja e a revolução alimentar que ela representou em as últimas décadas, como a senhora Cáceres acha possível alimentar sete bilhões de pessoas? À base de produtos orgânicos ou de vento? (18-12-10 BR) - *NOW*

Em (190), "supondo que" reconhece uma condição hipotética em que a artista e os leitores sejam vegetarianos ou tenham pena dos animais. Apesar de conceder essa possibilidade, a construção continua questionando a viabilidade de alimentar a população global sem a soja. A concessividade aqui é não factual, pois envolve uma suposição que não é necessariamente verdadeira, mas é considerada para argumentar contra a conclusão esperada. O uso concessivo de "supondo que" permite explorar a argumentação mesmo sob uma premissa hipotética, reforçando a crítica ou dúvida sobre a posição contrária. A condicionalidade está presente porque a argumentação depende da aceitação provisória dessa hipótese. Temos, então, um caso de condicional-concessiva, que envolve não factualidade.

Logo, percebemos que o conector "supondo que" não consegue ser usado em contextos que envolvam factualidade, uma vez que é originado do verbo fortemente não factual: "supor".

Nesta seção vimos que os conectores de base gerundial são compostos pela maioria de verbos factuais, sendo apenas "imaginando que" e "supondo que" originados de verbos não factuais. Na próxima seção, estudamos a posição das construções na construção complexa, analisando como a posição inicial, medial ou final das construções afeta a interpretação semântica e a estrutura argumentativa.

### **3.2.3 Posição da construção encabeçada pelo conector na construção complexa**

Nas línguas, a escolha entre anteposição, intercalação e posposição não é apenas estilística. Cada posição pode enfatizar diferentes aspectos de significado. Na tabela a seguir, veja as posições nas quais encontramos os conectores de base gerundial:

**Tabela 30:** Frequência das posições da construção [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] no *corpus Historical*.

| <b>Construção</b>                       | <b>Anteposta</b>          | <b>Intercalada</b>    | <b>Posposta</b>            | <b>Total</b>              |
|---|---------------------------|-----------------------|----------------------------|---------------------------|
| Assumindo que                           | 4<br>57.1%                | 0<br>0%               | 3<br>42.9%                 | <b>7</b><br><b>100%</b>   |
| Considerando que                        | 38<br>63.3%               | 1<br>1.7%             | 21<br>35%                  | <b>60</b><br><b>100%</b>  |
| Entendendo que                          | 1<br>100%                 | 0<br>0%               | 0<br>0%                    | <b>1</b><br><b>100%</b>   |
| Imaginando que                          | 29<br>85.2%               | 4<br>11.8%            | 1<br>3%                    | <b>34</b><br><b>100%</b>  |
| Sabendo que                             | 4<br>100%                 | 0<br>0%               | 0<br>0%                    | <b>4</b><br><b>100%</b>   |
| Sendo que                               | 2<br>2%                   | 0<br>0%               | 98<br>98%                  | <b>100</b><br><b>100%</b> |
| Supondo que                             | 18<br>81.8%               | 1<br>4.5%             | 3<br>13.7                  | <b>22</b><br><b>100%</b>  |
| <b>[[Vgerúndio+que] ⇔<br/>conector]</b> | <b>96</b><br><b>42.1%</b> | <b>6</b><br><b>3%</b> | <b>126</b><br><b>54.9%</b> | <b>228</b><br><b>100%</b> |

Fonte: elaboração própria.

Como vemos na tabela (30) acima, “sendo que” influencia fortemente nos resultados de [[Vgerúndio+que] ⇔ conector]. Isso significa que, quando analisamos as tendências gerais para todas as construções dos conectores de base gerundial, "sendo que" tem um peso desproporcional devido ao seu uso frequente desde o *corpus Historical*.

Sua alta frequência está relacionada com sua capacidade única de expressar uma variedade semântica (conclusivo, explicativo, aditivo, adversativo, concessivo, condicional e causal). Essa versatilidade significa que ele pode ser usado em uma variedade de contextos e funções sintáticas, tornando-o uma escolha comum para muitos usuários da língua em diferentes tipos de construções frasais.

Devido à sua alta frequência e versatilidade, "sendo que" pode distorcer a análise estatística quando tentamos entender o comportamento das construções [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] como uma única rede. Em termos estatísticos, um caso tão frequentemente representado como "sendo que" pode levar a conclusões que são mais representativas de seu uso específico do que do uso de outras construções menos frequentes. Por esse motivo, descreveremos todos os membros individualmente

A tabela (30) revela a distribuição das construções [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] em três posições sintáticas (anteposta, intercalada e posposta). Observamos que, com exceção de "sendo que", a maioria das construções tende a ocorrer na posição anteposta, diferentemente do que ocorre no *corpus Historical* com os conectores do tipo [[Vparticipio+que] ⇔ conector].

Como vimos anteriormente, a posposição é uma característica sintática dos conectores causais. Já a anteposição, está mais associada ao uso condicional. Conectores antepostos frequentemente introduzem condições. Isso porque eles geralmente estabelecem uma condição sob a qual a proposição principal é válida, conforme podemos observar nas ocorrências com “assumindo que” a seguir:

191 [...] Por exemplo, no trecho abaixo, o marcador " de novo " faz referência ao conhecimento do leitor do texto, **assumindo que** este sabe que Janete já jogou tênis anteriormente: Suzana foi jogar tênis de novo. [...] (19Ac:Br:Lac:Misc) – *HISTORICAL*

Quando posicionado após a proposição principal, o conector tende a assumir uma função causal. Como por exemplo, na ocorrência (191) o conector "assumindo que" está posposto e explica a causa da referência ao marcador “de novo”, ligando-o ao conhecimento prévio do leitor sobre o fato de que Janete já havia jogado tênis anteriormente. Essa construção reforça a explicação causal ao contextualizar o marcador. Outra ocorrência que também evidencia o uso causal de "assumindo que" quando posposto é a (192):

192 [...] Nesse caso, o ReGra é incapaz de detectar a inadequação da escolha realizada, **assumindo que** o *parsing* pode ser concluído satisfatoriamente, apesar das inconsistências geradas. (19Ac:Br:Lac:Misc) – *HISTORICAL*

Neste caso, a construção explica a causa da conclusão errada no processo de parsing, indicando que o ReGra foi incapaz de detectar a inadequação devido à suposição de que o *parsing* poderia ser concluído satisfatoriamente, mesmo com inconsistências.

Por outro lado, quando o conector "assumindo que" aparece anteposto, ele frequentemente introduz condições para a proposição subsequente, como em (193):

193 [...] A função de mapeamento da camada simples, adotada no programa Bernese, pode ser escrita da seguinte forma: **Assumindo que** há uma distribuição homogênea de satélites, o diâmetro da camada ionosférica simples é definido basicamente pelo máximo ângulo central  $z_{max} = z'_{max}$ . Na tabela 3.3 (Schaer, 1999) são dados o semi-diâmetro em graus ( $z_{max}$ ), e o semi-diâmetro em quilômetros ( $R \cdot z_{max}$ ) resultantes da variação da distância zenital e ainda, considerando a altura de 450 km para a camada ionosférica. Para um ângulo de mascaramento de  $10^\circ$ , ou seja, uma distância zenital de  $80^\circ$  (19Ac:Br:Lac:Thes) – *HISTORICAL*

Em (193), o conector estabelece uma condição para a definição do diâmetro da camada ionosférica, destacando a dependência do cálculo em relação à suposição de uma distribuição homogênea de satélites. Esse uso condicional anteposto cria um vínculo entre

a suposição inicial e a formulação do modelo. Veja outro exemplo de "assumindo que" anteposto:

194 [...] **Assumindo que** para cada unidade do produto são necessárias proporções fixas dos insumos (o que é razoável para uma situação de curto prazo), a função de produção considerada no modelo é do tipo Leontief, para o varejista tem-se: Equação De acordo com essa função de custo, as demanda por insumos são dadas por  $W = R a$  e  $Z = R a$ ; para retornos constantes à escala, a função é: [...] (19Ac:Br:Lac:Thes) – *HISTORICAL*

Em (194), a construção estabelece uma condição necessária para o cálculo das demandas por insumos, vinculando o comportamento dos insumos a proporções fixas. Esse uso condicional anteposto é crucial para a compreensão do modelo econômico apresentado. "Assumindo que" anteposto parece seguir um mesmo padrão, o de estabelecer condições fundamentais para o desenvolvimento da argumentação. Veja mais algumas ocorrências:

195 [...]Ou seja, **assumindo que** há  $n$  processos produção<sup>68</sup>: Equação 5 Ou, adotando uma representação equivalente da tecnologia de produção que expressa o custo mínimo ( $V_i$ ) de produção do serviço  $i$  como uma função de sua própria quantidade ( $y_i^*$ ), da quantidade de informação ( $K$ ), e do vetor de preços dos demais insumos ( $w_i$ ), tem-se: [...] (19Ac:Br:Lac:Thes) – *HISTORICAL*

Em (195), o conector define uma condição essencial para a representação da tecnologia de produção, associando os custos de produção à quantidade de informação disponível. Esse uso condicional anteposto reforça a importância das suposições para a formulação de modelos econômicos.

196 [...] Adicionalmente, diante da limitação de dados, não foi possível identificar o local de residência de cerca de 70% dos proprietários<sup>112</sup>. **Assumindo que** o capital social está vinculado ao proprietário e não ao imóvel, não seria conveniente utilizar indicadores de capital social do município onde se encontra a UPA: o adequado seria utilizar indicadores do município de residência do proprietário. (19Ac:Br:Lac:Thes) – *HISTORICAL*

Em (196), o uso condicional encontra-se ao introduzir uma condição para a recomendação sobre o uso de indicadores de capital social, sugerindo que o capital social deve ser vinculado ao proprietário, e não ao imóvel. Essa construção condicional anteposta orienta a interpretação das recomendações políticas, destacando a importância do contexto social do proprietário.

A partir das análises acima de “assumindo que”, percebemos que esse é um conector que segue de maneira exemplar o padrão das posições anteposta e posposta, refletindo claramente as relações condicionais e causais. Com ele, conseguimos verificar que a anteposição é predominantemente usada para introduzir condições que influenciam a proposição principal. Esse padrão pode ser atribuído à necessidade de estabelecer um

contexto ou premissa antes de apresentar a ação principal, facilitando a compreensão da relação condicional entre os segmentos.

Por outro lado, vemos também que a posposição é tipicamente associada a justificativas ou explicações causais que seguem a proposição principal. Essa estrutura permite que a informação principal seja apresentada primeiro, com a causa ou a justificativa fornecida posteriormente.

No entanto, nem todos os conectores de base gerundial seguem esse padrão. Como o caso de “imaginando que”, no *corpus Historical*, que apresentou uma ocorrência em posposição e ainda assim manteve o significado condicional. Veja abaixo:

197 Com a adoção de a bandeira vermelha 2 em novembro, o Banco BBM estima inflação em torno de 0, 50% em o mês. A expectativa de a instituição é que o IPCA encerre este ano em 3, 10% e vá a 3, 90% em 2018. # Já o economista Fábio Romão, de a LCA Consultores, está um pouco mais pessimista, porque acredita em a manutenção de a bandeira vermelha 2 até fevereiro de o ano que vem, **imaginando que** o governo deverá ser prudente. (17-10-29 BR) - *NOW*

Em (197), a condição é que a manutenção da bandeira vermelha 2 até fevereiro do próximo ano depende da prudência do governo. A hipótese de que o governo será prudente condiciona a manutenção da bandeira vermelha. Portanto, trata-se de um contexto condicional.

Embora a posição preferida das condicionais seja a anteposição, a posposição não está proibida de ocorrer devido à flexibilidade das condicionais. Colocar a construção condicional no final permite que a proposição principal seja apresentada primeiro e a condição seja adicionada como um detalhe adicional ou explicativo. E ainda, a posição posposta pode servir para enfatizar a expectativa ou a opinião do economista antes de introduzir a condição que sustenta essa opinião.

Mesmo com o "escape" do padrão, conseguimos reafirmar que a posição preferida das condicionais é a anteposição. Conforme mencionado anteriormente e demonstrado na tabela (30), "imaginando que" apresentou um total de 34 ocorrências no *corpus Historical*, das quais apenas uma ocorreu na posição posposta, sem comprometer a expressão do significado condicional.

Além dos casos de posposição e anteposição, foram encontrados, também, construções introduzidas pelo conector intercaladas. São raros, apenas 6 do total de 228, conforme mostra a tabela (30), mas veja alguns exemplos a seguir:

198 Agora, com a globalização da economia e a Internet, a nova sociedade deverá se dividir entre os que sabem e os que não sabem. Sendo assim - e **considerando que** o Brasil é um país de

analfabetos -, qual será o nosso futuro? Paulo Freire - Mesmo mudando esta divisão, no fundo a questão do poder continua do mesmo jeito. A globalização não faz milagres. (19Or:Br:Intrv:Pov) - *HISTORICAL*

A ocorrência (198) possui valor condicional. Nela, vemos que a construção "considerando que o Brasil é um país de analfabetos" está inserida entre duas partes da proposição principal, após "Sendo assim" e antes de "qual será o nosso futuro?", o que caracteriza a construção como intercalada, pois interrompe o fluxo linear da proposição principal. Ao intercalar "considerando que o Brasil é um país de analfabetos", o usuário da língua introduz uma consideração importante que serve como base para a pergunta subsequente. Ao interromper o fluxo normal de informação, o leitor é forçado a pausar e refletir sobre a condição apresentada. Isso parece aumentar o impacto da mensagem e levar o leitor a ponderar sobre a situação descrita. Veja mais uma ocorrência de conectores de base gerundial em posição de intercalação:

199 Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins públicos. Talvez este busto emende o costume; mas, **supondo que** não, nem por isso perderão os que só vierem contemplar aquela frente que meditou páginas tão magníficas. A solidão e o silêncio são asas robustas para os surtos do espírito. (18:Machado:Relíquias) - *HISTORICAL*

Em (199), a construção composta pelo conector "supondo que não" é inserida entre a conjunção "mas" e a proposição principal "nem por isso perderão os que só vierem contemplar aquela frente". A construção começa com a conjunção "mas", seguida da construção "supondo que não", que interrompe o fluxo natural. A construção intercalada introduz uma condição hipotética negativa (não mudar o costume) pelo uso do "não", e assim, contrasta com a proposição principal, enfatizando que, mesmo se a condição não se realizar, o resultado positivo (a contemplação das páginas magníficas) ainda será mantido. Trata-se de uma estrutura condicional.

A intercalação de construções tende a ocorrer com mais frequência em textos escritos do que em textos orais, pois na fala, a fluidez é crucial para a compreensão. Estruturas intercaladas podem interromper o fluxo natural da fala e tornar a mensagem mais difícil de seguir para o ouvinte. O processamento cognitivo do ouvinte é mais imediato e linear em contextos orais. E como já vimos, estruturas intercaladas podem exigir uma pausa para compreensão, o que não é ideal na comunicação verbal onde a clareza e a rapidez são valorizadas.

Ainda sobre a posição no *corpus Historical*, voltamos para tratar especificamente do “sendo que”, que não segue a frequência da posição das outras construções conectoras de base gerundial. A tabela (30) nos mostra que "sendo que" é predominantemente usado na posição posposta e isso permite que ele introduza uma variedade de informações adicionais, explicações, justificativas, contrastes e condições após a proposição principal, refletindo sua versatilidade semântica e sua função como um conector flexível e multifuncional na língua. A posposição facilita a integração suave de diversas nuances semânticas sem interromper o fluxo da proposição principal, o que pode explicar sua preferência significativa por essa posição.

Na análise da posição no *corpus NOW*, “sendo que” não interfere na estatística dos dados como no *corpus Historical* porque as ocorrências com os conectores de base gerundial aumentaram significativamente. Esse aumento pode ser atribuído à maior disponibilidade de textos na internet, permitindo um acesso mais amplo e diversificado ao uso contemporâneo da língua. No *corpus Historical*, muitas ocorrências foram perdidas ou não registradas devido à limitada disponibilidade de fontes e ao desgaste natural do tempo.

Para evitar a discrepância observada no *corpus Historical*, mantivemos um limite de 100 ocorrências para cada conector no *corpus NOW*. No entanto, alguns conectores, como "entendendo que", "imaginando que" e "pensando que", não atingiram esse valor. Veja a tabela abaixo:

**Tabela 31:** Frequência das posições da construção [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] no *corpus NOW*.

| <b>Construção</b>                   | <b>Anteposta</b>           | <b>Intercalada</b>       | <b>Posposta</b>            | <b>Total</b>              |
|-------------------------------------|----------------------------|--------------------------|----------------------------|---------------------------|
| Assumindo que                       | 51<br>52.6%                | 14<br>14.4%              | 32<br>33%                  | <b>97</b><br><b>100%</b>  |
| Considerando que                    | 50<br>50%                  | 1<br>1%                  | 49<br>49%                  | <b>100</b><br><b>100%</b> |
| Entendendo que                      | 6<br>54.5%                 | 0<br>0%                  | 5<br>45.5%                 | <b>11</b><br><b>100%</b>  |
| Imaginando que                      | 30<br>93.3%                | 0<br>0%                  | 2<br>6.7%                  | <b>32</b><br><b>100%</b>  |
| Pensando que                        | 16<br>69.6%                | 1<br>4.3%                | 6<br>26.1%                 | <b>23</b><br><b>100%</b>  |
| Sabendo que                         | 56<br>63.6%                | 3<br>3.4%                | 29<br>33%                  | <b>88</b><br><b>100%</b>  |
| Sendo que                           | 4<br>4%                    | 3<br>3%                  | 93<br>93%                  | <b>100</b><br><b>100%</b> |
| Supondo que                         | 74<br>74%                  | 11<br>11%                | 15<br>15%                  | <b>100</b><br><b>100%</b> |
| <b>[[Vgerúndio+que] ⇔ conector]</b> | <b>296</b><br><b>53.7%</b> | <b>34</b><br><b>6.2%</b> | <b>233</b><br><b>40.1%</b> | <b>551</b><br><b>100%</b> |

Fonte: elaboração própria.

Mesmo que "entendendo que", "imaginando que" e "pensando que" não tenham atingido as 100 ocorrências no *corpus NOW*, observamos que esses conectores seguem o mesmo padrão dos outros: maior frequência em posição anteposta. Este comportamento é consistente com as tendências observadas no *corpus Historical*, no qual a anteposição é a posição preferida para construções condicionais. A manutenção desse padrão sugere estabilidade no uso dessas construções ao longo do tempo e reflete a preferência dos usuários da língua em usá-las para criar condições ou premissas antes da proposição principal.

Em contraste, "sendo que" novamente não se manteve no padrão observado para os outros conectores. No *corpus NOW*, a maioria das ocorrências de "sendo que" continua sendo em posição posposta. Este comportamento reafirma sua versatilidade semântica.

As ocorrências intercaladas permanecem raras tanto no *corpus NOW* quanto no *Historical*. A intercalação das construções iniciadas pelos conectores de base gerundial é uma estratégia menos comum, possivelmente devido à complexidade adicional que introduz na sentença.

Além disso, a intercalação pode interromper o fluxo natural do discurso, o que não é ideal em muitas situações comunicativas. Essa preferência pode ainda ser justificada porque os *corpora* de dados são predominantemente escritos. Em textos escritos, há uma tendência maior para manter a clareza e a linearidade, evitando estruturas que possam causar ambiguidades ou dificuldades de leitura.

Com isso, concluímos nossa análise sobre as posições das construções [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] em relação aos conectores nos *corpora Historical e NOW*. A predominância das posições anteposta e posposta revela padrões estáveis de uso, enquanto a raridade das ocorrências intercaladas reflete uma preferência por estruturas lineares e claras, especialmente em textos escritos.

Essa compreensão das posições e suas implicações semânticas é fundamental para nossa análise. No entanto, ainda há dois parâmetros importantes a serem considerados. Na próxima seção, analisaremos a correlação modo-temporal dos verbos nas construções complexas, com o objetivo de examinar como os modos e tempos verbais se correlacionam nas estruturas analisadas.

### 3.2.4 Correlação modo-temporal dos verbos da construção complexa

Nessa seção, apresentamos as correlações modo-temporais das construções complexas compostas pelos conectores do tipo [[Vgerúndio+que] ⇔ conector]. No total, observamos 26 configurações verbais em 228 ocorrências coletadas do *corpus Historical* e 48 configurações verbais em 551 ocorrências analisadas do *NOW*.

Neste capítulo abordaremos individualmente cada *corpus* e cada conector de base gerundial, para que cheguemos aos resultados da caracterização geral de [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] no capítulo final desta tese. Veja a tabela (32) a seguir, iniciando com “assumindo que”:

**Tabela 32:** Configuração modo-temporal das construções complexas compostas por [assumindo que] no *corpus Historical*.

| Contagem     | Construção introduzida pelo conector | Construção principal              | Nº de ocorrências | %           |
|--------------|--------------------------------------|-----------------------------------|-------------------|-------------|
| 1.           | presente do indicativo               | presente do indicativo            | 5                 | 71.4%       |
| 2.           |                                      | futuro do pretérito do indicativo | 1                 | 14.3%       |
| 3.           | pretérito perfeito do indicativo     | presente do indicativo            | 1                 | 14.3%       |
| <b>TOTAL</b> | <b>3</b>                             |                                   | <b>7</b>          | <b>100%</b> |

Fonte: elaboração própria.

A tabela acima mostra que "assumindo que" é predominantemente utilizado com o presente do indicativo, com 71.4% dos casos. Isso sugere que essa construção é amplamente empregada para expressar relações causais, conforme vemos na ocorrência a seguir:

200 Devido ao processamento determinístico do modelo de ATNs e à própria ambigüidade lexical, há casos em que a escolha de uma das possíveis regras de parsing exclui considerações posteriores de outras regras desse elenco, para o mesmo contexto de análise. Nesse caso, o ReGra é incapaz de detectar a inadequação da escolha realizada, **assumindo que** o parsing **pode** ser concluído satisfatoriamente, apesar das inconsistências geradas. (19Ac:Br:Lac:Misc) - *HISTORICAL*

Em (200), temos “é” e “pode” no presente do indicativo. O porquê do ReGra ser incapaz de detectar a inadequação da escolha realizada parte do princípio de que o parsing pode ser concluído satisfatoriamente, apesar das inconsistências geradas. O uso do presente do indicativo do verbo "é" indica um estado atual e contínuo. O verbo "pode", no presente do indicativo, sugere uma possibilidade real e vigente no contexto da análise. Temos, então, uma relação de causa e efeito, pois a crença na conclusão satisfatória do parsing causa a falha na detecção de inadequações.

Apesar do presente do indicativo ser associado a construções causais, vemos ocorrências condicionais de “assumindo que” com o presente do indicativo. Veja abaixo:

201 Os modelos ionosféricos derivados de observações GPS descrevem a componente determinística da ionosfera e, estão baseados no modelo da lâmina ionosférica também conhecido por camada simples ou ainda, calota fina. Tais modelos assumem que todos os elétrons livres estejam concentrados em uma calota de espessura infinitesimal (Rothacher et al, 1996). A função de mapeamento da camada simples, adotada no programa Bernese, pode ser escrita da seguinte forma: **Assumindo que há** uma distribuição homogênea de satélites, o diâmetro da camada ionosférica simples é definido basicamente pelo máximo ângulo central?  $z_{max} = z_{max} - z'_{max}$ . (19Ac:Br:Lac:Thes) - *HISTORICAL*

Em (201), o presente do indicativo é utilizado aqui para indicar um estado ou condição que é considerado válido no momento atual. Ao dizer "assumindo que há uma distribuição homogênea de satélites," o autor trata a distribuição homogênea como um fato a ser levado em consideração na análise. O presente do indicativo serve para estabelecer a validade atual das condições descritas, a fim de tornar a análise mais precisa e concreta. Casos de condicionais com o uso do presente do indicativo são totalmente aceitáveis na língua.

Ainda mais comum é o uso do futuro do pretérito do indicativo nas condicionais. Ele é comum em frases que expressam condições hipotéticas ou situações que dependeriam de algo que não se sabe se é verdade ou que não aconteceu. Esta construção é especialmente útil para discutir consequências que ocorreriam se determinada condição fosse ou tivesse sido verdadeira. Encontramos um caso de “assumindo que” condicional com o futuro do pretérito do indicativo, ilustrado a seguir:

202 Por exemplo, o número de bandas musicais numa determinada região pode ser relevante ao mensurar o capital social total, mas não há nenhuma indicação teórica de que esta forma de capital social seja relevante ao mercado de crédito. Adicionalmente, diante da limitação de dados, não foi possível identificar o local de residência de cerca de 70% dos proprietários<sup>12</sup>. **Assumindo que** o capital social **está** vinculado ao proprietário e não ao imóvel, não **seria** conveniente utilizar indicadores de capital social do município onde se encontra a UPA: o adequado seria utilizar indicadores do município de residência do proprietário. (19Ac:Br:Lac:Thes) - *HISTORICAL*

Em (202), a combinação indica que, partindo de uma suposição atual (presente do indicativo), há uma consequência ou recomendação hipotética que ocorreria no futuro (futuro do pretérito). No exemplo, se assumimos agora que o capital social está vinculado ao proprietário, então a consequência lógica é que não seria conveniente usar indicadores do município da UPA, mas sim do município de residência do proprietário. Trata-se de um contexto condicional.

Outra combinação encontrada nas ocorrências de “assumindo que” no *Historical* é o pretérito perfeito do indicativo juntamente com o presente do indicativo, conforme vemos a seguir:

203 Neste sentido, foram incluídas as variáveis referentes ao porte financeiro do município (percentual de participação dos municípios no ICMS113) e ao volume de operações de crédito114. O número de agência bancárias por mil habitantes foi introduzido no modelo para captar a concorrência e a atratividade do mercado financeiro local (não apenas de crédito rural). Também **foram** consideradas as áreas115 utilizadas pelas UPAs, por município, **assumindo** que o custo de monitoramento é uma função da área a ser estudada (19Ac:Br:Lac:Thes) - *HISTORICAL*

Em (203), “foram consideradas as áreas115 utilizadas pelas UPAs” é uma ação concluída no passado. Isso porque o pretérito perfeito do indicativo indica que certos eventos ou ações já ocorreram. E essa ação concluída no passado cria uma base para um estado atual. As variáveis e áreas que foram incluídas e consideradas no modelo no passado agora causam como o custo de monitoramento deve ser calculado e quais requisitos são necessários para a produção agropecuária, um contexto causal.

Assim como no *Historical*, no *NOW* ainda continua a combinação mais frequente sendo o presente do indicativo com o presente do indicativo, com 20% dos casos. Veja a tabela a seguir:

**Tabela 33:** Configuração modo-temporal das construções complexas compostas por [assumindo que] no *corpus NOW*.

| Contagem     | Construção introduzida pelo conector | Construção principal               | Nº de ocorrências | %           |
|--------------|--------------------------------------|------------------------------------|-------------------|-------------|
| 1.           | futuro do presente do indicativo     | futuro do presente do indicativo   | 1                 | 1%          |
| 2.           |                                      | presente do indicativo             | 5                 | 5%          |
| 3.           |                                      | presente do subjuntivo             | 10                | 10%         |
| 4.           | futuro do pretérito do indicativo    | presente do subjuntivo             | 1                 | 1%          |
| 5.           |                                      | presente do indicativo             | 3                 | 3%          |
| 6.           |                                      | futuro do pretérito do indicativo  | 2                 | 2%          |
| 7.           |                                      | pretérito imperfeito do subjuntivo | 1                 | 1%          |
| 8.           |                                      | futuro do presente do indicativo   | 1                 | 1%          |
| 9.           | presente do indicativo               | presente do subjuntivo             | 9                 | 9%          |
| 10.          |                                      | futuro do pretérito do indicativo  | 2                 | 2%          |
| 11.          |                                      | presente do indicativo             | 20                | 20%         |
| 12.          |                                      | pretérito perfeito do indicativo   | 1                 | 1%          |
| 13.          | presente do subjuntivo               | futuro do presente do indicativo   | 7                 | 7%          |
| 14.          |                                      | presente do subjuntivo             | 2                 | 2%          |
| 15.          |                                      | pretérito perfeito do indicativo   | 1                 | 1%          |
| 16.          |                                      | futuro do pretérito do indicativo  | 5                 | 5%          |
| 17.          |                                      | presente do indicativo             | 14                | 14%         |
| 18.          | pretérito imperfeito do indicativo   | presente do indicativo             | 1                 | 1%          |
| 19.          | pretérito imperfeito do subjuntivo   | futuro do pretérito do indicativo  | 4                 | 4%          |
| 20.          |                                      | pretérito imperfeito do indicativo | 1                 | 1%          |
| 21.          | pretérito perfeito do indicativo     | presente do indicativo             | 2                 | 2%          |
| 22.          |                                      | presente do subjuntivo             | 1                 | 1%          |
| 23.          |                                      | futuro do presente do indicativo   | 1                 | 1%          |
| 24.          |                                      | futuro do pretérito do indicativo  | 2                 | 2%          |
| <b>TOTAL</b> | <b>24</b>                            |                                    | <b>97</b>         | <b>100%</b> |

Fonte: elaboração própria.

No *corpus NOW*, conforme mostra a tabela acima, observa-se uma maior variedade de combinações verbais, o que pode ser atribuído ao aumento da frequência de uso do conector. Uma diferença em relação ao *corpus Historical* é a presença do subjuntivo, que não se manifestava anteriormente. Este fenômeno sugere que, com o

aumento das ocorrências de construções causais e condicionais, os usuários da língua recorrem ao subjuntivo como um mecanismo linguístico estratégico para evitar ambiguidade na comunicação, uma vez que o subjuntivo é amplamente utilizado para expressar situações hipotéticas, desejos, incertezas e condições que não são fatos estabelecidos. Observe uma das ocorrências do *NOW* a seguir:

204 Street e Pontes controlam cerca de 88 milhões de ações de a Stone através de um fundo de investimento em as Ilhas Cayman, de acordo com o prospecto. Eles foram identificados como os únicos controladores e beneficiários finais de a empresa, segundo documento de o Banco Central de novembro de 2016. **Assumindo que** Street e Pontes **possuam** participações iguais, ambos **seriam** bilionários. # A empresa não comenta sobre a fortuna de os fundadores ou seu acordo de acionistas. (18-10-25 BR) - *NOW*

Em (204), o verbo "possuir" está no presente do subjuntivo e o verbo "ser" está no futuro do pretérito do indicativo. "Assumindo que Street e Pontes possuam participações iguais" é a premissa para a condição que segue. O conector "assumindo que" introduz a premissa de que Street e Pontes têm uma quantidade igual de participações nas ações da Stone. Esta suposição não é um fato comprovado, mas uma hipótese que serve de base para a inferência subsequente. Desse modo, se a premissa for verdadeira, isto é, se Street e Pontes realmente tiverem participações iguais, então a conclusão é que ambos seriam bilionários. O uso do subjuntivo "possuam" e do futuro do pretérito "seriam" indica que estamos lidando com uma hipótese condicional e não com um fato estabelecido.

Assim como observado nas construções complexas com "assumindo que", a diversidade de configurações modo-temporais com "entendendo que" também acontece apenas no *corpus NOW*. Veja as tabelas (34) e (35) a seguir:

**Tabela 34:** Configuração modo-temporal das construções complexas compostas por [entendendo que] no *corpus Historical*.

| Contagem     | Construção introduzida pelo conector | Construção principal   | Nº de ocorrências | %           |
|--------------|--------------------------------------|------------------------|-------------------|-------------|
| 1.           | presente do indicativo               | presente do indicativo | 1                 | 100%        |
| <b>TOTAL</b> | <b>1</b>                             |                        | <b>1</b>          | <b>100%</b> |

Fonte: elaboração própria.

**Tabela 35:** Configuração modo-temporal das construções complexas compostas por [entendendo que] no *corpus NOW*.

| Contagem     | Construção introduzida pelo conector | Construção principal               | Nº de ocorrências | %           |
|--------------|--------------------------------------|------------------------------------|-------------------|-------------|
| 1.           | presente do indicativo               | presente do indicativo             | 7                 | 70%         |
| 2.           |                                      | futuro do presente do indicativo   | 1                 | 10%         |
| 3.           | pretérito imperfeito do indicativo   | pretérito perfeito do indicativo   | 1                 | 10%         |
| 4.           |                                      | pretérito imperfeito do indicativo | 1                 | 10%         |
| 5.           | pretérito perfeito do indicativo     | presente do indicativo             | 1                 | 10%         |
| <b>TOTAL</b> | <b>5</b>                             |                                    | <b>11</b>         | <b>100%</b> |

Fonte: elaboração própria.

No *corpus Historical*, apontado na tabela (34), a construção complexa composta por "entendendo que" ocorre apenas com o presente do indicativo, tanto na construção introduzida pelo conector quanto na construção principal, com uma única ocorrência registrada, com valor condicional:

205 **Entendendo que** a administração de uma construtora **opera** a realidade física com o objetivo de gerar o máximo de lucro possível, então esse lucro **tornase** fundamental como instrumento de acompanhamento do desempenho das atividades físicas executadas para fins de gerir o processo de forma a atender o seu objetivo maior: a maximização da riqueza dos sócios. (19Ac:Br:Lac:Thes) - *HISTORICAL*

Nesta ocorrência, o conector "entendendo que" introduz a premissa "a administração de uma construtora opera a realidade física com o objetivo de maximizar o lucro" que serve como base para a conclusão subsequente. A premissa não é apenas uma suposição, mas uma condição que influencia diretamente a interpretação e a gestão do processo produtivo. A utilização do presente do indicativo sugere que a premissa é algo aceito e pressuposto no contexto da construção civil, formando a base para a conclusão de que o lucro é um instrumento essencial para acompanhar o desempenho e gerir as atividades da empresa. Temos uma condicional do tipo "se...então...", a qual

poderia ser reformulada como "se entendemos que a administração de uma construtora opera a realidade física com o objetivo de maximizar o lucro, **então** esse lucro torna-se fundamental como instrumento de acompanhamento do desempenho das atividades físicas executadas."

No *corpus NOW*, o uso do presente do indicativo, tanto na construção introduzida pelo conector quanto na construção principal, ainda é a mais frequente, com seis ocorrências (representando 60% dos casos). No entanto, além a configuração modo-temporal desse corpus é mais diversificada. Outras configurações incluem: o futuro do presente do indicativo na construção principal, com uma ocorrência (10%), exemplificado em (206); o pretérito imperfeito do indicativo na construção introduzida pelo conector, seguido pelo pretérito perfeito do indicativo na construção principal, com uma ocorrência (10%), em (207); o pretérito imperfeito do indicativo em ambas, com uma ocorrência (10%), em (208); o pretérito perfeito do indicativo na construção introduzida pelo conector, seguido pelo presente do indicativo na construção principal, com uma ocorrência (10%), em (209).

206 O Ministério Público de o Estado de o Rio de Janeiro [MPRJ] diz que o EIA/Rima precisa ser feito antes, **entendendo que degradará** o ambiente. Nós entendemos que a construção de o autódromo em a área será altamente benéfico ", disse o advogado de a CBA, Felipe Zeraik. (13-10-03 BR) – *NOW*

Em (206), A construção "entendendo que" introduz a razão ou a justificativa pela qual o MPRJ acredita que o EIA/Rima (Estudo de Impacto Ambiental/Relatório de Impacto Ambiental) precisa ser feito antes. Neste contexto, "entendendo que degradará o ambiente" explica a motivação do MPRJ: eles acreditam que a construção degradará o ambiente, e por isso, o estudo de impacto deve ser realizado antecipadamente. Isso estabelece uma relação causal. O uso do presente do indicativo ("diz" e "precisa ser feito") na frase principal indica que essa é uma afirmação atual, relevante no momento presente. Ele estabelece a necessidade atual de realizar o EIA/Rima com base na percepção do MPRJ. O verbo "degradará" (futuro do presente do indicativo) indica uma consequência futura prevista. O MPRJ entende que a construção terá um impacto ambiental negativo no futuro, justificando a necessidade de realizar o EIA/Rima antes de prosseguir com as obras. Esses tempos e modos verbais trabalham juntos para construir o significado causal.

207 Urbanista, projetou a cidade-satélite de Águas Claras, de 1991, em o Distrito Federal, onde evitou seguir o modelo de Brasília, que segrega comércio de habitação. # " Esperavam que fizessemos superquadras. Mas, **entendendo que era** uma cidade com mais atividades e uma liberdade maior que a de o Plano Piloto, **decidimos** que ela abrigaria áreas mistas ", disse, em entrevista a o jornal Correio Braziliense em 2017. (19-06-11 BR) - *NOW*

Em (207), o verbo "era", conjugado no pretérito imperfeito do indicativo, é utilizado para descrever uma condição contínua no passado. Este tempo verbal é apropriado para indicar um estado persistente da cidade, que possuía mais atividades e uma maior liberdade em comparação ao Plano Piloto. Tal uso sugere que estas características eram reconhecidas de forma duradoura e estável. Já o verbo "decidimos", no pretérito perfeito do indicativo, sinaliza uma ação concluída no passado. Esse tempo verbal é empregado para expressar uma decisão específica e definitiva que ocorreu em um momento determinado: a escolha de que a cidade abrigaria áreas mistas. A combinação desses tempos verbais contribui para a construção lógica causal. O estado contínuo da cidade, caracterizado pelo pretérito imperfeito, fornece a base contextual e a justificativa para a decisão expressa pelo pretérito perfeito.

208 Que o declarante não entendeu porque estava ali, já que **tinha** ido a Brasília por umas 4 vezes, quando Garotinho **era** deputado, para tentar receber seus créditos junto a a prefeitura de Campos, **entendendo que** não **tinha** condições financeiras de fazer nenhuma doação. " # O depoimento de Rodrigues é apontado como peça importante em o conjunto de provas contra os ex-governadores. (17-11-23 BR) - *NOW*

A construção "entendendo que", em (208), introduz uma razão ou justificativa que explica a ação ou a percepção mencionada na frase principal. Neste caso, a construção subordinada expressa a causa pela qual o declarante acredita que não deveria estar ali, já que ele não tinha condições financeiras de fazer uma doação. Portanto, sim, "entendendo que" tem valor causal aqui, explicando a motivação por trás da ação ou situação descrita na construção principal. O pretérito imperfeito do indicativo "tinha" expressa uma ação habitual ou uma condição contínua no passado, enfatizando que, durante o tempo em que o declarante estava tentando receber seus créditos e sendo convocado, ele constantemente não tinha condições financeiras para doações. Essa continuidade fornecida pelo pretérito imperfeito é crucial para a construção causal, pois justifica a compreensão do declarante sobre sua incapacidade financeira, que é a causa da sua ação ou percepção na frase principal.

209 Em caso de punição, **entendendo que houve** desvio de dinheiro por parte de os acusados, o Tribunal **pode** aplicar ressarcimento a o erário, multa e/ou impedimento de exercer cargo público e contratar com o poder público. (17-10-16 BR) - *NOW*

Em (209), o verbo "houve" (pretérito perfeito do indicativo) na construção subordinada indica uma ação específica e concluída no passado. A construção causal "entendendo que houve desvio de dinheiro por parte dos acusados" sugere que a

percepção de que o desvio ocorreu fundamenta a possibilidade de punição atual. O verbo "pode", no presente do indicativo, na principal, indica uma capacidade atual. Ou seja, no presente, o Tribunal tem a autoridade para aplicar as sanções mencionadas, baseando-se na compreensão do desvio ocorrido no passado. Portanto, o conector "entendendo que" é causal porque explica a razão pela qual o Tribunal tem a capacidade de aplicar sanções.

Conforme observado, as ocorrências de (206) a (209) são de natureza causal. A diversidade modo-temporal identificada no *corpus NOW* refere-se exclusivamente às construções causais, enquanto as construções condicionais mantêm-se inalteradas, seguindo a combinação de presente do indicativo com presente do indicativo. As construções condicionais seguem um padrão consistente.

Assim como em “assumindo que” e “entendendo que”, o uso do presente do indicativo tanto na construção introduzida pelo conector quanto na construção principal também foi observado nos dados relacionados a "imaginando que", com uma frequência relevante de 17,6% dos casos. A tabela a seguir ilustra essa distribuição:

**Tabela 36:** Configuração modo-temporal das construções complexas compostas por [imaginando que] no *corpus Historical*.

| Contagem     | Construção introduzida pelo conector | Construção principal              | Nº de ocorrências | %           |
|--------------|--------------------------------------|-----------------------------------|-------------------|-------------|
| 1.           | futuro do presente do indicativo     | presente do indicativo            | 2                 | 5.9%        |
| 2.           |                                      | futuro do pretérito do indicativo | 1                 | 2.9%        |
| 3.           |                                      | futuro do presente do indicativo  | 1                 | 2.9%        |
| 4.           | futuro do pretérito do indicativo    | futuro do pretérito do indicativo | 2                 | 5.9%        |
| 5.           | presente do indicativo               | pretérito perfeito do indicativo  | 1                 | 2.9%        |
| 6.           |                                      | presente do indicativo            | 6                 | 17.6%       |
| 7.           |                                      | futuro do pretérito do indicativo | 1                 | 2.9%        |
| 8.           | presente do subjuntivo               | presente do indicativo            | 8                 | 23.5%       |
| 9.           |                                      | futuro do presente do indicativo  | 2                 | 5.9%        |
| 10.          |                                      | futuro do pretérito do indicativo | 3                 | 8.8%        |
| 11.          | pretérito imperfeito do subjuntivo   | futuro do pretérito do indicativo | 4                 | 11.8%       |
| 12.          |                                      | presente do indicativo            | 1                 | 2.9%        |
| 13.          | pretérito perfeito do indicativo     | futuro do pretérito do indicativo | 1                 | 2.9%        |
| 14.          |                                      | presente do indicativo            | 1                 | 2.9%        |
| <b>TOTAL</b> | <b>14</b>                            |                                   | <b>34</b>         | <b>100%</b> |

Fonte: elaboração própria.

O modo indicativo é geralmente associado ao significado causal. No entanto, ele tem se mostrado bastante frequente nas construções com os conectores de base gerundial. Isso porque ele também pode ser utilizado em construções condicionais, como vimos anteriormente. Seu uso cria uma ligação direta entre a condição expressa e a consequência. Dessa maneira, embora “imaginando que” tenha sido encontrado exclusivamente em contextos condicionais, seu uso é possível. Veja um exemplo a seguir:

210 A ideia de que alguém tem o poder de em os atacar com uma simples olhadela pode virar medo, pânico a até mania de perseguição. # **Imaginando que** as pessoas **tem** o poder (mágico?) de atrapalhar situações, de espalhar forças negativas, a crença em o olho-mau **pode** servir de desculpa para qualquer falha, engano, equívoco ou perda pessoal: isentando o indivíduo de suas responsabilidades ou culpas. # Afinal, olho-gordo faz efeito? (15-07-19 BR) - *NOW*

Em (210), "imaginando que as pessoas têm o poder de atrapalhar situações" usa o presente do indicativo "têm" para sugerir uma hipótese que é vista como possível e relevante no contexto presente. A consequência dessa hipótese, "a crença no olho-mau pode servir de desculpa", é igualmente apresentada no presente, e assim, estabelece ligação direta entre condição e efeito.

Além disso, na tabela acima podemos ver que a combinação “presente do subjuntivo + presente do indicativo” é a mais frequente, representando 23.5% das ocorrências. O presente do subjuntivo é frequentemente usado para expressar incerteza, desejo, necessidade, ou condições que ainda não foram realizadas, o que condiz com os dados encontrados de “imaginando que”, que são exclusivamente condicionais. Em contrapartida, o presente do indicativo é empregado para expressar ações ou estados considerados certos, atuais ou geralmente verdadeiros. Essa combinação sugere que essa estrutura é frequentemente utilizada para expressar condições hipotéticas com consequências diretas e imediatas no presente. Veja um exemplo a seguir:

211 " Com a mudança definitiva para outro país, quem tem aplicações em o Brasil vira investidor estrangeiro ", afirma. " **Imaginando que** a pessoa **vá** viajar por um ano, ela **precisa entregar** a declaração de o Imposto de Renda porque, mesmo lá fora, ela continua como residente. " (13-11-28 BR) - *NOW*

Na ocorrência (211), a construção "imaginando que a pessoa vá viajar por um ano" utiliza o presente do subjuntivo "vá" para introduzir uma hipótese que é considerada no contexto presente. A consequência dessa hipótese é expressa pela frase "ela precisa entregar a declaração do Imposto de Renda porque, mesmo lá fora, ela continua como residente", que emprega o presente do indicativo "precisa". Esta escolha verbal enfatiza

a certeza e a atualidade da necessidade de ação (a entrega da declaração), estabelecendo uma ligação direta e imediata entre a condição expressa no subjuntivo e seu efeito concreto no indicativo. A condição hipotética introduzida pelo subjuntivo encontra uma consequência prática e presente no indicativo, demonstrando como situações hipotéticas podem ter implicações diretas e imediatas no presente.

De todas as combinações modo-temporais da tabela (36), apenas as combinações “presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo” e “presente do indicativo + presente do indicativo” são mais comumente empregadas em contextos causais. No entanto, são empregadas com “imaginando que”, que é exclusivamente condicional. Veja a ocorrência a seguir:

212 Ninguém sabe ou não se trata-se de Rodrigo Bocardí. **Imaginando que** é mesmo o apresentador, ele fez isso em um momento íntimo e acabou exposto. # O mais provável, porém, é que não seja ele e aí a situação fica ainda pior, porque seria uma ofensa grave a uma pessoa que não gravou vídeo nenhum tocando em suas partes íntimas. (18-02-18 BR) - *NOW*

Na ocorrência (212), "imaginando que é mesmo o apresentador" utiliza o presente do indicativo "é" para estabelecer uma condição hipotética no presente, sugerindo que, no momento da fala, há uma suposição ativa sobre a identidade do apresentador no vídeo. A consequência dessa hipótese é apresentada na sequência "ele fez isso em um momento íntimo e acabou exposto," onde "acabou" está no pretérito perfeito do indicativo. Este tempo verbal é utilizado para indicar um evento específico e concluído no passado, que resulta diretamente da condição hipotética estabelecida. Em outras palavras, a exposição do apresentador é uma consequência concreta e finalizada que decorre da hipótese de que ele é a pessoa no vídeo. Esta utilização demonstra a flexibilidade das combinações modo-temporais de “imaginando que”.

A combinação “presente do indicativo + presente do indicativo” já vimos anteriormente nos casos condicionais com “assumindo que” e “entendendo que”. Vejamos a tabela a seguir para verificar se essa e outras combinações continuam no *corpus NOW*:

**Tabela 37:** Configuração modo-temporal das construções complexas compostas por [imaginando que] no *corpus NOW*.

| Contagem     | Construção introduzida pelo conector | Construção principal              | Nº de ocorrências | %           |
|--------------|--------------------------------------|-----------------------------------|-------------------|-------------|
| 1.           | futuro do presente do indicativo     | presente do indicativo            | 2                 | 6.3%        |
| 2.           |                                      | futuro do pretérito do indicativo | 1                 | 3.1%        |
| 3.           |                                      | futuro do presente do indicativo  | 1                 | 3.1%        |
| 4.           |                                      | futuro do pretérito do indicativo | 2                 | 6.3%        |
| 5.           | presente do indicativo               | presente do indicativo            | 4                 | 12.5%       |
| 6.           |                                      | futuro do presente do indicativo  | 1                 | 3.1%        |
| 7.           |                                      | futuro do pretérito do indicativo | 2                 | 6.3%        |
| 8.           | presente do subjuntivo               | futuro do presente do indicativo  | 2                 | 6.3%        |
| 9.           |                                      | presente do indicativo            | 6                 | 18.7%       |
| 10.          |                                      | futuro do pretérito do indicativo | 1                 | 3.1%        |
| 11.          |                                      | presente do subjuntivo            | 1                 | 3.1%        |
| 1.           |                                      | sem verbo                         | 1                 | 3.1%        |
| 2.           | pretérito imperfeito do subjuntivo   | futuro do pretérito do indicativo | 4                 | 12.5%       |
| 3.           |                                      | presente indicativo               | 1                 | 3.1%        |
| 4.           | pretérito perfeito do indicativo     | presente indicativo               | 2                 | 6.3%        |
| 5.           |                                      | futuro do pretérito do indicativo | 1                 | 3.1%        |
| <b>TOTAL</b> | <b>15</b>                            |                                   | <b>32</b>         | <b>100%</b> |

Fonte: elaboração própria.

Na tabela acima, observa-se que o presente do indicativo, que anteriormente era predominante tanto nas construções introduzidas pelo conector quanto nas construções principais, já não é mais o mais frequente. Agora, a construção iniciada pelo conector que utiliza o presente do subjuntivo é a mais comum. Essa alteração destaca uma preferência emergente no uso do presente do subjuntivo, o que condiz mais com a tendência de expressar incertezas, desejos ou condições não realizadas.

Além disso, notamos também a ausência do futuro do pretérito do indicativo nas construções introduzidas pelo conector no *corpus NOW*. Tradicionalmente, o futuro do pretérito do indicativo é utilizado para expressar ações hipotéticas ou condições irrealis. A menor frequência desse tempo verbal no *corpus NOW* pode ser atribuída a várias razões linguísticas e pragmáticas.

Primeiramente, como o *corpus NOW* apresenta um uso mais moderno da língua, parece que os usuários modernos tendem a optar por outras formas de expressão que são vistas como mais diretas e eficientes para transmitir hipóteses e condições. A evolução natural das línguas implica que certas construções gramaticais se tornem menos frequentes ou até desapareçam ao longo do tempo. O futuro do pretérito do indicativo está caindo em desuso nas construções introduzidas pelo conector devido a mudanças nas preferências linguísticas dos falantes, que buscam simplificar a comunicação e evitar estruturas mais complexas ou mais formais, até mesmo em contextos mais formais. Até por isso o indicativo tem se mostrado mais frequente.

Mais um conector de base gerundial apresenta alta frequência da combinação "presente do indicativo + presente do indicativo": "pensando que". Como este conector é de uso mais recente, suas ocorrências foram encontradas exclusivamente no *corpus NOW*. A tabela abaixo ilustra as configurações modo-temporais observadas:

**Tabela 38:** Configuração modo-temporal das construções complexas compostas por [pensando que] no *corpus NOW*.

| Contagem     | Construção introduzida pelo conector | Construção principal               | Nº de ocorrências | %           |
|--------------|--------------------------------------|------------------------------------|-------------------|-------------|
| 1.           | presente do indicativo               | futuro do pretérito do indicativo  | 2                 | 8.3%        |
| 2.           |                                      | presente do indicativo             | 10                | 41.7%       |
| 3.           |                                      | futuro do presente do indicativo   | 2                 | 8.3%        |
| 4.           |                                      | infinitivo                         | 1                 | 4.2%        |
| 5.           | futuro do presente do indicativo     | presente do indicativo             | 2                 | 8.3%        |
| 6.           | futuro do pretérito do indicativo    | futuro do pretérito do indicativo  | 1                 | 4.2%        |
| 7.           |                                      | futuro do presente do indicativo   | 1                 | 4.2%        |
| 8.           | presente do subjuntivo               | futuro do pretérito do indicativo  | 1                 | 4.2%        |
| 9.           |                                      | presente do indicativo             | 1                 | 4.2%        |
| 10.          | pretérito imperfeito do indicativo   | presente do indicativo             | 1                 | 4.2%        |
| 11.          |                                      | presente do indicativo             | 1                 | 4.2%        |
| 12.          | pretérito perfeito do indicativo     | pretérito imperfeito do indicativo | 1                 | 4.2%        |
| 13.          |                                      | presente do indicativo             | 1                 | 4.2%        |
| <b>TOTAL</b> | <b>13</b>                            |                                    | <b>25</b>         | <b>100%</b> |

Fonte: elaboração própria.

Com 41,7% das ocorrências, conforme mostra a tabela (38), a combinação "presente do indicativo + presente do indicativo" é a mais frequente nas construções

compostas pelo conector "pensando que". Esta predominância sugere que "pensando que" é frequentemente utilizado em contextos causais, onde a relação de causa e efeito é claramente expressa através de ações ou estados presentes. Apenas 3 das 10 ocorrências são condicionais, as outras 7 são causais.

A predominância do presente do indicativo em construções causais com "pensando que" alinha-se com os dados encontrados, que mostram que este conector apresenta mais ocorrências causais do que condicionais.

213 O suco de o limão é o que mais cria problemas dentários quando comparado a o suco de a laranja ou de a uva. **Pensando que** um suco de limão nunca **fica** bom sem uma boa dose de açúcar, **temos** mais desgaste de o esmalte e o aparecimento de manchas. (14-10-06 BR) - *NOW*

A construção "pensando que um suco de limão nunca fica bom sem uma boa dose de açúcar", em (213), pode ser entendida como a causa que leva ao efeito subsequente: "temos mais desgaste do esmalte e o aparecimento de manchas." Trata-se, portanto, de uma ocorrência causal. O presente do indicativo é usado para expressar uma verdade geral ou um fato percebido como constante. Aqui, "nunca fica" indica uma observação geral sobre o sabor do suco de limão. O verbo "temos" no presente do indicativo reforça a certeza e a atualidade da consequência de adicionar açúcar ao suco de limão.

Os dados apresentados mostram um ambiente propício para que "pensando que" seja mais usado para expressar causa e efeito, evidenciado pela alta frequência de combinações no modo indicativo. O conector "sabendo que" vai pelo mesmo caminho: de 88 ocorrências, 86 são compostas pelo indicativo (total das combinações 1 a 11, 13 e 14, 16 a 18). Veja a tabela abaixo:

**Tabela 39:** Configuração modo-temporal das construções complexas compostas por [sabendo que] no *corpus NOW*.

| Contagem     | Construção introduzida pelo conector | Construção principal               | Nº de ocorrências | %           |
|--------------|--------------------------------------|------------------------------------|-------------------|-------------|
| 1.           | futuro do presente do indicativo     | futuro do presente do indicativo   | 2                 | 2.3%        |
| 2.           |                                      | presente do indicativo             | 4                 | 4.5%        |
| 3.           |                                      | futuro do pretérito do indicativo  | 1                 | 1.1%        |
| 4.           | futuro do pretérito do indicativo    | futuro do presente do indicativo   | 1                 | 1.1%        |
| 5.           |                                      | gerúndio                           | 1                 | 1.1%        |
| 6.           | presente do indicativo               | futuro do presente do indicativo   | 8                 | 9.1%        |
| 7.           |                                      | futuro do pretérito do indicativo  | 3                 | 3.4%        |
| 8.           |                                      | presente do indicativo             | 51                | 58%         |
| 9.           |                                      | presente do subjuntivo             | 1                 | 1.1%        |
| 10.          |                                      | pretérito imperfeito do indicativo | 2                 | 2.3%        |
| 11.          |                                      | pretérito perfeito do indicativo   | 5                 | 5.7%        |
| 12.          | presente do subjuntivo               | presente do indicativo             | 1                 | 1.1%        |
| 13.          | pretérito imperfeito do indicativo   | pretérito imperfeito do indicativo | 1                 | 1.1%        |
| 14.          |                                      | pretérito perfeito do indicativo   | 1                 | 1.1%        |
| 15.          | pretérito imperfeito do subjuntivo   | futuro do pretérito do indicativo  | 1                 | 1.1%        |
| 16.          | pretérito perfeito do indicativo     | pretérito perfeito do indicativo   | 1                 | 1.1%        |
| 17.          |                                      | presente do indicativo             | 3                 | 3.4%        |
| 18.          |                                      | futuro do pretérito do indicativo  | 1                 | 1.1%        |
| <b>TOTAL</b> | <b>18</b>                            |                                    | <b>88</b>         | <b>100%</b> |

Fonte: elaboração própria.

Os dados apresentados na tabela (39) evidenciam as configurações modo-temporais das construções complexas introduzidas pelo conector "sabendo que" no *corpus NOW*. Nela, vemos que assim como os outros conectores de base gerundial, a combinação mais frequente é também "Presente do Indicativo + Presente do Indicativo", com 58% dos casos. A predominância desta combinação reflete uma preferência clara por relações causais, nas quais a relação de causa e efeito é diretamente estabelecida.

Além disso, verificamos que diversas combinações aparecem com apenas 1 ocorrência (1,1% cada). A baixa frequência de tempos verbais como o futuro do pretérito e o presente do subjuntivo é mais comumente associada a hipóteses e condições. No entanto, a função primária do conector "sabendo que" é apresentar fatos e certezas, o que

explica a predominância do indicativo e a baixa ocorrência de tempos e modos verbais que introduzem incerteza ou condições irrealis.

Até mesmo com o emprego do subjuntivo, “sabendo que” é usado com significado causal. Veja a ocorrência a seguir:

214 " Sou solidário a a realização de esses estudos. Quando mais organismos e institutos estiverem se debruçando sobre os dados de violência em o país, melhor, porque nós vamos conseguir trazer a segurança pública para um plano nacional, ou seja, que seja uma prioridade nacional. O que a gente quer é que quando de o lançamento de os estudos **seja** devidamente dado a ressalva de que essas bases metodológicas se diferem, para que as pessoas **tirem** suas próprias conclusões, **sabendo que** os dados não **são** os mesmos ", afirmou. # Nesta terça, o Fórum Brasileiro de Segurança Pública informou que usa os dados fornecidos por os estados e por o Ministério de a Saúde para elaborar o anuário. A instituição disse também que todos os casos de morte violenta são considerados em a pesquisa, mesmo aquelas mortes que ainda estão a esclarecer. (17-10-31 BR) - *NOW*

Em (214), emprega-se o subjuntivo "seja" e "tirem" na construção principal. No entanto, a coerência causal é mantida porque a informação fornecida por "sabendo que" é considerada verdadeira e certa, independentemente do modo verbal usado na construção principal. Em outras palavras, o fato de que "os dados não são os mesmos" serve como uma premissa factual que justifica ou explica porque "quando de o lançamento de os estudos seja devidamente dado a ressalva" e por que "as pessoas tirem suas próprias conclusões."

A maioria das ocorrências condicionais com “sabendo que” foram encontradas com o presente do indicativo, conforme vemos a seguir:

215 " Vamos ver o que acontece ", Cohan disse a a EW sobre seu retorno esperançoso de a décima temporada, que a estrela discutiu longamente com a atriz Angela Kang. # " Definitivamente há muitas maneiras interessantes [para que isso aconteça]. E o universo, eu ainda faço parte disso. E não acabou. Então, para mim, isso é empolgante. E fico tão animada porque falamos sobre diferentes possibilidades. " # " É a coisa mais estranha e eu nunca saberia até estar em essa situação, [mas] penso em Maggie o tempo todo. Ela está sempre dentro de mim. Isso soa estranho, mas ela é ", disse Cohan. # " Em parte, **sabendo que** a história **continua**, a história **está** inacabada. (19-04-05 BR) - *NOW*

A expressão "sabendo que a história continua", em (215), pode ser interpretada como uma condição para a ação ou estado descrito na construção principal. O verbo "continua" no presente do indicativo dentro da oração "sabendo que a história continua" estabelece um fato ou estado que é atual e certo. No entanto, esta aceitação do fato no presente serve como condição sobre a qual a construção principal depende. Já o uso do presente do indicativo "está" e "está tendo" na construção principal indica ações ou

estados presentes que são verdadeiros ou atuais, condicionados pelo fato estabelecido na oração com "sabendo que".

Este uso mostra como "sabendo que", até mesmo quando expressa uma relação condicional, estabelece premissas factuais, usadas para sustentar a condição da construção principal, mesmo quando ambos os verbos estão no presente do indicativo.

No *corpus Historical*, "sabendo que" mantém essa tendência, utilizando o indicativo mesmo na única ocorrência condicional identificada. Nenhuma ocorrência apresentou o subjuntivo, o que destaca uma preferência clara por modos verbais que expressam fatos e certezas, conforme vemos na tabela (40) a seguir:

**Tabela 40:** Configuração modo-temporal das construções complexas compostas por [sabendo que] no *corpus Historical*.

| Contagem     | Construção introduzida pelo conector | Construção principal             | Nº de ocorrências | %           |
|--------------|--------------------------------------|----------------------------------|-------------------|-------------|
| 1.           | presente do indicativo               | futuro do presente do indicativo | 1                 | 25%         |
| 2.           |                                      | pretérito perfeito do indicativo | 2                 | 50%         |
| 3.           |                                      | presente do indicativo           | 1                 | 25%         |
| <b>TOTAL</b> | <b>3</b>                             |                                  | <b>4</b>          | <b>100%</b> |

Fonte: elaboração própria.

A ausência do subjuntivo neste *corpus* sugere que "sabendo que" é preferencialmente usado para introduzir informações que são consideradas certas e verificáveis. A análise das ocorrências condicionais com "sabendo que" no *corpus Historical* reafirma a predominância do uso do indicativo, destacando como este modo verbal é eficaz na expressão de premissas factuais que sustentam condições. Isso é evidente na única ocorrência condicional, onde ambos os verbos estão no presente do indicativo, indicando uma condição baseada em fatos aceitos e presentes. Veja-a a seguir:

216 Quando Cajango silenciou, Alonso disse: " **Sabendo que está** vivo, **caçarão** este menino nos infernos ". Sinhá, sua mulher, acrescentou: " Voltarão hoje ou amanhã para ocupar as terras ". (19:Fic:Br:Aguiar:Corpo) - *HISTORICAL*

O verbo "está" no presente do indicativo dentro da construção "sabendo que está vivo" estabelece um fato atual e certo, que serve como a condição para a ação futura descrita na construção principal. O uso do futuro do presente do indicativo "caçarão" indica uma ação que ocorrerá no futuro, condicionada ao fato estabelecido na construção introduzida pelo conector.

O uso do presente do indicativo em uma construção condicional com "sabendo que" é possível porque o conector introduz uma premissa factual que é aceita como verdadeira no momento presente e essa sustenta a ação ou estado descrito na construção principal. O indicativo é usado para expressar uma certeza ou realidade, enquanto o futuro do presente na construção principal indica uma consequência futura baseada nesta premissa atual.

Por fim, a análise tempo e modo verbal com construções complexas envolvendo o conector "sabendo que" mostra que há preferência por tempos que remetem à factualidade, como o indicativo, mais frequente em relações causais.

Como observado com a maioria dos conectores de base gerundial, com exceção de "imaginando que", o conector "considerando que" segue o mesmo padrão de uso. As tabelas abaixo ilustram as configurações modo-temporais encontradas no *Historical*, com a maior frequência sendo a combinação "presente do indicativo + presente do indicativo" (53.2% dos casos):

**Tabela 41:** Configuração modo-temporal das construções complexas compostas por [considerando que] no corpus *Historical*.

| Contagem     | Construção introduzida pelo conector | Construção principal              | Nº de ocorrências | %           |
|--------------|--------------------------------------|-----------------------------------|-------------------|-------------|
| 1.           | futuro do presente do indicativo     | presente do indicativo            | 1                 | 1.6%        |
| 2.           | futuro do pretérito do indicativo    | presente do indicativo            | 1                 | 1.6%        |
| 3.           | presente do indicativo               | presente do indicativo            | 32                | 53.2%       |
| 4.           |                                      | futuro do presente do indicativo  | 3                 | 4.8%        |
| 5.           |                                      | pretérito perfeito do indicativo  | 3                 | 4.8%        |
| 6.           | presente do subjuntivo               | futuro do presente do indicativo  | 2                 | 3.2%        |
| 7.           |                                      | futuro do pretérito do indicativo | 1                 | 1.6%        |
| 8.           | pretérito imperfeito do indicativo   | pretérito perfeito do indicativo  | 1                 | 1.6%        |
| 9.           | pretérito perfeito do indicativo     | futuro do presente do indicativo  | 1                 | 1.6%        |
| 10.          |                                      | presente do indicativo            | 3                 | 4.8%        |
| 11.          |                                      | pretérito perfeito do indicativo  | 12                | 19.4%       |
| <b>TOTAL</b> | <b>11</b>                            |                                   | <b>60</b>         | <b>100%</b> |

Fonte: elaboração própria.

Ainda no *NOW*, a combinação “presente do indicativo + presente do indicativo” continua sendo a mais frequente (39% dos dados). Veja a tabela (42) a seguir:

**Tabela 42:** Configuração modo-temporal das construções complexas compostas por [considerando que] no *corpus NOW*.

| Contagem     | Construção introduzida pelo conector | Construção principal               | Nº de ocorrências | %           |
|--------------|--------------------------------------|------------------------------------|-------------------|-------------|
| 1.           | futuro do presente do indicativo     | pretérito perfeito do indicativo   | 1                 | 1%          |
| 2.           |                                      | presente do indicativo             | 5                 | 5%          |
| 3.           |                                      | futuro do presente do indicativo   | 1                 | 1%          |
| 4.           | futuro do pretérito do indicativo    | futuro do pretérito do indicativo  | 2                 | 2%          |
| 5.           |                                      | pretérito perfeito do indicativo   | 2                 | 2%          |
| 6.           |                                      | presente do indicativo             | 1                 | 1%          |
| 7.           | presente do indicativo               | presente do indicativo             | 39                | 39%         |
| 8.           |                                      | pretérito perfeito do indicativo   | 9                 | 9%          |
| 9.           |                                      | futuro do presente do indicativo   | 2                 | 2%          |
| 10.          |                                      | futuro do pretérito do indicativo  | 2                 | 2%          |
| 11.          |                                      | presente do subjuntivo             | 2                 | 2%          |
| 12.          |                                      | pretérito imperfeito do subjuntivo | 2                 | 2%          |
| 13.          | presente do subjuntivo               | presente do indicativo             | 3                 | 3%          |
| 14.          | pretérito imperfeito do indicativo   | presente do indicativo             | 1                 | 1%          |
| 15.          |                                      | pretérito imperfeito do indicativo | 1                 | 1%          |
| 16.          |                                      | presente do indicativo             | 1                 | 1%          |
| 17.          |                                      | pretérito imperfeito do indicativo | 1                 | 1%          |
| 18.          | pretérito perfeito do indicativo     | presente do indicativo             | 12                | 12%         |
| 19.          |                                      | pretérito perfeito do indicativo   | 6                 | 6%          |
| 20.          |                                      | pretérito imperfeito do indicativo | 4                 | 4%          |
| 21.          |                                      | futuro do presente do indicativo   | 2                 | 2%          |
| 22.          | infinitivo                           | pretérito perfeito do indicativo   | 1                 | 1%          |
| <b>TOTAL</b> | <b>22</b>                            |                                    | <b>100</b>        | <b>100%</b> |

Fonte: elaboração própria.

No *corpus NOW*, observamos que, de todas as ocorrências do presente do indicativo na construção introduzida pelo conector (linhas 7 a 12 da Tabela 42), um total

de 57 ocorrências, apenas 4 são acompanhadas pelo subjuntivo na construção principal, sendo estas condicionais. As demais ocorrências, portanto, são causais. Inclusive, a primeira ocorrência no *corpus NOW* é causal com a combinação do presente do indicativo em ambas as construções.

Inicialmente, esperávamos que o conector "imaginando que" fosse predominantemente utilizado em construções condicionais, devido à natureza não factual de seu significado. No entanto, a análise dos dados revela uma predominância de usos causais, tanto no *Historical* como no *NOW*. Este padrão segue a tendência observada em outros conectores de base verbal já vistos até aqui.

Apenas uma pequena fração de sete ocorrências de "imaginando que" se apresentam em estruturas condicionais com o presente do subjuntivo (comum nas construções condicionais), o presente do indicativo (como já vimos em outros conectores verbais de base gerundial), o futuro (comum em condicionais para projetar consequências potenciais e fazer previsões hipotéticas) e o pretérito imperfeito do subjuntivo (frequentemente empregado para expressar condições que se referem ao passado). Este último encontra-se ilustrado a seguir:

217 O que acontece é que em nome de o bem jurídico " saúde pública, " que é a justificativa usada para criminalização, a gente acaba penalizando todos os usuários, e estamos afastando de o sistema de saúde pública aqueles que são os problemáticos que precisam de tratamento. A grande criminalização não funciona em nível algum. # **Considerando que** o julgamento **ocorresse**, a tendência era de que o STF **descriminalizasse** o porte de maconha para consumo. Do ponto de vista médico, é um avanço? (19-06-07 BR) - *NOW*

Em (217), temos a condição "considerando que o julgamento ocorresse", a qual estabelece uma hipótese sobre um evento não realizado. A construção "a tendência era de que o STF descriminalizasse o porte da maconha para o consumo" utiliza o futuro do pretérito para expressar uma consequência esperada dessa condição. Essa ocorrência exemplifica uma tendência esperada nos tempos e modos verbais utilizados nas construções condicionais com "imaginando que".

Na tabela do *NOW* verificamos um uso único: o infinitivo na construção iniciada pelo conector. Esta apresenta significado causal, conforme vemos a seguir:

218 BBC News Brasil - O que **esperar** de os Brics durante o governo Bolsonaro, **considerando que** o presidente brasileiro defendeu diversas vezes aliança com os Estados Unidos e relações bilaterais em detrimento de multilaterais, além de ter feito recentemente críticas a a China? (19-06-22 BR) - *NOW*

Na ocorrência (218), o conector "considerando que" é utilizado para estabelecer um contexto factual que justifica a pergunta "O que esperar dos Brics durante o governo Bolsonaro?". Esse conector introduz informações essenciais sobre as ações e posicionamentos do presidente brasileiro, criando uma base sólida para a análise subsequente. No geral, poderíamos parafrasear para "O que esperar de os Brics durante o governo Bolsonaro, já que o presidente brasileiro defendeu diversas vezes aliança com os Estados Unidos e relações bilaterais em detrimento de multilaterais, além de ter feito recentemente críticas a a China?".

O uso do infinitivo "esperar" na pergunta confere um tom neutro e impessoal, destacando a generalidade da questão e afastando-a de uma temporalidade específica. Este recurso estilístico permite que a pergunta seja interpretada como uma reflexão ampla e não vinculada a um momento ou evento específico. A substituição de "considerando que" por "já que" mantém a relação causal e continua a basear a pergunta em fatos conhecidos. A diferença é que "Já que" implica uma aceitação das premissas como verdadeiras e estabelece uma base factual para a análise, enquanto "considerando que" sugere uma avaliação baseada em fatos ou premissas, mantendo um tom analítico e reflexivo.

Outro conector de base gerundial que apresenta semântica voltada a contextos condicionais é o "supondo que". Os dados encontrados confirmam seu uso predominante em construções condicionais no *corpus Historical*. Veja como se configuram os verbos utilizados nas condicionais com "supondo que" na tabela a seguir:

**Tabela 43:** Configuração modo-temporal das construções complexas compostas por [supondo que] no *corpus Historical*.

| Contagem     | Construção introduzida pelo conector | Construção principal               | Nº de ocorrências | %           |
|--------------|--------------------------------------|------------------------------------|-------------------|-------------|
| 1.           | presente do indicativo               | presente do indicativo             | 2                 | 9%          |
| 2.           | presente do subjuntivo               | futuro do presente do indicativo   | 4                 | 18.1%       |
| 3.           |                                      | futuro do pretérito do indicativo  | 1                 | 4.6%        |
| 4.           |                                      | presente do indicativo             | 9                 | 40.9%       |
| 5.           |                                      | pretérito imperfeito do subjuntivo | 1                 | 4.6%        |
| 6.           | pretérito imperfeito do subjuntivo   | presente do indicativo             | 1                 | 4.6%        |
| 7.           |                                      | futuro do pretérito do indicativo  | 2                 | 9%          |
| 8.           |                                      | pretérito imperfeito do indicativo | 1                 | 4.6%        |
| 9.           | pretérito perfeito do indicativo     | presente do indicativo             | 1                 | 4.6%        |
| <b>TOTAL</b> | <b>9</b>                             |                                    | <b>22</b>         | <b>100%</b> |

Fonte: elaboração própria.

Na tabela (43) acima vemos uma alta frequência do subjuntivo. Embora não seja a combinação mais comum em construções condicionais, o presente do indicativo nas construções complexas tem se mostrado bem utilizado nas construções com conectores de base gerundial. De todas as configurações apresentadas na tabela acima, apenas incomum ao contexto condicional é a construção introduzida pelo conector estar com o pretérito perfeito do indicativo. Veja essa ocorrência a seguir:

219 **Supondo que** o produto que eles modificaram **foi distribuído** sob a GPL (www.gnu.org), eles não **estão** errados ao esconder as modificações porque a GPL **\_não\_obriga\_** que as modificações sejam re-distribuídas. (19Or:Br:Intrv:Web) - *HISTORICAL*

Em (219), o pretérito perfeito do indicativo, “foi distribuído” é usado para indicar uma ação concluída no passado. Neste contexto, "foi distribuído" refere-se a um evento específico e terminado: a distribuição do produto sob a licença GPL. Este tempo verbal é adequado para estabelecer a condição factual sobre a distribuição do produto. Ao usar o pretérito perfeito, a frase estabelece que a distribuição ocorreu em um momento definido no passado, criando uma base concreta para a condição. Já o presente do indicativo, “estão”, é usado para descrever um estado atual. A consequência, expressa no presente do indicativo, depende diretamente dessa condição passada, criando uma relação condicional. A construção com "supondo que" introduz uma condição hipotética sobre a

situação da distribuição do produto. Portanto, o uso do pretérito perfeito do indicativo ainda assim não exclui o significado condicional de construções com “supondo que”.

No entanto, os registros mais recentes no *corpus NOW* apresentaram maior flexibilidade semântica: causais, condicionais e concessivos. Vejamos, na tabela a seguir, como se configuram os verbos utilizados no *NOW* e qual a relação desses com a nova variedade de significados:

**Tabela 44:** Configuração modo-temporal das construções complexas compostas por [supondo que] no *corpus NOW*.

| Contagem     | Construção introduzida pelo conector | Construção principal               | Nº de ocorrências | %           |
|--------------|--------------------------------------|------------------------------------|-------------------|-------------|
| 1.           | futuro do presente do indicativo     | presente do indicativo             | 3                 | 3%          |
| 2.           |                                      | presente do subjuntivo             | 2                 | 2%          |
| 3.           | futuro do pretérito do indicativo    | presente do subjuntivo             | 1                 | 1%          |
| 4.           |                                      | presente do indicativo             | 1                 | 1%          |
| 1.           |                                      | futuro do pretérito do indicativo  | 1                 | 1%          |
| 1.           |                                      | pretérito imperfeito do indicativo | 1                 | 1%          |
| 2.           |                                      | pretérito imperfeito do subjuntivo | 1                 | 1%          |
| 3.           | presente do indicativo               | presente do subjuntivo             | 7                 | 7%          |
| 4.           |                                      | presente do indicativo             | 5                 | 5%          |
| 5.           |                                      | futuro do pretérito do indicativo  | 3                 | 3%          |
| 6.           |                                      | futuro do presente do indicativo   | 1                 | 1%          |
| 7.           |                                      | pretérito perfeito do indicativo   | 1                 | 1%          |
| 8.           | presente do subjuntivo               | presente do indicativo             | 26                | 26%         |
| 9.           |                                      | pretérito perfeito do indicativo   | 1                 | 1%          |
| 10.          |                                      | futuro do pretérito do indicativo  | 15                | 15%         |
| 11.          |                                      | futuro do presente do indicativo   | 12                | 12%         |
| 12.          |                                      | pretérito imperfeito do indicativo | 1                 | 1%          |
| 13.          |                                      | presente do subjuntivo             | 1                 | 1%          |
| 14.          | pretérito imperfeito do indicativo   | presente do indicativo             | 1                 | 1%          |
| 15.          | pretérito imperfeito do subjuntivo   | futuro do pretérito do indicativo  | 8                 | 8%          |
| 16.          |                                      | presente do indicativo             | 3                 | 3%          |
| 17.          | pretérito perfeito do indicativo     | presente do subjuntivo             | 1                 | 1%          |
| 18.          |                                      | presente do indicativo             | 2                 | 2%          |
| 19.          |                                      | futuro do presente do indicativo   | 1                 | 1%          |
| 20.          | sem verbo                            | presente do subjuntivo             | 1                 | 1%          |
| <b>TOTAL</b> | <b>24</b>                            |                                    | <b>100</b>        | <b>100%</b> |

Fonte: elaboração própria.

Com base na análise dos tempos e modos verbais, colocados na tabela acima, observamos que de 9 construções concessivas, 7 utilizam o subjuntivo na construção iniciada pelo conector "supondo que". O uso do subjuntivo nessa posição é crucial para

estabelecer a premissa de concessão, permitindo que a frase principal contenha um contraste ou uma exceção, conforme exemplificado a seguir:

220 [...] **supondo que** a situação de o país **melhore** em 2018, 83% **pretendem** manter os hábitos que adquiriram durante a crise e somente 8% pretendem abandonar- los. (18-03-06 BR) - *NOW*

A ocorrência (220) acima apresenta uma construção que pode ser interpretada como concessiva-condicional, onde a melhoria da situação do país é uma condição que, se realizada, levaria a um contraste com a expectativa geral. O presente do subjuntivo “melhore” aqui indica uma situação hipotética ou incerta. A condição de melhoria da situação do país é assumida como uma concessão que, apesar de ser desejada, ainda não se realizou. O presente do indicativo “pretendem” expressa um plano ou intenção concreta que depende da condição hipotética introduzida pelo subjuntivo.

Em relação ao significado causal, de 6 casos analisados, 2 utilizam o subjuntivo na construção iniciada pelo conector e um na construção principal. Nelas, parece que há uma causa hipotética ou incerta. O subjuntivo na construção iniciada pelo conector indica uma causa suposta ou não realizada, enquanto seu uso na principal sugere que a consequência também é hipotética ou depende de uma suposição. Veja a seguir:

221 Talvez, **seja** bom me lembrar de poema escrito, há dezenas de anos, **supondo que** o ano dois mil **era** difícil de alcançar e bem se adapta a a natureza de as coisas. (19-02-03 BR) - *NOW*

Em (221), "supondo que o ano dois mil era difícil de alcançar" apresenta uma causa suposta. O pretérito imperfeito do indicativo “era” é usado aqui para demonstrar passado, indicando que, na época em que o poema foi escrito, o ano 2000 era percebido como uma meta distante e difícil de ser alcançada. Este uso cria uma base histórica e imaginativa para a reflexão atual. Já o presente do subjuntivo "seja", em "talvez, seja bom me lembrar de poema escrito, há dezenas de anos, ... e bem se adapta à natureza das coisas.", expressa uma possibilidade ou desejo. "Talvez, seja bom" indica uma reflexão que o autor está considerando. A escolha do subjuntivo reflete a incerteza e a subjetividade do sentimento do autor em relação à relevância do poema no contexto atual.

A suposição de que o ano 2000 era difícil de alcançar serve como causa para a adaptação do poema à natureza das coisas. A construção causal é utilizada para ligar a percepção histórica do passado com a interpretação presente. O uso do subjuntivo "seja" na construção principal ressalta uma natureza hipotética e reflexiva da dificuldade de se alcançar o ano 2000. Este exemplo ilustra a flexibilidade e complexidade do uso de

"supondo que" em construções causais, especialmente quando estas envolvem hipóteses e reflexões pessoais.

Em relação a condicionalidade, ao observar 100 construções com "supondo que", constatamos que 91 são condicionais, com o uso do subjuntivo ou do futuro, ou de ambos. O uso do subjuntivo e do futuro em construções condicionais é coerente com suas funções gramaticais: o subjuntivo expressa condições não realizadas ou hipotéticas, enquanto o futuro (do presente ou do pretérito) indica ações que dependem da realização dessas condições. A alta frequência do subjuntivo e do futuro reflete a estrutura típica das construções condicionais.

Na contagem (20) da tabela (44), há o relato de uma ocorrência sem verbo na construção iniciada pelo conector. Isso porque nesta ocorrência, há uma elipse. Veja a seguir:

222 Mais premente, em o curta-metragem de a brasileira Barbara Wagner e de o alemão Benjamin de Burca, é entender: # 1) Ao retratar cantores de uma gravadora gospel de a zona de a mata pernambucana, a dupla tonificou características de os evangélicos pentecostais e neopentecostais que soam kitsch a os olhos de um público-alvo majoritariamente secular (festivais de cinema, exposição em o IMS), que tende a usar suas lentes estéticas para estigmatizar o segmento? # Os artistas rechaçam essa possibilidade. " Não consideramos a decoração de as igrejas uma expressão de o kitsch (originalmente ligado a um gosto de a burguesia europeia). O povo nunca é kitsch, como já disse a Lina Bo Bardi em os anos 1980 ", afirmam em e-mail. # 2) **Supondo que** sim, ainda que sem intenção, Barbara e Benjamin expuseram a o ridículo as garotas que, em a beira de o rio, fazem uma coreografia em que espalmam as mãos metidas em luvas brancas a a la Michael Jackson. E a plateia, cúmplice, se refastela ante aquele espetáculo de o cafona, como evidenciam as gargalhadas de espectadores que viram a obra dias atrás, em a Janela Internacional de Cinema de o Recife. (17-11-20 BR) - *NOW*

Em (222), a construção "supondo que sim" implica uma suposição condicional que assume a veracidade de uma premissa anterior, ou seja, a possibilidade de que Barbara e Benjamin tenham, mesmo sem intenção, exposto as garotas ao ridículo. A expressão "que sim" é uma elipse do verbo, onde "sim" confirma a suposição feita anteriormente na discussão. O uso da elipse é estilístico, uma vez que evita a repetição do verbo. O verbo "seja" ou "esteja" é omitido, mas o sentido permanece claro devido ao contexto. A construção iniciada pelo conector estabelece uma condição hipotética (se for verdade que expuseram ao ridículo) e a construção principal apresenta a consequência dessa suposição.

A elipse observada na construção "supondo que sim", em (222), é um excelente exemplo para demonstrar como as condicionais podem fazer referência a algo já dito ou conhecido pelo destinatário da mensagem. A elipse, ao omitir o verbo, assume que o

destinatário já compreende o contexto e a premissa subentendida, o que é uma característica comum em construções condicionais.

Por fim, a análise revela que "supondo que" é predominantemente utilizado em construções condicionais, com frequência significativa de uso do subjuntivo e do futuro para expressar condições. Além disso, também se observa a flexibilidade deste conector em expressar relações causais e concessivas.

Para encerrar esta seção, voltamos nossa atenção agora para o conector “sendo que”, o qual apresenta uma flexibilidade semântica única entre os conectores [[Vgerúndio+que] ⇔ conector]. Nas tabelas (45) e (46) abaixo, apresentamos os tempos e modos verbais observados nas construções complexas com esse conector.

**Tabela 45:** Configuração modo-temporal das construções complexas compostas por [sendo que] no *corpus Historical*.

| Contagem     | Construção introduzida pelo conector | Construção principal               | Nº de ocorrências | %           |
|--------------|--------------------------------------|------------------------------------|-------------------|-------------|
| 1.           | futuro do pretérito do indicativo    | presente do indicativo             | 2                 | 2%          |
| 2.           | presente do indicativo               | pretérito perfeito do indicativo   | 3                 | 3%          |
| 3.           |                                      | sem verbo                          | 1                 | 1%          |
| 4.           |                                      | presente do indicativo             | 50                | 50%         |
| 5.           |                                      | pretérito imperfeito do indicativo | 1                 | 1%          |
| 6.           |                                      | futuro do presente do indicativo   | 3                 | 3%          |
| 7.           | presente do subjuntivo               | presente do indicativo             | 1                 | 1%          |
| 8.           |                                      | futuro do presente do indicativo   | 1                 | 1%          |
| 9.           | pretérito imperfeito do indicativo   | pretérito perfeito do indicativo   | 8                 | 8%          |
| 10.          |                                      | pretérito imperfeito do indicativo | 1                 | 1%          |
| 11.          | pretérito mais-que-perfeito          | pretérito imperfeito do indicativo | 1                 | 1%          |
| 12.          |                                      | pretérito perfeito do indicativo   | 1                 | 1%          |
| 13.          | pretérito perfeito do indicativo     | pretérito perfeito do indicativo   | 19                | 19%         |
| 14.          |                                      | presente do indicativo             | 7                 | 7%          |
| 15.          |                                      | futuro do pretérito do indicativo  | 1                 | 1%          |
| <b>TOTAL</b> | <b>15</b>                            |                                    | <b>100</b>        | <b>100%</b> |

Fonte: elaboração própria.

**Tabela 46:** Configuração modo-temporal das construções complexas compostas por [sendo que] no *corpus NOW*.

| Contagem     | Construção introduzida pelo conector | Construção principal               | Nº de ocorrências | %           |
|--------------|--------------------------------------|------------------------------------|-------------------|-------------|
| 1.           | futuro do presente do indicativo     | presente do indicativo             | 3                 | 3%          |
| 2.           |                                      | gerúndio                           | 1                 | 1%          |
| 3.           |                                      | futuro do presente do indicativo   | 3                 | 3%          |
| 4.           | futuro do pretérito do indicativo    | presente do indicativo             | 1                 | 1%          |
| 5.           |                                      | pretérito perfeito do indicativo   | 1                 | 1%          |
| 6.           |                                      | futuro do pretérito do indicativo  | 2                 | 2%          |
| 7.           | presente do indicativo               | pretérito perfeito do indicativo   | 7                 | 7%          |
| 8.           |                                      | presente do indicativo             | 40                | 40%         |
| 9.           |                                      | presente do subjuntivo             | 1                 | 1%          |
| 10.          |                                      | pretérito imperfeito do indicativo | 1                 | 1%          |
| 11.          | presente do subjuntivo               | futuro do pretérito do indicativo  | 1                 | 1%          |
| 12.          | pretérito imperfeito do indicativo   | pretérito imperfeito do indicativo | 3                 | 3%          |
| 13.          |                                      | presente do indicativo             | 1                 | 1%          |
| 14.          |                                      | futuro do pretérito do indicativo  | 1                 | 1%          |
| 15.          | pretérito perfeito do indicativo     | pretérito perfeito do indicativo   | 19                | 19%         |
| 16.          |                                      | presente do indicativo             | 7                 | 7%          |
| 17.          |                                      | pretérito imperfeito do indicativo | 8                 | 8%          |
| <b>TOTAL</b> | <b>17</b>                            |                                    | <b>100</b>        | <b>100%</b> |

Fonte: elaboração própria.

Comparando as duas tabelas, podemos observar que a combinação “presente do indicativo + presente do indicativo” é a mais frequente, com 50% no *corpus Historical* e 40% dos dados no *NOW*. Essa combinação segue o padrão encontrado na maioria dos conectores [[Vgerúndio+que] ⇔ conector], exceto de “supondo que”. O pretérito perfeito do indicativo também é uma construção frequente em ambos os *corpora*, com 19% das ocorrências em ambos.

No *corpus NOW*, há a presença de uma ocorrência no gerúndio (1%), algo que não é observado no *corpus Historical*. Veja-a a seguir:

223 O sistema de inscrições será, novamente, 100% online e, a abertura de o processo será em o dia 1º de maio. O primeiro lote de vagas, que contemplará o maior desconto, estará disponível até o dia

31 de maio. Depois disso **serão** abertos ainda outros dois períodos **sendo que**, o último deles, **começando** após 30 de junho. (18-02-16 BR) - *NOW*

A ocorrência (223) apresenta significado aditivo. Isso porque "sendo que" é usado para adicionar uma nova informação relacionada à ação mencionada na principal. Após afirmar que serão abertos outros dois períodos de inscrição, o conector "sendo que" adiciona um detalhe específico sobre o último desses períodos e informa o momento exato em que começará. Dessa forma, a informação com "sendo que" agrega informação relevante à construção principal. A construção principal está no futuro do presente do indicativo "serão abertos", o que indica uma ação que ocorrerá no futuro. A construção subordinada introduzida por "sendo que" utiliza o gerúndio "começando", que é uma forma verbal não finita e serve para indicar uma ação simultânea ou subsequente à ação principal.

De acordo com Melo (2015), o conector "sendo que" por ter evoluído a partir do uso de "sendo" como uma forma adverbial condicional ou do uso de "sendo" como um elemento coordenativo aditivo. Assim, "sendo que" evoluiu a partir de usos adverbiais e coordenativos que permitem uma maior flexibilidade. Enquanto outros conectores de base gerundial, como "considerando que" ou "visto que", se especializaram em expressar relações específicas (condicionais, causais), "sendo que" manteve um escopo mais amplo, capaz de abarcar significados adicionais, explicativos, conclusivos e adversativos.

Embora o número de combinações de tempos e modos verbais em "sendo que", observados nas tabelas (45) e (46) seja comparável a outros conectores, sua variedade semântica se destaca devido à sua evolução histórica, flexibilidade funcional e capacidade de adaptação a diversos contextos discursivos. No entanto, Melo (2015) observou que muitas vezes esse conector passou a ser evitado em contextos formais.

Tudo indica uma situação análoga quando se observa a conjunção SENDO QUE. Parece haver um desdém quanto ao uso desse conector por parte de algumas pessoas. Essa aversão linguística pode ter sido herdada desse pensamento do "gerundismo", pelo fato de conter uma forma gerúndio na sua composição. (MELO, 2015, p. 69)

Parece, então que "sendo que" tem sido evitado em contextos formais devido à associação com o gerundismo. De acordo com Melo (2015), o gerúndio é concebido como algo "ilegal" na língua, ou seja, em contextos nos quais não deveria ser usado. Isso ocorre porque o uso excessivo ou inadequado do gerúndio pode desviar-se das regras gramaticais tradicionais, e assim, é visto como contra os padrões da língua. Há preconceito em relação ao uso do gerúndio, porque seu uso relaciona-se à falta de habilidade ou competência

linguística. No entanto, é válido ressaltar que o fenômeno conhecido por gerundismo se refere especificamente ao uso excessivo e incorreto do gerúndio, e não se aplica a todos os casos que o gerúndio é empregado. Infelizmente, essa percepção negativa associada ao gerúndio afeta até mesmo o uso de conectores que o incluem.

Porém, ao contrário do que se esperava pela associação ao gerundismo, encontramos ocorrências de “sendo que”, assim como de outros conectores de base verbal no gerúndio, como uma maneira dos usuários da língua de transmitir um tom de formalidade a seu discurso. Parece que os conectores de *slot* [[Vgerúndio+que] ⇔ conector], quando usados na comunicação, tendem a ter um tom mais formal em comparação com outras formas de introduzir relações causais ou condicionais, por exemplo, como "porque", "pois", "já que", ou quaisquer outros significados que desempenham. Veja uma ocorrência:

224 A maioria de os eleitores de a Capital tem ensino fundamental incompleto (23, 6%), seguido por ensino médio completo (22%), ensino médio incompleto (18, 5%), superior completo (13, 1%), superior incompleto (8, 4%), fundamental completo (7, 6%), lê e escreve (4, 9%), analfabeto (1, 6%). # **Sendo que** 22% têm entre 25 e 34 anos, 21% entre 35 e 44 anos, 19, 1% entre 45 e 55 anos, 15, 9% entre 56 e 69 anos, 13, 5% entre 18 e 24 anos. (18-01-14 BR) - *NOW*

Na ocorrência (224), temos um texto do *Midiamax* — um jornal brasileiro editado na cidade de Campo Grande, com a maior circulação no estado de Mato Grosso do Sul — que discute dados relacionados aos eleitores em Mato Grosso do Sul, incluindo números de eleitores, distribuição por idade, escolaridade e outros detalhes estatísticos. A linguagem usada é mais formal, pois os dados estão sendo apresentados de maneira informativa e objetiva. As informações são organizadas em uma estrutura clara e direta, o que é característico de um contexto mais formal, como um artigo de notícias ou um relatório estatístico. "Sendo que" é usado nesse contexto formal de forma aditiva, pois adiciona informações que complementam o que foi mencionado. Mais especificamente, "sendo que" introduz dados adicionais sobre a distribuição dos eleitores por faixa etária e escolaridade.

Por fim, a predominância do presente do indicativo nas construções principais e subordinadas sublinham a capacidade de "sendo que" de se adaptar a diferentes contextos discursivos, proporcionando clareza e coesão textual. Ao contrário de outros conectores de base gerundial, que se limitam a funções condicionais, causais ou concessivas, "sendo que" destaca-se por sua capacidade de expressar adição, explicação, contraste e conclusão. Esta versatilidade é reforçada por sua evolução histórica e por sua capacidade de adaptação funcional. Entretanto, a associação ao gerundismo e o preconceito

linguístico resultante podem afetar sua aceitação em contextos mais formais. Dado que nossa análise se baseia em uma amostra de 100 dados, não podemos generalizar esses achados como uma verdade absoluta. São necessárias análises mais aprofundadas no tema para confirmar essas observações. Agora, avançaremos para a análise da telicidade.

### 3.2.5 Telicidade

Ao analisarmos conectores como "assumindo que", "considerando que", "imaginando que", "entendendo que", "pensando que", "supondo que", "sabendo que" e "sendo que", constatamos que todos apresentam uma forma invariável no gerúndio. Em virtude dessa característica, podemos agrupar esses conectores na rede [[Vgerúndio+que]  $\Leftrightarrow$  conector].

A forma gerundial possibilita a expressão de diversos significados devido a sua própria natureza, uma vez que este indica uma ação contínua, em progresso, ou ações em simultaneidade. Isso é intrinsecamente atélico, pois sugere que a ação não foi completada, ou seja, ainda está em andamento.

Pelo fato de os conectores possuírem forma fixa no gerúndio, esperava-se que esses fossem mais expressivos de condicionalidade, devido a natureza atélica da condicionalidade e do gerúndio. No entanto, a expressão de causa foi também bastante significativa com esses conectores.

Por esse motivo, fizemos uma análise dos verbos usados nas construções iniciadas pelos conectores [[Vgerúndio+que]  $\Leftrightarrow$  conector] no *corpus Historical* e no *NOW*. No total, verificamos 106 verbos télicos e 87 atélicos no *corpus Historical*, conforme exposto na tabela abaixo:

**Tabela 47:** Telicidade dos verbos das construções compostas pelos conectores de base gerundial no *corpus Historical*.

| Construção         | Télicos | Atélicos |
|--------------------|---------|----------|
| [Assumindo que]    | 1       | 6        |
| [Considerando que] | 21      | 11       |
| [Entendendo que]   | 2       | 0        |
| [Imaginando que]   | 16      | 16       |
| [Sabendo que]      | 0       | 4        |
| [Sendo que]        | 58      | 41       |
| [Supondo que]      | 8       | 9        |

|   |            |           |
|---|------------|-----------|
| <b>[[Vgerúndio+que] ⇔<br/>conector]</b> | <b>106</b> | <b>87</b> |
|---|------------|-----------|

Fonte: elaboração própria.

Já no *corpus NOW*, verificamos 209 verbos télicos e 187 atélicos, conforme indicado na tabela (48):

**Tabela 48:** Telicidade dos verbos das construções compostas pelos conectores de base gerundial no *corpus NOW*.

| <b>Construção</b>                       | <b>Télicos</b> | <b>Atélicos</b> |
|---|----------------|-----------------|
| [Assumindo que]                         | 36             | 58              |
| [Considerando que]                      | 35             | 36              |
| [Entendendo que]                        | 3              | 7               |
| [Imaginando que]                        | 18             | 12              |
| [Pensando que]                          | 9              | 11              |
| [Sabendo que]                           | 22             | 41              |
| [Sendo que]                             | 38             | 20              |
| [Supondo que]                           | 48             | 93              |
| <b>[[Vgerúndio+que] ⇔<br/>conector]</b> | <b>209</b>     | <b>187</b>      |

Fonte: elaboração própria.

A lista de verbos atélicos inclui verbos como: ter, estar, possuir, manter, viver, não ter, opor, não ocorrer, não precisar ser, não haver, querer ter, não ser, ser possível, perturbar, necessitar, concentrar-se, estabilizar-se, ser, ser impossível, haver, já ter, já ter sido, trabalhar, ser verdade, desejar, vir a ter, não ter havido, ser verdadeira, continuar, precisar, possuir, gostar, trocar, existir, acontecer, remontar, atuar, restar, favorecer, permanecer, ocorrer, sempre precisar, já estar, interessar-se, nunca ficar bom, poder estar, não dever, sobrar, girar, oscilar, aparecer, tratar-se, saber, entre outros.

A lista de verbos télicos inclui: ganhar, sair, conseguir, ir, seguir, representar, levar, ser vendido, negociar, correr, negar assinar, votar, ficar, conquistar, estabilizar, receber, recuperar-se, abandonar, funcionar, fechar, usar, ser definido, fazer, poder viajar, comportar, afetar, acompanhar, ser posta, voltar ao normal, ser um sucesso, infringir, poder entregar, ser mantido, pagar, distribuir, apresentar, ajudar, poder ajudar, vir confirmar, ir atender, anular, ser distribuído, retornar, poder gerar, avançar, ser realizado, ser condenado, entrar, melhorar, incluir, financiar, vender, ganhar, ser obtido, abrir, ir tomar, chegar, ir conhecer, aprovar, querer pagar, vender, emitir, conhecer, tomar, servir, tratar, ocorrer, expirar, impactar, pedir, dar, concluir, envolver-se, comprometer, esgotar,

atribuir, passar, utilizar, levar, cortar, assumir, apontar, defender, dizer, notificar, aumentar, atingir, mostrar, estancar, produzir, constar, limitar-se, atrair, calcular, evoluir, custar, encontrar, poder fazer perecer, ir decidir, ter avançado, encerrar, poder alocar, não separar, desempenhar, degradar, anunciar, começar, revir, acabar, entre outros.

Pelas listas já percebemos que a maioria dos verbos utilizados com os conectores [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] são télicos, assim como constatados com os conectores de base participial. Tal fato pode justificar o uso desses conectores na expressão de causa e conclusão.

Além disso, a forma gerundial oferece flexibilidade semântica, permitindo que verbos télicos sejam utilizados para expressar ações contínuas ou em progresso sem perder seu caráter de ação direcionada ou conclusiva. Por exemplo, "considerando que" pode implicar um processo contínuo de consideração que eventualmente leva a uma conclusão. Ou ainda, "assumindo que" pode introduzir uma premissa que leva a uma conclusão clara e definida.

Dessa forma, apesar da forma gerundial ser atélica por natureza, a alta presença de verbos télicos juntamente com essas construções permite a expressão de ações contínuas que têm um objetivo ou conclusão clara, de natureza télica, como concessão, causa, conclusão, adversidade e explicação. Veja algumas ocorrências abaixo:

225 De acordo com o relato de a súmula, Clayson foi expulso " por desferir dois tapas com força excessiva em seu adversário [...] **sendo que** o primeiro **acerta** o braço direito de o mesmo, e o segundo não o atinge. " (18-04-01 BR) - *NOW*

Em (225) acima, "sendo que" funciona para destacar a concessão entre dois eventos distintos, admitindo o primeiro evento (tapa que acertou) em contraste com o segundo evento que não corresponde à expectativa gerada pelo primeiro (tapa que não acertou). O verbo "acertar" é télico porque implica um ponto final ou uma conclusão específica (o tapa atingir o braço).

226 A rota Supex deve contribuir para um tráfego rodoviário mais seguro. # " Supex trará forte eficiência para um ambiente sustentável, **sabendo que** o modal marítimo **emite** cinco vezes menos dióxido de carbono/tonelada/quilômet transportado em comparação com o modal rodoviário. Nossa previsão é que cerca de 2 mil caminhões por semana e 280 milhões de quilômetros por ano de tráfego rodoviário sejam de fato retirados de os principais corredores logísticos em o Brasil ", informa o vice-Presidente de Trade e Sales de a Mercosul Line, Peter Verheijen (19-05-13 BR) - *NOW*

A causalidade em (226) é estabelecida ao explicar por que o modal marítimo é mais eficiente e sustentável: "sabendo que o modal marítimo emite cinco vezes menos

dióxido de carbono". A construção causal se dá pelo fato de que o modal marítimo tem um impacto ambiental menor (menor emissão de dióxido de carbono) em comparação ao modal rodoviário. A telicidade do verbo "emitir" fortalece a argumentação causal, porque a ação concluída de emitir menos dióxido de carbono fornece uma justificativa clara e factual para a eficiência sustentável do modal marítimo.

227 Os afloramentos de granito representam aproximadamente 5 a 10% das rochas que aparecem na superfície terrestre, **sendo que**, no Brasil, estes afloramentos **ocorrem** geralmente associados ao gnaisse. Como resultado da decomposição dos granitos, origina-se principalmente a arena granítica. (19Ac:Br:Enc) - *HISTORICAL*

Em (227), "ocorrer" contribui para o significado conclusivo, pois este verbo refere-se a ocorrência de afloramentos de granito associados ao gnaisse no Brasil é uma conclusão baseada na observação concreta de eventos geológicos. A telicidade proporciona uma base sólida para conclusões porque as ações realizadas e completadas (como a ocorrência de afloramentos de granito) podem ser observadas e verificadas.

228 suspendeu um site na Internet acusado de fraudar e alterar sistemas de proteção de softwares. Quatro pessoas foram presas, acusadas de delito contra a propriedade intelectual, **sendo que** duas **foram liberadas** logo em seguida. (19N:Br:SCat) - *HISTORICAL*

Em (228), "foram liberadas" é tético porque descreve uma ação concluída. A ação de liberar tem um ponto final definido, ou seja, as pessoas foram efetivamente liberadas após terem sido presas. Essa ação acontece como consequência da ação anterior, a prisão das pessoas. Há, portanto, uma base sólida para a conclusão. Após mencionar a prisão de quatro pessoas, a construção introduzida por "sendo que" finaliza a narrativa sobre as prisões, oferecendo uma conclusão sobre o destino das pessoas presas.

Quando usados com verbos atéticos, por não possuírem um ponto final definido, os conectores de base gerundial podem instaurar significados de continuidade, habitualidade ou processos inacabados, como condicionais, aditivas, concessivas e adversativas. Veja algumas ocorrências a seguir:

229 Acho q a Mercedes tá mais ousada. # Aumentou, mas nao tanto quanto vc imagina. Se vc pegar o valor de 134k e atualizar pra os dias atuais, colocando a inflação de os 3 anos, dá um total de 158k, isso **supondo que** a inflação foi de 6% a o ano. Então seu pai pagou o equivalente a 158k. (17-11-21 BR) - *NOW*

Em (229), "a inflação foi de 6% ao ano" descreve uma condição contínua ao longo de um período de tempo. A condição de ser uma inflação de 6% ao ano não implica um ponto final; é uma descrição de um estado que persiste durante o período mencionado. O

verbo "ser" é atético, pois descreve estados ou condições contínuas que não têm um ponto de término inerente. O valor condicional de (261) é interpretado pois "supondo que a inflação foi de 6% ao ano" introduz uma condição hipotética que é considerada verdadeira para o propósito de calcular o valor ajustado da Mercedes. A natureza atética de "ser" suporta a ideia de que a condição hipotética (inflação sendo 6% ao ano) persiste ao longo do período, permitindo a formulação de uma conclusão lógica baseada nessa premissa contínua.

230 Já o Compass a diesel reina quase sozinho em o mercado de SUVs a diesel mais acessíveis. Na faixa de R\$ 146. 490 a R\$ 188. 390, é quase a única opção para quem não quer um Troller ou uma picape. Fora ele, de SUV com motor " a óleo " por menos de R\$ 200. 000 só sobra o Outlander – **sendo que** cada um **está** em o extremo de a linha (versão de topo de o Jeep contra a básica de o Mitsubishi: o Outlander de R\$ 181. 990 é menos equipado que o Compass Longitude diesel R\$ 146. 490). (18-02-15 BR) - *NOW*

O verbo "está" é atético, pois descreve um estado ou condição contínua sem um ponto final inerente. Em (230), a construção "sendo que cada um está no extremo da linha" adiciona uma informação suplementar à descrição dos SUVs. Não altera a proposição principal, mas complementa-a com um detalhe relevante. Portanto, trata-se de uma ocorrência aditiva. A natureza atética de "está" permite a adição de detalhes contínuos que se somam à proposição principal e enriquece a descrição sem interromper a continuidade do argumento.

231 Um de os principais problemas é que o governo estaria buscando um afrouxamento de normas **sendo que ainda não conseguiu** resolver o principal problema fiscal de o país - o desequilíbrio em a Previdência. — Só se está lidando com as consequências de o desajuste fiscal, quando o que está pressionando o gasto é a Previdência. (18-01-06 BR) - *NOW*

O verbo "conseguir" é tético, mas quando utilizado na forma negativa "não conseguiu", como em (231), é atético, pois indica uma ação que ainda não alcançou seu ponto final ou conclusão. Isso reforça o valor concessivo da expressão "sendo que," pois sublinha que, apesar de haver uma ação (busca por afrouxamento de normas), a principal questão (desequilíbrio na Previdência) permanece sem solução. A construção "ainda não conseguiu resolver" sugere que a ação de resolver está em progresso e ainda não foi completada. Ou seja, neste caso, a concessão é que, apesar de buscar um afrouxamento de normas, o governo ainda não resolveu o principal problema fiscal.

232 Meu pai recebeu o contracheque com esse aumento, mas ser pago não sei, ninguém informa nada. Além disso já descontaram o novo aumento de a previdência **sendo que** meu pai **nem recebeu ainda** o 13 salário. (18-02-14 BR) - *NOW*

A ocorrência anterior é adversativa porque "sendo que" introduz uma situação adversativa, sublinhando o paradoxo ou a injustiça de ter um aumento descontado antes de o pagamento do 13º salário ser recebido. O verbo "está" é usado de forma atética, indicando um estado contínuo ou uma condição atual que não está necessariamente orientada para um ponto final definido. Este uso do verbo "está" não implica uma conclusão ou finalização da ação, mas sim uma condição atual e contínua, o que contribui para a adversidade da ocorrência, pois ajuda a destacar uma condição atual que é contraditória ou problemática em relação ao que foi previamente mencionado.

Portanto, percebemos que a ausência de um ponto final definido nos verbos atéticos contribui para a interpretação condicional, concessiva, aditiva e adversativa. Em contrapartida, os verbos com um ponto final ou um objetivo claro definidos tendem a ser associados a construções que expressam conclusão, causa, adversidade e explicação. Esta observação deriva da natureza inerente das ações descritas pelos verbos.

Embora este padrão seja geralmente observado, há ocorrências que fogem a essa regra, como o exemplo a seguir:

233 Essa distância de o planeta significa que as informações carregadas por o neutrino são de 3, 7 bilhões de anos atrás, **supondo que** o mesmo **tenha viajado** a a velocidade de a luz. Nesse ponto, compreender tais propriedades é como olhar para os confins de o passado de o Universo — atualmente, acredita-se que o Big Bang tenha ocorrido há 13, 8 bilhões de anos. # Após concluir a origem de o neutrino IceCube-170922A, os cientistas vasculharam os dados arquivados por o detector de neutrinos e concluíram que outros 12 neutrinos identificados entre 2014 e 2015 também eram oriundos de o mesmo blazar. (18-07-14 BR) - *NOW*

A construção "supondo que o mesmo tenha viajado à velocidade da luz", em (233), é condicional, apesar de usar um verbo tético, "tenha viajado". Isso ocorre porque em contextos científicos e técnicos, por exemplo, a condicionalidade muitas vezes requer a consideração de fatos ou eventos que já ocorreram. Há, portanto, uma condição hipotética baseada em uma ação concluída, relevante para o contexto científico no qual a conclusão da ação é necessária para a condicionalidade. Ou seja, "supondo que o mesmo tenha viajado à velocidade da luz" estabelece uma condição hipotética para calcular a distância e a idade das informações trazidas pelo neutrino. A condicionalidade aqui não depende do aspecto de continuação da ação.

Em suma, encontrar um padrão definitivo para a relação entre telicidade e a expressão de significados como causal, condição, concessão, adição e conclusão com os conectores de base gerundial parece não linear. No entanto, conseguimos observar e

descrever tendências encontradas e o porquê de certas construções desviarem dessas expectativas.

#### 4. 3 AVALIANDO AS ANÁLISES DE [[VPARTICÍPIO+QUE] ⇔ CONECTOR] E [[VGERÚNDIO+QUE] ⇔ CONECTOR]

Para encerrarmos a avaliação das construções complexas formadas por conectores de base verbal na língua portuguesa brasileira, especificamente [[Vparticípio+que] ⇔ conector] e [[Vgerúndio+que] ⇔ conector], à luz da teoria da Gramática de Construções e dos Modelos Baseados no Uso, apresentamos os principais resultados de nossa análise.

Verificamos que o *slot* V em [[Vparticípio+que] ⇔ conector] é preenchido pelos verbos "ver", "dar" e "pôr", tipicamente factuais e com valor semântico relacionado a percepções diretas ou ações concretas. Esses verbos conferem à construção um caráter objetivo e preciso, tornando-a especialmente eficaz para a expressão de relações causais. A especialização semântica dessa construção, evidenciada no *corpus NOW*, reflete sua tendência a ser empregada em contextos em que a causalidade é a principal relação semântica.

Em relação à factualidade, constatamos que os verbos em [[Vparticípio+que] ⇔ conector] são altamente factuais, o que reforça seu uso predominante em contextos causais. A alta factualidade se alinha com a natureza precisa e objetiva da construção, que frequentemente descreve relações diretamente observáveis e concluídas.

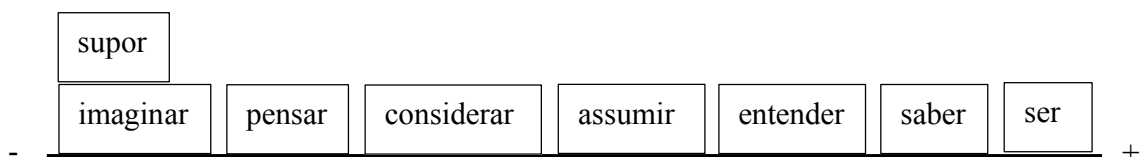
Em termos de posição na construção complexa, os conectores de base participial tendem a ser pospostos à cláusula principal, o que reforça relações causais ou explicativas. Embora a posposição seja dominante, casos de anteposição e intercalação também foram observados, ainda que menos frequentes.

No que se refere à correlação modo-temporal, a análise revelou uma forte preferência pelo modo indicativo, refletindo a natureza factual e assertiva das construções causais. O modo subjuntivo, embora presente, é menos frequente, uma vez que é mais comum em construções que expressam condições ou concessões.

No que diz respeito a telicidade dos verbos utilizados nas construções complexas compostas por esses conectores, vimos que estes são frequentemente associados a verbos téllicos, que expressam ações concluídas com resultados definidos. Isso se alinha com a natureza causal da construção, já que uma causa leva a um resultado específico e tangível.

A construção [[Vgerúndio+que]  $\Leftrightarrow$  conector] mostra uma capacidade única de expressar uma ampla gama de significados, incluindo causais, condicionais, aditivos, adversativos e conclusivos, destacando-se por sua adaptabilidade no discurso. Seu *slot* V é preenchido predominantemente por verbos mentais, como "assumir", "considerar", "pensar", "entender", e "saber", além do verbo relacional "ser". Esses verbos permitem uma maior flexibilidade semântica e conseguem expressar tanto relações factuais quanto não factuais. Isso porque no que tange à factualidade desses verbos, percebemos uma escala que varia do menos factual ao mais factual. Com base nas descrições semânticas feitas nesta tese e na análise das ocorrências coletadas, conseguimos criar uma escala de factualidade das bases verbais dos conectores. Apresentamos essa escala<sup>28</sup> a seguir:

**Figura 26:** *Continuum* de factualidade das bases dos conectores verbais.



**Fonte:** elaboração própria.

A escala apresentada acima inclui os verbos que formam as bases dos conectores de *slot* [[Vgerúndio+que]  $\Leftrightarrow$  conector], organizados do menos factual (à esquerda) para o mais factual (à direita).

No extremo menos factual da escala, encontra-se o verbo "supor", o qual sugere formulação de hipóteses ou conjecturas sobre algo, sem necessariamente ter provas concretas. Este verbo é frequentemente associado a especulações, refletindo um baixo grau de factualidade. Em seguida, o verbo "imaginar", que, estando relacionado a representações mentais e cenários fictícios, também possui menor factualidade, uma vez que sua semântica envolve elementos de fantasia que muitas vezes carecem de base factual. Seguindo a escala, temos o verbo "pensar", ligado à ideia de atividade mental que pode incluir suposições, ideias e considerações, mas que podem não ser totalmente baseadas em fatos, já que pode envolver análises pessoais. Por fim, "considerar" pode

<sup>28</sup> Gostaríamos de lembrar que a factualidade também pode ser influenciada pelo contexto e pela maneira como as construções são usadas. A escala que fizemos foi elaborada com base no que pode influenciar os significados que as microconstruções compostas por esses verbos apresentaram em nossas análises.

indicar um nível médio de confiança na afirmação e também pode envolver análises pessoais, pois "considerar" é avaliar ou ponderar possibilidades, o que pode incluir fatores reais, mas também elementos subjetivos, o que posiciona este verbo em uma zona intermediária de factualidade.

Entre os verbos mais factuais, temos o "assumir", que pode indicar a adoção de uma posição, crença ou suposição, com base em indícios, mas não necessariamente em provas concretas. A factualidade deste verbo, entretanto, pode variar a depender do grau de fundamentação das suposições envolvidas. Outro verbo menos factual da escala é o "entender", referente à compreensão sólida de um assunto com base em informações verificáveis e, então, pode ser usado para transmitir um alto grau de confiança na afirmação. Mais adiante na escala, encontramos o "saber", que denota conhecimento factual ou informação que é sustentada por evidências ou provas concretas, e, então, apresenta um nível elevado de factualidade. No topo da escala, temos o verbo "ser", utilizado para expressar afirmações, fatos, características objetivas e incontestáveis, especialmente quando se refere a um estado ou condição pessoal. Este verbo representa o ápice da factualidade na escala, dada sua associação com verdades incontestáveis e realidades objetivas.

A análise também revelou uma presença significativa de verbos télicos na construção [[Vgerúndio+que] ⇔ conector], o que, à primeira vista, pode parecer contraditório, dado que o gerúndio é tradicionalmente associado a processos atélicos, ou seja, ações em andamento sem um ponto final claramente definido. No entanto, este achado é consistente com os significados télicos identificados na construção, incluindo causalidade, conclusão, adição, explicação e adversidade. Isso sugere que a forma gerundial não se limita a indicar ações contínuas ou inacabadas, mas oferece uma notável flexibilidade semântica, permitindo que seja utilizada em contextos que exigem a expressão de ações e resultados definidos. Essa flexibilidade semântica reforça a versatilidade da construção gerundial na língua portuguesa, mostrando-se apta a acomodar uma ampla gama de significados e funções dentro do discurso.

Além da semântica e dos graus de factualidade envolvidos nas bases da construção [[Vgerúndio+que] ⇔ conector], a análise das posições dessa construção na construção complexa revelou que ela é frequentemente usada de forma anteposta, introduzindo a premissa ou condição antes da oração principal. Essa configuração permite que o contexto seja estabelecido de maneira antecipada. No entanto, a construção também apresenta uma alta frequência de posposição, na qual a informação adicional ou explicativa é fornecida

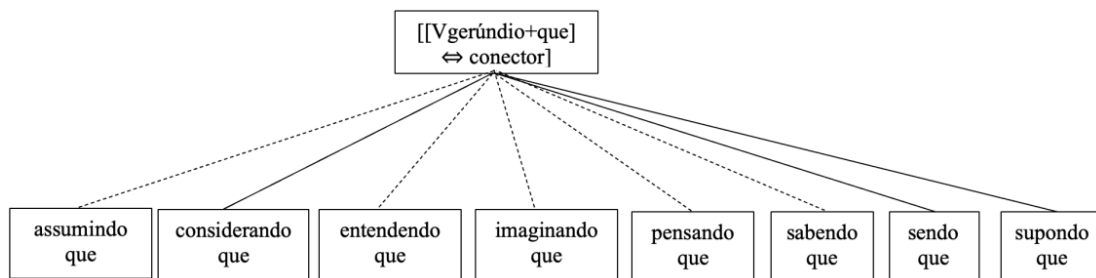
após a cláusula principal, demonstrando uma flexibilidade que se adapta a diferentes necessidades discursivas.

Surpreendentemente, o modo indicativo também foi predominante nas construções gerundiais, mesmo quando as relações expressas eram condicionais ou hipotéticas. Isso demonstra a flexibilidade semântica e funcional do gerúndio, que pode expressar uma ampla gama de nuances, desde factuais até especulativas.

A construção gerundial também mostrou uma utilização equilibrada entre verbos télicos e atélicos, refletindo sua capacidade de lidar com processos contínuos ou em andamento, bem como com ações que ainda estão em desenvolvimento ou não possuem um resultado definido. Toda esta flexibilidade, encontrada com essa análise, explica como o gerúndio é utilizado em uma gama diversificada de construções semânticas, desde ações em progresso até resultados específicos dentro do discurso em português brasileiro.

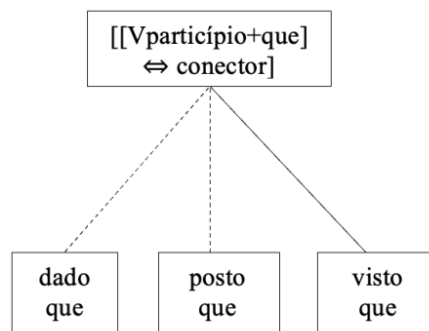
Por fim, com base na pesquisa realizada, chegamos à seguinte descrição das construções  $[[V\text{particípio}+que] \Leftrightarrow \text{conector}]$  e  $[[V\text{gerúndio}+que] \Leftrightarrow \text{conector}]$ , demonstrada no Quadro (4) e as seguintes redes Figuras (27) e (28):

**Figura 27:** Representação em rede das construções de base gerundial.



**Fonte:** elaboração própria.

**Figura 28:** Representação em rede das construções com base participial.



**Fonte:** elaboração própria.

**Quadro 4:** Descrição das construções [[Vparticípio+que] ⇔ conector] e [[Vgerúndio+que] ⇔ conector].

| CONSTRUÇÃO                     | PROPRIEDADES | TRAÇOS  |
|--------------------------------|--------------|---|
| [[Vparticípio+que] ⇔ conector] | FORMA        | <b>Morfossintáticos:</b> Preenchida por verbos no particípio como "visto", "posto", "dado". Essa construção tende a ser posposta à oração principal, com forte dependência entre as orações, sendo comumente usada para expressar justificativas ou explicações.  |
|                                | SIGNIFICADO  | <p><b>Semânticos:</b> Restrito, expressa apenas relações causais, utilizando verbos factuais e assertivos.</p> <p><b>Pragmáticos:</b> Enfatiza a objetividade e a precisão no discurso, fornecendo justificativas ou esclarecimentos sobre a oração principal.</p> <p><b>Discursivo-funcionais:</b> Alta frequência em discursos científicos e argumentativos nos quais a clareza causal ou explicativa é necessária.</p>   |
| [[Vgerúndio+que] ⇔ conector]   | FORMA        | <b>Morfossintáticos:</b> Preenchida por verbos no gerúndio como "considerando", "pensando", "imaginando". Tende a ocorrer tanto em posições antepostas quanto pospostas, oferecendo flexibilidade para introduzir condições, causas ou explicações em progresso ou simultâneas.   |
|                                | SIGNIFICADO  | <p><b>Semânticos:</b> Versátil, expressa uma ampla gama de relações semânticas como causalidade, condicionalidade, concessão e adição.</p> <p><b>Pragmáticos:</b> Adapta-se a uma variedade de contextos discursivos, sendo usada para introduzir premissas, condições ou explicações de maneira fluida.</p> <p><b>Discursivo-funcionais:</b> Alta frequência em discursos argumentativos e narrativos, especialmente para estabelecer continuidade ou simultaneidade entre as ações.</p> |

**Fonte:** elaboração própria.

Conforme mostrado no quadro (4)<sup>29</sup>, os resultados destacam a complexidade e a versatilidade das construções [[Vparticípio+que] ⇔ conector] e [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] no português brasileiro. A análise morfossintática e semântica dessas construções revelou que elas desempenham papéis distintos no discurso, com as construções de base participial enfatizando relações causais mais rígidas e factuais,

<sup>29</sup> As propriedades elencadas no quadro (4) são baseadas em Croft (2001).

enquanto as construções de base gerundial se mostram mais flexíveis e adaptáveis a uma variedade de contextos discursivos.

Apesar de sua similaridade morfossintática, vista no quadro (4) acima, nem todas as construções de base verbal compartilham o mesmo estatuto conjuncional. O estatuto conjuncional é determinado, em grande parte, pela função que essas construções desempenham no discurso, que pode variar de uma conjunção plenamente gramaticalizada a uma construção mais livre, com função adverbial ou condicional, por exemplo.

As construções gerundiais, [[Vgerúndio+que]  $\Leftrightarrow$  conector], apresentam uma flexibilidade considerável em termos de uso e significado. Elas podem expressar uma variedade de relações semânticas, como causalidade, condicionalidade, concessão e adição. Além disso, observamos que as construções de base gerundial possuem uma maior liberdade posicional dentro da sentença, podendo ocorrer tanto em posição anteposta quanto posposta em relação à oração principal. Esse comportamento sintático e semântico sugere que as construções gerundiais desempenham um papel mais dinâmico no discurso, adaptando-se a uma gama mais ampla de funções conjuntivas.

Por outro lado, as construções de base participial, como [[Vparticípio+que]  $\Leftrightarrow$  conector], parecem apresentar um comportamento mais restrito. Os conectores participiais, como "visto que", "dado que" e "posto que", têm como característica principal expressar predominantemente relações causais e são geralmente posicionadas em posposição à oração principal, o que indica uma menor flexibilidade sintática em comparação com os gerundiais.

Portanto, ao compararmos as construções gerundiais e participiais, concluímos que o estatuto conjuncional não é uniforme. As construções gerundiais, por sua flexibilidade semântica e posicional, demonstram uma maior capacidade de adaptação a diferentes funções conjuntivas. Já as construções participiais, embora também funcionem como conectores, mostram-se mais restritas em termos de variação semântica e comportamento sintático. Essa diferença de comportamento sugere que, enquanto os gerundiais podem atuar como conectores multifuncionais no discurso, os participiais tendem a ocupar um espaço mais delimitado, com predominância de relações causais.

Esses achados contribuem para uma compreensão mais aprofundada do funcionamento dessas construções na língua e reforçam a relevância dos conectores de base verbal na articulação de relações complexas.

## CONCLUSÕES

Ao explorar as diferenças entre conectores de base gerundial e participial, oferecemos uma análise detalhada que ilumina nuances semânticas e estruturais que contribuem para o entendimento das construções complexas e dos conectores. A análise dos cinco parâmetros revelou que as construções [[Vparticípio+que] ⇔ conector] e [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] cada construção atende a diferentes necessidades comunicativas e semânticas na língua portuguesa brasileira.

O estudo conseguiu demonstrar a expansão da rede dos conectores de base verbal, anteriormente limitada, e incluiu novas construções [[Vparticípio+que] ⇔ conector] e [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] na literatura existente. Anteriormente, a análise dos conectores de base verbal se concentrava em um conjunto mais restrito de construções, muitas vezes limitadas a funções semânticas e sintáticas tradicionais, como condicionalidade e causalidade, sem uma exploração profunda das nuances e variações que esses conectores podem oferecer.

Com a introdução das construções [[Vparticípio+que] ⇔ conector] e [[Vgerúndio+que] ⇔ conector], a pesquisa amplia significativamente o entendimento sobre como esses conectores operam na língua portuguesa. Em vez de tratar as construções como elementos fixos e invariáveis, o estudo revela a dinâmica e a flexibilidade que elas possuem, adaptando-se a diferentes contextos de uso e expressando uma variedade mais ampla de valores semânticos do que previamente reconhecido.

A análise dos dados mostrou que os verbos que preenchem o slot [[Vparticípio+que] ⇔ conector] tendem a ser factuais e possuir valor semântico relacionado a estados mentais ou relacionais, como "ver" e "dar". Esses verbos são geralmente usados em construções pospostas, com verbos no modo indicativo e com características télicas. Por outro lado, os verbos em [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] têm maior flexibilidade, podendo ser factuais ou não, e expressam uma gama mais ampla de valores semânticos, predominando em construções antepostas.

Especificamente, a construção [[Vparticípio+que] ⇔ conector] foi identificada como uma estrutura linguística que, à primeira vista, parece possuir uma natureza estável e rígida. Isso se deve à associação tradicional do particípio com verbos que geralmente expressam estados ou ações concluídas, o que sugere uma limitação no seu uso. No entanto, a análise realizada nesta pesquisa revela que a construção [[Vparticípio+que] ⇔ conector] vai além dessas expectativas tradicionais. Em vez de se limitar a contextos em

que a função semântica é puramente causal ou conclusiva, como sugerido pela estabilidade do particípio, esta construção também é eficaz em contextos que exigem a expressão de estados mentais e relacionais factuais. Isso significa que, em vez de apenas marcar eventos que já ocorreram ou conclusões derivadas de ações passadas, a construção [[Vparticípio+que] ⇔ conector] pode ser empregada para expressar estados cognitivos, percepções e relações factuais de maneira precisa e objetiva. Por exemplo, em sentenças como "posto que" ou "visto que", o particípio é utilizado para introduzir uma relação lógica que não apenas explica um fato, mas também reflete uma realidade mental ou relacional que é percebida como factual pelo falante. Esse uso permite que a construção participe de uma gama mais ampla de interações discursivas, onde o particípio não está apenas ancorado em seu significado original de conclusão ou resultado, mas é reinterpretado para incluir uma dimensão de cognição e relação.

Essa flexibilidade semântica e funcional revela que a construção [[Vparticípio+que] ⇔ conector], longe de ser rígida, adapta-se a diferentes contextos discursivos, permitindo ao falante expressar nuances mais complexas de significado. Ela pode ser empregada tanto em contextos onde o foco é a causalidade direta quanto em situações em que o foco está nas implicações cognitivas e relacionais de um estado factual. Portanto, essa construção é particularmente útil em discursos que requerem precisão na representação de estados mentais (como opiniões, percepções e julgamentos) e nas relações factuais (como relações de causa e efeito percebidas), desafiando assim a visão tradicional de sua aplicação restrita.

Essa descoberta amplia significativamente o entendimento do papel dos particípios na construção de conectores verbais, demonstrando que esses elementos possuem uma versatilidade que vai além do que a gramática tradicional e a literatura existente haviam previsto. A construção [[Vparticípio+que] ⇔ conector] emerge, assim, como uma ferramenta linguística poderosa e flexível, capaz de lidar com a complexidade dos significados e das relações que permeiam o discurso na língua portuguesa.

A construção [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] se destaca por sua flexibilidade e adaptabilidade semântica, características que a diferenciam significativamente das construções baseadas no particípio. O gerúndio, por natureza, está associado a ações ou estados em andamento, não concluídos, o que lhe confere uma maleabilidade única dentro da estrutura linguística. Ou seja, tradicionalmente, o gerúndio é empregado em contextos que sugerem continuidade, simultaneidade ou processos que ainda estão em desenvolvimento e essa característica de incompletude inerente ao gerúndio faz com que

as construções [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] sejam particularmente aptas a expressar uma ampla gama de valores semânticos.

Em nossa pesquisa, os conectores de base verbal gerundiais mostraram-se notavelmente versáteis, permitindo expressões tanto factuais quanto não factuais, e exibiram uma adaptabilidade semântica que desafia as categorizações rígidas da gramática tradicional. A pesquisa revelou que essa construção não apenas se encaixa em contextos que demandam expressões condicionais e concessivas, mas também se adapta a funções adversativas, causais e até mesmo aditivas.

Outra característica significativa da construção [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] é sua tendência a ocorrer em construções antepostas. Esse uso permite que o gerúndio funcione como uma introdução a uma premissa ou condição que contextualiza a informação subsequente. Tal posicionamento facilita ao falante estabelecer o cenário ou a suposição inicial antes de apresentar o argumento principal, sendo particularmente útil em discursos que exigem clareza na sequência lógica ou na formulação de hipóteses. Com esta pesquisa observamos que o gerúndio não está limitado apenas a expressar processos em andamento ou possibilidades, mas também pode ancorar a relação semântica em uma realidade reconhecida, sendo usado para indicar processos em andamento, condições hipotéticas, relações factuais e não factuais.

A princípio, nossa hipótese principal era a possibilidade de correlacionar as formas gerúndio e participio ao significado das construções. Esperávamos que a maior frequência das construções [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] fosse na rede condicional e a maior frequência de [[Vparticipio+que] ⇔ conector] na rede causal, uma vez que o participio está relacionado à ideia de coisas acabadas ou ações concluídas, assim como a causalidade, uma causa que levou a um resultado específico; e o gerúndio transmite a ideia de uma ação em progresso ou ocorrendo simultaneamente a uma condição especificada. A hipótese de que os conectores de [[Vparticipio+que] ⇔ conector] seriam usados em construções complexas causais foi confirmada.

No entanto, os resultados das análises dos conectores [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] apresentaram, inesperadamente, também, alta frequência na rede causal. Sendo assim, não podemos associar essas formas ao significado que as construções apresentam. Enquanto a construção de base participial se especializa em expressar relações causais com alta factualidade e precisão, a construção de base gerundial se destaca por sua versatilidade, capaz de expressar uma ampla gama de relações semânticas e se adaptar a diferentes contextos discursivos.

Ao compararmos a frequência de uso dos conectores gerundiais, notamos que o *corpus* mais recente (*NOW*) apresenta um número maior de configurações modo-temporais enquanto a quantidade de conectores de base participial permaneceu praticamente constante. Essa constatação sugere que o aumento observado se deve, principalmente, à maior diversidade de conectores de base gerundial. Além disso, verificamos que alguns conectores de base gerundial passaram a ser empregados ou consolidados apenas no *corpus NOW*, sem nenhum ou com poucos registros no *corpus Historical*, o que resultou em uma duplicação das possibilidades de configurações verbais. Os conectores de base participial, por sua vez, já se encontram consolidados na língua e são amplamente utilizados há muito tempo.

A introdução dessas novas construções na rede dos conectores de base verbal reflete a capacidade da língua de evoluir e se adaptar às necessidades comunicativas e cognitivas de seus usuários, demonstrando que o sistema de conectores verbais em português é muito mais complexo e dinâmico do que a literatura atual sugere.

Ao ampliar a rede dos conectores de base verbal para incluir essas novas construções, o estudo abre espaço para novas investigações sobre outras possíveis construções ainda não mapeadas ou completamente compreendidas. Essa expansão da rede representa uma contribuição significativa para a teoria linguística, oferecendo novas perspectivas e ferramentas para a análise de conectores verbais em outras línguas e contextos. Assim, este trabalho não apenas preenche uma lacuna na literatura existente, mas também redefine o entendimento sobre a função e a estrutura dos conectores verbais no português brasileiro, pavimentando o caminho para futuras pesquisas nessa área.

A pesquisa identificou e descreveu os valores semânticos condicional, causal, concessivo, adversativo, aditivo e conclusivo, expressos pelas construções investigadas. Enquanto os conectores gerundiais mostraram-se mais dinâmicos e adaptáveis, os conectores participiais revelaram uma maior estabilidade e rigidez, refletindo a tradição das estruturas linguísticas mais antigas.

Os resultados desta pesquisa reforçam a importância da Gramática de Construções baseada no uso para a análise das construções complexas no português brasileiro. A abordagem pancrônica adotada revelou a evolução e adaptação dos conectores ao longo do tempo, destacando a influência das necessidades comunicativas e cognitivas dos falantes na formação e consolidação dessas construções.

Este estudo não apenas expande a rede de conectores de base verbal, mas também desafia a visão tradicional de categorias gramaticais fixas, sugerindo uma gradiência mais

fluida entre as classes de conectores. A análise das construções [[Vparticipio+que] ⇔ conector] e [[Vgerúndio+que] ⇔ conector] oferece uma nova perspectiva sobre como a língua portuguesa contemporânea lida com a complexidade e a flexibilidade semântica dos conectores.

Além disso, a pesquisa abre caminhos para futuras investigações, sugerindo a necessidade de explorar outras construções ainda não mapeadas, além de aprofundar a compreensão dos fatores que influenciam a escolha dos verbos em contextos específicos. A abordagem metodológica utilizada pode ser aplicada em estudos futuros para explorar a interconexão entre forma e significado em outras áreas da gramática do português.

Este trabalho contribui de maneira significativa para o campo da linguística, ao oferecer uma descrição detalhada e fundamentada das construções complexas com conectores de base verbal no português brasileiro. Ao adotar uma perspectiva baseada no uso, a pesquisa destaca a dinâmica e a adaptabilidade da língua, refletindo o contínuo processo de evolução linguística. Espera-se que os resultados aqui apresentados inspirem novos estudos e aprofundem o entendimento sobre a complexidade das construções na língua portuguesa.

Em suma, a relação entre telicidade e a expressão de significados específicos com conectores de base gerundial revela-se complexa e não inteiramente previsível. Nossas análises demonstraram, por exemplo, que em contextos científicos, a condicionalidade pode fundamentar-se em eventos já concluídos, utilizando verbos télicos para expressar significados tipicamente atélicos. Desse modo, a análise da telicidade desses conectores contribui significativamente para elucidar a complexidade intrínseca desses elementos na língua portuguesa.

## REFERÊNCIAS

ADESSE. **Alternancias de diátesis y esquemas sintáctico-semánticos del español** (Universidade de Vigo): <<http://webs.uvigo.es/adesse/>>

AGÊNCIA NACIONAL DO PETRÓLEO, GÁS NATURAL E BIOCOMBUSTÍVEIS (ANP). **Manual de Elaboração de Atos Normativos**. Versão 2.0. Brasília: ANP, 2022. Disponível em: [https://www.gov.br/anp/pt-br/aceso-a-informacao/qualidade-regulatoria-1/manual-elaboracao-atos-normativos\\_v2-0.pdf](https://www.gov.br/anp/pt-br/aceso-a-informacao/qualidade-regulatoria-1/manual-elaboracao-atos-normativos_v2-0.pdf). Acesso em: [data de acesso].

ALVES, C. P. **Análise entoacional e construcional das construções condicionais in subordinadas adversativas no português do Brasil**. 2022. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2022.

ALVES, C. P.; HIRATA-VALE, F. B. de M. **Construções condicionais in subordinadas adversativas: uma análise descritiva no português do Brasil**. Relatório (Iniciação Científica) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, [FAPESP, Processo n. 2017/15225-9], 2020.

ALVES, C. P.; HIRATA-VALE, F. B. de M. Construções condicionais in subordinadas adversativas no português brasileiro. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978) , v. 50, n. 2, p. 504–522, 2021.

AMORIM, F. da S. Notas sobre a gramaticalização de conectores causais x-que. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 1–21, 2021. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1834>.

ARENA, A. B. **Construcionalização do conector daí que em perspectiva Funcional Centrada no Uso**. 2015. 192 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Campus de Niterói, 2015.

BARÐDAL, Jóhanna. Predicting the Productivity of Argument Structure Constructions. **Berkeley Linguistics Society**, Berkeley, 2006.

BARRETO, T. M. M. **Gramaticalização das conjunções na história do português**. 1999. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.

BECHARA, E. **Língua e linguagem**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003

Booij, G. **Construction-dependent morphology**. *Lingue e Linguaggio*, 4, 31-46, 2005.

BUENO, A. F. **O conector supondo que no português**. Três Lagoas, 2015, 113 f. Dissertação de Mestrado (Estudos Linguísticos), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

CARNEIRO, A.; PABLO, L. C. (Coord.). Sintaxis, semántica y clases de verbos: Clasificación verbal en el proyecto ADESSE. In: **Actas del VI Congreso de Lingüística General**, Santiago de Compostela, 3-7 de mayo de 2004, Vol. 2, Tomo 2, Las lenguas y su estructura (Iib). Santiago de Compostela: [nome da editora], 2007. p. 2015-2030. ISBN 84-7635-672-2.

CASTILHO, C. M. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.

CAVAGUTI, A. P.; HIRATA-VALE, F. B. M. A configuração semântica de orações causais-condicionais no português do Brasil segundo a Gramática Discursivo Funcional. **Veredas** (UFJF. Online), v. 18, p. 101-120, 2014.

CEZARIO, M. M.; SILVA, T. S; SANTOS, M. P. K. Formação da construção [XQUE]CONEC no português. **Revista e-escrita**, Nova Iguaçu, v. 6, p. 229-243, 2015.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48. ed. rev. e reimpr. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2012. 693 p. ISBN 9788504014112.

CLEMENTE, C. G. C. A emergência do subesquema [V\_que] na rede dos conectores condicionais. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), v. 50, p. 579-596, 2021.

CLEMENTE, C. G. C. **O subesquema [V\_que] condicional no Português**. 2020. 91f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2020.

CLEMENTE, C. G. C.; PIRES, C. A; HIRATA-VALE, F. B. M. A microconstrução imaginando que como integrante da rede dos conectores condicionais. In: Renata Barbosa Vicente, Cristina Lopomo Defendi e Maria Célia Lima-Hernandes.. (Org.). **Cognição: Estudos de linguagem em perspectiva interdisciplinar**. 2ed. São Paulo: EDIFSP, 2022, v. , p. 1-199.

COMER, M. ENGHELS, R. La Evolución de Las Perífrasis Verbales Causativa e Incoativa Con Poner En Español: Cambios de Construcción y Extensiones Metafóricas. **Bulletin of Hispanic Studies** 94 (9): 903–924. 2017.

CONEGLIAN, A. V. L. **A expressão do significado concessivo no português brasileiro: as construções gramaticais na interface com padrões e sistemas cognitivos**. 2019. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2019.

CROFT, W. **Radical construction grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; BISPO, Edvaldo Balduino. Pra quem é, bacalhau basta: da opacidade e produtividade das construções idiomáticas. **Soletras** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – PPLIN, Faculdade de Formação de Professores da UERJ, n. 37, p. [páginas], jan.-jun. 2019. ISSN: 2316-8838. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/soletras.2019.38075>. Acesso em: 7 jun. 2024.

CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, A. L. A. M. Modelos baseados no uso: um panorama de pesquisas em língua portuguesa brasileira com base em dados empíricos. **Rev. Estud. Ling.**, Belo Horizonte, v. 30, n. 2, p. 472-495, 2022.

DANCYGIER, B. **Conditionals and predication**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

DANCYGIER, B.; SWEETSER, E. **Mental spaces in grammar: conditional constructions**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

DANCYGIER, B. **Conditionals and predication**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. **Corpus do Português**. 2006. Disponível em: <<https://www.corpusdoportugues.org/>> Acesso em: 01 fev. 2020.

DIESSEL, H. **The Grammar Network: How Linguistic Structure Is Shaped by Language Use**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

ENGHELS, R. **Transitivity of Spanish Perception Verbs: a Gradual Category?** *Borealis*, v. 2, n. 1, p. 35-56, 2013.

ENGHELS, R., Van HULLE. El Desarrollo de Perífrasis Incoativas Cuasi-Sinónimas : Entre Construccionalización y Lexicalización. **Estudios de linguística-Universidad de Alicante-ELUA**. 32: 91–110. 2018.

FABBRI JÚNIOR, D.; CLEMENTE, C. G. C. A emergência da microconstrução considerando que na rede dos conectivos condicionais. **(Con)textos Linguísticos**, v. 14, p. 49-64, 2020.

FAUCONNIER, G. **Mental Spaces**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FERNANDES, M. P. K. S. **A formação das microconstruções uma vez que, já que e assim que: uma abordagem cognitivo-funcional**. 2019. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

FERRARI, L. V. Reportar condicionais: uma questão de ponto de vista. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 16, p. x, 2008.

FERRARI, L. V. Os parâmetros básicos da condicionalidade na visão cognitivista. **Veredas**, v. 4, n.1: 21-30, 2000.

FERRARI, L. V. Postura Epistêmica, Ponto de Vista e Mesclagem em Construções Condicionais na Interação Conversacional. **Verebas**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, P.115-128, 1999.

FERRARI, L.; ALMEIDA, P. Subjetividade e intersubjetividade em condicionais: alternâncias entre presente e futuro no português brasileiro. São Paulo: **Alfa**, n. 59, v. 1, p. 89-111, 2015.

FILLMORE, C. J. **On grammatical constructions**. Califórnia: UCB, 1988.

FILLMORE, C. J. **Foundations of language**. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, v.10, 1973.

FLORET, M F. Construções conclusivas com por isso: do português arcaico ao português atual. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 17, e1726, 2023. ISSN: 1980-5799.

FONTES, M. G. Construções concessivas e concessivo-condicionais com ainda que. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 45, n. 1, p. 126-141, 2016.

GOLDBERG, A. Constructionist approaches. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (Eds.). **The Oxford handbook of construction grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 15-31. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1093/oxfordhb/9780195396683.013.0002>. Acesso em: 07 jun. 2024.

GOLDBERG, A. **Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. **Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, S. C. L.; OLIVEIRA, T. P. Por uma abordagem de construções complexas em perspectiva construcional. **Working papers em linguística**, Florianópolis, v. 21, n. 1, 2020.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. Melbourne: Hodder & Stoughton, 1990.

HALLIDAY, M . A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. Baltimore: Edward Arnold, 1985.

HIRATA-VALE, F. B. M. **A expressão da condicionalidade no português escrito do Brasil: contínuo semântico pragmático**. Araraquara, 135 f. Tese de Doutorado (Linguística e Língua Portuguesa), Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, 2005.

HIRATA-VALE, F. B. M. O conectivo complexo “supondo que”: história e uso. In: FIGUEIREDO, D. de C. et al. (Orgs.). **Sociedade, cognição e linguagem**. Florianópolis: Editora Insular, 2012. p. 381-402.

- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- HOPPER, Paul J. 1991. On some principles of grammaticization. In: Elizabeth C. Traugott & Bernd Heine (eds.), **Approaches to grammaticalization**, 17–36. Amsterdam: John Benjamins.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors We Live By**. Chicago University Press, 1980.
- LAKOFF, G. **Women, Fire and Dangerous Things: What categories reveal about the mind**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LANGACKER, R. **Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites**. Stanford: Stanford University Press, 1987. v. 1.
- LONGHIN-THOMAZI, S. R. O papel do contexto na gramaticalização de conjunções. In: VII Encontro do Celsul, 2006, Pelotas. **Caderno de Resumos do VII Encontro do Celsul**. Pelotas-RS, 2006.  
Mais informações disponíveis em: <<https://www.flip.pt/Duvidas-Linguisticas/Duvida-Linguistica/DID/1414>>. Acesso em: 11 de novembro de 2023;  
<<https://portuguese.stackexchange.com/questions/1275/uso-do-verbo-saber-no-sentido-de-ter-sabor-ou-gosto>>. Acesso em: 7 de junho de 2024.
- MATTOS e SILVA, R. V. **O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe**. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006. v. 1. 203 p.
- MELO, A. R. de. **Sendo que: um caso de gramaticalização**. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Setor de Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.
- NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- NEVES, M. H. M. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- OLIVEIRA, T. P.; CLEMENTE, C. G. C. Esquematicidade e produtividade na reconfiguração da rede de conectores condicionais. **Revista do GEL**, v. 19, n. 3, p. 58-84, 2022. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg>
- OLIVEIRA, B. A. de; PAIVA, M. C. A rede de construções causais na diacronia do português. **Rev. Estud. Ling.**, Belo Horizonte, v. 30, n. 2, p. 843-870, 2022.
- OLIVEIRA, T. P. A construção condicional em português. **Revista de Letras**, Fortaleza, v.2, 2020.
- OLIVEIRA, T. P. A construção [[supondo\_que]CON. **Estudos Linguísticos (SÃO PAULO**. 1978), v. 48, p. 370-383, 2019a.
- OLIVEIRA, T. P. A construção condicional em português. **Revista de Letras**, v.2, n.38, 2019b.

OLIVEIRA, T. P. Conjunções adverbiais no português. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 22, p. 45-66, 2014.

OLIVEIRA, T. P. Conjunções condicionais no português. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, Maringá, v. 32, n.2, p. 247-254, 2010.

OLIVEIRA, T. P. **Conjunções e orações condicionais no português do Brasil**. Araraquara, 2008, 155 f. Tese de Doutorado (Linguística e Língua Portuguesa), Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.

OLIVEIRA, T. P.; HIRATA-VALE, Flávia .M. B. A condicionalidade como zona conceitual. **Delta**, v. 33, n. 1, p. 291-313, 2017.

PREZOTTO JÚNIOR, J. R. As microconstruções auxiliares aspectuais com “deixar” no Português do Brasil sob perspectiva construcional. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), v. 48, n. 1, p. 425-444, abr. 2019.

PRIBERAM, **Priberam [em linha]**, 2006. Disponível em:  
<<http://www.priberam.pt/default.aspx>> Acesso em: 07 jun. 2024.

ROSA, F. S. da L. **A mesoconstrução marcadora discursiva refreador-argumentativa: uma análise cognitivo-funcional**. 216 fls. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói: RJ, 2019.

ROSA, F. S. da L. Os nanopassos da mudança construcional: um estudo da gradualidade intracontextual na trajetória da microconstrução marcadora discursiva calma aí. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 15, n. 4, p. 1059–1089, 2021. DOI: 10.14393/DL48-v15n4a2021-6. Disponível em:  
<https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/58718>. Acesso em: 7 jun. 2024.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do. Mudança no inventário dos conectivos concessivos - o caso das partículas quando e e. **Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro**. Volume 9, número 2, dezembro de 2013. ISSN 1808-835X 1. Disponível em:  
<http://www.letras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>. Acesso em: 7 jun. 2024.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa**, São Paulo, v. 60, n. 2, p. 233-59, 2016.

ROSÁRIO, I. C. **Construções correlatas aditivas em perspectiva funcional**. 2012. 239 f. Tese (Doutorado em Letras), Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói–RJ, 2012. 239p.

SANTOS, M. P. K.; SILVA, T. S. Conectores advindos da construção [XQUE]conect no português: uma visão construcional de mudança. **LaborHistórico**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 53-69, jan./jun. 2019.

OLIVEIRA, Simone Silva de. **Construcionalização/mudanças construcionais de PORÉM, CONTUDO e TODAVIA: um estudo pancrônico à luz dos modelos baseados no uso.** 2018. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://ppglinguistica.letras.ufrj.br/document/construcionalizacao-mudancas-construcionais-de-porem-contudo-e-todavia-um-estudo-pancronico-a-luz-dos-modelos-baseados-no-uso/>. Acesso em: 7 jun. 2024.

SWEETSER, E. **From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure.** New York: Cambridge University Press, 1990.

TRAUGOTT, E. C. Exaptation and grammaticalization. In: AKIMOTO, M. (ed.). **Linguistic studies based on corpora.** Tokyo: Hituzi Syobo Publishing, 2004. p.133-156.

TRAUGOTT, E. C.; G. T. Gradience, gradualness and grammaticalization: how do they intersect?. In: Elizabeth Closs Traugott, Graeme Trousdale (Ed.). **Gradience, gradualness and grammaticalization.** Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Construcional Change.** Oxford: Oxford University Press, 2013.

VISCONTI, J. **I connettivi condizionali complessi in italiano e in inglese. Uno estúdio contrastivo.** Torino: Edizione dell'Orso, 2000. 265p.